

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



FACULDADE
DE LETRAS
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA SOCIAL



PUC-SP

**MUDANÇAS URBANAS E AFETOS: ESTUDO DE UMA CIDADE
PLANEJADA**

FÁTIMA MARIA ARAÚJO BERTINI

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA SOCIAL



MUDANÇAS URBANAS E AFETOS: ESTUDO DE UMA CIDADE PLANEJADA


FÁTIMA MARIA ARAÚJO BERTINI

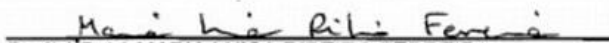
TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP) E PARA O DEPTO DE FILOSOFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (FLUL) PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL (PUC/SP) E DOUTORA EM FILOSOFIA MODERNA (FLUL).

ORIENTADORES:

**PROF^a. DR^a. BADER BURIHAN SAWAIA (PUC/SP)
PROF^a. DR^a. MARIA LUÍSA RIBEIRO FERREIRA (FLUL)**

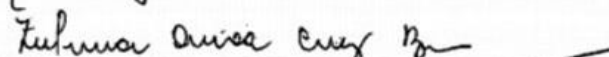
Banca Examinadora:


Prof(a) Dr(a) BADER BURIHAN SAWAIA
(Presidente(a) da Banca Examinadora)


Prof(a) Dr(a) MARIA LUISA RIBEIRO FERREIRA


Prof(a) Dr(a) MARILENA DE SOUSA CHAUI


Prof(a) Dr(a) EDA TEREZINHA DE OLIVEIRA TASSARA


Prof(a) Dr(a) ZULMIRA AUREA CRUZ BOMFIM


Prof(a) Dr(a) MARCOS FERREIRA DE PAULA

Dedico aos meus pais: Maria José e Expedito e aos meus seis irmãos: Natália, Tereza, Leopoldo, Alexandre, Sandra e Ricardo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos, por terem me ajudado nesse percurso.

Aos moradores de Nova Jaguaribara, pela disponibilidade nas entrevistas para a realização do estudo da sua cidade.

Às minhas orientadoras, Prof^ª Dr^ª Bader Sawaia (PUC/SP) e Prof^ª Dr^ª Maria Luísa Ribeiro Ferreira (cotutela – Universidade de Lisboa), por terem me acompanhado e acreditado no meu trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, pela acolhida, em especial, à Marlene, à Prof^ª Maria do Carmo Guedes e ao Prof. Dr^º Odair Furtado.

Ao Núcleo de Estudos de Inclusão/Exclusão Social da PUC/SP, pelos momentos juntos de companheirismo e reflexões.

Ao Grupo de Estudos Espinosanos da USP, pela acolhida que tiveram comigo desde o primeiro momento que participei das reflexões no Grupo.

Ao Marcos Ferreira de Paula, por ter me ajudado nas reflexões da Tese.

Aos professores da Universidade de Lisboa, em especial ao Prof^º Dr^º Leonel Ribeiro, ao Prof^º. Dr^º Barata-Moura, ao Prof^ª Dr^ª José Gomes André, Prof^ª Dr^ª Mafalda Blanc, Prof^ª Dr^ª Adriana Serrão e ao Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Aos outros amigos da PUC e da USP: Abigail Torres, Stela Ferreira, Lívia Gomes, Marlito Sousa, Margarida Barreto, Adriana Barin, Luís Araújo, Graça Lima, Júlia Guedes e seu esposo, Ana Paula Soares, Laura Mariana e aos amigos de sempre: Helga e Gabriel.

Aos amigos da residência universitária onde permaneci em Lisboa durante o estágio doutoral: Gilberto Guizelin, Maria José Barroso, Helena Barroso, Paula Duarte e Soraya Reis.

Aos amigos do curso de Filosofia da Universidade de Lisboa, pelo acolhimento durante meus estudos nesta Universidade.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa e à CAPES, por ter me concedido a bolsa para o estágio doutoral no exterior.

Uma cidade era, assim, um conglomerado de pequenos mundos, cada um dos quais tinha a sua cor própria, os seus tumores, os seus odores particulares. De casa em casa, aí, as pessoas espiavam-se, vigiavam-se, mantinha-se a ordem da tradição. Os ofícios davam os seus nomes às ruas, às praças: o canal dos Vidraceiros, a porta do Vinho, a rua do Queijo, das Flores, das Especiarias, a ribeira dos Ferreiros. A própria casa recebia muitas vezes um nome tirado da profissão do seu ocupante e uma insígnia na fachada: um pote, para o ceramista; tesoura para os alfaiates. Um burguês religioso, tendo mandado construir lado a lado três casas, chamou-lhes Fé, Esperança e Caridade.

(Paul Zumthor)

Fátima Maria Araújo Bertini

Mudanças Urbanas e Afetos: Estudo de uma cidade planejada

RESUMO

Essa Tese tem como foco de estudo a dimensão socioafetiva da cidade de Nova Jaguaribara – CE, nordeste do Brasil, na remoção urbana a que foi submetida, tendo como subtexto a análise política. Esta cidade foi feita para dar lugar aos habitantes de Jaguaribara, devido à construção do açude Castanhão no Estado do Ceará. O estudo tem como entendimento que a remoção urbana, que implica na transferência compulsória dos habitantes de uma cidade a outra, ou de um território a outro, interfere diretamente na ação política e no sentimento do comum dos moradores no novo espaço urbano. Analisamos os afetos para entender as mudanças sociais e psicossociais, uma vez que são a singularização do social e atravessam a memória, as ideias, a ação e o pensamento. As perspectivas teóricas da Tese encontram-se em duas áreas de conhecimento que são a Psicologia Social e a Filosofia. Quanto à primeira, adotamos a Psicologia Sócio-Histórica. Quanto à segunda, a filosofia espinosana. Na inserção etnográfica, esta pesquisa utilizou três procedimentos para conhecer os afetos: o diário de campo, as narrativas sobre a cidade e os Mapas Afetivos. A Narrativa socioafetiva-urbana foi construída a partir de entrevistas em profundidade. Essas entrevistas serviram também para elaborar a ‘rede de afetos passivos’. Os afetos analisados foram o Medo, a Esperança, a Flutuação de Ânimo (Alegria e a Tristeza), a Saudade e o Desejo de Permanência. O estudo nos levou a propor as seguintes formulações conceituais que podem colaborar para a análise dos impactos psicossociais de processos de remoção urbana: a Homogeneidade Vazia, o Comum Abstrato, a Resistência Útil e o Corpo Igual Vazio - Corpo Semelhante Útil.

Palavras-chave: Psicologia Social, Espinosa, Afetos, Mudanças urbanas, Remoção.

Fátima Maria Araújo Bertini
Urban changes and Affections: Study of a planned city

ABSTRACT

This thesis is to study the socio-affective dimension focus of the city of New Jaguaribara - CE, northeastern Brazil, in the urban removal that was submitted, with the subtext political analysis. This city was made to give place to the inhabitants of Jaguaribara, noises from Castanhão dam in the state of Ceará. The study is understanding that urban removal which implies the compulsory transfer of the inhabitants of one city to another, or from one territory to another, interfere directly in political action and the common sentiment of the residents in the new urban space. We analyze the affects to understand the social and psychosocial changes, since they are the singularity of the social and cross the memory, ideas, action and thought. The theoretical perspectives of the Thesis are in two areas of knowledge that are social psychology and philosophy. The first, adopted the Socio-Historical Psychology. The second, to Spinoza's philosophy. The choice of Espinosa for studies of affect, led us to study the affects of the city from the perspective of policy. In ethnographic insertion, this research used three procedures to meet the affections: the field diary, narratives about the city and the Affective Maps. The socio-affective-urban narrative was constructed from in-depth interviews. These interviews also served to draw up the 'network of passive affections'. Affections were analyzed Fear, Hope, Courage fluctuation (Joy and Sorrow), the Missing and the Desire to remained. Subsequently, there is the proposal of some conceptual formulations as Uniformity blank, the Common Abstract, the Useful Resistance and Body Equal empty - Body Similar Useful.

Keywords: Social Psychology, Espinosa, Affections, Urban Changes, Removal.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Lavadeira no rio de Jaguaribara.....	31
FOTO 2: Zona urbana do município de Jaguaribara.....	33
FOTO 3: Igreja de Santa Rosa de Lima	33
FOTO 4: Mercado Público	35
FOTO 5: Praça Tristão Gonçalves.....	36
FOTO 6: Moradores de Jaguaribara nas calçadas das suas casas	34
FOTO 7: Prefeitura Municipal.....	35
FOTO 8: Casas conjugadas	35
FOTO 9 e 10: Destruição da igreja matriz	36
FOTO 10: Seminário promovido pelo IMOPEC.....	36
FOTOS 11 e 12: Destruição da caixa d'água da cidade e de uma das casas	36
FOTOS 13 Placa confeccionada pelos moradores de Jaguaribara depois de 10 anos de luta.....	40
FOTO 14: Reunião dos moradores de Jaguaribara com a líder religiosa a explicar a mudança.....	47
FOTO 15: Entrega das chaves de Nova Jaguaribara ao povo de Jaguaribara no dia de inauguração da cidade.....	53
FOTO 16: Município de Nova Jaguaribara	55
FOTO 17: Casas no modelo original e reformadas pelos moradores	57
FOTO 18: Manifestação dos moradores da cidade contra a violência.....	146
FOTO 19: Banquinhos feitos pelos moradores e colocados nas calçadas de suas casas.....	151
FOTO 20: Casa com formato original em Nova Jaguaribara.....	152
FOTO 21: Casas reformadas pelos moradores em Nova Jaguariba.....	152
FOTO 22: 'Pedra do sino' em Jaguaribara. Ida de uma família ao rio.....	178
FOTO 23: A mesma pedra transposta para a Nova Jaguaribara pelos moradores..	178

LISTA DE FIGURAS E MAPAS E SIGLAS

FIGURA 1: Bandeira do município de Jaguaribara.....	34
FIGURA 2: Brasão Oficial de Nova Jaguaribara.....	56
MAPA 1: Localização do açude Castanhão no Ceará.....	37
MAPA 2: Localização de Nova Jaguaribara em relação ao açude Castanhão.....	55
MAPA 3: Localização de Nova Jaguaribara em relação ao açude Castanhão.....	55
Mapa 4: Bacia Hidrográfica do rio Jaguaribe.....	198

CONAMA – Conselho Nacional de meio Ambiente

IMOPEC – Instituto da Memória do Povo Cearense

DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra a Seca

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

DNOS – Departamento Nacional de Obras de Saneamento

IOCS – Inspetoria de Obras Contra as Secas

COEMA – Conselho Estadual do Meio Ambiente

CETRA – Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

MAB – Movimento de Atingidos por Barragem

CUT – Central Única dos Trabalhadores

Índice

Apresentação.....	13
Introdução.....	22
1 O campo de estudos	28
1.1 A cidade de Jaguaribara.....	28
1.1a História e caracterização sócio-política-econômica.....	28
1.1b A construção do Castanhão e a resistência dos moradores.....	37
1.1c “Não ao Castanhão”: O Movimento de Resistência.....	39
1.2 A cidade de Nova Jaguaribara.....	54
1.2a Caracterização sócio-política-econômica.....	54
2 As perspectivas teóricas do estudo	59
2.1a A Psicologia Sócio-Histórica.....	60
2.1b A Filosofia de Espinosa e a compreensão dos afetos.....	65
2.1c A cidade como <i>civitas</i>	68
3 Os caminhos metodológicos	76
3.1 A caracterização da amostra.....	80
3.2 A inserção etnográfica.....	80
3.3 Os Mapas afetivos.....	61
3.4 A narrativa socioafetiva-urbana.....	82
4 Análise e discussão dos dados	84
4.1A Narrativa socioafetiva-urbana.....	91
4.1a A Narrativa socioafetiva-urbana de Jaguaribara e Nova Jaguaribara.....	91
4.2 A rede de afetos passivos.....	92
4.3 Construção de Imagens Afetivas de Nova Jaguaribara entre crianças e jovens.....	115
4.4 O Medo.....	116
4.5 A Esperança.....	137
4.6 A Flutuação de Ânimo.....	146
4.7 A Saudade.....	155
4.8 O Desejo de Permanência.....	161
4.9 Homogeneidade Vazia.....	171
4.10 O Comum abstrato.....	173
4.11 O Corpo Igual Vazio – Corpo Semelhante Útil.....	176
Considerações finais	181
Referências Bibliográficas.....	186
Apêndice I -.....	191
Apêndice II -.....	198
Apêndice III -.....	199
Apêndice IV -.....	217
Apêndice V -.....	218

A apresentação seguinte que vos faço justifica-se pelo motivo de que também foi a partir das experiências com as cidades visitadas durante o doutorado - onde vivenciei quotidianos urbanos – que essa investigação foi se construindo, simultânea ao estudo teórico. Desejei que o leitor entrasse comigo na Tese da mesma forma e, em minha companhia, acompanhasse o meu encontro com as cidades, antes de me demorar na cidade de Nova Jaguaribara, na análise a que propus fazer nesta pesquisa.

Fátima Bertini

Apresentação

A Odisseia nos Espaços:
Brasil, Portugal e outros lugares.

Antes de iniciar o estudo teórico, apresento-vos, caro leitor, a odisséia que fez parte dessa Tese. Não há palavra na nossa Língua Portuguesa mais coerente com o que vivi no doutorado: *“Longa perambulação ou viagem marcada por aventuras, eventos imprevistos e singulares; narração de viagem cheia de aventuras singulares e inesperadas; travessia ou investigação de carácter intelectual ou espiritual”*¹.

Pois foi tudo isso. Foi uma viagem de quatro anos, na qual outras viagens aconteceram: Nova Jaguaribara, Fortaleza, São Paulo, Jundiaí, Campinas, Jacareí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Brasília, Minas Gerais, Recife, Portugal, Coimbra, Porto, Guimarães, Braga, Sintra, Aveiro, Holanda, Amsterdam, Rijnsburg, Voorburg, Haya, Barcelona, Madrid, Paris. Sem ter programado, fui conhecendo cidades devido à participação em eventos científicos ou por outros motivos relacionados à pesquisa.

Na chegada em São Paulo, do avião, à noite, prestes a aterrissar, vi um enorme candelabro invertido, no qual infinitos pontos de luz confusos e inimagináveis davam-me uma visão monstruosa, parecida com uma lula elétrica com inumeráveis tentáculos famintos prontos para engolir a aeronave. Estava em uma das maiores cidades da América Latina. No decorrer do curso, estive em outras cidades brasileiras (devido a congressos ou outros eventos, como já falei). Em cada uma delas, pude experimentar o Brasil e o que o povo brasileiro tem de diverso.

A sonoridade das pessoas de cada cidade brasileira é muito singular. As palavras ditas de várias formas expressam a complexidade de um povo diverso e único, porém igual e diferente. Fui descobrindo que o Brasil tem uma unidade sentida, mas não visível. Senti a mistura do Brasil. Senti-me mistura.

Ao sair do país – devido ao estágio de Doutorado Sanduíche no exterior² – pude ver o Brasil de fora e aí compreendi muitas coisas da sociedade brasileira ao conhecer o diverso fora do país. O contato com outros padrões de sociabilidade (europeus) pôs-me diante de vários hábitos e costumes de outras culturas, o que me possibilitou vivenciar contextos sociais diferentes do brasileiro e, assim, perceber melhor as características sócio-político-culturais do Brasil.

¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

² O Doutorado Sanduíche foi Financiado pela CAPES e o realizei em Portugal na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Departamento de Pós-Graduação em Filosofia.

I

Em Lisboa, ‘*com suas casas de várias cores*³’, as marcas profundas da sua história conformam uma cidade onde se percebe os lugares como monumentos. Lisboa é como um casulo: se passamos um tempo na cidade, quando chega o momento de sairmos, percebemos que algo a mais se agrega no nosso corpo: expandimo-nos, ficamos grandes porque ficamos nutridos. Lisboa nos alimenta com essa variedade de cores, com a beleza dos parques, com a visão do Tejo, com as ruelas do Chiado. É uma cidade que permite que as pessoas se aproximem e favorece de tal forma uma sensação de conforto, que fica difícil depois ficar sem a cidade.

No Porto, a trajetória histórica é extremamente visível nos lugares. As casas e as vielas antigas têm um peso incrível da história. Uma primeira ida à cidade, esta pareceu-me triste com um tom cinzento. As gaiotas sobrevoavam-na e os sons que faziam davam a impressão de que a cidade era delas, e nós, os intrusos. Em uma segunda vez no Porto, agora sem chuvas e com uma maior luminosidade, pude vê-lo descoberto, não mais com a impressão do cinza. A feira na cidade seria a oportunidade de eu flagrar o movimento próprio e o quotidiano dos moradores. Nesses ajuntamentos de pessoas, as ouvia anonimamente. A forma como compravam seus produtos, os assuntos mais corriqueiros, seus interesses esquisitos aos produtos locais mais inusitados. Na feira, em dia de domingo, deparei-me com um “vendedor de grilos”. Era um homem com uma caixa de vidro, na qual havia inúmeros grilos saltitantes e barulhentos. Ao lado da caixa, o vendedor também vendia as minigaiolas para o consumidor levar os grilos à escolha. E havia consumidores! E chegavam sem parar a comprar os grilos nas gaiolinhas. Eram adultos, mulheres e homens, adolescentes e crianças. Os cidadãos pediam que o vendedor escolhesse o grilo que cantasse mais alto. Outro, por troça, pedia que o vendedor escolhesse o grilo que só cantasse pelo dia, pois à noite queria dormir.

Descobri, depois, que é costume vender grilo no Porto: o barulho do grilo marca alguma presença no silêncio. Assim, ao lado do estudo teórico sobre cidades, ia descobrindo singularidades urbanas que o quotidiano revela facilmente. A cidade mostra-se através dos encontros das pessoas com outras pessoas, delas com o lugar físico ou simbólico, com os costumes, com os hábitos corriqueiros ou com o momento histórico vivenciado.

³Poesia: Lisboa - Álvaro de Campos (Heterônimo de Fernando Pessoa)

II

O primeiro país fora de Portugal que visitei foi a Holanda. O motivo: visitar os lugares onde Espinosa viveu. Amsterdam, Rijnsburg, Voorburg e Haya foram os lugares visitados. Amsterdam deixou-me uma forte impressão. Os lagos, que parecem tomar conta da cidade, disputam a pouca terra e fornecem a sua identidade. Os barcos à deriva nas águas esperam pelas pessoas, mas essas se amontoam umas paralelas às outras sobre suas bicicletas. Amsterdam é repleta de cidadãos-ciclistas. Os estacionamentos de ciclos estão em toda parte. Os prédios apertados uns sobre os outros e com um padrão de arquitetura repetitivo cansava-me a vista ao ver tantas janelas postas numericamente iguais. Existem cidades que somente achamos bonitas, mas que não nos emocionam. O ritmo das pessoas e a arquitetura, muitas vezes, interferem na sensibilidade.

III

Isso foi diferente em Barcelona e em Madrid. Em Barcelona, aconteceu algo inusitado. Por ocasião do Congresso de Psicologia Ambiental do qual participava, havia uma dinâmica de grupo inicial feita pelos organizadores em que os congressistas iriam andar (em grupos) pela cidade em lugares escolhidos por aqueles - lugares anônimos e desconhecidos pelos participantes (a maioria dos quais não era de Barcelona). O objetivo era tirar fotos e anotar as principais impressões ou sentimentos e depois partilhar, no final da manhã, a experiência no grupo maior acerca do encontro que as pessoas dos grupos menores tiveram com a determinada parte da cidade.

E assim, meu encontro com Barcelona – tão anteriormente imaginada como a cidade dos ícones arquitetônicos como a obra-prima de Gaudí - a interminável Sagrada Família⁴ - e dos espaços e obras excêntricas como o Parque Gell e a Torre Agbar – aconteceu às avessas. O grupo que eu participava foi direcionado para uma periferia, onde havia uma área industrial, com vários caminhões, máquinas e equipamentos. Nesse espaço, havia lixo nas esquinas, além de poças de água, pequenos materiais industriais fora das lixeiras, mantos sujos e abandonados, um enorme barulho de caminhões, de máquinas e de pessoas com roupas de operários.

⁴ Uma das obras de Gaudí em Barcelona.

Esse ambiente era muito semelhante a uma zona industrial de São Paulo. Aquela Barcelona simbólica e imaginariamente criada pela mídia estava se desfazendo e, aos poucos, entendia mais amplamente que as cidades, afinal, se parecem no contexto da produção capitalista. O que as difere é o imaginário criado em torno delas. Os símbolos ofuscam-nos o que uma cidade é realmente: o espaço físico marcado pela produção do capital, com todas as consequências daí advindas, entre as quais sejam a exclusão social, a desigualdade, a demarcação entre pobres e ricos.

Essa imagem contrastava com a imagem que havia construído de Barcelona, com todas as simbologias e elementos identitários da cidade. Perguntava-me onde estava a cidade que desejei encontrar e que imaginei. A área industrial visitada em Barcelona tornou-a igual às outras cidades. No dia seguinte, visitei os lugares mais “famosos” da cidade. No entanto, a interminável Sagrada Família, o Parque Gell e a Torre Agbar não tiveram um impacto tão grande depois da citada experiência. Pareceu-me que os monumentos ou os lugares/símbolos não eram tão imponentes aos meus olhos e não conseguia sentir o enorme frenesi dos turistas que, em geral, assemelhavam-se mais a profissionais de fotografia do que a pessoas que apenas visitavam Barcelona. Por eu ter visto antes a cidade sem encantamento, os símbolos, os lugares de poder, as grandes obras não conseguiram comunicar-me uma cidade ideal, que tanto nosso imaginário constrói.

IV

Em Madrid, o encontro com a cidade foi muito rápido: parte da tarde e uma noite. Enquanto esperava o vôo, no outro dia, para o Brasil, tinha tempo de andar pela cidade. E essa experiência rápida sustentou-me o encantamento. Senti a intensidade do movimento da Praça Puerta del Sol, onde vi o símbolo da capital espanhola, que é o El Oso y el Madrono (um urso e uma árvore de mirtilo). Percebi ou recuperei a percepção do poder do signo ou símbolo em um lugar e como isso se torna importante para a construção do vínculo ou do sentido.

Andei anonimamente entre as vielas em torno dessa praça. As ruas tomadas por pessoas caminhando de um lado para o outro tornava viva a cidade de Madrid. As comidas típicas espanholas como a paella, a tortilla de patata, a patata brava, as tapas – com suas figuras estampadas em cada restaurante – davam-lhe mais identidade. Em instantes, estava na Plaza Mayor: o pavilhão retangular imenso, cercado por um bloco de prédios em sequência, protege a praça e a torna parecida com um pátio de um colégio jesuíta. No centro, o poder instituído

(que sempre as cidades revelam nas arquiteturas) através da estátua do rei Philip III. Em meio à arquitetura que se impunha, vivenciei algo singular. Um grupo de espanhóis estava, em círculo, com pessoas de outras nacionalidades, todas rindo e acompanhando uma encenação de teatro de rua, na qual os atores convidavam, de forma aleatória, as pessoas do círculo a participarem da peça. Misturei-me com o grupo e fiquei no meio dessa gente. Acompanhei a peça e senti-me participante de um momento singular e único de um grupo de pessoas na cidade. Senti o gosto de estar com esses desconhecidos e inserida em um momento do contexto urbano de Madrid.

V

Paris foi a cidade que mais causou-me comoção. A cidade desarmou-me. Não era uma questão de achá-la bonita e pronto. Existem espaços urbanos que mexem com a gente de tal maneira que, muito além de acharmos bonitos, fazem-nos sentir intensamente o peso extraordinário de suas histórias. A cidade tão cobiçada da história e tão invejada por outras. A cidade onde irrompeu a Revolução libertária. A cidade onde tantas misérias assolaram o povo em detrimento da existência de um dos maiores poderes monárquicos da história da Europa.

Como não poderia deixar de ser, o primeiro lugar visitado foi a Torre Eiffel. Queria saber por que esse símbolo é tão forte e traduz intensamente Paris. No entanto, não senti uma emoção forte. Mas algo como perplexidade. Os símbolos de uma cidade pertencem à cidade e às vezes demoram a fazer sentido nos nossos afetos. E a Torre Eiffel é empurrada a todo momento pelos vendedores de miniaturas, pelas estampas, pelos apelos da mídia para associarem a ideia Paris ao monumento que me pareceu como um filme visto muitas vezes e do qual já sabia todos os detalhes.

O mercado capta tudo e vende as cidades ao vender a suposta importância de seus símbolos. Às vezes, o que diz de Paris não propriamente seja a Torre Eiffel. Para os cidadãos parisienses, a experiência singular com sua cidade pode ir além do monumento. De qualquer forma, a torre demarca um contexto histórico na cidade (mesmo se advindo das classes dominantes).

Perplexidade à parte, fiz-me em Paris um *flâneuse*, tão comentado por Walter Benjamin (também fui *flâneuse* nas demais cidades). Andei despreocupada, uma andarilha anônima, a observar tudo e experimentar a cidade descomprometida com ela. Por detrás de uma ruela, uma igreja chamou-me a atenção e entrei para observar a suntuosidade. Um momento ali, e o

serviçal da igreja apareceu e, maquinalmente, organizou os bancos de reza, colocou os papéis em ordem e tornou impecável a fileira das velas (que esperavam ser acendidas por 0,50 cents). Eu poderia nunca ter estado ali naquele momento, e aquele homem iria, talvez, fazer isso quase todos os dias na mesma hora. Entrei em sua realidade e flagrei um momento do seu cotidiano em sua cidade. Assim, Paris foi-me aparecendo além dos monumentos.

Voltei à rua e continuei a caminhar como *flâneuse*. Não sabia muito para onde, mas o segredo de uma cidade vai se revelando e o fato de não se saber onde está pode ser o caminho para a intimidade com a mesma. Pode ter sido isso o que Benjamim (2009, p.42) pensou quando disse:

“Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdermo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta, é coisa que precisa de se aprender. Os nomes das ruas têm então de falar àquele que por elas deambula como o estalar de ramos secos (...)”.

Assim, cheguei ao o Arco do Triunfo (*Arc de Triomphe*). E a chegada ao Arco foi um dos momentos que mais me marcaram em Paris. Disse anteriormente que a torre Eiffel – tão empurrada para nós como símbolo de Paris – não me causou uma emoção correspondente. O símbolo ou signo de uma cidade passa a ter sentido quando vivenciamos com ele uma certa experiência na cidade. E a experiência com o Arco do Triunfo significou-me Paris, deu-me sentido da presença desse monumento na cidade. Conto, a seguir, como isso se deu.

O restante da tarde deixou cair o Sol até a posição mais mediana do Arco. Exatamente nesse instante, eu chegava ao fim do longo trajeto da *Champs-Élysées*. Passei pelo túnel por debaixo da rotunda e cheguei em frente ao Arco. Quando o olhei, bem de perto, o Sol estava no meio do Arco e essa visão fascinou-me.

Imaginei um portal aberto para uma outra galáxia ou um portal aberto para o percurso histórico que se construiu naquele monumento em minha imaginação: de repente, eu estava diante de Napoleão Bonaparte no momento em que mandou erigir o Arco para manifestar sua glória ou a glória da Império francês frente às vitórias nas batalhas. Acompanhei o efeito de sua prepotência sob os ombros dos trabalhadores que carregavam tijolos, amassavam o cimento, subiam em andaimes sob os olhares punitivos dos mestres de obras ou dos engenheiros. Também vi os olhares das pessoas simples que ali contemplavam a construção da obra: uns com orgulho e respeito – justificados pela servidão e submissão ao poder; outros a olharem com o ardor da revolução em seu sangue, perguntando-se sobre o sentido do enaltecimento de um dado poder. Ao acompanhar os sinais das batalhas na arquitetura do Arco, fui ao campo de guerra e acompanhei corpos sendo baleados, soldados sem nome, sonhos destruídos, homens que nunca mais veriam suas mulheres e seus filhos, pessoas que a

arquitetura do Arco nunca iria mostrar. As construções imponentes de uma cidade guardam a história particular de pessoas comuns, invisíveis nas obras, mas presentes na história.

O Sol no meio do Arco do Triunfo e minha presença ali naquele exato momento fomentou-me uma marca simbólica pessoal com Paris através da memória e da imaginação. Não foi o monumento em si, mas minha relação com o monumento. É dessa forma que os símbolos de uma cidade fazem sentido a quaisquer pessoas. A arquitetura marca a imponência – não resta dúvida – mas é conforme os afetos são construídos no momento do encontro com a obra, que se demarca nossa disposição afetiva seja com o monumento, seja com a cidade.

Ao continuar a andar pelas ruas, essa disposição afetiva compunha afetos que fortaleciam meu corpo e mente. Paris afetava-me de tal forma que me sentia segura e agregada a esta. A mais que os grandes pontos turísticos, como o Museu do Louvre, o Palais de Garnier, o Jardim de Luxemburgo, a Igreja de Madeleine ou a Matriz de Notredame, o andar livre foi de maior importância para eu compreender o que a cidade expressava em sua identidade e a maneira como mais fui afetada. Nesse andar livre, sem alguma trajetória prévia bem definida, deparei-me com os moradores a andarem pelas ruas, flagrei conversas rápidas, observei uma brincadeira entre crianças e adultos no meio da rua, entrei em pequenos mercados e troquei palavras com os vendedores, sentei no jardim do Louvre como ali inúmeras pessoas faziam. Desse modo, a cidade francesa me afetava na experiência com o cotidiano. O cotidiano mostra a história e manifesta um modo de viver de seus habitantes. Isso imprime a tonalidade afetiva própria da cidade.

Esta Tese constitui um estudo sobre os afetos e a cidade. Mais precisamente, a investigação da dinâmica afetiva no processo das transformações urbanas. Não previ conhecer tantas cidades em lugares tão diversos. A vista por cima de São Paulo no início do doutorado e a vista por cima de Paris (ao subir no andar mais alto do patamar da Basílica de Sacré Cœur – *Basilique du Sacré-Cœur*) foram duas experiências magníficas que me mostraram o quanto a história, a natureza e a sociedade constroem e determinam a maneira como as cidades se configuram. Mas se configuram sempre em movimento contínuo.

Os afetos dos indivíduos no corpo da cidade manifestam-se no processo histórico e expressam-se no cotidiano urbano. Há a cidade afetiva amalgamada com a cidade de pedra porque há o corpo histórico-afetivo em movimento contínuo no corpo material da cidade. Essas reflexões desenvolveram-se ao longo do estudo da Tese e durante essas minhas andanças pelas cidades do mundo durante o doutorado.

VI

Em Paris, quando o avião decolou, a cidade francesa, aos poucos, apareceu-me em miniatura, mas permanecia sua grandeza em mim. Quando o avião aterrissou em São Paulo, a enorme cidade paulistana aumentava cada vez mais como um monstro luminoso e associava-me um novo corpo totalmente diferente: um grande labirinto, emaranhado de caminhos, um embaraço, um enredo de corpos tão diversos quanto confusos. Os dois sentidos dessas cidades eram como dois planetas diferentes, duas materialidades, duas histórias com singularidades distintas.

As cidades e os lugares participam da nossa dinâmica afetiva. Em nossa vivência no urbano, somos afetados por inúmeros encontros quotidianos, sejam encontros com os lugares ou encontro com as outras pessoas nos lugares. As cidades e as vidas humanas estão juntas, intensamente coesas umas às outras, ao ponto de a vida nas cidades tecer-se na própria história do gênero humano, ao longo dos séculos, desde as primeiras *poleis* (πόλεις) gregas.

Apresento-vos, caro leitor, esta Tese com o empenho de tornar claras as possíveis vinculações entre as reformas urbanas e a dinâmica dos afetos dos cidadãos. Quando se muda a cidade, seja em um pequeno espaço ou em uma maior dimensão, não somente as estruturas materiais se modificam, mas também a dinâmica dos afetos. Nesse sentido, esta análise argumenta a favor de que as mudanças urbanas levem em conta a geometria dos afetos, a fim de que os espaços urbanos transformados sejam mais semelhantes e úteis aos cidadãos na composição dos afetos coletivos.

*Queridos amigos,
Estou aqui na cidade de Nova Jaguaribara já há duas semanas. É curiosa essa experiência de viver no ambiente de pesquisa. Como já tinha vindo outras vezes, algumas pessoas já me conheciam e, na primeira semana, fui conhecendo outros moradores. Surpreendia-me a simplicidade deles quando eu, ao passar pela rua à tardinha, era chamada a sentar na calçada para conversar. E então, aquelas perguntas sobre alguém que querem saber de onde vem. E conversavam numa espontaneidade e numa sonoridade daquelas pessoas do interior. Morar no ambiente de pesquisa por um tempo parece que nos desarma. Acabo aprendendo que nem sempre é necessário perguntar sobre nossos assuntos de pesquisa, mas apenas é preciso entrar na espontaneidade do momento e sorrir com coisas singulares que só pertencem às pessoas do lugar. É muito gostoso. Tive que acompanhar a gravidade da narração de alguns moradores ao me falarem seriamente sobre lobisomem e tive que compreender a certeza de sua narração. Enfim, continuo aqui. Às vezes, canso-me, pois é muito quente.*

Abraços a todos, Fátima.

Sobre o campo...⁵

26 de julho de 2013 - 17:34

Para: nexin <nexin@googlegroups.com>

⁵ Email que enviei ao Núcleo de Estudos de Exclusão/Inclusão Social da PUC/SP (NEXIN), do qual sou membro pesquisadora. O NEXIN é coordenado pela Prof^ª Bader Sawaia – uma das orientadoras dessa Tese.

Introdução

A mensagem na página anterior foi escrita durante o período da inserção etnográfica⁶ feita em Nova Jaguaribara, lugar da investigação desta Tese. Foi um momento intenso de aprendizagem e de crescimento. Nada melhor do que o lugar da pesquisa para fomentar no pesquisador o sabor da investigação. As tantas cidades que percorri – relatadas na apresentação – o fiz como andarilha e como *flâneuse*, ou seja, com um andar distraído, anônimo, descomprometido e curioso. O andar em Nova Jaguaribara foi diferente. Era também um percorrer livre no cotidiano da cidade, no entanto, um andar não distraído, mas atento; a anonimato, impossível; e havia um compromisso com a cidade. Constituía não somente um andar, mas uma inserção no cotidiano dos moradores.

Uma inserção na qual percebia o movimento dinâmico do dia a dia e vivenciava encontros com os moradores. Encontros inesperados e rápidos em esquinas ou encontros às tardinhas nas calçadas ou nas casas dos entrevistados. Num dos momentos, o gosto do encontro inusitado: caminhando em uma das ruas, o rápido sorriso de uma senhora muito idosa, com pele envelhecida, que vinha em direção oposta a mim: ao passar à minha frente, parou repentinamente, segurou minhas mãos como se me conhecesse há muito tempo e me saudou com um singular aspecto em descontrair e expandir. Parecido com um segundo ato teatral, continuou em seguida sua trajetória na rua da mesma forma como vinha anteriormente.

Em outro dia, a surpresa de um encontro mais demorado na casa de um morador⁷ para entrevistá-lo: não querendo saber das minhas perguntas, abriu um livro muito antigo do ano de 1879 com 783 páginas sobre receitas de remédios homeopáticos – para ele valiosíssimo – recebido por herança de um grande amigo médico. Pulando trechos mais envelhecidos pelo tempo, o morador passou rapidamente as páginas do velho livro para mostrar-me uma grande novidade e fortuna da sua história. Eu não poderia interromper a sua emoção em me mostrar o que considerava a sua riqueza. Por isso, demorei várias horas na casa desse morador, o qual me oferecia cafés, água, bolos. Quando eu já saía da sua casa – depois de vistas um pouco das 783 páginas do seu livro - mostrou-me um quadro na parede de sua sala de estar. Era a pintura da réplica da sua casa em Jaguaribara, a cidade antiga. Relatou-me que seria a maneira de tornar viva a memória dessa cidade onde havia passado toda a sua vida. E começamos a conversar sobre a cidade antiga e a vivência na nova cidade.

⁶ Experiência descrita no primeiro capítulo desta Tese: ‘O campo de estudos e a perspectiva teórica da Tese.’

⁷ Sempre requisitado pelos jaguaribenses para a cura de suas eventuais doenças.

Ali também estava a pesquisa e a aprendizagem sobre o compromisso com as pessoas numa investigação. Não somente delas receber ou pedir, mas dar-lhes, seja o tempo, o silêncio ou a correspondência recíproca ao ouvir suas falas, não no que propriamente o pesquisador pergunta, mas no que o pesquisando quer falar no conjunto da sua resposta.

E o corpo histórico-afetivo urbano expressava-se na dinâmica do cotidiano percebido ao longo desse processo de vivência com os moradores, na experiência etnográfica vivenciada neste estudo. Esse movimento manifestava-se no modo de viver a cidade, na maneira de reconstruí-la nas reformas das casas, nos sonhos e nas memórias relatadas pelas pessoas. Como também no passado da cidade antiga fantasiado na imaginação das crianças e dos adultos.

Na noite do último dia da inserção em campo, eu voltava, às 22h00 de uma última entrevista depois de um período de vinte e dois dias na cidade. Já havia ido outras vezes, devido também a outras inserções no campo de pesquisa, mas nenhuma tão longa como essa. Essa experiência da convivência e do entrar no cotidiano citadino alargou sobremaneira meu encontro com as pessoas pesquisadas. Ao passar por cada quadra, via as casas construídas em formatos semelhantes, mas mudadas por cada morador. As reformas das casas formavam um mosaico curioso na estrutura planejada. E os muros que as circundavam variavam diversamente entre amarelos, vermelhos, roxos, brancos, alguns em cimento ainda; quase todos altos; ainda outros baixos - como foram entregues pelo governo no início. Lembrei-me da fala de uma moradora: *“Da maneira como a gente começou a mudar a casa, a gente começou a se adaptar com a cidade e a achá-la menos estranha”*⁸. Nesses momentos, não observava uma simples comunicação dos moradores com a cidade de Nova Jaguaribara, mas a dinâmica histórica da cidade-corpo-pedra-cidade-corpo-afetiva.

De volta dessa última entrevista, havia um curioso silêncio urbano e uma invisibilidade humana naquele plano noturno. O silêncio urbano em uma cidade planejada com suas ruas retas, suas casas parecidas na estrutura original - transformando-se pelas singularidades da geometria afetiva - e as inúmeras praças esperando por gente. A cidade de Nova Jaguaribara, inaugurada em 2001, assim se manifestava como a primeira cidade planejada do Estado do Ceará, após 10 anos de luta da população da cidade anterior contra sua transferência forçada e a construção do açude Castanhão⁹. A construção desse açude iria necessitar de terras para

⁸ D. Evanilda, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.

⁹ Um projeto político-econômico do Estado do Ceará para o abastecimento de água para a capital, Fortaleza, e adjacências. O Castanhão tem capacidade de 6,7 bilhões de m³ de água.

expandir seu diâmetro da capacidade de água pretendida pelo projeto¹⁰ e a cidade anterior dos jaguaribenses – Jaguaribara – estava incluída nessa extensão.

A luta dos moradores referida acima transcorreu entre os anos de 1989 a 1999. A permissão para a construção da barragem foi concedida pela Justiça do Estado e o governo cearense ficou responsável pela construção da nova cidade para a população de Jaguaribara.

O estudo sobre Nova Jaguaribara era um objetivo desde do final do mestrado que fiz na Universidade Federal do Ceará. Minha pesquisa de mestrado estava voltada para a relação entre as transformações urbanas do centro da cidade de Fortaleza e os afetos dos idosos, os quais acompanharam, no decorrer das suas vidas, as mudanças estruturais do centro da cidade, mediante as inúmeras políticas municipais que impunham de forma autoritária reformas nesta parte da cidade. A opção pelo estudo de Nova Jaguaribara seria a continuidade das minhas investigações acerca da relação entre as mudanças urbanas, a política e os afetos.

Aliado a isso, o interesse pela realização desta Tese está no fato de que, mediante visitas que fiz à cidade planejada, no ano de 2010, percebia que a cidade anterior continuava muito presente na memória dos moradores de Nova Jaguaribara através dos relatos que faziam. Também, nessas visitas, observava uma cidade muito esvaziada, silenciosa e solitária. Os moradores que ouvi também se queixavam da cidade, apesar desta ser arquitetonicamente melhor elaborada do que a cidade anterior, com casas mais confortáveis e ruas asfaltadas. Ao longo do estudo, fui constatando a presença da cidade anterior nas narrações dos adultos e dos idosos, nos desenhos das crianças, em seu relatos de que sentiam saudade da cidade de Jaguaribara, apesar de nunca terem contato físico com a mesma (uma vez nascidas na cidade nova) e nos inúmeros sonhos da cidade anterior descritos durante as entrevistas com os moradores.

A partir dessas realidades, fui percebendo um processo psicossocial que merecia ser investigado em um dos problemas muito atuais no Brasil, as remoções urbanas e rurais - também chamadas de assentamentos ou relocação - por motivos de imposição de políticas urbanas. Optamos, na Tese, pela designação remoção urbana, por motivo de ser um termo de maior utilidade pública. Em um estudo realizado por Abelém (1988), sobre o Programa de Recuperação das Baixadas de Belém, cujo objetivo era investigar como a população sentia a remoção e a urbanização e como esta era vista pelos técnicos do planejamento. Uma das conclusões de Abelém foi que existia uma forte diferença entre as maneiras de valorização do

¹⁰ Para o alcance dos objetivos do Projeto, a cota estipulada pelo governo do Estado foi de 4,2 bilhões de m³ de água (cota máxima possível de um reservatório), o que precisaria de 60.000 hectares de terra. Cavalcante (2005, p. 27).

espaço planejado entre os técnicos e a população removida. Enquanto aqueles valorizam as novas estruturas de acordo com a lógica do capital, essa valorizava aspectos mais subjetivos no espaço urbanizado, não dando muito importância às suas qualidades arquitetônicas e técnicas.

Essa pesquisadora entende que a remoção de uma população constitui um processo político e psicossocial. Hoje a remoção de população por motivos de interesse público é uma das formas de manifestação da desigualdade política. Alguns avanços já foram conquistados como a obrigação das empreiteiras avaliarem o impacto ambiental e social. Por instituição da Política Nacional do Meio Ambiente, mediante a Resolução do CONAMA¹¹ N.º 001/86, de 23/01/1986, foi definido a realização do EIA RIMA (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental) frente a quaisquer mudanças no ambiente efetuadas por atividade humana. O estudo inclui a análise de diversos aspectos como físico, biológico e também acerca do meio sócio-econômico.

Mas essas análises não levam em consideração os impactos subjetivos, ficando mais presas em análises técnicas e materiais. A importância de considerar os aspectos psicossociais foi apontada no estudo de Temps (2013) ao analisar os atingidos por barragem da usina Mauá/PR. Esta autora constatou “*os muitos sofrimentos relatados pelos atingidos dessa barragem como a perda de seus territórios, de suas vidas e de suas histórias* (p. 15).” Outros aspectos se associaram a isso como as mudanças no modo de vida, nas formas de trabalho e na perspectiva que os atingidos passaram a ter do futuro e de suas próprias vidas.

Atualmente, a Psicologia já apresenta um número considerável de pesquisas que assinalam a importância do estudo da cidade para a Psicologia Social: Bosi (2002; 2004), Bomfim (2010); Sawaia (1995); Tassara (2007; 2013); Nogueira (2007); Soares & Santana (2007); Vichiatti (2012). Nesses estudos, percebe-se a cidade como um espaço onde as mudanças sócio-econômica-políticas interferem nos processos de subjetivação e onde a situação de desigualdade vincula-se diretamente na construção da intersubjetividade.

Definimos como foco de estudo a dimensão socioafetiva-política da cidade de Nova Jaguaribara na remoção urbana a que foi submetida, tendo como subtexto a análise política.

Por que os cuidados materiais definidos pela racionalidade técnica não são suficientes para evitar o trauma da remoção? Os arquitetos procuraram respeitar a disposição de vizinhança nesse processo político da transferência imposta? Isso evitou ou não rupturas na sociabilidade da população? Por que a nova cidade, mais completa e melhor planejada não se

¹¹ CONAMA – Conselho Nacional de meio Ambiente.

torna uma sociedade política (*civitas*)? Seria porque é uma cidade sem memória, e esta está na cidade anterior? Essas são questões que nortearam a presente pesquisa.

Partindo dos pressupostos teóricos de que a objetividade e a subjetividade da cidade constituem uma unidade dialética, o que vai conferir a esses espaços uma dinâmica socioafetiva própria, que afeta a organização política da cidade e de seus cidadãos, pensamos que processos de remoção urbana que implicam na transferência compulsória dos habitantes de uma cidade a outra, ou de um território a outro, interferem diretamente na ação política e no sentimento do comum dos moradores no novo espaço urbano.

Com esta tese, busco compreender outros fatores além do técnico, do arquitetônico e do social que configuram a experiência vivida por uma população removida. Procuo explicações pela análise dos afetos, para entender as mudanças sociais e psicossociais, uma vez que os afetos contêm o o singular/coletivo e atravessam a memória, as ideias, a ação e o pensamento.

Escolhemos analisar essas questões atendendo aos afetos, considerando que eles não são eventos psíquicos singulares, mas contêm aspectos éticos e a políticos, isto é estão relacionados com a autonomia ou a heteronomia. Nesta Tese, para a compreensão da dimensão ético-política dos afetos, optamos por dois patamares de estudos: o da Psicologia Social Sócio-Histórica e o da Filosofia de Baruch de Espinosa.

O estudo apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro, discute-se a problemática da remoção de populações para fins de utilidade pública, no caso a construção do açude do Castanhão, o geralmente realizada por empreiteiras. A cidade de Nova Jaguaribara é descrita nas suas dimensões estrutural, social, econômica e cultural. Apresenta-se também a caracterização da cidade antiga de Jaguaribara e o processo de mudança de uma cidade à outra. Busca-se, aqui, visualizar para o leitor a realidade histórica-política desses dois contextos urbanos. Discorre-se também sobre a luta dos moradores contra o projeto do governo da construção do Castanhão, na qual tiveram papel importante os poetas da cidade de Jaguaribara antiga.

No segundo capítulo, atende-se às perspectivas teóricas do estudo: a Psicologia Sócio-Histórica e a Filosofia de Espinosa. São também explicitadas a caracterização da amostra e procedimentos e dos metodológicos utilizados: a inserção etnográfica, a narrativa socioafetiva-urbana e os Mapas Afetivos.

O terceiro capítulo apresenta a análise de dados que compreendem a narrativa socioafetiva urbana da cidade de Nova Jaguaribara e a rede de afetos passivos. Também aqui são analisadas as imagens afetivas de crianças e jovens da cidade de Nova Jaguaribara por

meio dos Mapas Afetivos. Posteriormente, a partir desses recursos, discute-se os afetos¹² mais comuns para análise em profundidade o Medo, a Esperança, a Flutuação de Ânimo (Alegria e a Tristeza), a Saudade e o Desejo de Permanência. Por fim, são propostas formulações conceituais decorrentes das análises anteriores que podem subsidiar estudos psicossociais de questões relacionadas a cidade: a Homogeneidade Vazia, o Comum Abstrato, a Resistência Útil e o Corpo Igual Vazio - Corpo Semelhante Útil.

¹² Na teoria espinosana, os afetos podem ser passivos ou ativos (Ética III, def.3, Expl.). Os afetos passivos – também chamados de paixões - ocorrem quando o corpo e a mente são submetidos às forças externas de tal maneira que dessas dependem o estado do corpo e da mente ou o que neles se passa, daí decorrendo que não somos causas dos nossos afetos. Os afetos ativos, segundo Espinosa, advêm da ação do corpo e da mente e neles somos causas dos nossos afetos.

1 O campo de estudos

Para expor o contexto histórico-político, social e cultural da cidade de Nova Jaguaribara, faz-se necessário, antes, compreendê-la dentro do fio descontinuado de suas estruturas urbanas, isso porque percebemos que existe uma presença forte da imagem da cidade anterior. A transferência forçada¹³ da cidade a outra nova e planejada levou ao deslocamento de uma população de 8.730 habitantes¹⁴. A cidade de Nova Jaguaribara foi criada e surgiu a partir de uma determinada data¹⁵ e o mesmo povo passou a habitá-la - cidadãos que conviviam em um contexto histórico-político e cultural específico da cidade anterior. Será importante compreender esse contexto no modo de vida anterior fortemente rural dos habitantes em um sertão nos destino brasileiro. Uma história na qual fatos marcantes aconteceram: o anúncio da destruição da cidade de Jaguaribara, a luta do povo contra o projeto do Governo do Estado do Ceará de construção do açude - a qual que se estendeu por dez anos - e, por fim, a mudança para a cidade planejada. O item seguinte tratará dessas questões.

1.1 A cidade de Jaguaribara

1.1a - História e caracterização sócio-política-econômica

“(...) esse colonizador expulsou os indígenas daqui da região, tentando estabelecer fazendas de gado, dando o nome de Fazenda Santa Rosa, daí o primeiro nome da cidade de Jaguaribara de Fazenda Santa Rosa, antes da cidade se emancipar em 1957. Mais na frente, a gente compara esse episódio com a questão do Castanhão quando o governo também tentando – não colonizar, mas descolonizar a cidade em prol do crescimento econômico e do desenvolvimento do Estado, traz para cá o projeto da barragem e com isso expulsa novamente o povo da terra. E eu faço uma comparação com relação a isso. Mais uma vez o povo está sendo expulso e dessa vez não por um colonizador, mas pelo próprio Governo do Estado, que tem um projeto muito mais audacioso para se efetivar aqui na região.”

(Reginalda Brito, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

¹³ Pelo motivo explicado na introdução da Tese: a construção do açude Castanhão.

¹⁴ Dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - no ano de 2000, um ano anterior à mudança para a cidade nova, que ocorreu em 2001.

¹⁵ A cidade de Nova Jaguaribara foi inaugurada em 25 de setembro de 2001.

A moradora entrevistada faz uma relação de caráter metafórico a partir da história de Jaguaribara: o colonizador estrangeiro, no início, expulsa os indígenas da terra para colonizá-la, e o governo do Estado também como um colonizador moderno ‘expulsa’ seus cidadãos mais uma vez, mas agora para ‘descolonizar’, em uma modalidade diferente do domínio político e econômico. A entrevistada faz menção aos primeiros fatos que ocorreram muito antes de o município ser nomeado com este nome no ano de 1943.

Por uma necessidade da Província no período colonial para expandir as terras, os colonizadores chegaram ao vale do Jaguaribe¹⁶, no local onde moravam as tribos¹⁷ Jaguaribara e Tapuias Paiacus. O sítio que o Capitão João da Fonseca ocupou no século XVII na região onde hoje é Jaguaribara foi denominado por ele de sítio Santa Rosa, daí a origem da devoção dos moradores de Jaguaribara à Santa Rosa de Lima, padroeira da cidade. No entanto, em 22 de fevereiro de 1694, os colonizadores, dentre eles o português Domingo Paes Botão - a que a entrevistada se referiu na epígrafe - foram expulsos pelas tribos citadas. Dez anos depois, o mesmo colonizador volta, agora munido com melhores condições e mais pessoas para combater e expulsar os índios da região e ocupá-la. Com a conquista das terras, tem início a Fazenda de Santa Rosa com atividades de pecuária.

Em 1786, parte das terras foi doada ao patrimônio da igreja, onde deveria ser erguida uma capela a São Gonçalo do Amarante (o segundo padroeiro de devoção de Jaguaribara). Nesse espaço foi formado o povoado de Riacho do Sangue, que mais tarde passou a ser chamado de povoado de Santa Rosa e depois foi elevado à categoria de

¹⁶ O vale do Jaguaribe constitui, no Estado do Ceará, uma região socioeconômica que abrange dezoito municípios banhados pela bacia hidrográfica do rio Jaguaribe. Dentre as sete bacias hidrográficas do Estado, a do rio Jaguaribe compreende mais de 50% do Ceará e possui 610 km de extensão. O nome Jaguaribe vem do termo *tupi jagûarype*, que significa "no rio das onças" (*jagûara*, onça + 'y, rio + *pe*, em). No seu leito, já foram construídos os dois grandes açudes cearenses: o Óros e o Castanhão. A bacia hidrográfica do rio Jaguaribe compreende três micro-regiões, de acordo com o mapa no Apêndice I: A região do Baixo Jaguaribe (ao Norte do Estado); a região do Médio Jaguaribe (ao centro do Estado); e a região do Alto Jaguaribe (ao sul do Estado). O município de Jaguaribara ficava localizado na região do Médio Jaguaribe, portanto, nas mediações centrais do Ceará.

¹⁷ De acordo com Lima: “A ocupação ‘civilizatória’ no vale do Jaguaribe tem início no século XVII com a doação da primeira sesmaria do Jaguaribe em 1681. Essa sesmaria, doada a Manoel Abreu Soares e seus catorze companheiros que vieram combater os índios no Ceará, estendia-se da foz do rio Jaguaribe, no município de Aracati, até o Boqueirão do Cunha, no município de Alto Santo. Temos aí, nessa primeira partilha de terras, lançadas as bases dos primeiros latifúndios no vale do Jaguaribe, que se perpetuou ao longo dos anos. O propósito da ocupação foi para criação de gado bovino para produção de charque, já que o litoral estava ocupado com a monocultura de cana de açúcar.” LIMA, Francisco Leandro da Silva. Breve histórico da economia agrária do Vale do Jaguaribe: das sesmarias à fruticultura. Artigo acessado em 14.06.2014 em: <http://www.webartigos.com/artigos/breve-historico-da-economia-agraria-do-vale-do-jaguaribe-das-sesmarias-a-fruticultura/90779/#ixzz3DImJeXoi>.

Vila. A Vila de Santa Rosa foi, no início, distrito de Frade, nome anterior do município de Jaguaretama¹⁸.

Antes de ser nomeada de Jaguaribara, um acontecimento marcou a história da Vila de Santa Rosa ainda na época do Império. Morre nas terras da Vila, em 31 de outubro de 1824, o líder da Confederação do Equador¹⁹, Tristão Gonçalves. No ano de 1924, o Instituto Histórico do Ceará ergueu no local da morte de Tristão Gonçalves um pequeno monumento ao herói da Confederação. Esse monumento tornou-se um marco de visitas na cidade de Jaguaribara e motivo de orgulho e devoção²⁰ dos moradores por ter morrido ali um herói revolucionário. Em 30 de dezembro de 1943, a Vila de Santa Rosa passou a se chamar de Jaguaribara, em homenagem à tribo de mesmo nome que habitava a região antes do colonizador. Etimologicamente Jaguaribara significa “Moradores do Rio das Onças”. Em 9 de março de 1957 o distrito de Jaguaribara se emancipou de Jaguaretama e se tornou município (SILVA, 2007, p. 14).

A cidade de Jaguaribara situava-se na região do Médio Jaguaribe, região central do Estado do Ceará e ficava a 287 Km da capital do Estado. Tinha uma área de 731 km² e ficava entre os municípios: Alto Santo (norte); Jaguaribe (sul); Iracema (leste) e Jaguaretama (oeste).

No ano de 1991, segundo dados do Censo Demográfico do IBGE, o município de Jaguaribara tinha uma população de 7.718 habitantes, dos quais 2.878 estavam na zona urbana (37,3%) e 4.840 na zona rural (62,7%). No ano de 2000 – um ano antes da mudança para a nova cidade – a população era de 8.730 habitantes, dos quais 3.539 residiam na zona urbana (40,53%) e 5.191 na zona rural (59,46%).

¹⁸ O município de Jaguaribara era vizinho ao município de Jaguaretama.

¹⁹ Essa Confederação aconteceu no Primeiro Reinado (governo de D. Pedro I), sendo um movimento de caráter republicano. Tinha por objetivo combater o regime monárquico e almejava tornar o Nordeste do Brasil independente, sendo Tristão Gonçalves nomeado Presidente do Estado do Ceará. Na data mencionada, Tristão Gonçalves e seus companheiros são perseguidos pelas tropas imperiais. O líder sucumbe na Vila de Santa Rosa e morre alvejado nas terras de Jaguaribara (que nessa época ainda se chamava Vila de Santa Rosa). Este acontecimento ocorrido nas terras de Jaguaribara, de acordo com Braz (2005, p. 38) “incorporou o povoado à História”. O monumento erigido em homenagem à Tristão Gonçalves produzia nos jaguaribenses, como dito logo a seguir, uma maior valorização à sua terra e também o fato de habitarem em uma região na qual um líder revolucionário morreu lutando contra o governo, produzia-lhes um imaginário de um povo forte e com ímpeto para a luta e a resistência. Logo adiante, quando discutirmos a questão do processo de resistência dos moradores contra o governo a fim de impedirem a construção do açude Castanhão e a não destruição da cidade, veremos que, por meio do recurso das poesias - feitas por alguns moradores e comuns nesse período da luta – há a referência ao líder revolucionário como sinal e estímulo da luta do povo.

²⁰ Segundo Braz (idem, ibidem), o monumento a Tristão Gonçalves foi transferido para a o Instituto Cultural do Cariri por ocasião da mudança da cidade. Nessa transferência, segundo a autora: “foram também, conduzidos ao Instituto tijolos, uma cruz de ferro e pedras de seixo que eram deixadas como ex-votos no local, por pessoas que acreditavam em supostos milagres de Tristão Gonçalves.”

No que diz respeito às atividades culturais, a história de Jaguaribara é marcada pela presença de artistas populares como poetas, violeiros, um coral (chamado de “Um canto em cada canto”) e um grupo de teatro. Havia o costume da realização do reisado²¹ nas casas. Em Jaguaribara, as atividades religiosas eram predominantemente católicas e as festas religiosas que celebravam os dias dos padroeiros da cidade²² eram momentos principais no calendário de festividades da cidade e misturavam-se com as manifestações culturais do município.

A principal atividade econômica do município era a pecuária, a agricultura, a pesca artesanal no rio Jaguaribe e culturas de subsistência que eram fundamentalmente sustentadas pelas vazantes desse rio jaguaribe, o qual passava por dentro da cidade. Neste rio acontecia a pesca artesanal, a qual garantia um dos meios para a alimentação diária dos moradores e também pequenas rendas por meio de vendas da pesca de porta em porta na área central da cidade. Portanto, o rio era a referência da economia, da arquitetura da cidade e da sociabilidade, o que autoriza dentro de nosso marco teórico a conceber, a da subjetividade.

A bandeira do município, mostrada abaixo, expressava bem a presença do rio na vida da cidade, bem como as atividades rurais. Continha a imagem do rio Jaguaribe e da planta oiticica, muito cultivada em Jaguaribara, e também uma outra árvore à direita, indicando sua área rural.

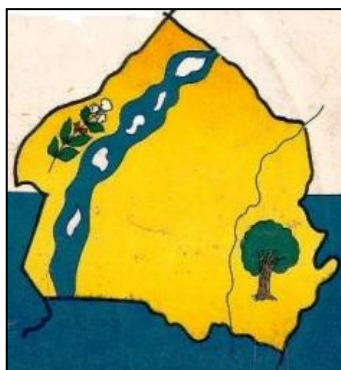


Figura 1: Bandeira do município de Jaguaribara. Fonte: Arquivo da autora.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Ceará, em 1995, havia a seguinte distribuição da população economicamente ativa (PEA):

Tabela 1: Distribuição da População economicamente ativa em Jaguaribara. (Braz, 2005)

²¹ O reisado ou Folia de Reis é uma festa tradicional católica que celebra a visitação dos Três Reis Magos ao menino Jesus. Ocorre, no Brasil, no dia 6 de janeiro de cada ano e pode ir até o dia 20 do mesmo mês.

²² Os padroeiros locais ou santos de devoção da cidade são dois principais: Santa Rosa de Lima e São Gonçalo do Amarante.

Setor primário	Setor secundário	Setor terciário
74,7%	5,3%	20%

A principal atividade econômica, portanto, era agrária - quase que exclusiva - e a segunda - comparativamente muito menor - as atividades do comércio. Corroborando com esses dados, o estudo de Cavalcante (2006) mostra que a segunda atividade econômica em importância era o comércio varejista, com um total de 115 estabelecimentos no município, sendo 67 desses destinados à comercialização de produtos alimentícios.

De acordo com o SEBRAE (apud Braz, 2005, p. 96), em 2002, a maioria dos comércios era de pequenas bodegas e, em menor quantidade, havia bares, oficinas, padarias e farmácias. Segundo Nascimento (2005), o município apresentava pouco expressividade na receita econômica do Ceará. A receita do Município era de R\$ 2.551.801 (dois milhões quinhentos e cinquenta e um mil e oitocentos e um reais) e a arrecadada pelo Estado era de R\$39.871,79 (trinta e nove mil oitocentos e setenta e um reais).

Como já dito, o rio representava um espaço de intensa sociabilidade, visto que, além de subsídio à renda dos moradores, por meio da pesca artesanal, havia a presença constante das lavadeiras da cidade. As mulheres ocupavam-se com esta atividade – além do artesanato – tanto para a finalidade de sustento financeiro, quanto para a lavagem doméstica. Apesar das divergências comuns a respeito de quem ocupava os melhores lugares no rio, o senso de cooperação existia e as lavagens das roupas eram momentos de encontros nos quais as mulheres conversavam sobre vários assuntos da cidade ou da própria vida. Durante essas atividades, de certo modo, também havia o lazer, uma vez que as lavadeiras levavam seus filhos, os quais brincavam no rio ao mesmo tempo em que ajudavam suas mães.



Foto 1: Lavadeira no rio de Jaguaribara.
Fonte: Vídeo gravado pelo IMOPEC – *Pelos caminhos da memória*.

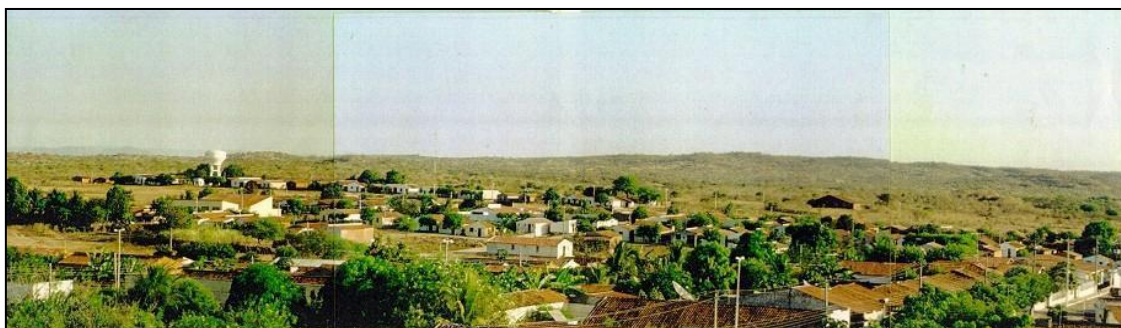


Foto 2: Zona urbana do município de Jaguaribara.
Fonte: Cavalcante, 2006.

A cidade de Jaguaribara tinha como principais lugares a Igreja de Santa Rosa, o Mercado Público e a Praça Tristão Gonçalves, sua única praça e grande ponto de encontro dos moradores, como podemos ver nas fotografias seguintes:



Foto 3 (acima): Igreja de Santa Rosa de Lima
Fonte: Braz, 2011. **Foto 4** (abaixo à esquerda): Mercado Público - **Fonte:** Arquivo pessoal do Sr. Ivan Bezerra, morador de Nova Jaguaribara. **Foto 5** (abaixo à direita): Praça Tristão Gonçalves - **Fonte:** Cavalcante, 2006.

Da igreja matriz partiam as ruas da cidade e o mercado ficava ao lado da matriz. Havia a feira semanal no espaço próximo ao mercado. Na praça Tristão Gonçalves aconteciam os eventos comemorativos maiores como o “reveillon” e também era o local onde ocorriam grandes comícios em tempos de eleição. A prefeitura local financiava os eventos festivos e as quermesses eram organizadas pelas pastorais da igreja matriz - quando havia as festas dos padroeiros locais. Com as atividades públicas ocorriam na única praça da cidade, no decorrer do ano, esta era o espaço privilegiado de encontros e de fortalecimento do vínculo identitário dos moradores.

Outros lugares de encontros em Jaguaribara eram as calçadas das casas, onde os moradores colocavam as cadeiras de balanço. Segundo Braz (2011, p. 91) “A cadeira de balanço era um traço marcante em Jaguaribara, e as calçadas, o local mais apropriado para colocá-las, o sentar se dava num misto de descontração e interação para os que ali permaneciam (...)”.



Foto 6: Moradores de Jaguaribara nas calçadas das suas casas como era de costume.

Fonte: Braz, 2011.

Como podemos ver na foto anterior, as calçadas eram bem próximas às entradas das casas. Estas se dispunham lado a lado, ditas “conjugadas”, encostadas umas às outras. Mas havia uma desigualdade entre as habitações. Segundo Braz (2005, p. 31), as residências mais próximas à igreja matriz eram as mais abastadas economicamente. Também de acordo com a mesma autora, a área de localização dessas casas era a área mais valorizada da cidade e se diferenciavam pelos detalhes da arquitetura. As demais residências tinham formatos semelhantes, diferenciando-se pelas modificações que os moradores faziam por meio de pinturas diferentes ou em outros aspectos. À medida que as casas se distanciavam do centro da cidade, as estruturas das mesmas iam ficando mais modestas e formavam um contexto diferente do centro.

O modo de vida urbano era fortemente ligado à produção familiar relacionado à agricultura e à pesca. O comércio local, os trabalhos manuais, as lavadeiras do rio, a

agricultura, a criação de animais, a pesca constituíam as atividades quotidianas na dinâmica urbana. O lugar onde funcionava a prefeitura tinha sido uma casa residencial.



Foto 7: Prefeitura Municipal
Fonte: Cavalcante, 2006.



Foto 8: Casas conjugadas
Fonte: Cavalcante, 2006.

As atividades produtivas não geravam uma maior expansão da cidade e o núcleo urbano equivalia-se ao núcleo comum de relações de vizinhança muito próximas. Quatro espaços dinamizavam tal núcleo: a única praça da cidade, o mercado, a igreja matriz e o rio, os quais constituíam o motor das relações na cidade e dos encontros. Jaguaribara possuía um ginásio de esportes e quadras poliesportivas, locais também para a realização de eventos como o Natal, comemoração da emancipação do município ou formaturas.

Segundo Braz (idem, p. 34), o cemitério da cidade era simples, sendo que os mausoléus da frente pertenciam às pessoas mais abastadas. Por detrás, as sepulturas eram mais simples e com poucos cuidados. A cidade ainda contava com um hospital e cinco postos de saúde, uma agência do Banco do Brasil, um posto de correios, o Sindicato dos trabalhadores rurais, uma Associação de moradores, uma delegacia de polícia, uma escola estadual, uma escola particular e quarenta e sete escolas municipais. O centro da cidade e três bairros formavam a sede do município. Havia um distrito pertencente à Jaguaribara chamado de Poço Comprido.

Do período do anúncio da destruição da cidade, 1985, até à mudança da cidade, em 2001, houve uma interdição por parte do Governo do Estado à construção de quaisquer estruturas novas na cidade antiga, uma vez que não iria indenizar o que fosse construído depois de 1985. O resultado foi uma cidade que ao longo da década de 1980

não se desenvolveu em nenhum aspecto estrutural. Isso foi desmotivando as pessoas a ficarem na cidade, segundo o relato abaixo:

“Não se podia mais construir casa porque o governo avisou que não iria indenizar a parte construída após a notícia da barragem e com os prédios públicos foi da mesma forma. Quer dizer, a cidade velha ficou muitos anos parada no tempo de 1985 até a construção mesmo da barragem, quase quinze anos. Muitas pessoas, percebendo que a cidade estava parada, saíram para São Paulo.”

Isac, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.

Essa situação ocorreu até o ano da mudança. A cidade de Jaguaribara, enquanto esperava a transferência, decaía em termos de qualidade arquitetônica, pois não se podia reformar ou ao menos pintar as casas, devido ao prejuízo que os moradores podiam ter. Depois de quase 15 anos de lutas envolvendo as questões referentes a uma cidade de qualidade, a mudança ocorreu no ano de 2001, ano de inauguração da cidade.



***Fotos 9, 10 acima:** Destruição da igreja matriz. – Foto **11, 12** - Destruição da caixad'água da cidade e de uma das casas.

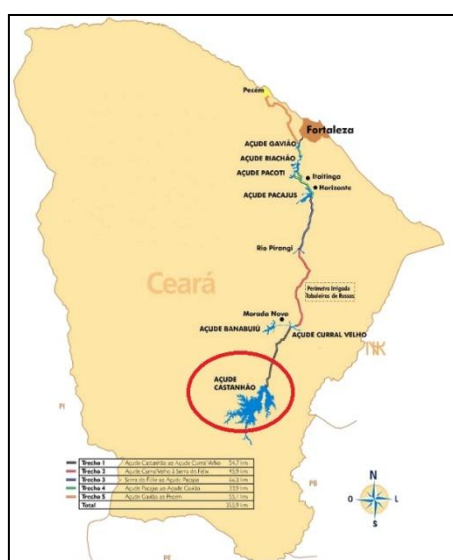
Fonte: Vídeo do IMOPEC.

O anúncio da destruição de Jaguaribara devido à construção do açude Castanhão aconteceu em 1985. Houve, em um primeiro momento, perplexidade da população que não esperava a notícia, segundo os entrevistados. O quadro que se configurou na cidade foi de disposição a um processo de resistência à construção do açude, que foi chamado pelos moradores de luta. Uma série de reuniões começaram a acontecer e também uma

maior organização das comunidades. No próximo item, será descrito com mais detalhes esse período de resistência dos moradores, que se associa, inicialmente, ao projeto governamental da barragem e, em seguida, à construção da cidade planejada e a garantia dos direitos dos cidadãos.

1.1b A construção do Castanhão e a resistência dos moradores.

O açude Castanhão localiza-se a 253 km de Fortaleza no médio Jaguaribe²³ e ocupa uma área atualmente de 328 km² com cota²⁴ 100m, segundo dados do DNOCS. Podemos visualizar sua localização no estado do Ceará no mapa abaixo:



Mapa 01: Localização do Castanhão no estado do Ceará.

Fonte: Site da Secretaria dos Recursos Hídricos do Ceará.

No ano de 1985, o projeto de construção do açude foi inicialmente pensado pelo DNOS²⁵. No entanto, já no início do século XX, em 1910, iniciava-se estudos acerca da mitigação da seca²⁶ no nordeste do Brasil através do Inspetoria de Obras Contra as

²³ Ver nota de rodapé 19.

²⁴ Cota refere-se a uma nomenclatura usada como parâmetro para se medir a altitude em relação ao nível do mar.

²⁵ Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

²⁶ A seca no Nordeste sempre foi uma constante na região, sendo uma realidade que associou-se à noção de flagelo e desespero das classes mais pobres, principalmente de regiões onde as chuvas irregulares eram mais frequentes, mas que na realidade constitui-se, historicamente, de um problema político mais do que um problema de falta de água. A 'indústria da seca' advém dessa situação de vulnerabilidade das pessoas diante da seca, as quais ficam sujeitas às políticas de clientelismo. Estas políticas não se preocupam com a implementação de uma política pública permanente, mas de soluções eventuais que provocam dependência e submissão das pessoas às políticas locais.

Secas (IOCS)²⁷. Em 1990, este projeto passou a ser coordenado pelo DNOCS, uma vez que o DNOS foi extinto. Alguns técnicos do DNOCS apresentaram, inicialmente, uma proposta diferente do projeto pensado pelo DNOS, o qual seria a construção de um reservatório de grande porte. Estes técnicos propunham um projeto de construção de 12 açudes de médio porte, no lugar de um só açude de porte maior. Desde o início, os conflitos políticos-institucionais foram muito presentes na construção do açude.

Este período inicial de discussões institucionais foi acompanhado intensamente pela população de Jaguaribara, que ficou sabendo em 1985 da notícia da possível destruição da sua cidade. O trecho abaixo de um relatório da arquidiocese mostra-nos que os moradores foram surpreendidos pela notícia e que houve uma reação imediata de mobilização.

“Agosto de 1985, preparação da festa de Santa Rosa de Lima, madroeira de Jaguaribara. Uma surpresa derrubou nossas perspectivas e abalou o coração de nosso povo – uma grande barragem seria construída e 70 % da área do município de Jaguaribara ficaria coberta pelas águas, inclusive a sede. Foi então que as assembleias das comunidades mudaram de objetivo: precisávamos lutar pelo direito à vida, ao chão; precisávamos resistir, procurar apoios, estudar a obra, Direito Administrativo e outras leis referentes à nossa situação de ameaçados e ameaçadas.”²⁸

Entre os anos de 1985 a 1988/89, o movimento de participação dos cidadãos foi intenso e denominado pelos moradores de resistência ou luta. Este movimento foi chamado de *Não ao Castanhão*. Foi criado em 1989 a Associação dos Moradores de Jaguaribara. O relato da entrevistada seguinte deixa claro esse momento:

(...) a partir dessa notícia, começaram a se formar grupos representativos como donas de casa, comerciantes, jovens, igrejas, para poder reivindicar os direitos do povo porque se conheciam muitas histórias de comunidades que tiveram suas vidas destroçadas, suas casas demolidas e não tiveram benefício da troca, da permuta da casa. Sabendo da notícia, os líderes políticos e a comunidade começaram a se organizar. A partir daí se formaram grupos, logo em seguida se formou a Associação. A notícia chegou em 1985 e em 1989 se formou a Associação de Moradores de Jaguaribara. Era uma única Associação e essa era composta por todos os grupos representativos que antes se organizavam na cidade.

Reginalda Brito, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.

Os técnicos do DNOCS, contrários à construção da barragem, continuaram a expor e a discutir com outros técnicos favoráveis à obra, nos anos iniciais, sua posição

²⁷ O IOCS realizou, no ano de 1910, estudos geológicos sobre a região onde seria construída a barragem do Castanhão através da contratação de um engenheiro americano, Roderic Crandall.

²⁸ Trecho de um artigo para a Diocese, escrito em 2010 por Irmã Bernadete Neves e cedido por ela (antes de ser publicado) para esta Tese.

da não construção do Castanhão. Em debates e seminários promovidos em Fortaleza (nos quais havia a participação da população de Jaguaribara) havia a exposição das razões dessa oposição. Borges (1999, p.99) colocou como argumentos contrários:

a comunidade técnica e a população do vale do Jaguaribe atingidas se ressentem de uma participação efetiva nos estudos e discussões; (...) procedem, ao nosso ver, diversos questionamentos técnicos, não podendo ser considerados satisfatórios os resultados dos estudos até agora apresentados; (...)

há carência de fundamentação técnica, comprovada através de estudos, que justifiquem a importância, os benefícios e o porte da obra (cota e capacidade, principalmente), sem o que não deixam de ser subjetivas as opiniões emitidas.

Em 1990, houve - por parte do COEMA (Conselho Estadual do Meio Ambiente) - a negação da licença definitiva para a construção do açude. Este fato constitui um vitória momentânea do povo e dos técnicos do DNOCS. Os defensores da construção do açude²⁹ requisitaram outras audiências públicas com o fim de desfazer tal recusa do COEMA, o que foi negado nas primeiras audiências públicas. No entanto, no ano de 1992, em uma nova audiência, a licença à construção da barragem foi concedida.

Segundo críticos, a construção do açude está inserido em um modelo de desenvolvimento de modernização do estado com o enfoque na industrialização, na realização de megaprojetos e no atendimento à uma elite político-econômica a qual implementaria o estilo neoliberal no Ceará, principalmente a partir do chamado “Governo das Mudanças”³⁰.

1.1c “Não ao Castanhão”: O Movimento de Resistência.

A incerteza e a desconfiança que a construção da barragem suscitava na população, o forte vínculo com a terra e os questionamentos técnicos sobre a construção do açude no porte hídrico proposto impulsionaram a luta dos moradores que resistiram ao projeto do governo. Houve intensa participação popular que se expressava, principalmente, nas inúmeras reuniões que ocorreram durante o período entre 1985 a 1995.

²⁹ As grandes empresas construtoras da barragem e da cidade de Nova Jaguaribara e os poderes políticos estaduais.

³⁰ Governo das Mudanças constituía o projeto político-econômico iniciado de forma mais contundente na elevação ao poder político estadual do Ceará da elite de jovens empresários do Ceará na década de 1980, tendo como líder político Tasso Jereissati.



10 anos de luta do Castanhão. Foto: Beth Guabiraba. 1995.

Foto 13: Placa confeccionada pelos moradores de Jaguaribara depois de 10 anos de luta. Lê-se: “Pela continuidade da vida - 10 anos de resistência à barragem Castanhão. Jaguaribara – 11.12.95.

Fonte: Livro ‘Minha Lembrança não para’ (1998, p.46), que reúne poesias dos moradores da cidade.

Constituiu uma luta política entre os moradores da cidade que se organizou socialmente, através das participações em discussões públicas, da criação da Associação dos Moradores de Jaguaribara e da busca de parcerias institucionais que ajudassem os moradores a contrariarem o projeto governamental. Dentre essas parcerias, estavam, entre outros atores, o Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), a CÁRITAS, o Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA e o Movimento de Atingidos por Barragem (MAB). Os moradores associaram-se no intuito de se fortalecerem e de ampliarem a resistência. Com o apoio destas instituições, houve visitas dos jaguaribenses a outras experiências de construção de barragens e respectivos reassentamentos. As constatações de que as remoções em outros locais do país não foram favoráveis às pessoas deslocadas impulsionaram ainda mais a resistência à construção do Castanhão.

A luta dos moradores provocou a ampliação das discussões acerca de assentamentos de atingidos por barragem para além do caso da cidade de Jaguaribara. A mídia da época noticiava e envolvia embates entre os poderes estadual e federal. No contexto político cearense, a resistência dos moradores – principalmente em ser tratar de pessoas do sertão nordestino – foi de extrema importância e representava uma reação ao clientelismo e à servidão, visto ser o estado do Ceará historicamente marcado pela força do poder político das oligarquias tradicionais, fato comentado por Rodolpho Teóphilo³¹:

³¹ Rodolpho Teóphilo (1853-1932) era um farmacêutico higienista e militante político muito atuante no Ceará em questões da saúde pública, sendo importante protagonista nas vacinações contra a varíola e outras epidemias em Fortaleza.

“ O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos governos do que pela inclemência da natureza.” (apud PEROTE, 2006, p.103).

Dentre as parcerias institucionais citadas, o MAB representou para os jaguaribenses a ampliação da visão crítica acerca da luta coletiva. Em um documento do MAB³² a luta dos atingidos por barragens é assim definida: “(...) um processo no qual os atingidos tomam consciência da sua situação, participando integralmente da sua organização e decidindo com responsabilidade sobre seu destino coletivo.” O Movimento de Atingidos por Barragem vincula-se à CUT (Central Única dos Trabalhadores) e levou os moradores às visitas citadas anteriormente, colocando-os a par de uma luta nacional de articulação política mais ampla. Isso contribuiu para que os moradores refletissem que a sua luta não possuía somente um conteúdo local, mas fazia parte de um movimento social e crítico de militância política que ocorria em nível nacional. Vemos que essa parceria no decorrer da luta fortaleceu os moradores no sentido de continuarem a resistência com mais consistência contra a barragem e a destruição da cidade – como foi falado acima, este período da luta foi chamado de *Não ao Castanhão*.

Este foi o momento de maiores manifestações artísticas do povo, principalmente pelos poetas da cidade, os quais iam para as reuniões promovidas pelos técnicos do DNOCS e, em meio às discussões sobre a construção do açude, recitavam seus versos como formas de protesto. As poesias possuíam um caráter de crítica e de embate contra a obra do Castanhão, mas também contra o poder político cearense:

1
A barragem vem por aí
firmas se movimentando
e o povo se preparando
para abandonar seus lares.
Vítimas de parlamentares,
o cúmulo da falsidade,
pois, por infelicidade,
não temos representantes.
Onde anda os governantes
do município e do Estado?
Capisbaixo e acanhado
fugindo dos compromissos
que nos leilões e comícios
a maioria iludiu,
prometeu e não cumpriu.
Isso eu chamo traição,
na hora da precisão,

2
Eu chamo de sabotagem
esta tal democracia.
O âmago da hipocrisia
da fraude e corrupção
que proíbe ao cidadão
mandar na propriedade.
Quanto maior, mais covarde
políticos e constituintes:
Eu vou dizer o seguinte:
votar para esta cambada
é a coisa mais errada
que o pobre eleitor faz.
Eles nos botam para traz
Em troca do nosso apoio,
é a semente do joio
plantada por satanás.
(...)

3
Raposas velhas corruptas,
congressistas meia coronha,
mercenários sem vergonha,
diplomatas traidores,
únicos patrocinadores
dos crimes contra a pobreza.
Os humildes sem defesa
pra vocês é alimento,
carcarás sanguinolentos,
diabo dentro e Deus por fora,
ludibria um na hora,
se fingindo de pacato,
com todo aquele aparato,
de Dalila com Sansão,
defendendo o Castanhão
e os pobres que paguem o pato.

³² MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS – MAB: Uma história de Lutas, Desafios e Conquistas. Caderno 7. Brasília, MAB, 2002.

Os bichos tomam doril.

Poesia anônima escrita por um morador de Jaguaribara. Foi lida em uma manifestação dos moradores da cidade em Fortaleza, logo no início da resistência.

Fonte: Arquivo paroquial da igreja matriz de Nova Jaguaribara.

As críticas mais contundentes misturavam-se a poesias de sentido fatalista, passivas de cunho ou não religiosos. O Castanhão, na poesia anterior, é visto como a manifestação de um poder contrário ao poder divino, sendo os políticos os executores da obra maligna desse poder sobrenatural. Ao mesmo tempo, denunciavam a falta de compromisso ético-político com os mais pobres e a situação de exclusão a que estavam sujeitos. As poesias seguintes também demonstram essas vinculações com o tom predominante de fatalismo:

Obra do fim dos tempos		
A hora está chegando Os dias já estão contados Mais ninguém pode dá jeito! lutamos a todo tempo, Mas mesmo assim construíram a obra do fim dos tempos.	Só Jesus é testemunha Do que passamos aqui. Várias noites sem dormir dias sem contentamento, Mas, mesmo assim, construíram a obra do fim dos tempos.	Não sabemos ainda ao certo Onde isso tudo vai dar. Lutamos semfraquejar A toda hora e todo tempo, mas, mesmo assim, construíram a obra do fim dos tempos.
I Ó Deus que é onipotente Dá-me a vossa inspiração Para contar uma história De dor, tristeza e emoção que já causou até morte de alguns de nossos irmãos.	III Pois a sede do poder tem o homem sem visão sem amor e sem respeito pelo seu próprio irmão passa por cima de tudo até da própria razão.	V O senhor governador tomou a resolução abusando do poder que continha nas mãos com irresponsabilidade mandou que executassem o projeto Castanhão.
II Aí começou a luta debate e reunião e o sofrimento do povo sem saber qual a razão queriam acabar com a água nossa história e tradição.	IV Jaguaribara parou a sua evolução pedreiro passando fome por não ter mais construção só tinha no pensamento incerteza e desilusão.	IV 11 anos se passaram e nada foi resolvido o povo angustiado e nenhuma solução só Deus saberá o destino sem história e sem razão pois agora vão fazer o maldito Castanhão!

As poesias acima são de Edberto Carneiro, poeta e morador de Nova Jaguaribara.

Fonte: Poesia encontrada no livro “Minha lembrança não para”³³ (págs. 26,27 e 48)

O sofrimentos do corpo e da mente são ético-políticos: Bader Sawaia denomina de sofrimento ético-político “para indicar a vivência particular das questões sociais dominantes em cada época histórica (...) como a de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade.” (Sawaia, 1999, p.56). Refere-se a

³³ O livro “**Minha lembrança não para**”, (págs. 26, 27 e 48) foi publicado em 1998 pela Associação de Moradores de Jaguaribara, no qual consta 24 poesias feitas por diferentes pessoas da cidade de Jaguaribara.

este sofrimento para demarcar um tipo de sofrimento que é determinado exclusivamente pela situação social da pessoa. Os dois conjuntos de poesias descrevem o sofrimento ético-político ao demarcar a ação do projeto governamental, que os colocava em uma situação de passividade frente a um invasor mais poderoso (o governo federal), mesmo que nesse processo de resistência também houvesse maneiras de enfrentamento. O relato do presidente do Sindicato Rural de Jaguaribara mostra-nos dois desses momentos de enfrentamento: através de manifestações dos moradores na barragem do açude durante as primeiras construções e também por meio de uma poesia por ele feita em 1987:

“Nós fazíamos a obra do açude parar. Nós chegamos a parar por dois dias a construção do Castanhão. Nós chegávamos na obra com muitas pessoas de Jaguaribara e impedíamos os trabalhadores de lá trabalharem e dizíamos que, enquanto não tivesse gente do governo para negociar com a gente, a gente não saía dali. A obra parava e no outro dia o pessoal do DNOCS vinha negociar com a gente.”

Francisco Saldanha, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.

O Castanhão				
I	II	III	IV	V
O nosso município está em confusão, Com o plano do governo que traz assombração. Querem fazer no rio Jaguaribe a barragem do Castanhão, porque só traz desmantelo para a nossa região.	Obras como esta não traga para cá, porque o nosso povo mais pobre vai ficar. Nossas casas e nossos bens para onde vamos levar? Jaguaribara é terra boa é preciso preservar.	Eles querem a barragem para fazer irrigação, Mas como vão fazer, sem ter nenhum tustão? Eu quero que o governo tenha mais compreensão, pois não pode construir fazendo destruição.	O povo do baixo vale, interessado está, Eles querem a barragem para as cheias se livrar. Eu vou mandar um aviso: atentos devem ficar, cuidado, meus amigos, a parede é de barro e pode desabar.	Jaguaretama e Jaguaribe, muitas terras vão sumir, eles deveriam a nós se unir, Para nos fortalecer e os direitos adquirir, Já que a construção não podemos impedir.
VI	VII	VIII	IX	X
O nosso povo está na maior aflição, E não acreditamos mais no governo da nação. Eu peço que do povo tenha compaixão, E não faça a barragem Castanhão.	Eles fazem a barragem, acaba com tudo aqui, depois leva as águas para irrigar o Apodi, Limoeiro, Itaiçaba, Jaguaruana, Aracati... Se a barragem arrombar, nas águas irão sumir.	Seu Vicente Fialho, Ministro da Irrigação, Senhor José Sarney, governo da nação, Olhe mais um pouco para nossa região, pense mais em Deus e não faça o Castanhão.	Eu vou agradecer a quem nos tem ajudado. A prefeitura e a igreja que juntos tem trabalhado. O sindicato rural também tem acompanhado. E a nossa diocese que muito tem colaborado.	Este pequeno relato com esforço inventei, amigos me desculpe se ao povo não agradei, pois eu não sou poeta, rimar também não sei. Só sei que este relato aqui mesmo terminei.

Francisco Saldanha, poesia escrita em 25 de junho de 1987.

Fonte: Arquivo paroquial da igreja matriz de Nova Jaguaribara.

Fazer a obra do açude parar por meio da mobilização popular demonstrava que a população de Jaguaribara estava disposta ao enfrentamento. Mais que o enfrentamento, porém, mais que o enfrentamento, procurava o diálogo e a negociação. Havia uma ação comum que os fortalecia enquanto sociedade em busca de uma ativa reivindicação dos direitos. Essa organização política inseria-se em um imaginário religioso-político, a partir do qual as reivindicações tomavam a tonalidade de um drama político-religioso. Polarizavam-se de um lado a situação de exclusão da população – e o respectivo sofrimento ético-político por serem expulsos da própria terra – e de outro o invasor (ou novo invasor³⁴), e afirmam a servidão ao vilão que novamente tem o poder nas mãos para a expulsão dos moradores. Esta polarização acentuava ainda mais o vínculo com a cidade de Jaguaribara e a imagem idealizada como um paraíso, um lugar inesquecível e feliz. Essa imagem revela e reforçava a o sofrimento ético-político e a passividade e não uma ação política mais combativa frente ao governo. Sustentava um corpo coletivo passivo e encobria o processo político conflituoso nesse processo de resistência. Por outro lado, a imagem do invasor, da força exterior que objetiva destruir a cidade é combatida, mas por influência de outra força superior, religiosa ou heroica, onde o povo encontra sua força:

Paródia

Música: Música/melodia: Cidadão do cantor: Zé Geraldo.

I	II	II
Tá vendo aquela cidade, moço? Foi onde eu nasci. Lá o povo se ajuntava, Nunca precisão passava, Todo mundo era feliz.	Mas um homem com ambição Fez uma grande destruição, Trouxe o açude castanhão.	Foi aí, Cristo me disse: Gente, deixe de tolice! Não se deixe amedrontar. Foi eu quem criei a terra. Enchi o rio, fiz a serra. Não deixei nada faltar. Pois o homem com ambição, Trouxe a própria destruição Do que podia criar. Jaguaribara, a, a, a Jaguaribara, a, a, a (bis)

Autor: Edvan, morador de Jaguaribara. Poesia escrita em março de 1997.

Fonte: Arquivo paroquial da igreja matriz de Nova Jaguaribara.

Paródia

Música/melodia: Romaria/Melodia: Elis Regina

É de sonho é do novo A História de um povo, Povo esse de uma cidade simples e pacata. É de dor e alegria, descobertas, ousadia. Do vaqueiro, gente afoita que desafia.	Sou da terra Santa e quase extinta, Jaguaribara do coração, Nossa antiga Santa Rosa, dai proteção, Ô, Ô. Sou da terra Santa e quase extinta,	O invasor Paes Botão expulsou nosso irmão, Outra história dessa se repete com o Castanhão. Eu não vou aqui ficar, só queria lembrar, vou te amar,	Me falaram, porém, de um tal de Tristão. Uniu forças contra o governo e a opressão. Sucumbiu e morreu, consagrou nosso chão Um cenário de libertação.
---	---	--	--

³⁴ Conf. epígrafe do sub-item 1.1 desta parte.

Jaguaribara do coração, Vou te amar, vou te
São quarenta anos de amar.
luta e de emoção.

Autora: Reginalda Brito, moradora de Jaguaribara. Poesia escrita em março de 1997.

Fonte: Arquivo paroquial da igreja matriz de Nova Jaguaribara.

A figura de Tristão Gonçalves é aí tomada como exemplo de força e de heroísmo. Esse imaginário associa-se à luta desse período. A presença dos restos mortais do líder revolucionário nacional na cidade de Jaguaribara é traduzida como força para a continuidade da luta e impulsionava um sentido trágico para a resistência. No entanto, o heroísmo de Tristão Gonçalves, indiretamente, acabou por arrefecer a criticidade da resistência da luta contra o projeto, pois reforçava mais uma visão imaginária, a qual juntava-se fortemente à percepção dos moradores acerca da cidade de Jaguaribara. Podemos perceber nas poesias seguintes a construção da imagem dessa cidade ideal, o que funcionava como um argumento imaginativo da não aceitação da mudança e luta contra os bons e maus.

“Jaguaribara: flor criança”

I
Jaguaribara,
cidade esperança.
A flor criança
No jardim do Ceará.
Quem não te conhece
Não sabe o teu valor.
Quem do Castanhão
é a favor,
é gente sem coração.
É gente que nunca amou
Este pequeno torrão.

II
Governantes
insensíveis
Só eles têm a razão.
Querem inundar
esta flor,
deixando-a no porão,
submergindo uma
história
de luta e tradição.

III
Não deixem
essa flor murchar.
Não aceitem a
inundação.
Vos peço,
oh, filhos meus!
Juntem-se a mim.
Resistam até o fim
À barragem do
Castanhão.

IV
Dá uma dor no coração,
uma vontade de chorar.
Já imaginou um dia?
Ninguém pode acreditar.
Você vai ver Jaguaribara
do sertão virar um mar.

V
Jaguaribara,
o teu ar tem perfume.
Nos rios, os cardumes.
Não águas, a nadar.
Tem gorjeios dos
pássaros.
Tem bandeiras
e tem mastros.
E o mais lindo lua.

VI
Jaguaribara tem
montanhas vistosas.
Tardes cor de rosa.
É assim o meu lugar.
Tem a mão amiga
O mais forte braço,
a mais formosa mulher
e o vaqueiro macho.

VII
É banhada
pelo Jaguaribe.
Sempre alegre,
feliz e atraente.
Onde o céu é tão azul.
Azul da cor de anil
onde o sol brilha
tão quente!
Jaguaribara, tu és
a mais linda do Brasil

VIII
Jaguaribara, tu és linda,
linda, linda.
Que um dia foste
Santa Rosa de Lima.
Onde um dia nasci
e me criei,
fiz versos, canções
E te adorei.
Sempre por ti
tenho admiração.
Jaguaribara querida,
minha Pátria, minha
vida,
Meu estimado torrão.

Autor: Francisco Isac da Silva, morador de Jaguaribara.

Fonte: Poesia encontrada no livro “Minha lembrança não para” (págs. 17 a 19). (conf. nota de rodapé 36.)

“Apelo à sua existência”

I
Como podemos te aceitar
Se tu não és nossa?

II
Por que te destruírem? Te alagarem?
Por que fazerem de ti um lago

Nunca estivemos nesse lugar
E agora viremos para morar!

III

Não é justo roubarem
Esta fotografia viva
Que nos traz recordações
Para nos jogarem em memórias tristes
Da nossa terra querida – Jaguaribara!

Onde não possamos mais pisar
Na terra pura e firme onde nascemos?

IV

Foste vila, pequeno povoado.
Hoje, cidade, já chamada Santa Rosa.
Jaguaribara! Grande nome
Formado por onze letras!
Maior é nossa fé.
Nossa força e nossa luta
Para continuarmos a te ver
Sem nada acontecer!

Autora: Gealina Maria M. de Negreiros, moradora de Jaguaribara.

Fonte: Poesia encontrada no livro “Minha lembrança não para” págs. 40). (conf. nota de rodapé 36.)

Além das poesias, também eram encenadas peças de teatro de rua com a temática da luta contra a construção do Castanhão. E também foram criadas letras e melodias de músicas, as quais eram cantadas durante as manifestações iniciais contra a barragem:

*“Amigo, você imaginou, estão querendo destruir nossa cidade! Com a barragem Castanhão, adeus Jaguaribara, adeus meu coração! Com a barragem Castanhão, adeus Jaguaribara, adeus meu coração.
(...) Eu sou do meu sertão, eu sou do meu sertão, eu sou do meu sertão de todo coração. Nossa Jaguaribara tem tudo o que se quer, vaqueiro corajoso e a forma da mulher. Tem o caboclo forte e moreno de abraçar. Se a gente vai embora, tem logo o que voltar. Eu sou do meu sertão, eu sou do meu sertão, eu sou do meu sertão de todo coração.”*

D. Rosa, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.

“Não, não, não ao Castanhão, não nos moveram com uma aura que vive junto ao rio”.

Reginalda, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.

“Eu sou do meu sertão, de todo o coração, nossa Jaguaribara tem tudo o que quiser, não doo a ninguém, nem vendo a ninguém, faltando água, a sede é de matar, mas Jaguaribe, enchendo, tem água para tomar”

D. Rosa Gago, com ajuda de sua filha, no momento da entrevista realizada em 2011.

É importante lembrar, como dito anteriormente, que os moradores de Jaguaribara tiveram nesse período parceiros institucionais. Junto à sociedade civil, dentre as instituições que apontamos, o IMOPEC³⁵ constituiu uma parceria que construiu com os moradores vídeos, a edição de alguns livros, a promoção de seminários e a construção da Casa da Memória³⁶. No entanto, essa instituição recebia

³⁵ O IMOPEC é uma organização não-governamental, com sede em Fortaleza, que tem por objetivo o estudo da memória cearense.

³⁶ A Casa da Memória foi o resultado de um trabalho conjunto com a população de Jaguaribara e o IMOPEC. Era um projeto **que** objetivava reunir utensílios antigos entre os moradores da cidade, objetos esses que fizessem parte das suas vidas ao longo da vivência em Jaguaribara. O espaço físico onde se coloca esses objetos tem esse nome. A Casa da Memória existe em Nova Jaguaribara, mas já havia sido

financiamentos internacionais, o que suscitava entre os moradores certas disputas na participação das ações da organização. O IMOPEC possuía um caráter documental, de preservação da memória e cultura da cidade e não possuía o aspecto mais combativo que impulsionasse a população para o enfrentamento contra o governo.

Por outro lado, a igreja católica representou para os jaguaribenses, no período da luta, um apoio - combativo em um primeiro momento, mas que, de certa forma, amenizava o conflito com o governo e, posteriormente, teve um efeito centralizador no período da luta por meio de um grupo de freiras que atuavam na cidade, mas, até então, restritas a funções religiosas de catequização.

A liderança forte desse grupo de religiosas era feita por uma figura principal, a Irmã Bernadete Neves, que antes do anúncio da notícia, já tinha o carinho e a admiração dos moradores da cidade.



Foto 14: Reunião dos moradores de Jaguaribara com a líder religiosa a explicar a mudança. Na foto, é a que indica no mapa.

Fonte: Paróquia de Santa Rosa em Jaguaribara.

Na época da notícia da destruição da cidade, década de 1980, a presença e a força das comunidades eclesiais de base no Brasil era forte e vista como um movimento libertário dentro da igreja católica, fundamentado na Teologia da Libertação³⁷. Essa freira tornou-se uma líder comunitária muito atuante no município e em quem os moradores confiavam a organização do movimento de resistência. Aos poucos, a Ir^a

criada na cidade velha durante o período da luta. Houve a doação de inúmeros objetos dos moradores, o que indicava o esforço dos moradores da preservação da memória dos costumes e das experiências quotidianas, que os objetos usados nas famílias deixavam perceber.

³⁷ A Teologia da Libertação é um movimento libertário de cariz teológico, ético e político. Utilizando um modelo marxizante de interpretação da Escritura, tem como objetivo prioritário consciencializar os fiéis perante situações de injustiça social, ajudando-os na luta contra as mesmas. Surge na América do Sul, por volta de 1950 e, a partir de 1968, começa a ter grande influência na Igreja Católica brasileira. O movimento teve seu ponto de maior atividade militante no Brasil na década de 1980 e foi, aos poucos, a partir da década de 1990, perdendo força com o aparecimento das igrejas pentecostais, advindas, principalmente, do movimento de renovação carismática católica.

Bernadete foi tomando a frente do processo de resistência, principalmente devido à sua capacidade de negociação com os poderes estaduais. A população passou a confiar nas ações do grupo das freiras, as quais interpretavam a luta do povo como missão na qual tinha que cumprir como atuantes.

A organização documental das freiras foi criteriosa, resultando em um grande arquivo composto de mais de quarenta pastas³⁸, nas quais estão guardadas inúmeras atas de reuniões, como também relatórios, assinaturas de plebiscitos realizados, documentações institucionais, cartas de políticos, fotos, as primeiras plantas de arquitetura da cidade de Nova Jaguaribara, dentre outros documentos. Em relatório lido em audiência pública no Estado do Ceará, em 2010, essa organização da paróquia conseguiu contabilizar o número de reuniões durante o processo de dez anos da luta dos moradores contra o Castanhão e também a continuidade do processo da luta até a transferência da cidade: um total de 959 reuniões com participação de até 500 pessoas, entre 1985 a 2001.

A Ir^a Bernadete assumiu o lugar de uma heroína, atualizando a imagem de Tristão Gonçalves, que também lutou contra o governo. Esse papel reafirmou o corpo coletivo passivo de Jaguaribara que deposita em algo externo a ação, e pouco contribuía para potencializar um movimento mais combativo e crítico contra o projeto do governo. Podemos ver nas poesias seguintes, uma postura de criticidade dos poetas, mas que era atenuada pela imagem que os mesmos construíram da freira, como alguém externo que luta por eles, reconhecendo na Ir^a Bernadete o baluarte da luta e do heroísmo e não no próprio movimento de resistência dos moradores.

Rosa Bela do Sertão

<p style="text-align: center;">I</p> <p>Supremo Deus poderoso Mandai-me o Espírito Santo, Iluminai minha mente, Proteja-me nesta rima Fazei de mim sábio poeta Para esta história narrar.</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p>Os versos que aqui retrato contam o conflito de um povo lutando contra o poder do dinheiro e da ambição da politicagem nojenta desta corja sem valor.</p>	<p style="text-align: center;">III</p> <p>71 anos depois tudo veio à tona. O Presidente Paes de Andrade, que tinha assumido provisoriamente o lugar do presidente José Sarney, assinou a construção da barragem Castanhão.</p>	<p style="text-align: center;">IV</p> <p>A barragem que falo Chama-se Castanhão. Veio de plano qualquer surgido de mentes vazias, perseguindo um povo pacato e trabalhador.</p>
<p style="text-align: center;">V</p> <p>O povo aqui citado reside em uma cidade</p>	<p style="text-align: center;">VI</p> <p>Jaguaribara, município cearense, situado no médio</p>	<p style="text-align: center;">VII</p> <p>Com produção bovina, 20 mil cabeças sendo, Assim, responsabilmente,</p>	<p style="text-align: center;">VIII</p> <p>Foi em agosto de 85 que a notícia aqui chegou,</p>

³⁸ Durante a realização desta pesquisa, este arquivo foi encontrado na Casa Pastoral de Nova Jaguaribara

pequena no tamanho,
grande no coração:
denominada
Jaguaribara
Rosa Bela do Sertão.

Jaguaribe
Com a população de
12.713 habitantes,
530 proprietários não
legalizados.
São 52% na totalidade,
A maioria em força
produtiva.

por produção diária,
De 28 mil litros de leite,
ouro branco invejado.

Avisando a construção
da barragem do
Castanhão.
Comportar 6,8
bilhões de metros
cúbicos,
esse monstro
devorador.

IX
Suas finalidades principais:
controlar enchentes do rio
Jaguaribe,
irrigar terras da Chapada do
Apodi,
abastecer de água Fortaleza,
finalidade ocultíssima:
ninguém sabe e nem viu.

X
Falam que o Castanhão
é o progresso desta terra.
Concordo e descordo na hora,
pois sei o motivo oculto
de quem será a terra
e a quem irá servir?

XI
Não, não é minha,
não também será sua, será
daquele ricão
Grande poderoso latifundiário,
que é o dono de tudo
E o pobre que se vire

XII
Jaguaribara não é contra
ao tão falado progresso.
É contra a injustiça
deste povo do poder.
Contra esta miséria
Que chamam indenização.

XIII
O deputado que falou
que Jaguaribara é pequena
não sabe o que é amor
de um povo à sua terra,
que batalha dia a dia
Lutando de Sol a Sol.

XIV
Os personagens desta luta
a que mais se destaca:
Irmã Bernadete, guerreira,
defensora da pobreza
do povo desprotegido,
Esquecido do governo.

Autor: Divalci Lopes Marluz, morador de Jaguaribara.

Fonte: Poesia encontrada no livro “Minha lembrança não para” (pág. 30-33) .(conf. nota de rodapé 36.)

Jaguaribara, a história como foi

I
No ano de 85
Francini era prefeito.
Ia tudo tão direito,
que até saudades eu sinto.
Mas, entrando num recinto,
na sala do governador,
veio a notícia e a dor
de uma tal contrução
da barragem Castanhão.
Em cima da mesa, o projeto
e com eles os dejetos
da nossa destruição.

II
A notícia se espalhou,
Jaguaribara ouviu,
o povo todo partiu
e em Fortaleza chegou
diante de um senador,
um tal de Paes de Andrade,
que era pra estar atrás das grades
por a ideia ter concebido
pra que esse povo querido
fugisse de sua terra,
corresse, fosse pra serra
morar nas grutas escondido.

III
Os anos se passaram,
O povo não se entregou,
Os braços não se cruzaram,
povo pouco chorou.
Tem a irmã Bernadete
foi a quem mais lutou.
Foi pra baixo foi pra cima
E, pra não perder a rima,
até a obra embargou.

IV
Imaginem os senhores
a dor que estamos passando
por causa dos governantes
que estão nos retirando,
eles todos sorrindo,
com semblantes de menino
e o povo aqui chorando.

V
Teve o problema da terra,
teve o problema agrário.
Governador não veio,
mas mandou seus secretários.
Prometeram mundos e fundos
enganaram a todo mundo
e aqui não mais pisaram

VI
Apareceu um dinheiro
pra pagar indenização.
A uns pagaram logo,
outros pagaram não.
Com a influência política,
muita gente vai ficar rica
com a barragem Castanhão.

VII
Com a barragem Castanhão
e eu aqui vou saindo,
fazendo minha despedida

com as lágrimas caindo.
Na minha terra querida
que em outros tempos não para
Adeus, Jaguaribara
Adeus, até a outra vida.

Autor: Geovane Eduardo Araújo

Fonte: Poesia encontrada no livro “Minha lembrança não para” (pág. 34-39) .(conf. nota de rodapé 36.)

A primeira poesia acima sustenta a imagem de um poder político que age sobre a cidade, a qual é exaltada por suas qualidades com a descrição de um povo também idealizado, inofensivo e associado à fraqueza, (*perseguindo um povo pacato e trabalhador*), o qual é considerado vítima desse processo. Esta imagem reforça a percepção de uma diferença de poderes, de forma que é constatado que a força maior vem de fora. No entanto, a desconfiança frente às reais intenções da construção do açude Castanhão (*finalidade ocultíssima: ninguém sabe e nem viu*) leva o poeta a pensar que o objetivo verdadeiro do projeto do governo é a intenção de beneficiar a classe produtiva-industrial do Estado e favorecer a elite interessada na execução da obra (*Grande poderoso latifundiário/que é o dono de tudo/ E o pobre que se vire*). Isso demarca uma outra força em jogo na construção do açude que perpassa na base desse processo: a percepção da desigualdade social e o sofrimento advindo da situação de exclusão (*Jaguaribara não é contra ao tão falado progresso/ É contra a injustiça deste povo do poder*). O poeta refere-se, logo em seguida, à questão das injustas indenizações dadas pelo governo à população. Aqui, outra desigualdade e força conflituosa de poderes é percebida e há a indicação de que a luta pelas indenizações possuía um caráter conflituoso na disputa de favorecimentos políticos. A população presenciava o fato de que quem possuía maior poder político-econômico eram os maiores beneficiários das indenizações na nova cidade. Essa diferenciação do direito à nova cidade acentuava o sofrimento ético-político nesse processo de remoção. Essa realidade promovia-lhes insegurança frente à transferência forçada e ao justo direito à cidade. Isso acentuava a figura da Ir^a Bernadete, que é, então, exaltada como defensora: (*Irmã Bernadete, guerreira/ defensora da pobreza/ do povo desprotegido/Esquecido do governo*).

Além disso, as indenizações dadas pelo governo já eram um fator de diferenciação social, pois as casas na cidade planejada foram dadas conforme o tamanho das casas na cidade de Jaguaribara. As casas em Nova Jaguaribara são iguais no modelo, mas diferentes nas dimensões: 50m²; 75m²; 100m²; 125m² e 150m². Conforme uma moradora³⁹ da cidade: “*Existiam esses três projetos de acordo com o tamanho da casa*

³⁹ Emanueli, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.

das pessoas lá na velha Jaguaribara”. Essa diferenciação na nova cidade demarcava claramente a desigualdade social e a exposição da diferença de classes sociais na nova cidade.

Na poesia seguinte, a freira é novamente diferenciada como a mais importante na luta, a que realmente agiu e produziu resultados concretos: *(Tem a irmã Bernadete/ foi a quem mais lutou/ Foi pra baixo foi pra cima/ E, pra não perder a rima,/ até a obra embargou)*. Na estrofe seguinte, novamente o sofrimento ético-político é evidenciado: *(a dor que estamos passando/ por causa dos governantes)*. Um sofrimento agora mais associado ao descrédito do poder público estadual, o qual na verdade, não atende as reivindicações do povo: *(Governador não veio,/ mas mandou seus secretários./ Prometeram mundos e fundos/ enganaram a todo mundo.)* e desconfiança do favorecimento político aos que iam se beneficiar de melhor maneira das idenizações, tema recorrente nesta poesia: *(Com a influência política,/ muita gente vai ficar rica/ com a barragem Castanhão)*. A Ir^a Bernadete, nesse processo, representou a porta-voz e a força política ‘externa’, mas inserida na comunidade de Jaguaribara, alguém que podiam confiar, frente ao total descrédito dos jaguaribenses nos poderes públicos.

O processo de resistência foi deflagrado pelo anúncio da construção do açude Castanhão. Como descrevemos até agora, esse momento foi o momento de resistência contra o projeto do governo. Um segundo momento, o qual mudou o propósito da luta, foi a decisão final do COEMA, favorável à construção do açude. Podemos ler no relato seguinte como se deu essa mudança entre os moradores:

“Primeiramente, quando a gente soube que ia se mudar e o governo ia fazer essa barragem, a gente começou uma luta para tentar evitar de fazer a barragem. Um bocado de gente reunida, o sindicato, a igreja. Quando a gente percebeu que não tinha jeito de empatar ela [sic], então nós fomos trabalhar para os nossos direitos: quem tinha uma casa, recebesse uma casa, quem não tivesse casa, fosse assentado num assentamento, todos tivessem o direito de uma vida digna de trabalhar e criar seus filhos.”

(Sr. Tachinha, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

A mobilização popular e a resistência da população de Jaguaribara, enquanto sociedade que se unia em torno de um objetivo comum, foi forçada a mudar o conteúdo desse propósito, depois de dez anos de luta contra a implementação da obra do Castanhão. Outro objetivo se compunha nesse processo: não mais a luta contra a construção do açude, mas a luta pelas idenizações das casas e da construção de uma cidade planejada com condições dignas para os moradores transferidos.

Imediatamente à concessão da licença, o governo instituiu o Grupo Multiparticipativo (GM) pelo decreto nº 23.752, de 18 de julho de 1995, tendo como principais objetivos: apoiar e articular as ações referentes à conclusão do empreendimento Castanhão e assegurar o reassentamento da população rural impactada pela obra. Este grupo⁴⁰ tinha o propósito de criar uma gestão participativa na construção do açude.

No entanto, a criação do GM foi uma estratégia política do governo para amenizar a força da mobilização popular (já que houve dez anos de resistência dos jaguaribenses). Nas reuniões com os moradores, os membros do grupo multiparticipativo estavam presentes em número considerável e os moradores tinham poucos minutos para exporem suas opiniões. A presença da Ir^a Bernadete como membro da sociedade civil, representante de Jaguaribara, favorecia que ela fosse a porta-voz dos moradores. O Grupo Multiparticipativo, assim, institucionalizou a participação popular ou tirou da mesma o teor do conflito, uma vez que este Grupo passou a gerenciar a construção do Castanhão e a ser um veículo de negociação das idenizações e da construção da cidade planejada. Os jaguaribenses participavam em votações de assuntos objetivos como a construção das casas, a posição dos equipamentos públicos na cidade nova, dentre outros assuntos. Apesar disso, a participação popular continuou, mas com outro objetivo e sem o conteúdo combativo de resistência mais coletivo como no início da luta.

Por fim, chegou o momento da mudança. O governo procurou criar rituais de passagem Braz (2001), sustentado por imagens já presentes na população, provenientes das poesias ou da religião, transformando o drama em tragédia. O poder institucional-político torna-se o justiceiro que vem acalmar a população e assegurar-lhes o futuro próspero na cidade planejada.

O acréscimo do adjetivo ‘Nova’ à palavra Jaguaribara foi dada pelo governo desde o início da construção da cidade planejada. Segundo Isac Silva, morador de Nova Jaguaribara, esse acréscimo não é adotado pela maioria dos moradores por não considerarem ser uma nova cidade, mas apenas a transferência de um lugar a outro. Para

⁴⁰ Os membros do GM eram: Secretário da Agricultura e Pecuária do Estado. (presidente); um representante da Secretaria do Planejamento e Coordenação; um representante da Secretaria de Recursos Hídricos; um representante da Secretaria de Infra-estrutura; um representante da Secretaria do Desenvolvimento Local e Regional; um representante da Secretaria da Ação Social; um representantes da sociedade civil dos municípios (dois de cada) Jaguaribara, Jaguaretama, Morada Nova e Alto Santo; dois representantes do DNOCS; um representante do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e dois representantes da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará.

os moradores, a cidade continua sendo deles, não existindo outra. A mídia nacional, regional e o próprio governo adotam indiferentemente o termo 'Nova Jaguaribara' ou Jaguaribara. No entanto, usam mais frequentemente o acréscimo do adjetivo 'Nova'. Segundo esse morador, na entrada da cidade, o governo do Estado havia colocado uma placa indicando o nome de 'Nova Jaguaribara'. Pouco tempo depois da inauguração da cidade, os moradores alteraram a placa como protesto: pintaram com cor branca o adjetivo "Nova", ficando somente a palavra Jaguaribara.

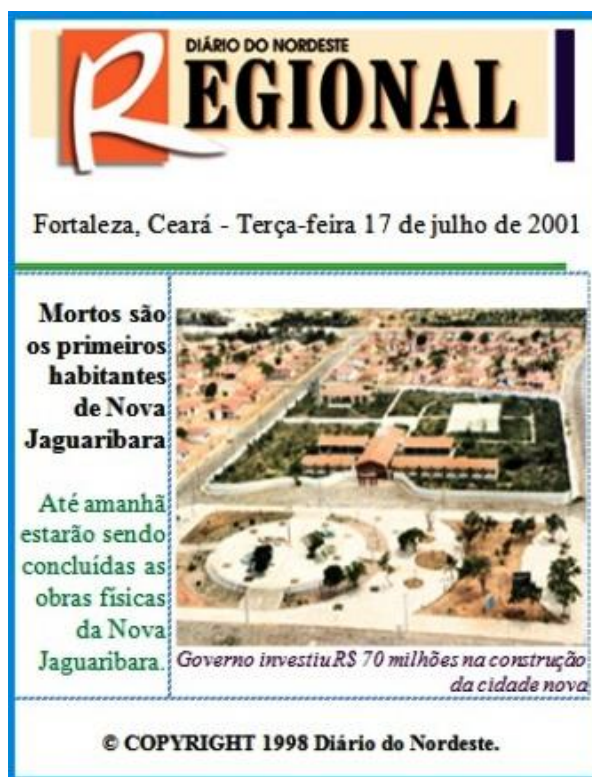


Foto 15: Entrega das chaves de Nova Jaguaribara ao povo de Jaguaribara no dia de inauguração da cidade.

Fonte: Vídeo gravado pelo IMOPEC – *Pelos caminhos da memória.*

1.2 A cidade de Nova Jaguaribara

1.2a Caracterização sócio-política-econômica



Alguns meses antes da mudança oficial da população para a Nova Jaguaribara⁴¹, a notícia acima foi veiculada na data mencionada por um dos jornais que circulam no Estado do Ceará. A frase inicial – bem chamativa – refere-se ao início do processo da transferência das pessoas da cidade de Jaguaribara à Nova Jaguaribara. Os primeiros transferidos foram os mortos do cemitério de Jaguaribara, os quais foram transladados em urnas e organizados por nomes. Estas encontram-se hoje localizadas nas paredes que circundam o cemitério atual da nova cidade, enquanto que as pessoas que morreriam em Nova Jaguaribara iriam ser enterradas no meio do cemitério, nos devidos lugares em covas no chão. As urnas eram iguais e não se diferenciavam de acordo com o estatuto social de cada família da cidade antiga⁴². Segundo Perote (2006, p. 162) esse foi um momento de grande comoção da cidade.

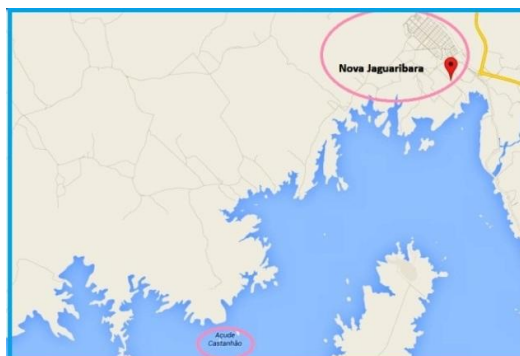
⁴¹ Ver nota de rodapé 14.

⁴² Ver Braz (2011, p. 34).

A cidade de Nova Jaguaribara foi construída numa área de 3.128,95 (668 km²), a uma distância de 50 km da cidade anterior e a 219 Km de Fortaleza, a capital do Ceará. Podemos visualizar no mapa sua localização:



Mapa 2: Localização de Nova Jaguaribara do açude Castanhão no Brasil e no Ceará.



Mapa 3: Localização de Nova Jaguaribara em relação ao açude Castanhão.



Foto 16:: Município de Nova Jaguaribara
Fonte: Cavalcante, 2006.

Foi criado um novo símbolo para a cidade, por meio de um concurso de artistas, e aprovado pela Câmara Municipal em 06 de dezembro de 2011. Neste símbolo, não mais há a referência ao rio, o qual era muito presente na simbologia da cidade anterior⁴³. A seguir, podemos ver o novo símbolo da cidade:

⁴³ Segundo o Artigo aprovado pelos vereadores: Art. 1º - “O brasão Oficial da Jaguaribara está representado por um escudo, sendo parte da Bandeira do Município de Jaguaribara, anexo da Lei Municipal nº. 638/07 de 25 de junho de 2007, nas cores verde, azul e amarelo; o verde representando os ramos dos cajueiros e a esperança; o cacto representando a resistência e a aspereza da terra; a cor azul, cor das águas, do céu, do pensamento elevado, sendo símbolo da verdade, da lealdade, da serenidade, da amizade, da fidelidade, da doçura, da sabedoria, do equilíbrio e da perfeição infinita. O amarelo representa o Sol sobreposto por aves voando e o solo árido do sertão.”



Figura 2: Brasão Oficial de Nova Jaguaribara

A população de Nova Jaguaribara, pelos dados do IBGE em 2010, é de 10 399 habitantes. Braz (2011, p. 98) assinala que “no ano de 2007, a população da cidade era composta por 9.780 habitantes, sendo moradores da zona urbana 6.415 (65,59%) e da zona rural 3.365 (34,41%); destes, 4.923 (50,34%) homens e 4812 mulheres (49,20%).” A mesma autora analisa que no ano “2000, na antiga cidade, havia 3539 habitantes residentes na zona urbana e, em 2007, o número aumentou para 6415 habitantes, ou seja, houve um aumento de 81,27% de moradores na zona urbana em sete anos. Neste mesmo período, a população da zona rural decresceu 35,18%.” .

Essa análise nos indica que a cidade de Nova Jaguaribara caracteriza-se com uma área urbana maior da área rural, onde estão os assentamentos rurais, os quais receberam a população da área rural da cidade anterior. O único Distrito pertencente à esta cidade, chamado de Poço Comprido, foi transferido para a área urbana da cidade de Nova Jaguaribara, o que diminuiu a extensão rural da cidade planejada.

Em 2001, a cidade foi entregue à população com 1.030 residências e 100 edificações comerciais, além de equipamentos, igrejas e prédios institucionais, segundo Cavalvante (2006). A Secretaria de Infraestrutura do Estado do Ceará, SEINFRA, entregou à população imóveis com aparência exterior igual, mas com modelos diferentes que variavam de tamanho, de acordo com extensão das casas dos moradores em Jaguaribara. As casas entregues variavam em torno de 50m², 75 m², 100 m², 125m² e 150 m². Abaixo, podemos ver algumas fotos das casas no modelo original, como o governo entregou, e das casas reformadas pelos moradores:



Foto 17: Casas no modelo original (acima) e reformadas pelos moradores (abaixo).

A cidade de Nova Jaguaribara é plana, com a presença de ruas largas com paralelepípedos. A área central concentra os equipamentos públicos mais importantes como a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, o Fórum, a “Casa de Cidadão” (onde ocorre a maioria dos serviços públicos), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, uma agência dos Correios, uma do Banco do Brasil, um posto de saúde, além da igreja matriz de Santa Rosa de Lima, a principal da cidade⁴⁴. Um pouco mais afastado desse conjunto, há um terminal rodoviário, um hospital, uma escola de ensino fundamental, outra escola de ensino infantil e uma escola de ensino médio, o Liceu e um Centro Vocacional Tecnológico. A cidade também conta com uma vila olímpica, um completo saneamento básico, abastecimento de água e esgotamento sanitário.

Em frente à praça central, há a Igreja Matriz de Santa Rosa de Lima e, no lado oposto, há uma grande rotatória - na qual os carros podem ir por outras direções na cidade. Aí, encontra-se um centro comercial com lojas de roupas, eletrodomésticos, farmácia, mercantis médios e o mercado público. A partir dessa área central, dispõem-se as casas, separadas uma das outras por muros baixos, os quais foram sendo modificados pelos moradores.

Além dessas casas, o governo construiu os conjuntos habitacionais feitos para pessoas que moravam em coabitação na cidade anterior. O governo do Estado não considerou a coabitação equivalente a uma residência, tendo, portanto, dado o direito a uma casa, nas dimensões especificadas anteriormente, ao dono de residência em

⁴⁴ Essa Igreja foi feita como réplica da original na cidade antiga, sendo o resultado de um plebiscito.

Jaguaribara. As famílias agregadas que moravam juntas morariam, na nova cidade, nos conjuntos habitacionais. Estes eram em número de dois: o Projeto Habitat Brasil e o Mutirão (hoje chamado de Bairro Nossa Senhora de Fátima). Também foram criados dois conjuntos habitacionais chamados IDACEs para as pessoas que moravam na zona rural e preferiram receber a sua casa na área urbana. Nesses conjuntos, as casas são todas conjugadas como na velha cidade e esses conjuntos habitacionais assemelham-se nesse aspecto à cidade anterior.

A área rural do município de Nova Jaguaribara é composta por três assentamentos rurais chamados de Mandacaru, Curupati Irrigação e Curupati Peixe. Esses assentamentos foram criados concomitantes à construção da área urbana do município para atenderem aos moradores que moravam na zona rural da cidade anterior. Somente a população do distrito de Poço Comprido, que pertencia à área rural de Jaguaribara, foi transferida para a área urbana da cidade de Nova Jaguaribara, constituindo hoje um dos bairros da cidade planejada. O assentamento do Mandacaru destina-se à criação familiar de gado leiteiro. O Curupati Irrigação destina-se ao cultivo de frutas como mamão, goiaba, macaxeira e banana para comércio local e regional. E o Curupati Peixe tem a produção voltada para a criação de peixe. No entanto, os projetos governamentais prometidos desde o início da cidade - os quais alargariam tais produções de pequeno para médio e grande porte - ainda não foram cumpridos totalmente, sendo um dos pontos de discussões e protestos dos moradores em audiências públicas com o governo do Estado.

Quanto ao aspecto da participação popular, tão motivador na antiga cidade devido ao processo da resistência, a cidade de Nova Jaguaribara não possui veículos de participação social como nos últimos anos da cidade anterior. Segundo os entrevistados, a Associação dos Moradores arrefeceu suas atividades ao longo dos 13 anos da cidade e a Casa da Memória (onde estão os objetos antigos dos moradores) não é um lugar muito frequentado, não havendo uma equipe mais consistente de pessoas que divulguem a importância desse espaço para a cidade enquanto patrimônio cultural e histórico. Os moradores pouco se sentem mobilizados coletivamente para discutir a cidade e apenas, (e com a gerência da prefeitura) é que manifestações ocorrem frente a questões pontuais como protestos contra a violência na cidade ou relativamente a temas como a preservação do meio ambiente. No entanto, constituem-se em atos isolados que não fazem parte de uma conjuntura de um processo contínuo de participação popular.

Também segundo os entrevistados, as festas populares, muito comuns na cidade anterior, são realizadas na cidade de Nova Jaguaribara. No entanto, estas festas não são vivenciadas com a mesma intensidade da participação popular como era na outra cidade.

2 As perspectivas teóricas do estudo

As perspectivas teóricas da Tese são a Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski e a Filosofia de Espinosa. A Psicologia Sócio-Histórica tem por fundamentos epistemológicos e ontológicos a perspectiva materialista-histórico-dialética de Karl Marx e a filosofia de Espinosa. Os estudos sobre a filosofia espinosana, Marx e Vigotski são desenvolvidos pelo NEXIN, núcleo de pesquisa do qual participo na PUC/SP. A Psicologia Sócio-Histórica tem seu início na Rússia, após a revolução bolcheviche, pela autoria, especialmente, de Vigotski, que se recusou a rotular sua psicologia de marxista como, formalmente, estavam fazendo todos. Propõe elaborar o ‘Capital’ da Psicologia, usando o método dialético. Esse método, segundo Vigotski, permitiria superar as dicotomias entre subjetividade e objetividade e, assim, analisar o psiquismo com o contexto sócio-histórico.

Vigotski, um dos principais autores da Psicologia Sócio-Histórica, fundamentou seus estudos - dentre outros autores - em Marx e em Espinosa, os quais orientaram suas investigações acerca dos afetos na dimensão ético-política. É por Vigotski que Espinosa passa a ser referenciado na Psicologia Social, principalmente nos estudos da Prof^a Dr^a Bader Sawaia da PUC/SP. Vigotski admirava a obra de Espinosa. Este era, como ele afirma, seu filósofo preferido e é nele que encontra as bases da sua teoria das emoções. Ambos consideram que os afetos revelam a experiência das condições sociais em que se encontram. Para melhor explicar o referencial teórico, irei apresentar a psicologia sócio-histórica e seu esforço para introduzir o marxismo e a espinosismo na psicologia.

A Psicologia Sócio-Histórica compreende os processos psicológicos em uma perspectiva que vai além da filogênese e da constituição biológica e entende que o desenvolvimento do psiquismo faz-se a partir da base material e do processo histórico. Com isso, o indivíduo age no contexto sócio-econômico e cultural por meio do trabalho no modo de produção específico e constroe, nesse contexto, a singularidade na universalidade. O psiquismo desenvolve-se, pois, na sociabilidade. Esse é o ponto de

encontro entre a Psicologia Sócio-Histórica e o estudo dos afetos na perspectiva de Espinosa, uma vez que os afetos acontecem nos encontros dos corpos com outros corpos e, dentre esses corpos, no caso dos indivíduos, no encontro dos indivíduos com outros indivíduos, inseridos no processo histórico-político-cultural de uma dada sociedade, ou mesmo, de um certo modo de vivência do urbano. Daí a dimensão ético-política dos afetos.

2.1a A Psicologia Sócio-Histórica

‘O Brazil não conhece o Brasil.
O Brasil nunca foi ao Brazil.
Tapir, jabuti, liana,
alamandra, alialaúde.
O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil
Jereba, saci, caandrades.
Cunhãs, ariranha, aranha.
Sertões, Guimarães, bachianas,
E marionaíma, ariraribóia (...)’.⁴⁵

Na epígrafe acima, a música cantada por Elis Regina, sob o sotaque norte-americanizado de ‘Brazil’ com ‘Z’, percebe-se o sabor penetrante da crítica de sua voz aguda e sutil. Os diversos e estranhos nomes traduzem a imensidade de um país que não se compreende facilmente: ‘*O Brazil não conhece o Brasil*’. Os que veem de fora não alcançam a sua profundidade caleidoscópica. Tapajós e Blanc escrevem sobre um país múltiplo, com realidades distintas e com um uma sociedade multicultural próprias de um processo histórico com intensa mistura de raças e costumes (representada por nomes diversos de espécies de animais misturado com nomes populares, de pessoas e de lugares) : ‘*Jereba, saci, caandrades. Cunhãs, ariranha, aranha. Sertões, Guimarães, bachianas. E marionaíma, ariraribóia*’. Além dessa multiculturalidade, a ideia «Brasil» complexifica-se na diversidade de tipos de territórios em uma mesma região, o que favorece uma configuração múltipla de costumes ou problemas sociais.

A ironia da música cantada na década de 70 denuncia um país com um potencial imenso de riquezas diferenciadas, mas ameaçado, na época, pela crise política resultante de uma ditadura que ‘*destruiu a democracia e suprimiu, através da violência, o processo revolucionário*’⁴⁶. E a ameaça do poder externo de dominação é expressa no ‘Z’ do ‘Brazil’. ‘*O Brazil tá matando o Brasil*’. Nesse período de 1970, a crítica popular

⁴⁵ (Música: *Querelas do Brasil*, composta por Maurício Tapajós e Aldyr Blanc e cantada por Elis Regina)

⁴⁶ Contribuição da Prof^a Marilena Chauí na banca de arguição da defesa da tese.

ao sistema ditatorial e a crítica às desigualdades sociais existentes (principalmente, através das expressões da arte e das manifestações populares) iniciam um processo de contestação mais permanente que consegue, aos poucos, minar a força da ditadura e expressar o anseio da liberdade de um povo que queria de volta a democracia.

É exatamente nesse contexto, comum a outros países da América Latina, que a Psicologia Social no Brasil é pensada de uma outra maneira. Um contexto político de intensa desigualdade e abuso do poder internacional e nacional e um contexto científico de crítica à ideologização da ciências. Em 1976, o Congresso Interamericano de Psicologia (SIP) critica as teorias importadas, a orientação clínica e o caráter a-histórico das abordagens da psicologia em geral e propõe novos caminhos para a intervenção dos psicólogos sociais (LANE, 1989, p.11) nos contextos específicos latino-americanos, em contraposição a contextos europeus ou norte-americanos que pensavam uma intervenção de acordo com as suas próprias realidades. Desse encontro, sai a proposta de criação de associações de Psicologia Social nos países latino-americanos que leva à criação da Associação Venezuelana de Psicologia Social (AVEPSO) e a Associação Latino-Americana de Psicologia Social (ALAPSO) e a ABRAPSO.

É no envolvimento com essas discussões que os psicólogos sociais brasileiros repensam suas práticas nos consultórios e nas instituições e revisitam suas formas de ensinar Psicologia Social e suas teorias. Mais precisamente, a professora Sílvia Lane e sua equipe de pesquisadores na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)⁴⁷ iniciam pesquisas e buscam novas teorias que respondessem aos problemas brasileiros com todas as vicissitudes decorrentes de um contexto de desigualdades sociais e de exclusão da maioria da população.

Silvia Lane assumiu o objetivo de cunhar um novo sentido do objeto da psicologia social, defendendo o reconhecimento do caráter social e histórico do psiquismo e do comportamento humanos; pesquisar as questões nacionais, escolhendo os problemas sociais relevantes, mas sem perder a especificidade do objeto da psicologia, embora reconhecendo o primado do social sobre o psiquismo. Queria, acima de tudo, pensar uma Psicologia Social que colaborasse com a transformação social. O objetivo primordial era ir além do modelo tradicional de uma ciência “psi” voltada para si mesma e presa ao academicismo. Uma ciência que, até então, teorizava sobre um

⁴⁷ Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP.

sujeito fora da história e uma teoria fora do sujeito, dentro de interpretações abstratas sobre o psiquismo humano.

A Psicologia Sócio-Histórica inicia, assim, o objetivo de construir um corpo teórico-metodológico para a Psicologia Social brasileira que levasse os psicólogos sociais a refletirem sobre suas práticas nas comunidades ou nas instituições na perspectiva de empreenderem críticas às maneiras de atuarem de forma adaptativa e segundo os interesses do capital (no caso das empresas) e para os interesses de uma política partidária (no caso dos serviços públicos) e passarem a intervir na realidade brasileira de uma maneira mais transformadora.

Essa equipe de pesquisadores da PUC/SP adota o marxismo como teoria social e passa a buscar teorias psicossociais capazes de superar a dicotomia entre subjetividade e objetividade e pensar o ser humano histórico inserido em um contexto social determinado. Os processos psíquicos não seriam, portanto, manifestações intrínsecas de uma subjetividade abstrata, mas processos construídos socialmente e desenvolvidos a partir da vivência intersubjetiva e das condições materiais existentes na vida da coletividade. Sílvia Lane traduz isso nesse trecho: *‘Se o positivismo, ao enfrentar a contradição entre objetividade e subjetividade, perdeu o ser humano, produto e produtor da História, se tornou necessário recuperar o subjetivismo enquanto materialidade psicológica’* (LANE, 1989, p.15). Essa frase de Sílvia Lane vai ao encontro da reflexão de Barata-Moura ao comentar qual o lugar da subjetividade em um pensar dialético materialista:

‘E a intimidade, a subjetividade individual, a relação dialógica? – pergunta-me-eis - haverá lugar para elas num pensar dialético materialista? Certamente que sim. Trata-se de dimensões constitutivas da realidade humana, e como tal podem e devem ser pensadas (...) O materialismo consequente não exclui a subjectividade, nem a despacha expeditivamente para a prateleira dos subprodutos negligenciáveis no quadro de uma abordagem dualizante (no limite: ontológico dualista) da questão do ‘primado’ (BARATA-MOURA, 1997, p. 57).

Para Sílvia Lane, a opção pela perspectiva marxista ao tentar construir uma nova postura epistemológica para a Psicologia Social explica-se pelo fato de que o marxismo rompe com o positivismo e entende a subjetividade na perspectiva histórica e das condições materiais concretas. A partir do materialismo histórico e dialético e a perspectiva da historicidade dos processos psicológicos, a Psicologia Sócio-Histórica leva à compreensão dos indivíduos em uma pesquisa que os considera inseridos em sua totalidade histórica, no meio de uma realidade concreta, na qual há a construção do

psiquismo a partir das mediações que o contexto social imprime. Não há um sujeito e um objeto dicotômicos, mas sujeito e objeto estão profundamente imbricados e mutuamente significados um ao outro. As categorias tradicionais da Psicologia Social, provenientes de uma postura experimentalista ou de laboratório – como o estudo das influências sociais, o que seria uma interação social e seus efeitos sobre grupos, por exemplo – não mais davam conta de perceber um sujeito histórico, o que a perspectiva materialista-histórica-dialética coloca como aspecto fundamental.

A Psicologia Social com o materialismo-histórico-dialético muda de foco ao estudar o indivíduo na coletividade porque deixa de se preocupar em classificar ou tipificar os comportamentos para um possível enquadre à produção capitalista para entender que essa mesma realidade produz contradições e realidades distintas, a partir das quais se pode compreender a singularidade humana mediante múltiplas determinações em um processo ativo da história dos homens que constroem a consciência e a vida. Como Marx afirma: *‘Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas, ao contrário, sua existência social é que determina sua consciência’* (MARX, ENGELS, 2004, p. 79).

Nessa concepção, a subjetividade não é determinada socialmente, mas contém o social, não existe sem ele, pois é produzida no processo de produção da história. Portanto, a subjetividade é intersubjetividade, segundo Vigotski. O indivíduo é determinado, mas não perde seu caráter de sujeito. É ativo no processo de construção da história. Vigotski ressalta que o psicológico é determinado, mas não é massificado. Ele tinha grande preocupação em explicar a singularidade e criou vários conceitos para garantir a dialética social/singular, bem como para defender o potencial para a ação e para a transformação, pois o indivíduo é capaz de agir numa realidade dinâmica e contraditória.

A preocupação da Psicologia Sócio-Histórica de *‘conhecer como o homem se insere no processo histórico’* (LANE, 1989, p. 10) deixa bem clara a concepção de reconhecê-lo como ativo em sua realidade concreta, considerando que ele pode ser agente de transformação social. A história material desse homem ativo constroem o quadro de sua vida, de suas emoções, da memória, dos afetos.

O NEXIN, núcleo de pesquisa de exclusão/inclusão social da PUCSP, do qual participo, continua a buscar em Sílvia Lane o aperfeiçoamento conceitual para superar a dicotomia entre subjetividade e objetividade, singular/universal. Destaca, dentre essas, a dicotomia razão/emoção, entendendo a afetividade como fenômeno singular e social e,

assim, passa a fazer pesquisas sobre afeto na perspectiva ética e política que envolve a historicidade e retira do olhar míope da Psicologia tradicional a percepção das emoções e dos sentimentos como algo meramente intraindividual e a consciência como exclusivamente racional. Vigotski foi pioneiro na introdução dessa concepção de afeto na psicologia, como indissociável do pensar e do agir, elegendo-o como base da ação e da palavra. Concepção que vai encontrar em Espinosa.

Nesse sentido, tentar compreender os afetos como processos psicossociais é tentar compreendê-los em seu processo histórico: a dinâmica afetiva é histórica, posto que os afetos *‘são sempre contextualizados, por isso nunca podemos esquecer o dado histórico que os influencia profundamente’*⁴⁸ e esta dinâmica não é isolada no psiquismo e não se pode separar os afetos do conjunto dos fenômenos psicológico superiores. Sawaia (2009, p. 366), analisa os afetos a partir da perspectiva de Vigotski e de Espinosa e fundamenta-se nesses autores para pensar que “(...) a emoção e a criatividade são dimensões ético-políticas da ação transformadora, de superação da desigualdade”. Mediante a constatação do sentimento como constitutivo da consciência, o estudo das emoções tornou-se para Sawaia um eixo epistemológico fundamental.

A análise da afetividade na dimensão ético-política é realizada a partir desses autores pela positividade epistêmica com a qual analisam os sentimentos e as emoções. A autora identifica três contribuições de Espinosa à Psicologia: “(a) a junção indissociável entre corpo e mente e a relação entre o poder do corpo de ser afetado e sua potência de ação; (b) a junção indissociável entre ideia e emoção e (c) a junção indissociável entre afeto e ética.”. Para garantir tal concepção na análise dos afetos, Sawaia cunhou o conceito de sofrimento ético-político que advém do processo de afetos gerados em uma situação de exclusão social. Pretendia buscar uma categoria de estudo na qual pudesse compreender as rupturas entre “o agir, pensar e sentir (...) que ocasionam a supressão da emoção e anulação do pensar na atividade” (Sawaia, 1994, p. 50), corroborando com suas conclusões de sua tese de doutorado. Denomina a miséria, a heteronomia, o medo e a passividade como conseqüências dessas rupturas. Portanto, o conceito de sofrimento ético-político foi criado na interface entre subjetividade e sociedade.

⁴⁸ Comentário de Maria Luísa Ribeiro Ferreira em uma supervisão do doutorado no ano de 2013 na Universidade de Lisboa.

2.1b A Filosofia de Espinosa e a compreensão dos afetos.

Para Espinosa, a imanência constitui a ideia central de seu sistema e identifica Deus com a Natureza (*Deus sive natura*), não mais um Deus que cria, que está fora do plano das coisas, mas que a partir dele (da Substância) tudo mais existe: “*Deus é causa imanente, e não transitiva, de todas as coisas*” (E2, Prop.18). “*Deus é causa das coisas que nele existem (...) Além de Deus não pode existir nenhuma substância, isto é, nenhuma coisa, além de Deus, existe em si mesma.*” (E2, P18, D). É a partir dessa ideia da imanência, que a Substância única (Deus) infinitamente produz todas as coisas e tudo o que existe está nesse mesmo plano único como modificações da Substância única, as quais Espinosa denomina de modos. Como diz Ribeiro (1986, p. 96), “*O discurso de Espinosa é um discurso da plenitude. Tudo é dado imediatamente.*” A Substância e seus infinitos atributos⁴⁹ com as modificações ou modos^{50 51}, nos quais a Substância única exprime a unidade infinita: Deus⁵². Dentre os infinitos atributos⁵³ que a Substância única é constituída, ela pode ser inteligível por nós somente através de dois: o Pensamento e a Extensão, os quais são explicitados na segunda parte da *Ética*⁵⁴, nas Proposições 1 e 2.

O Pensamento e a Extensão são atributos infinitos de Deus e que produzem modificações finitas – no caso do Pensamento, essas modificações são denominadas ideias; no caso da Extensão, são denominados corpos. O Pensamento e a Extensão participam, constituem e são imanentes à potência e à atividade infinita da Substância única. No ser humano, os modos finitos desses atributos – o corpo e a mente - são expressos na mesma unidade imanente à Substância – ou seja, o ser humano possui corpo (atributo Extensão) e mente (atributo Pensamento) que são modos finitos da mesma Substância única em uma unidade imanente. Corpo e mente não são hierárquicos e estão em uma mesma realidade substancial. O que ocorre na mente ocorre no corpo e vice-versa.

O indivíduo mantém uma unidade interna em meio às relações internas com seus órgãos e relações externas com outros corpos e por afecções (capacidade de afetar e ser

⁴⁹ Espinosa designa Natureza Naturada à Substância e seus infinitos atributos.

⁵⁰ “*Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual também é concebido.*” (E 1, Def. 5)

⁵¹ O filósofo chama de Natureza Naturada às modificações ou modos da Substância única.

⁵² *Deus sive Natura*, Deus ou Natureza. A Substância única é a própria Natureza).

⁵³ Por atributo, Espinosa entende o que o intelecto pode perceber da substância.

⁵⁴ Intitulada de *De Natura et Origine Mentis* – A Natureza e a Origem da Mente.

afetado por outros corpos). O corpo se afeta a todo o momento pelas coisas que o rodeiam, mas também tem o poder de afetar. Isso quer dizer que tanto as coisas externas ao homem o atingem ou se comunicam com ele, quanto o que há nele na unidade de seu corpo e mente atinge e se comunica com essas coisas externas em movimento contínuo. Nesse sentido, Chauí (1995, p. 55) aponta que Espinosa nos fala de um corpo dinâmico e intercorpóreo.

O corpo, para Espinosa, é (...) *um modo definido da extensão, existente em ato*, (...) (E 2, P13), ou seja, um corpo em contínuo movimento, no qual se afeta e é afetado. A mente, na concepção do filósofo, sendo atividade pensante, percebe essas afecções do corpo. Na Proposição 22 da parte II da *Ética*, ele diz: “*A mente humana percebe não só as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções.*” Essa proposição associada à sétima proposição da mesma parte da obra: “*A ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas.*” quer nos dizer que o acontece no corpo, acontece na mente - já que eles têm a mesma unidade original imanente que é a Substância única - e que a mente tem ideias das afecções que acontecem no corpo.

A mente pensa o corpo, de acordo com Espinosa, a partir das afecções que este tem com outros corpos que afeta e é afetado. A ideia da mente fica, pois, turva e confusa pois ela a entende através das afecções que o corpo forma das coisas externas⁵⁵. Espinosa diz que a mente imagina quando conhece o mundo exterior através da ideia das afecções que o corpo faz deste. Essas ideias imaginativas formam explicações parciais do que acontece com o corpo e com o mundo.

No entanto, a mente tem uma força para pensar, de maneira que a leva a ter ideias verdadeiras a partir do conhecimento reflexivo. O corpo e a mente agem no sentido de se manterem na existência, já que provêm da Substância única. Na parte III⁵⁶ da *Ética*, Espinosa chama de *conatus*⁵⁷ tal esforço para a perseverança do ser. Não há algo interno ao indivíduo que o possa destruir e somente causas externas o podem. (já que o indivíduo é modo da Substância única, Deus). Segundo Espinosa, o *conatus* chama-se desejo na mente e, no corpo, apetite. Quando desejamos algo, nos esforçamos por continuar a existência. Apetite e desejo manifestam, pois, o *conatus*. Constitui, segundo Espinosa: *‘A própria essência do homem, enquanto esta é concebida como*

⁵⁵ Podemos ver na Proposição 25 da *Ética*, Parte II: “A ideia de uma afecção qualquer do corpo humano não envolve o conhecimento adequado do corpo exterior.” E no Corolário da Proposição 26 da mesma parte: “À medida que imagina um corpo exterior, a mente humana não tem dele um conhecimento adequado.”

⁵⁶ A parte III da *Ética* intitula-se: De Origine et Natura Affectuum – A Origem e a Natureza dos Afetos.

⁵⁷ Proposição 6, parte III: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser.”

determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria a agir de alguma maneira’ (E3, Def.1).

Os afetos constituem, na filosofia espinosana, as afecções do corpo através das quais este se expande ou não no sentido de uma maior ou menor potência, respectivamente - e a ideia dessas afecções (E3, Def. 3). As afecções são o trânsito, o movimento entre os corpos, os quais afetam e são afetados em sua dinâmica nos encontros. O autor diferencia os afetos passivos e ativos. Os afetos passivos – também chamados de paixões - ocorrem quando o corpo e a mente são submetidos às forças externas de tal maneira que dessas dependem o estado do corpo e da mente ou o que neles se passa, daí decorrendo que não somos causas dos nossos afetos. Os afetos ativos, segundo Espinosa, advêm da ação do corpo e da mente e neles somos causas dos nossos afetos.

Sawaia (2009, p. 366) explica, a partir de Espinosa:

“A potência de conservação é também poder de ser afetado, o que significa que ela, apesar de ser irreprimível, varia de intensidade, a depender das intersubjetividades que me constituem, isto é, das afecções (*affections*) que meu corpo e minha mente sofrem nos bons ou maus encontros do passado, do presente e do futuro.”

O afeto da Alegria é a passagem de um estado de menor potência de agir do corpo e da mente para o estado de maior potência, o que contribui para o fortalecimento do *conatus* e, portanto, para a preservação do ser. (E3, Definição Geral 2). A Tristeza é a passagem de um estado de maior potência do corpo e da mente para um estado de menor potência, o que não contribui para o fortalecimento do *conatus*. (E3, Definição Geral 3)

Essa passividade leva o indivíduo a supor imaginariamente que sua força para existir aumenta, ao depositar em forças externas a causa para isso. O homem submetido às paixões tristes, ao medo e à superstição deposita em algo externo (seja no poder de uma autoridade religiosa ou política, ou em quaisquer autoridades semelhantes, seja nos fenômenos da natureza ou nas superstições) o poder do conhecimento e da ação. Assim, se pensa livre, quando é servo e submisso. Nesse sentido, SAWAIA (idem, ibidem, p.81) aponta:

“O homem submete-se à servidão porque é triste, amedrontado e supersticioso, fatores que anulam sua potência de vida, deixando-o vulnerável à tirania do outro, em quem ele deposita a esperança e a felicidade.”

Por outro lado, a alegria leva à ação do indivíduo para a vida e para a expansão. Esse afeto leva os indivíduos a agirem e não esperarem passivamente que os outros ou as instituições ajam por eles para que se sintam ou vivam mais livres. O próprio indivíduo reconhece ou entende nele mesmo suas próprias possibilidades de agir para a autonomia de si e do outro. Um indivíduo ativo, capaz de agir e de transformar a realidade, considerando que o ser humano, como potência em ato, pode - a partir dos encontros que o potencializam - expandir-se para um estado de maior liberdade e de menor de servidão.

A dinâmica afetiva é instável e suscetível a quaisquer variações, devido à multiplicidade dos encontros que os indivíduos experienciam. Em um coletivo há também a transitoriedade e instabilidade dos afetos e o provisório nos modos de se estar em comum. Nesse sentido, deve-se compreender que, em uma associação de indivíduos, a rede de afetos passivos, bem como o coletivo está configurando coletivamente sua dinâmica afetiva, ou seja, como os indivíduos se organizam em torno do que vivencia, como sua organização afetiva-política se dispõe diante das situações que se apresentam em um contexto sociocultural e histórico específico.

Por isso, optamos em olhar os impactos políticos e afetivos de uma remoção de cidade inteira, por determinação do Estado e dirigido por um empresa. Por meio dessa análise, é possível discutir a intersubjetividade/objetividade que configura uma cidade e refletir sobre materialidade e o sentido: basta o planejamento técnico para evitar o sofrimento ético-político da remoção?

Como este processo, hoje, é uma das manifestações da relação de poder que gera sofrimento. É preciso que o psicólogo entenda a dimensão psicossocial da questão política para planejar sua atuação para a transformação e não para a adaptação dos indivíduos em novos espaços urbanos construídos a partir de uma intervenção política.

2.1c A cidade como *civitas*

“É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, o medo. As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.”

(CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*)

Na epígrafe acima, lemos o personagem de Ítalo Calvino tentando explicar várias vezes ao imperador como eram as cidades que visitava. O imperador nunca conseguia entender plenamente as explicações de seu súdito. No entanto, pensando que eram devaneios, passou a gostar dos relatos e mergulhou em cada descrição onírica do viajante. Decerto, a experiência do súdito com as cidades nunca poderia alcançar as visitas imaginadas feitas pelo imperador.

Experimentar uma cidade, andar nas ruas, mover-se nos transportes coletivos ou individuais é entrar em contato com uma complexidade de afetos tão variáveis que o cidadão não encontra sempre uma solução estável. Medo, alegria, amor, ódio pertencem ao conjunto instável que acompanha o conhecimento do urbano ao longo de temporalidades históricas. Um lugar como o centro de uma cidade, por exemplo, ruidoso, com pessoas andando apressadas, burburinhos de comerciantes, poderá ser um lugar que gera em alguém ódio ou medo, mas, ao mesmo tempo, alegria ou amor. A experiência de amar e odiar, sentir medo ou alegria expressa a experiência da afetação da cidade às pessoas e dessas à urbe⁵⁸, como um mosaico fluido, dinâmico e vivo de interpenetrações, no qual sujeito e cidade nunca saem sem modificações de um e de outro: *“a cidade tem vida, é um corpo que afeta ou é afetado pelos corpos que o constituem.”* Sawaia (2010, p. 13).

As cidades são os espaços onde mais intensamente os homens implicam suas histórias e onde constroem o quadro de suas vidas, de suas emoções, da memória, dos afetos. A cidade move-se na história material dos homens e ambos, cidades e homens se afetam. No cotidiano urbano, as memórias, os costumes, os símbolos e uma rede de sentidos é construída, mediante os encontros e as dinâmicas afetivas da coletividade. A cidade apresenta uma teia de significados compartilhados que demarcam um sentido ao território da cidade.

A maneira de vermos a cidade de forma idealista encobre-nos as contradições da vida material que revelam a vida e suas mediações. Tornam estanques também quaisquer mudanças na cidade que levem em conta os interesses coletivos. A Psicologia Sócio-histórica estuda a cidade em devir pelas forças contraditórias que a constituem. Compreender a cidade nessa perspectiva é compreendê-la como mediada e mediação do singular/universal, da objetividade e subjetividade, portanto, inserida socialmente na

⁵⁸ Para Espinosa, há uma diferenciação entre cidade urbes. Segundo o autor, a cidade é o conjunto de cidadãos organizados sob o regime de leis e urbes é o conjuntos dos prédios em um espaço determinado.

sociedade capitalista. A cidade não é separada de sua dimensão econômica, política, da dinâmica da vida social ou da estrutura urbana. Ela se constroem a partir e com essas dimensões, nas intersubjetividades mediadas pela luta de classes e vividas afetivamente pelas imagens produzidas no corpo pelos encontros. Nesse sentido, tentar compreender a cidade é tentar compreendê-la em movimento, captando o homem em movimento, em seu processo histórico, captando o processo de sua vivência no urbano, escapando de uma percepção imediata da imagem.

A cidade está em um movimento histórico, no qual constitui um lugar onde os indivíduos se encontram e constroem suas experiências. Lefebvre (2008, p. 52) demarca isso quando pensa a cidade como lugar de produção e reprodução de seres humanos: *(...) a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.*” Esse movimento assinala uma transitoriedade dos espaços da cidade e, ao mesmo tempo, envolve dinâmicas afetivas em torno dos espaços transformados a partir de uma vivência intersubjetiva efetuada pelos encontros no decorrer do cotidiano. Segundo Sawaia (1995, p. 21):

“A cidade não é um conjunto de ruas, edifícios e praças. É um símbolo complexo, que exprime a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado de existência humana (...). Os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios”.

Isso se dá a partir das vivências particulares que os sujeitos têm com os espaços da cidade ao longo de suas trajetórias de vida. A cidade como lugar de encontros entre os indivíduos gera expansão da possibilidade de os sujeitos agirem, criarem e recriarem espaços, construindo sentido. O ambiente urbano tem um poder de afetação a partir dessa possibilidade dos encontros.

Espinosa aponta que a cidade tem organização social e política. De variadas maneiras, a cidade poderá ser um lugar da vida coletiva para a alegria (autonomia) ou tristeza (servidão). Cidade como *civitas*, para Espinosa é *“o conjunto ordenado de instituições e de leis”*⁵⁹. de cidadãos. No Tratado Político, o filósofo discorre sobre as diversas formas de organização da vida coletiva para que o Estado civil concretize o direito natural, que é o direito para exercer a potência de existir. A autonomia e a servidão dependem de como a vida coletiva é politicamente organizada e vivida pelos

⁵⁹ Contribuição da Prof^a Marilena Chauí na banca de arguição da defesa da tese.

cidadãos. Quando as cidades são transformadas abruptamente a partir de uma política exterior à organização dos cidadãos enquanto sociedade, cerceando-os da participação das decisões, os sujeitos podem não mais se assemelham com os espaços da cidade. O cidadão pode não reconhecer historicamente o espaço urbano, tornando-se alheio ao mesmo. Os espaços da cidade se tornam estranhos, quando não correspondem à dinâmica histórica-política ou à dimensão afetiva das pessoas na vivência do espaço urbano ou na situação do “esquecimento” das políticas públicas dos espaços históricos (não cuidam, não preservam), devido a orientação adotada de uma lógica da racionalidade técnico-científica ou econômica, externa à realidade dos cidadãos.

Os planejamentos urbanos, pautados em uma lógica neoliberal e capitalista, apoia-se nesta racionalidade, que tem em vista o modelo da eficácia e da rentabilidade econômica, ligada ao desenvolvimento do capital, não atenderem à felicidade das pessoas, ao bem-estar, aos valores e à história. Essa racionalidade é deslocada e modificada pela geometria afetiva-política dos cidadãos, que entendemos como sendo as modificações que os indivíduos realizam no entorno das reformas urbanas, modificações resultantes da maneira como os indivíduos se reassociam de forma a garantirem o direito de agirem na cidade e de buscarem maneiras de fazê-la semelhante e comum aos indivíduos. David Harvey (2013) fala desse direito de intervir como pertencente a um poder coletivo, além do individual:

‘O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo, e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização.’

A cidade é comum quando os cidadãos se sentem parte da mesma e quando as mudanças urbanas não distanciam os indivíduos do sentido de sua própria cidade. De acordo com a explicação de Chauí (2003, p. 136): *“É o que faz com que haja relações intrínsecas de concordância ou conveniência entre aqueles indivíduos que, por possuírem determinações comuns, fazem parte do mesmo todo.”* Quando os cidadãos sentem-se livres para decidirem conjuntamente não são movidos pelo medo, mas pela liberdade. A vivência do comum não é sentida ao ser subtraído dos espaços urbanos a possibilidade dessa vivência e dessa semelhança. Isso acontece nos casos de imposição de um modelo de cidade, seja por planejamento, por decisão governamental ou por dossiês técnicos ou pela estética. Nesses casos, há uma maior possibilidade da

passividade e tristeza. Isso pode ser o motivo pelo qual tantas obras públicas recém-inauguradas são mal cuidadas ou depredadas. Isso explica o vazio.

As diferentes configurações da cidade revelam como os cidadãos realizam seus encontros. Se a cidade gera nos indivíduos o aumento da potência individual e da potência do corpo da cidade, os diferentes espaços da cidade que assim o fazem, serão lugares de convergência de pessoas, de retornos assíduos.

Ao contrário, se os espaços da cidade não favorecerem o aumento de potência dos indivíduos, esses espaços passarão a serem repulsivos, vazios, ignorados, mal cuidados, já que sem utilidade para a vida e a expansão da liberdade. Os cidadãos poderão se tornar ausentes e serão passivos ou alheios ao sentido do lugar.

A alegria e a tristeza, como também o desejo, segundo Espinosa, são afetos originários⁶⁰ que levam o sujeito a manifestar suas formas de existir⁶¹, nas quais se expressam o aumento ou diminuição de sua potência. Na concepção de Espinosa: “*A alegria (laetitia) é o sentimento de que nossa capacidade ou aptidão para existir aumentam.*” - ou seja, agimos. “*A tristeza (tristitia) é o sentimento da diminuição de nossa aptidão para existir e agir.*” – ou seja, nos tornamos passivos. (CHAUÍ, 1987, p. 54-55).

Traduzindo essa concepção para a Psicologia Ambiental:

“Ativo e passivo traduzem-se na forma como (...) se vai aumentar ou diminuir a capacidade de perseverar, de buscar autonomia e de não se colocar em servidão. De procurar, por exemplo, ações participativas nas questões urbanas ou de não perder a capacidade de se indignar diante da anulação de um passado histórico (...).”
Bomfim (2010, p. 65).

A cidade enquanto lugar de vivências afetivas é um lugar de encontros e de afetações. É configurada por esses encontros, ao mesmo tempo em que define a qualidade desses encontros entre dois polos: aumentam o *conatus* coletivo quando participam coletividade em ações conjuntas pelo direito à cidade e, por outro lado, encontros que favorecem a passividade. A afetividade como ética vislumbra a cidade como um lugar onde os afetos são pontos-chaves para a compreensão do movimento

⁶⁰ Ética, III, 56: “Há tantas espécies de alegria, de tristeza e de desejo e, conseqüentemente, tantas espécies de cada um dos afetos que desses são compostos (tal com a flutuação de ânimo) ou derivados (tais como o amor, o ódio, a esperança, o medo, etc.), quantas são as espécies de objetos pelos quais somos afetados”.

⁶¹ “O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de uma determinada maneira.” Ética III, Definição dos afetos, N.1.

histórico do cotidiano. O sujeito não somente vive em uma cidade. A cidade também vive nele tão profundamente quanto a vivência de seus afetos.

A filosofia da imanência de Espinosa coloca em um mesmo plano as leis da natureza, os afetos, a política e a ética. É a partir dessa compreensão do plano imanente e do entendimento de que o ser humano é parte da natureza como os outros corpos que Espinosa vincula sua análise da política. No *Tratado Político*, o autor tem o intento de estudar a política a partir do que considera pertencente à natureza humana, do que faz parte “*como propriedades que lhes pertencem*”(TP, cap. 1, 4), os quais são os afetos humanos “*como amor, ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções de ânimo*” (idem, *ibidem*), evitando de tratá-los como vícios (porque não o são, já que constituem a natureza do ser humano) e, assim, dar margem às ações humanas a julgamentos e preconceitos. A organização política é criada por consenso mútuo para incrementar a potencia individual, pela consciência de que seja benéfico para o ser humano a associação com outros indivíduos:

“Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem”.
(Espinosa, *Ética*, IV, 18, Escólio.)

Espinosa nos fala sobre a composição de indivíduos de mesma natureza, que, antes de mais nada, constitui uma associação de potências individuais que ora se ajustam, ora se conflituam, mediante a variabilidade das vivências dos afetos individuais e do afeto comum.

Um território urbano é, antes de tudo, um coletivo que se associa mediante alguns elos específicos como o bairro, a unidade política, o mesmo conjunto de ideias ou objetivos, semelhantes signos ou atividades sócio-culturais ou econômicas. Nos espaços da cidade, as pessoas convivem no mesmo território ou no mesmo bairro e, no cotidiano, vivenciam diversas experiências. É na experiência que os encontros se dão, sendo através deles que os corpos compõem com os outros corpos – resultando no aumento de potência - ou não o fazem – situação de menor potência.

No corpo da cidade há o conjunto das potências individuais em uma dinâmica instável próprio dos afetos vivenciados por cada indivíduo e que vai afirmando quotidianamente o *conatus* coletivo na medida em que esses afetos se afinam em um afeto comum ou em uma potência comum, construindo com o coletivo organizações estáveis dos afetos que aumentam a potência de agir.

A cidade, como sendo um corpo que une uma associação de corpos individuais, os quais são submetidos naturalmente aos afetos - como todos os corpos na natureza - não é imune à servidão e, ao mesmo tempo, é capaz da liberdade. Esta, na filosofia de Espinosa, relaciona-se com o conhecimento adequado da mente acerca dos afetos, os quais são inerentes ao ser humano, invariavelmente no decorrer dos encontros. A mente percebe as afecções do Corpo e as ideias dessas afecções (EII, 22). Quando a mente forma ideias claras acerca das afecções do corpo, não se deixando guiar pelas imagens que essas afecções produzem, então temos a liberdade⁶², não mais entendida como advinda de uma vontade ou do livre-arbítrio, mas advinda da força da mente em pensar, formando ideias adequadas acerca das afecções do corpo. Na servidão, não conseguimos distinguir clara e distintamente as causas das afecções no corpo e somos envolvidos por explicações parciais e mutiladas dessas afecções. Não temos uma visão adequada acerca do que causa o nosso afeto, somos servos, não agimos, mas estamos: *“submetidos aos afetos (...) a cujo poder [o homem] está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior.”* (EIV, Prefácio). Na servidão, o homem padece: é como uma marionete, de um lado para outro, a submeter-se aos movimentos arrastadores das paixões. A passividade é presente, uma vez que, como somos sempre movido por afetos, deixamo-nos guiar por ideias inadequadas, ou seja, ideias das quais não somos nós mesmos as causas, mas depositamos em outrem as causas dos nossos afetos. Estamos passivos ao que nos acontecem e a ação do pensamento têm pequena abrangência, possuindo as afecções externas maior poder.

No corpo coletivo urbano, servidão e liberdade giram em torno da potência do pensar comum, das possibilidades ou não do coletivo agir de acordo com o que coletivamente reflete e discute. Diante dos fatos e de situações que acometem a cidade, o bairro ou território, a passividade estaria no fato de concentrar as soluções das questões que aparecem em alguém externo que salvaria todos dos problemas e traria respostas prontas para todos. Ou mesmo em alguém interno à comunidade, que supersticiosamente, é depositado por todos o poder extraordinário de pensamento e que somente essa pessoa seria capaz de tomar decisões. Quando os cidadãos, enquanto potências individuais no coletivo - mesmo com as múltiplas diferenças de ideias e opiniões - não pensam coletivamente, os mesmos não agem coletivamente. Alguém age

⁶² “Um afeto que é uma paixão, cessa de ser uma paixão, logo que dele formamos uma ideia clara e distinta” (E. V, P3).

por todos, alguém pensa por todos e todos são submetidos por algo externo, que não é absolutamente inerente ao conjunto, podendo haver uma diminuição de potência de agir do corpo da cidade. Mas quando os cidadãos agem, por meio do pensar coletivo - através de reuniões e da participação política na cidade, o corpo político se fortalece, favorecendo o aumento do *conatus* coletivo.

Nas comunidades urbanas há o instável e o provisório, uma vez que a dinâmica afetiva é instável e suscetível a quaisquer variações. O que se encontra é uma instabilidade de modos de se estar em comum. A vivência ético-política tanto pode ser transformadora ou mantenedora de afetos potentes ou impotentes do coletivo. Dessa forma, propomos que seja fundamental nos processos de remoção urbana, a participação política dos cidadãos na construção dos novos espaços de forma que as mesmas possam reconstruir sua rede de afetos no entorno das mudanças urbanas. Trata-se de agir com a comunidade e compreender como esta se configura coletivamente sua dinâmica afetiva, ou seja, como essa comunidade se organiza em torno do que vivencia. Esse poderá se o caminho da consolidação da cidade como sociedade política (*civitas*) organizada que age e constroe a partir dela mesma seus caminhos e suas maneiras de solucionar os problemas que surgem. A participação política é fundamental para o fortalecimento da potência dos indivíduos. As intervenções urbanas impostas e não dialogadas com a comunidade transformam a *civitas* em urbe, ao diminuir a possibilidade de decisão no que diz respeito à cidade. Pensamos que se as reformas urbanas não pertencerem à rede interna dessa dinâmica afetiva (que já existia no território urbano) e se os cidadãos não participarem na construção dos novos espaços, as mudanças na cidade estarão fora do que é “semelhante e comum”, portanto, com possibilidades maiores de se tornarem obsoletos ou sem significado para os cidadãos, situação que, posteriormente neste estudo, chamamos de *Corpo Igual Vazio*.

As comunidades urbanas constituem-se de redes afetivas que podem vir a ser potencializadas coletivamente. A investigação da rede de afetos deve ser buscada para, no plano afetivo, as intervenções urbanas serem agregadoras do comum e favorecerem o aumento de potência do corpo coletivo.

3 Os caminhos metodológicos

Na inserção etnográfica, esta pesquisa utilizou três procedimentos para conhecer os afetos: o diário de campo, as narrativas sobre a cidade e os Mapas Afetivos. Estes últimos foram usados pela dificuldade de obter depoimento sobre os afetos, especialmente com crianças e jovens. Os dados levantados pelas narrativas da cidade se transformaram na narrativa socioafetiva-urbana. Esse é o termo que usei na Tese para nomear as narrativas advindas dos entrevistados acerca das experiências destes com a cidade. Com as narrativas foram obtidos elementos de suas vivências na cidade nova e suas vivências na cidade antiga em que habitavam - uma vez que nas falas dos moradores os relatos dessa cidade eram recorrentes - No item 3.3 será melhor explicada a maneira como formulamos - através dos relatos dos moradores - a narrativa socioafetiva-urbana. Esta foi construída a partir de entrevistas em profundidade, nas quais nós identificamos, por meio de narrativas dos entrevistados, a dinâmica afetiva dos moradores de Nova Jaguaribara.

O acesso à experiência coletiva urbana constitui um dos objetivos da narrativa socioafetiva. Tem como fundamento básico o pensamento de Walter Benjamin, que considera o processo narrativo como *Erfahrung* (experiência coletiva) e não como *Erlebnis* (experiência isolada).

A partir da narrativa socioafetiva-urbana, elaboramos a 'rede de afetos passivos', que constituiu um trabalho de seleção de categorias, as quais agregavam afecções semelhantes e frequentes na fala dos entrevistados com relação às experiências dos moradores na cidade nova e na cidade velha. A rede de afetos passivos nos indicou uma ordem para a análise dos afetos na cidade pesquisada.

Além disso, o trabalho de categorização e de uso minucioso dos trechos das falas dos entrevistados permitiu a visualização de imagens do cotidiano da cidade antiga e da cidade nova, imagens essas que nos mostram a história e nos possibilitam, de forma mais ampla, estabelecer conexões com os afetos vivenciados, evitando trabalhar com dados fora das afecções. Esse raciocínio segue o que Espinosa pensou acerca do seu método para investigar a Escritura, no qual ele acentua: '(...) *Donde, a regra universal a seguir na sua interpretação é a de não lhe atribuir outros ensinamentos para além daqueles que tenhamos claramente reconhecido pela sua história e o que ela deve acima de tudo narrar.*' (Espinosa, TTP, VII, pág. 224). O autor indica três passos para a interpretação da Escritura, que, resumidamente, são:

- 1 – Ela deve incluir a natureza e as propriedades da língua em que foram escritos os livros da Escritura e em que os seus autores falavam habitualmente. Só assim se poderá, com efeito, examinar todos os sentidos que cada frase pode ter de acordo com o uso corrente da língua (...);
- 2 – Deve coligir as informações contidas em cada livro e reduzi-las aos pontos principais, por forma a encontrarem-se facilmente todas as que se referem ao mesmo assunto. Em seguida, deve-se registrar todas as que são ambíguas ou obscuras ou que aparecem contradizer-se entre si (...);
- 3 – Por último, a história da Escritura deve descrever as circunstâncias de todos os livros dos profetas de quem chegou notícia até nós, ou seja, a vida, os costumes e as intenções do autor de cada livro, quem era ele, em que ocasião, em que época, para quem e, finalmente, em que língua escreveu (...).” (Idem, ibidem)

A investigação desta Tese não trata de nenhuma interpretação de documentos, muito menos de qualquer assunto relacionado à Escritura. Mas, atendo-se à essência do método de interpretação do *TTP*, entendemos que Espinosa propôs com esses três passos o seguinte:

1 – Os sentidos das palavras de uma comunidade ou de um povo e a forma como a linguagem aparece em suas falas expressam o seu modo habitual de se organizarem no modo de viver e também o modo de compreenderem as experiências do quotidiano;

2 – Uma vez com os discursos e as narrativas, organizá-los em temáticas e ordenar o que aparece em várias falas dos entrevistados de forma recorrente, isso facilita a discussão dos dados e organiza a reflexão;

3 - Nas falas dos entrevistados, é importante levar em conta o contexto sociocultural-político e econômico onde vivem os entrevistados e também seus costumes, suas atividades de trabalho na comunidade, a posição que ocupam no ambiente onde vivem, suas maneiras de se relacionar com o conjunto no decorrer de sua vida comunitária.

Quanto ao que compreendemos no primeiro item, o sentido é diretamente relacionado à produção social e reúne os signos comuns do contexto sócio-afetivo da experiência coletiva. Com relação a isso, Vigotski considera que “o *sentido de uma*

palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada.” (Vigotski, 1934/2001b, p.465). O que Vigotski entende por sentido é semelhante ao que Espinosa pensa. Esse autor considera o contexto sócio-cultural da língua em que as Escrituras foram escritas, de modo que seja pensado como esse contexto poderá ter fundamentado a maneira como as palavras do livro sagrado queriam significar. As palavras deste livro não absolutizavam o significado da Escritura, mas apenas narravam fatos e expunham pensamentos de um contexto social experienciado em um determinado período da história do povo hebreu. Da mesma forma, o sentido das palavras para Vigotski, como citado acima, é dinâmico e fluído, uma vez que varia conforme o contexto das relações sócio-afetiva-culturais em que estão inseridas. O sentido das palavras é onde encontramos o nexa da experiência coletiva com as singularidades, dado no processo da intersubjetividade.

Essa reflexão da interpretação das Escrituras nos mostra que Espinosa buscava no sentido *“a imaginação do povo hebraico, dos profetas e dos autores dos textos sagrados, ou seja, a disposição corporal e mental e não uma explicação racional a realidade”*⁶³. Esta busca do autor também aqui nos interessa neste estudo dos afetos da cidade de Nova Jaguaribara, visto que constitui a maneira como identificaremos o conjunto dos signos sociais comuns, advindos das conexões da imaginação com a memória, o pensamento, a ação e a percepção dos moradores em um contexto histórico-cultural específico.

O procedimento da narrativa sócio-afetiva urbana tem esse propósito de captação desse sentido social e imaginário dado pelos entrevistados através da transmissão das histórias dos moradores de suas experiências sociais e afetivas na cidade de Jaguaribara e de Nova Jaguaribara. De outro modo, escolhemos o Mapa Afetivo como outra maneira de acessarmos esse sentido, via imaginação, uma vez que, a utilização dos desenhos nos mostra a disposição corporal e mental dos moradores.

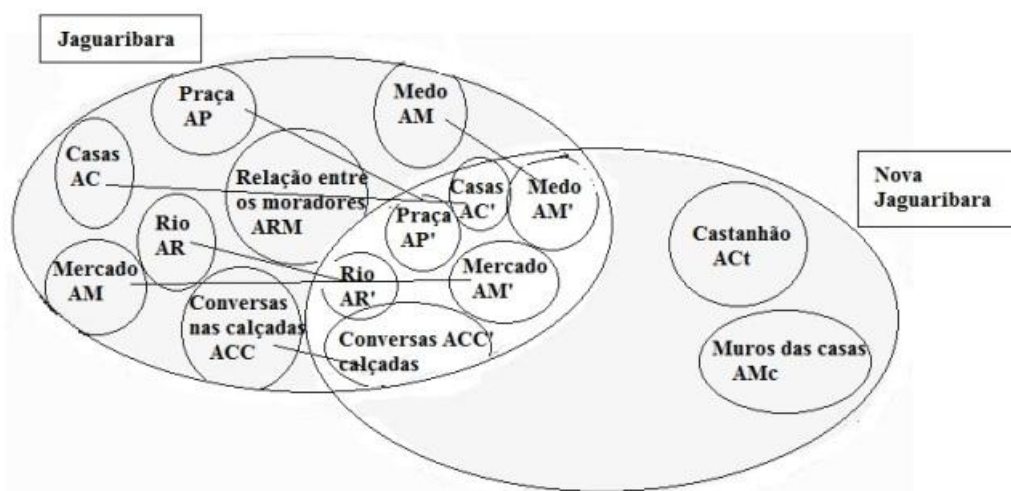
A análise dos dados foi orientada por esses pressupostos e a rede de afetos passivos contém o que Espinosa apresenta nos itens 1 e 2. A narrativa socioafetiva urbana foi orientada pelo item 3.

A rede de afetos passivos segue o mesmo raciocínio do segundo passo do método de interpretação das Escrituras de Espinosa: objetiva organizar as narrativas em

⁶³ Contribuição da Prof^a Marilena Chauí em seus comentários na arguição da defesa da Tese.

temáticas e organizá-las para facilitar a discussão dos dados e as reflexões. A partir da análise das entrevistas, foram organizadas as imagens ou os afetos comuns que os mesmos tinham com relação a certos elementos do cotidiano urbano vivenciado. O recurso à palavra rede indica que um conjunto de afecções ou imagens está em rede com outro conjunto de afecções. No corpo da cidade de Nova Jaguaribara, supomos que há relações afetivas em que um corpo afeta o outro e é afetado por ele e, de algum modo, estão em conexão na cidade. Vigotski fala de signo emocional comum quando as imagens dos elementos da realidade se combinam mediante um afeto comum. Assim, a imaginação, para o autor, é o resultado da combinação de elementos da realidade, que se reorganizam no psiquismo a partir do afeto e não segundo uma lógica racional.

Assim, a rede afetiva está encadeada no cotidiano urbano da cidade anterior e no da cidade nova, mediante os afetos semelhantes que as diferentes imagens dos elementos urbanos provocam. Por exemplo, o corpo da cidade tem elementos **a, b, c, d**: numa rede de afetos passivos significa que há afetos comuns que perpassam todos esses elementos, formando uma rede. Se **a** for a praça, **b** for o rio, **c** for a igreja matriz, teremos afetos dos moradores em relação a esses elementos que lhes são comuns. Para entender melhor, a imagem da praça da cidade anterior suscita um conjunto de afetos comuns. Este se difere do conjunto de afetos comuns relacionado à praça na cidade atual. Os moradores possuem dois conjuntos de afetos comuns (um relacionado à praça da cidade anterior e outra relacionado à praça da cidade planejada. E se afetam em rede porque todos eles estão ali em conexão com a praça. Fizemos um esquema para a melhor compreensão da ideia da rede de afetos passivos:



Os círculos acima relacionam os elementos da vivência urbana da cidade de Jaguaribara e de Nova Jaguaribara. Indicamos, por exemplo, um conjunto de afetos

relacionados a cada um dos elementos da cidade anterior: Praça (AP – afetos comuns dos moradores à praça); Casa (AC - afetos comuns dos moradores às casas); Mercado – (AM - afetos comuns dos moradores ao mercado); Rio – (AR - afetos comuns dos moradores ao rio); Relação entre os moradores (ARM - afetos comuns às relações dos moradores). E da cidade planejada: Praça (AP’); Casa (AC’); Mercado – (AM’); Rio – (AR’); Relação entre os moradores (ARM’). As linhas servem para exemplificar a ligação esses conjuntos de afetos comuns dos moradores acerca dos elementos da cidade. O esquema indica uma rede de sentidos e de imagens em que se interpenetram o presente e o passado. A análise dessas conexões de sentidos ajuda-nos a incluir a memória, o pensamento e a imaginação na análise da dinâmica afetiva-política com a cidade.

3.1 A caracterização da amostra

O estudo foi realizado com 47 adultos entre 23 a 54 anos e 15 idosos, entre os anos de 2011 a 2013. A porcentagem de mulheres foi de 58% e a de homens foi de 42%. Todos moravam na zona urbana da cidade de Nova Jaguaribara. Esses respondentes constituíram os narradores-entrevistados da narrativa socio-afetiva urbana. Já, quanto ao Mapas Afetivos, estes foram aplicados entre 17 crianças de 8 a 10 anos e 17 jovens entre 13 a 18 anos. Estes dois grupos foram entrevistados em suas escolas na zona urbana da cidade.

3.2 A inserção etnográfica

A inserção etnográfica engendrou na atividade desta pesquisa mais cor e mais vida. O permanecer por um tempo mais prolongado no campo de estudo alargou essa atividade. Percebeu-se, mais amplamente, a vida cotidiana da cidade de Nova Jaguaribara. A pesquisadora passou a compreender melhor a experiência coletiva (*Erfahrung*) de que fala Walter Benjamin. Permitiu desarmar-se do academicismo (não o deixando de lado) e entrar no movimento da cidade, percebendo com os moradores a relação que estes possuem com sua realidade física, comunitária e emocional.

Esse “*olhar de perto e olhar de dentro*”, segundo Magnani (2002, p.17) constitui uma via de experimentar o cotidiano da cidade, o que alarga, reorganiza dados

isolados e é capaz de formular um novo arranjo, no qual a pesquisa ganha em densidade e em amplitude de análise.

Na inserção etnográfica, a autora se aproximou do que Magnani (2009) associou como sendo um segundo momento da experiência etnográfica (que gera uma ‘primeira impressão’) para constituir-se como experiência reveladora. Segundo esse autor, o sair da situação de estranhamento leva o pesquisador a descobrir elementos não facilmente revelados fora do convívio diário.

Percebe-se que, de fato, no decorrer do contato com o cotidiano, o investigador sai do lugar de uma pessoa estranha à realidade e vivencia com as outras pessoas a dinâmica mais próxima a elas. Na experiência de ficar mais tempo na cidade, a autora pôde perceber que, no início, somente o fato de levar uma mochila nas costas quando andava na cidade nos primeiros dias servia de motivo a olhares curiosos que detectavam alguém à parte do que era comum e, portanto, algo estranho ou não reconhecido.

Ao perceber tal sensação, passou a andar da forma mais simples, sem bolsa, apenas com um caderno e um pequeno estojo, no qual colocava o gravador, documentos e canetas. Essa aparência facilitou seu “enquadramento” à realidade comum e os olhares curiosos deram lugar ao olhar familiar que me retornavam.

O jeito de falar - carregado da sonoridade peculiar do lugar e da espontaneidade da vida diária - constitui um dos elementos que revela a intimidade da vivência dos moradores no momento histórico no qual o investigador chega ao ambiente investigado.

A experiência da inserção etnográfica revela, principalmente, os costumes, os hábitos de uma vida local e do processo histórico-social do território vivido. O pesquisador – sendo também um corpo que faz parte da natureza como os outros corpos individuais (de mesma natureza com o dele), em meio ao corpo coletivo do lugar que investiga no decorrer da inserção etnográfica ou mesmo durante as entrevistas com os moradores – afeta e também é afetado, ou seja, as afecções do encontro da cidade com o investigador e deste com os moradores também produzem afetos que, se potentes, ampliam o interesse do pesquisador ao seu objeto de pesquisa e o torna mais sensível à criação intelectual.

Para exemplificar alguns elementos do cotidiano veenciados, a autora relata, a seguir, duas situações. Nos primeiros dias, houve a necessidade de comprar uma rede para dormir⁶⁴. A vendedora propôs vender a rede por ‘35 reais para pagar depois ou 29

⁶⁴ Objeto muito comum no nordeste do Brasil.

para anotar no caderno' [sic]. Tratava-se do caderno de anotações costumeiras de vendas “a fiado”, típico de um contexto coletivo de menor complexidade. Curioso perceber a naturalidade da vendedora, sua familiaridade em falar, a confiança depositada em alguém que nunca tinha visto, mas que podia comprar coisas e anotá-las para depois pagar. Nesse momento, a autora descobria um dos costumes que talvez continuasse da cidade anterior e que, de alguma forma, apesar da cidade nova de muito maior dimensão, ainda era presente.

A outra situação foi a ida da pesquisadora para a “ponte”, onde as lavadeiras da cidade lavavam as roupas por encomenda. Seria importante a ida à ponte para o estudo, pois haveria a possibilidade de encontrar lavadeiras da cidade a trabalharem no rio, agora a três quilômetros de Nova Jaguaribara, enquanto que na cidade antiga essa distância era de apenas 50 a 100 metros. Silva Filho (2003, p.18) aponta esses momentos muito particulares da experiência da investigação no cotidiano: *“Aí reside uma das qualidades preciosas do cotidiano das cidades: a possibilidade do encontro com pessoas diferentes e o convite ao uso diversificado dos lugares”*. A ida ao rio aconteceu às seis da manhã, horário que as lavadeiras da cidade lavam suas roupas e a dos outros por encomenda. O falar familiar ocupou o diálogo que a pesquisadora teve com elas. A conversa foi curta, mas percebeu-se a espontaneidade dos modos de falar e o relato da continuidade do ofício de lavadeira na cidade nova.

Aí são descobertos os ‘resíduos’ de que fala Peirano (1995, p. 23): *“(...) a procura do específico e do diferente – onde se revela aquele ‘resíduo’ que permitirá o avanço na observação etnográfica (...) e que [são] as experiências batizadas pelos antropólogos como ‘incidentes reveladores’”*. Com efeito, o ritmo, os sons da cidade e as temporalidades no decorrer do dia constituem esses resíduos ou esses incidentes reveladores ao aproximar do movimento da vida urbana e das pessoas inseridas na realidade comum, o que dá indícios da reconstrução das experiências com a cidade. As observações participantes e as conversas foram anotadas em diário de campo e forma complementadas com solicitação de narrativas sobre a vida na cidade e a aplicação de mapas afetivos.

3.3 Os Mapas Afetivos

Para colaborar com o levantamento dos afetos na cidade planejada, usamos a metodologia dos Mapas Afetivos Bomfim (2010). Este instrumento foi criado

especialmente para a apreensão dos afetos a partir do redimensionamento dos mapas cognitivos de Lynch (1998). Trata-se de um procedimento voltado ao acesso dos sentimentos e emoções individuais, por meio de imagens e palavras e formulações de metáforas:

‘Os desenhos e metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, juntamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, nos dão um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos.’ (BOMFIM, 2010, p.137)

Primeiramente, é solicitado um desenho ao respondente. Essa solicitação é feita da seguinte forma: *‘No espaço abaixo, como você poderia desenhar (o espaço que se investiga na pesquisa) de acordo com sua forma de sentir ou representar a cidade?’* Tal solicitação constitui o primeiro item a ser respondido pelo entrevistado. Com isso, tenta-se, antes de se passar para a escrita acerca do desenho, remeter o respondente à expressão direta de suas emoções e sentimentos sobre o espaço que se lhe propõe no instrumento.

Após o desenho, pede-se que o sujeito diga o que ele quis representar com o mesmo, os significados e os sentimentos que o desenho lhe desperta. A seguir, pede-se que escreva palavras-sínteses relacionadas e esses sentimentos. Além disso, os respondentes são estimulados a escrever sobre o que pensam sobre sua cidade e a fazerem uma comparação delas com algo (recurso da metáfora). Depois, eles respondem a uma sequência de assertivas em uma escala tipo Likert (1975) e, por último, a preencherem itens do instrumento referentes a dados socioeconômicos⁶⁵.

O instrumento usa as metáforas como recursos imagéticos da apreensão dos afetos. A autora aponta que o recurso à imagem proporcionada pela metáfora, descentra o cognitivo e enfoca o caráter mais emotivo às respostas. Constitui no instrumento um recurso de síntese do sentido que atribui ao espaço urbano ou à cidade. A autora considera que a metáfora é síntese na apreensão dos afetos. Por terceiro princípio norteador, tem-se o recurso imagético, que é a construção do desenho pelo respondente, conduz o processo que resulta na resposta afetiva.

⁶⁵ O questionário do Mapa Afetivo que foi aplicado está no Apêndice V da Tese.

Para a autora, os Mapas Afetivos são orientadores para avaliações de elementos psicossociais-ambientais como a apropriação do lugar, o apego e a identidade social urbana, como também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar.

Os estudos de Bomfim foram fundamentados na teoria de Vigotski, que entende os afetos construídos por via das mediações sociais, dentre as quais a linguagem, os símbolos ou os signos. Os Mapas Afetivos, dessa forma, fornecem-nos as imagens que as pessoas fazem da cidade, a forma como são afetadas, buscando, além da imagem, as explicações sobre o que desenharam e o por quê, especialmente das metáforas usadas.

O uso das imagens neste estudo como recurso de acesso aos afetos vai ao encontro do método de interpretação das Escrituras de Espinosa. Este autor estava interessado no sentido e na imaginação do povo hebraico e não em uma explicação científica e fiel⁶⁶ do Livro Sagrado. O recurso ao desenho também deflagra o sentido e a imaginação dos moradores e, portanto, sua disposição corporal e mental.

3.4 A narrativa socioafetiva-urbana

(...) O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.
(Benjamim, 1996 p.37)

As anotações e os resultados dos Mapas Afetivos me colocavam no papel de “pesquisador-narrador”. Benjamim, na epígrafe acima, nos indica que o narrador ao adentrar na experiência de quem narra, capta uma experiência de vida e faz retornar como que a uma nova experiência aos outros que o escutam. Além das imagens registradas, a aplicação dos Mapas Afetivos era acompanhada por relatos espontâneos dos moradores da cidade de Nova Jaguaribara. Eles queriam falar a todo momento sobre a cidade anterior, narrações permeadas por riquezas de detalhes, os quais geravam imagens da cidade. Essas narrações apresentavam-me experiências coletivas de um tempo lento que demarcavam um processo histórico de vivência nessa cidade. De outra maneira, os moradores também me narravam experiências na cidade planejada.

Para não perder estes relatos, optei pela análise das narrativas, que denominei de sócio-afetiva urbana, para expor ao leitor o processo de elaboração do texto narrativo a

⁶⁶ Contribuição da Prof^a Marilena Chauí em seus comentários na arguição da defesa da Tese.

partir das entrevistas dos moradores. Foram usados os relatos dos moradores e compilados em narrativa de terceira pessoa, mas tomando o cuidado de não particularizar o relato e, assim, dar uma noção do todo para o leitor, no lugar de este ler falas em primeira pessoa. Em vez de transcrever as entrevistas, houve uma transposição de pessoas do discurso. A narração dos moradores é tecida e refeita em terceira pessoa, apesar de ser produzida inicialmente pelos moradores em primeira pessoa.

Todas as narrativas individuais são articuladas em uma só narrativa. Esta forma-se pela conexão dessas narrativas individuais, articuladas umas às outras sobre o mesmo tema, mas relatadas de forma diferente pelos entrevistados. Constituiu um trabalho minucioso de organização dos relatos, que desse uma visão do todo dos elementos do cotidiano dos jaguaribenses, tanto na antiga cidade, quanto na nova cidade. Esse método possibilitou-nos o uso exaustivo das entrevistas para a análise dos dados. É importante pontuar que todas as palavras do texto são dos entrevistados. Não é uma interpretação do pesquisador. Este não usa palavras suas, salvo quando precisa corrigir alguns erros de concordância e regência das frases que aparecem em forma coloquial. Isso não indica que o pesquisador-narrador esteja longe do processo da entrevista. O pesquisador é parceiro nesse processo da narração do entrevistado. Auxilia-o ao ouvi-lo e se torna um transmissor da sua narrativa. Quem age no texto da narrativa socioafetiva-urbana são os entrevistados. O pesquisador auxilia no processo de transmissão da experiência.

Benjamim associa o ato de narrar à maneira de comunicar uma experiência e fazer desta um componente de novas experiências. A narração constituiu, pois, uma forma de reaparecer à comunidade como essa se organizava na liberdade que o ato de contar e recontar possui ao deixar soltos os fragmentos do cotidiano.

Foram usados os relatos dos moradores, as observações, os sentidos e afetos levantados pelo mapa e compilados em narrativa de terceira pessoa, mas tomando o cuidado de não particularizar o relato e, assim, dar uma noção do todo para o leitor, no lugar de este ler falas em primeira pessoa. Em vez de transcrever as entrevistas, houve uma transposição de pessoas do discurso. A narração dos moradores é tecida e refeita em terceira pessoa, apesar de ser produzida inicialmente pelos moradores em primeira pessoa.

Da parte dos moradores, a narração visou oferecer uma oportunidade para os jaguaribenses comunicarem a continuidade do tempo da cidade e agregarem à nova

cidade planejada uma comunicação do antes existente em um presente que se reconstrói a partir de um ponto.

A continuidade é em Benjamin o que mais dá sentido ao ato de narrar, pois daí advém a comunicação do passado com o presente, tornando-o revelador de um tempo que sempre esteve e continua existindo de variadas formas, sendo a descontinuidade dessa comunicação uma das ameaças da modernidade. De certa maneira, para Benjamin, narrar é permanecer em uma totalidade que se revela no ato de viver e no ato da experiência com a vida, a qual, pela narração, sai do estático e da passividade e é reelaborada na ação do contar.

Rememorar é trazer junto não o fato, mas o conjunto do que se vivia e tudo o que envolvia a experiência com todos os elementos contidos na realidade do tempo vivido, o qual continua vivo de alguma forma no registro da memória ou no fingimento do ato do esquecer. Por causa disso, Benjamin entende o que envolve de fato o que seja a recordação quando relaciona o escavar e o recordar:

“A linguagem fez-nos perceber de forma inconfundível como a memória (*Gedächtnis*) não é um instrumento, mas um meio para a exploração do passado. É o meio através do qual chegamos ao vivido (*das Erlebte*), do mesmo modo que a terra é o meio no qual estão soterradas as cidades antigas. Quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem que se comportar como um homem que escava. (...) Por isso, a verdadeira recordação é rigorosamente épica e rapsódica, deve dar ao mesmo tempo uma imagem daquele que se recorda, do mesmo modo que um bom relatório arqueológico não tem apenas de mencionar os estratos em que foram encontrados os achados, mas, sobretudo, os outros, aqueles pelos quais o trabalho teve de passar antes.” (Benjamin, 2004, p. 219-220)

O que se narra é o que profunda ou intensamente se viveu em um dado lugar ou em um dado tempo histórico em uma multiplicidade de fatos e circunstâncias. O ato de narrar enfraquece-se quando as rupturas são tais que não há possibilidade para a elaboração do que se perdeu, segundo Benjamin. Não era o que ocorria com os moradores. É como se existisse uma “cidade invisível” por entre a estrutura urbana ordenada da Nova Jaguaribara, cidade de que eles precisam falar.

O ato de escavar é o mesmo que descobrir a espontaneidade e a intimidade do que foi vivido em um lugar e em um tempo. Foram esses elementos e outros ‘estratos’ desse terreno escavado que as narrativas dos moradores de Nova Jaguaribara mostraram. Nas entrevistas em profundidade – ou seja, as entrevistas nas quais as falas dos entrevistados percorriam vários caminhos sem uma grande interferência da autora – as narrativas foram frequentes e mostravam elementos do cotidiano da cidade anterior.

Isso porque muitos entrevistados construíram suas histórias na cidade de Jaguaribara – a cidade de origem que foi destruída – e tentam, na cidade planejada, dar continuidade ao seu processo de vida em meio à outra estrutura urbana totalmente diferente.

De fato, o que permanece é o que ainda significa e faz sentido à história coletiva. E esse processo de reelaboração do passado faz-se concomitantemente a outro processo de construção e continuidade da história na nova cidade. Com efeito, a “amarração da história da cidade”, como diz Bosi (1991, p.145) é conferida pela memória dos seus habitantes: Segundo essa autora: “*As lembranças se apoiam nas pedras da cidade*” (idem, p. 146). As lembranças na cidade planejada de Nova Jaguaribara apoiam-se em um imaginário que circula em seus habitantes e que quotidianamente emerge quando algo de semelhante à antiga cidade lhes aguça a memória. A seguinte situação demonstra isso: ao entrevistar uma pessoa na calçada de sua casa, à noite, diante de uma praça da cidade, a Lua aparecia cheia e, por isso, bem evidente. Chegou, então, de repente, um morador da cidade de bicicleta e disse, dirigindo-se à entrevistada e interrompendo nossa conversa:

Olha ‘cumade’ [sic] – apontando para a Lua – Jaguaribara, quando não tinha energia! Quando eu vejo essa Lua, só me lembro daquele tempo né! [sic] Dia de semana tinha até dez horas que era o motor, né! [sic]. Aí, quando era no final de semana, não tinha e era todo mundo no pátio da igreja... Foram botar energia em 74, não foi? Quando ela [A Lua] aparece assim, tenho saudade de nossa Jaguaribara velha.

Duas perguntas fazem-se importantes para este estudo: essa permanência no passado constitui uma resistência para a continuidade da própria história dos indivíduos em outro lugar diferente ou constitui um conformismo que os levam à passividade? Ecléa Bosi (2003, p. 16) argumenta que: “*Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade*”. Existe, pois, uma positividade no lembrar quando este consolida a compreensão histórica no presente e não as leva para um esvaziamento de sentido no tempo presente. A rememoração entrelaça temporalidades, alivia o peso das rupturas e combate a desorientação das descontinuidades. A narração, pois, ganha força de sentido quando o lembrado não retira do presente a sua reatualização, não o esvazia, mas, de certa maneira, o coloca como pertencente a um movimento.

Advertência feita por Bosi (2003): “*(...) o enraizamento não se alimenta de imagens de um passado idealizado nem de um futuro utópico*”. Pelo contrário, o presente e o futuro são redimensionados com o direito à lembrança porque do passado contado depende a forma como agirá o coletivo. Quem não sabe da sua própria história

peçoal ou coletiva não sabe como agir com criticidade ou como agir politicamente, uma vez que não sabe o que mudar, pois não percebe a diferença do momento passado ao presente, não sabendo também como referenciar o futuro. É dessa maneira que as lembranças possuem força no presente e o reatualizam. “Lembrar não é re-viver, mas re-fazer” nos diz Marilena Chauí quando escreve a Apresentação do livro *Memória de Velhos* de Ecléa Bosi. Não é simplesmente trazer para o presente fatos que já aconteceram, mas tecer com este presente uma ação mais consistente e refletida do passado para superar o saudosismo e a idealização.

A rememoração fomenta o sentido de uma permanência no tempo, ao mesmo tempo enraiza o sentido de comunidade, pois vincula as experiências do passado ao que é vivido no movimento do presente e do futuro. A narração vai no sentido oposto ao saudosismo ou ainda à ruptura e permite continuar o valor da experiência dos indivíduos, fazendo-os participantes da comunidade como agregadores de sentido. O relato dos fatos do passado constitui, em algum aspecto, uma maneira de permanecer no tempo ou no lugar e gera o processo de enraizamento ou re-enraizamento. Faz parte do desejo dos indivíduos de identificarem-se com eles mesmos e com tudo o que vivenciaram no conjunto das experiências relatadas.

Como nos disse Benjamim (2004, p. 219-220): além de relatar os estratos, não menos importante é narrar os aspectos que estão ao redor porque é exatamente no contexto histórico que as experiências se realizam. O autor continua sua explicação:

E não há dúvida de que aquele que escava deve fazê-lo guiando-se por mapas do lugar. Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tateante no escuro do reino da terra. E engana-se e priva-se do melhor quem se limitar a fazer o inventário dos achados, e não for capaz de assinalar, no terreno do presente, o lugar exato em que guarda as coisas do passado. Assim, o trabalho da verdadeira recordação (*Erinnerung*) deve ser menos o de um relatório, e mais o da indicação exata do lugar onde o investigador se apoderou dessas recordações. (Benjamim, 2004, p. 220)

A narrativa socioafetiva-urbana vai ao encontro desses estratos e desse lugar. Os moradores de Nova Jaguaribara foram moradores da cidade antiga e tiveram de sair de seu lugar geográfico e conviver com uma urbanidade diferente. Os planejadores procuraram garantir espacialmente a proximidade com seus parentes e vizinhos, o que não foi suficiente para evitar a quebra das sociabilidades e o sentimento de perda,

havendo uma desagregação do comum⁶⁷, ou seja, daquilo que lhes era semelhante, pois a mudança os deslocou do território onde organizavam seu modo de viver, onde já estavam dispostos os elementos do cotidiano que davam sentido às suas vivências⁶⁸. No caso do estudo desta Tese, o modelo de cidade diferente gerou essa desagregação do que era habitual, uma vez que os moradores advinham de uma cidade eminentemente rural e com uma estrutura pouco desenvolvida, típica dos municípios do sertão do Ceará, para uma cidade planejada, com uma estrutura de ruas e equipamentos urbanos provenientes de uma racionalidade técnica pautada em uma perspectiva moderna e capitalista.

Os moradores da cidade planejada tinham necessidade de contar sobre a cidade antiga. Nas entrevistas, a lembrança da cidade velha continha uma intimidade que não aparece nos relatos da experiência urbana da cidade atual. Por outro lado, quando os entrevistados relatavam algo da nova cidade havia um silêncio mais demorado e uma dificuldade de expressar fatos da cidade atual. As narrações sobre a cidade antiga continham vinculações entre o passado e o presente e também uma busca pelo comum. Em síntese, as narrativas demonstravam a força do passado, cristalizando o presente. Até dos que não viveram na cidade velha, como as crianças e os jovens, como se lá na cidade anterior estivesse a identidade coletiva e individual.

A análise dos afetos na cidade planejada de Nova Jaguaribara envolveria essa rememoração, visto ser a própria memória um afeto. Além do que os afetos não estão dissociados do contexto sociocultural onde os indivíduos. Por isso, o termo narrativa socioafetiva-urbana, dado que constitui uma narrativa da experiência do cotidiano relatado pelos cidadãos, onde se constroem as redes de sociabilidade e a dinâmica dos afetos no território da cidade.

A narrativa constitui-se dos relatos feitos a partir das reminiscências (no caso da cidade anterior de Jaguaribara) e do vivido (no caso de Nova Jaguaribara) no cotidiano da cidade, envolvendo e expressando, assim, a rede instável de afetos e suas configurações na vivência urbana ou na comunidade. Para elaborá-la, o “pesquisador-narrador” Benjamin (1985) transporta a primeira pessoa do discurso para a terceira pessoa e participa da transmissão da experiência do morador na cidade. O pesquisador-

⁶⁷ Quanto ao ‘comum’, Espinosa emprega este conceito no sentido do que é semelhante entre os indivíduos e no que podem concordar, levando-os a perceberem como podem ser úteis um aos outros Chauí (2006, p. 125) e, assim, gerarem mais potência.

⁶⁸ Apesar de haver uma desagregação do comum, os nossos dados mostram um movimento de resistência à perda dos costumes e busca da recriação do comum na nova cidade.

narrador se torna um elo no processo de transmissão da narração. O ‘pesquisador-narrador’ ouve o narrador-entrevistado e, assim, co-participa do ser da narrativa, pois, por meio do encontro entre pesquisador e entrevistado, o mesmo é motivado a narrar. A narrativa sócio-afetiva aproxima do leitor a intimidade da narração, uma vez que o ‘pesquisador-narrador’ aproxima a experiência daquele que relata e não altera a narração do narrador-entrevistado, somente a organiza. O objetivo é montar um cenário narrativo composto das conexões das várias falas, como o ato de tecer uma rede fazendo conexões com diversos elementos que aparecem de forma múltipla e que tentam mostrar uma totalidade na diversidade das determinações que constituem o concreto da vivência dos moradores.

Marx (2004), na *Crítica da Economia Política* define o concreto como “*a unidade da diversidade*”, unidade essa compreendida a partir da conexão ou interação de elementos da realidade na totalidade das determinações. Considerar concretamente uma coisa é considerá-la na totalidade das determinações e nas contradições que as constituem. Perceber algo concretamente é perceber na amplitude da totalidade das determinações, estando essas em movimento.

O trabalho de perceber a totalidade da narrativa contada pelos moradores entrevistados não está no fato de juntar sincronicamente as falas e ajustá-las harmonicamente formando uma narração única, mas em criar um cenário no qual as conexões das diversas falas dão ao leitor a percepção de um movimento concreto, ou seja, único, mas diverso, em um movimento contínuo, no qual se percebe a história, as contradições e a totalidade. É exatamente uma narração que deixa perceber a rede de afetos ou a dinâmica dos afetos na cidade em relação ao conjunto, ou seja, com os elementos socio-culturais, além dos elementos do cotidiano, no qual são relatadas as experiências mais íntimas da coletividade com o urbano. A transposição da pessoa do discurso da primeira para a terceira pessoa não significa ausência de autoria, mas busca da totalidade a partir das conexões feitas entre as diversas entrevistas, criando, assim, uma só história da cidade como um drama pulsante de experiências. Sempre os fatos narrados e todas as palavras que aparecem no texto da narrativa socioafetiva-urbana são palavras dos entrevistados advindas de suas experiências quotidianas com a cidade, revelando destas os pormenores de uma forma espontânea e íntima.

4 Análise e discussão dos dados

4.1 A Narrativa socioafetiva-urbana

A narrativa socioafetiva-urbana de Jaguaribara e de Nova Jaguaribara seguem a lógica da narrativa dos moradores entrevistados. Quando eu solicitava que falassem sobre a cidade em que moram, iniciavam seus relatos narrando o cotidiano da cidade anterior. A cidade nova não tem memória própria, mas a da cidade anterior. Os relatos eram repletos de lembranças de resistência e também da manifestação de um desejo de permanência e de identidade. Os moradores que vieram da cidade antiga, ao falarem da vivência coletiva do cotidiano, expressaram os signos urbanos construídos historicamente na cidade anterior e que ainda permanecem na memória dos moradores na cidade nova. Compreender os afetos na cidade planejada perpassa pela compreensão dessa linha de continuidade dos afetos construídos no contexto sociocultural da cidade anterior, uma vez que foi com essa dinâmica afetiva do corpo coletivo que a cidade nova recebeu seus habitantes.

Assim, para compreender a linha histórica da dinâmica dos afetos na cidade planejada, a narrativa socioafetiva-urbana de Jaguaribara (a cidade anterior) objetiva construir um cenário narrativo da cidade antiga imaginada e memoriosa para analisar melhor os afetos presentes na nova cidade. Como já foi dito na primeira parte, trata-se de um só texto narrativo, no qual há as conexões das falas dos moradores, os quais falaram nas entrevistas em primeira pessoa e aqui na narrativa socioafetiva, ao contarem circunstâncias diferentes sobre o cotidiano na antiga cidade, os seus discursos são mudados para terceira pessoa, dando ao texto narrativo uma maior amplitude, em uma perspectiva da totalidade do que ocorria no cotidiano da cidade anterior, dos detalhes da convivência, dos costumes, dos fatos mais particulares, porque não dizer da intimidade do lugar.

O texto narrativo abaixo não constitui simplesmente um mostrar, um dar a ver a realidade urbana ou uma exposição descritiva de fatos de um contexto citadino, mas uma maneira de afetar o leitor na transmissão da experiência coletiva (*Erfahrung*), essência da narrativa, segundo Walter Benjamin (1985).

3.1a – A narrativa socioafetiva da cidade de Jaguaribara e de Nova Jaguaribara

A vida da cidade

A cidade velha tinha 45 anos quando foi transferida para a cidade nova. Havia uma época que não tinha água encanada, nem luz elétrica e sim um motor que gerava a energia. O cotidiano nessa época era muito peculiar. Logo pela manhã, os jovens, os adultos ou os senhores pegavam água do rio em latas de alumínio para o consumo de suas casas e para venderem para aquelas pessoas que não tinham seus filhos jovens ou adolescentes ou adultos na residência a fim de fazerem esse serviço. Os que não podiam pegar a água no rio pagavam por esse carregamento. Eram dez ou quinze latas d'água consumidas diariamente por família para cozinhar ou para tomar banho. O dono da casa pagava por esse serviço. Não se entendia que se comprava água em si. As pessoas compravam o serviço do carregamento e da força de carregar os galões de água até às casas. Tanto os jovens quanto os adultos faziam esse serviço para ganharem uma pequena renda e carregavam água do rio em latas até às 11h00 ou 11h30 da manhã, que era o horário que o Sol estava menos forte. Eram juvenzinhos entre 10 e 12 anos. Havia uma mistura de trabalho e brincadeira. Corriam juntos ao rio e colocavam a água nos potes. Voltavam para as casas, vendiam-na e já ganhavam aí um dinheirinho. Passavam na mercearia compravam pão. Quando iam em grupo de mais ou menos dez jovens dessa idade, ainda mais a brincadeira misturava-se com o trabalho. Corriam para o rio de novo, enchiam outro pote e, então, mergulhavam. Quando estavam preparados para sair, alguém do grupo pegava um torrãozinho da beirada do rio e jogava em outra pessoa. Um dos meninos perguntava: “*Quem foi?*” O outro dizia: “*Não sei!*”. No entanto, descobria-se quem era e aí se atracavam. A primeira coisa a fazer para se vingar: derramar a lata de água do outro! Aí pronto. Estava feito a briga.

Quando o rio secava - em épocas em que este não ficava perene – tanto jovens ou adultos faziam cacimbas dentro do rio. Por exatamente ser um rio, o leito não era profundo em demasia e a profundidade de tais cacimbas também não se avantajava.

Nos últimos carregamentos de água da manhã, sendo feitos também por jumentos, com ancoretas⁶⁹, os meninos aproveitavam para tomar banho no rio. Esse momento transformava-se em um lazer. Todos brincavam e pulavam no rio, quando este estava

⁶⁹ Ancoreta, segundo o entrevistado, era um recipiente ou de madeira ou de pneu onde colocavam água dentro. Era pendurada em cangalhas de um lado e de outro no lombo de um jumento.

com muita água. Assim findava a manhã que tivera início às seis. Toda essa disposição, principalmente dos jovens, devia-se ao dinheiro, mesmo que pouco, que recebiam pelos carregamentos.

Os mais velhos iam plantar; outros iam caçar ou pescar, a depender da época. No inverno, sua atividade mais frequente era a plantação em roça. No verão, as atividades eram mais próximas à vazante no rio ou no açude do Velame⁷⁰, onde se plantava a batata, o feijão, o jerimum, a macaxeira e o capim também para servir de alimento ao gado. O cotidiano resumia-se a essas atividades durante a maior parte do dia. Já à tardinha, algumas pessoas⁷¹ iam pilar milho, moer e cuidar da preparação do jantar.

Quando anoitecia, o motor a diesel, que ficava numa casa pequena, (chamavam casa do motor ou casa de força) começava a funcionar e acendiam as luzes da cidade. Quando era cerca de nove e meia da noite, a pessoa responsável dava um sinal que iria desligar o motor e, por conseguinte, as luzes. As pessoas que estavam nas ruas tinham dez minutos para ir para casa. Caso não fossem, ficaria mais difícil o retorno, pois a cidade iria ficar toda no escuro. Esse período da cidade com essa forma de iluminação pública teve seu início em 1957 e durou até o ano de 1970. Entre este ano e o seguinte, 1971, ocorreu a inauguração da energia elétrica em Jaguaribara, período também em que não havia calçamento e iniciava-se o encanamento da água. O telefone público ficava em um posto para onde as pessoas se dirigiam quando queriam fazer alguma ligação.

A vida da cidade se organizava em torno da praça para o mercado, da igreja da Matriz e do rio. Havia no centro a praça no meio, o mercado público de lado e a igreja do outro. Havia também a quadra de futebol e o campo da vila de São Vicente, dois outros lugares que eram espaços de encontros na cidade. As festividades da Igreja Matriz eram muito animadas, principalmente a festa da padroeira, Santa Rosa de Lima. Nas comunidades menores havia também festividades. Cada comunidade tinha a própria festividade de seu santo específico. Além dessas festas, havia as vaquejadas.

Aos domingos, a principal atração da cidade era o banho no rio. Apesar de todos os dias acontecer esse banho, o domingo era mais marcante e animado, pois quase todas as pessoas da cidade estavam lá para tomar banho, jogar bola ou fazer piquenique. As pessoas levavam comida ou, às vezes, levavam somente uma panela com a nata e a farinha para pescar lá mesmo. Escolhiam uma árvore bem frondosa como uma oiticica.

⁷⁰ Velame era o nome de uma localidade próxima à cidade de Jaguaribara, onde havia um açude pequeno.

⁷¹ O morador não especificou o gênero com relação a essas atividades.

Varriam por debaixo, faziam o fogo ali mesmo, tiravam a lenha no próprio local, pescavam e ali mesmo se alimentavam. Faziam isso em grupo de famílias, amigos, convidados que vinham passar férias em Jaguaribara. Os grupos, ao passarem perto do rio para procurarem local, às vezes viam trempes montadas de outros grupos e já ali se sabia que tinha havido uma pescaria.

As pessoas já acordavam pensando no rio. O rio era cheio de peixe, cheia de terra de vazante. Uma pessoa pobre que não tinha nada na vida e só tinha uma tarrafa dentro de casa e os filhos e a mulher, ao amanher o dia, corria para dentro do rio, colocava sua tarrafa, pegava o peixe, tirava uma parte para torrar e almoçar, pegava a outra parte e saía na rua para vender o peixe e comprar a farinha, o arroz, a rapatura e, então, já tinha tudo para o almoço. Quando era entre o meio-dia e o início da tarde, ele ía de novo com a tarrafa para o rio. Lá, pegava novamente o peixe, vendia e fazia a comida para o outro dia. E muitos viviam só disso. Lá na vazante, havia moradores que não pegavam peixe, mas armavam a arapuca, pegavam galinha-d'água e levavam para vender na cidade, garantindo sua sobrevivência. Outros colocavam um galão dentro do açude, passavam a noite e, ao amanhecer, tiravam os peixes. Reservavam os peixes para seu consumo e levavam o resto para venderem nas ruas da cidade, a fim de comprarem o restante do almoço. Às vezes, não precisavam nem vir todo dia para Jaguaribara porque, em um só dia, ele comprava o almoço, que durava até uma semana.

Era comum também os canoeiros no rio, que transportavam as pessoas de um lado a outro. Havia o canoeiro Lúcio Viera, o 'velho canoeiro'. Havia o barulho dos búzios, que as pessoas do outro lado faziam para o canoeiro ouvir. À meia-noite, as pessoas acordavam com a zuada dos búzios no rio. Com o barulho, os moradores sabiam que tinha gente do outro lado do rio. O canoeiro acordava e ia para o rio de madrugada. Outros canoeiros eram o Lucinaldo e o Rosier. O velho canoeiro tinha um carro bem grande de madeira com rodas enormes e arrastado pelos bois.

Utilizavam o rio também para tomar banho, sendo até mesmo uma maneira de economizar água, já que essa passou a ser encanada totalmente a partir de 1984. Antes do encanamento da água na cidade, a relação das pessoas com o rio era muito mais intensa. Quem ia tomar banho, já levava uma lata para despejar no tanque e tomar banho à tarde. Havia um local específico para os homens tomarem banho e as mulheres, separadamente. Depois de um tempo, podia-se pegar água do chafariz que fora construído. De manhã bem cedo, todas as famílias enchiam suas vasilhas, potes ou tanques do banheiro, nos quais as pessoas tomavam banho com a água do tanque em

casa. Os sons das águas animavam jovens e adultos ao pularem e jogarem água uns sobre os outros. Quando um queria ir embora, seus amigos jogavam barro e sujavam-no para ele não ir e retornar para tomar banho de novo. Era preciso correr quando saísse do rio para não ser sujo e poder retornar para casa. Algumas mães marcavam para seus filhos a hora de chegar em casa e era preciso sair naquele momento do rio.

Quando o calor estava mais intenso, alguns moradores, tomavam banho no rio, no horário mais quente do dia, com roupa e tudo, ia para casa e se trocava. Além do banho, muitas pessoas pescavam de anzol à beira do rio. Quando faltava água na cidade, podia-se lavar os pratos sujos no rio. As mulheres, por sua vez, lavavam roupas nas pedras. Tinha a pedra do Morcego, do Simão, da Pelada. As pessoas davam nomes a essas pedras ao longo do rio e, por consequência, ficavam como nomes para partes deste. Um costume bem antigo na cidade era perguntar a alguma pessoa onde ela estava e esta responder que estava em tal e tal pedra. A Pedra do Morcego tinha um poço bom com um gosto diferenciado da água. A Pedra do Sino tinha esse nome porque, ao bater, tinha como ferro. Simão era uma pedra em outro lugar do rio.

O interior da vida na cidade

A cidade de Jaguaribara tinha um traçado retangular. Havia um trajeto muito usado por uma moradora que morava na rua da caixa d'água, uma das últimas ruas da cidade. Ela dobrava a esquina e passava pela casa da sua mãe, de Zezé, seu irmão, a casa de Zulmira, a casa de Sebastião Mago, a casa de Maria de Bileu, a casa de Rosa de Chico Vieira, a casa de D. Maria de Raimundo Moιά, a casa de Corminha, a casa de Luís de Adálio, depois a casa de Nilvado, seu irmão, depois, a casa de Antônio Campina, a casa de Nilson de Zé Dantas, a casa de Robson Bezerra, a casa de Seu Otávio, a casa de Mané Canuto, a casa do Sr. Almeida, a casa de Geraldo Virgino, depois, passava por uma casinha que chamavam a casa de Chico Garchelo, depois a casa do seu pai, que, ao lado, tinha uma casinha assim fora, meio dentro dos matos, que era a casa de Seu Antônio Chicão. As pessoas que moravam na rua da frente na vila, que chamavam a vila de São Vicente. Lá, havia a casa do Lucas, da Rita do Joaquim Carlo, de Seu Zé Dantas, de Sr. Altino, de Sr. Dãozinho. Voltando para o outro lado – já de costas para essa rua – tinha Seu Nilo Preto, tinha Maria de Joaquim de Seu Dedé Freitas, tinha a casa de Graça de Neta de Aceu, a casa de Seu Antônio Forte, de Dirce, de Dona Rita de Joaquim Carmo, de Eva de Gonzaga, de Dona Bárbara, de Raimundo Melé, de Tarcim, tinha a casa de Nazira, a casa de Seu Lauro Cortês, de Neci de Julito,

a casa de Omar Manso, de Deuzuita, tinha a casa do filho de Faustino, do Alexandro, a casa de um rapaz, que a esposa dele é neta do Seu Raimundo pipoca, tinha a casa de Seu Chiquinho Abelha. Se uma pessoa saísse para a rua à noite e fosse, por exemplo, na casa de Dalvinha, que morava do outro lado da Igreja, via todos os moradores nas calçadas e já que teria que passar ao longo da rua, como todos se conheciam, sendo a cidade pequena, o caminhante teria que dar vários ‘boas noites’ e as pessoas achavam isso engraçado. Se a pessoa voltasse por uma rua para a casa de Dalvinha e voltasse pelo outro lado da praça, podia-se ver todos da cidade, em uma só caminhada noturna.

Algumas ruas eram planas e extensas. As travessas eram mais estreitas. A árvore mais abundante era a acácia. Também havia a castanhola. O calçamento era de pedra tosca. Havia uma única praça, que era no centro, com muitas árvores de acácia e algaroba e castanhola, as quais davam uma sombra generosa à praça. De um lado havia a Igreja Matriz e do outro o mercado. Inicialmente, esse tinha o formato de um quadrado. Havia quatro portas de entrada, além das portas das mercearias, que ficavam ao redor, dispendo no centro deste um espaço vago. Essas mercearias tinham portas de entrada, tanto para fora quanto para dentro do mercado. Na parte de dentro, vendia-se lanches nos boxes. Nas segundas-feiras, que era o dia da feira⁷², as pessoas faziam refeição nesses lugares no mercado. Refeições tais como buchada com cuscuz, carneiro cozido, fígado eram consumidas logo pela manhã como merenda. Posteriormente, fecharam-se as duas portas laterais e ficaram somente duas portas. Quando chovia, as bicas do interior do mercado derramavam muita água, o que era motivo para as pessoas tomarem banho. Era comum, quando houvesse uma chuva grande, correr-se ao mercado para tomar banho nessas bicas, que ao todo eram quatro. Era como uma animação improvisada. Lá, vendiam-se carne, feijão, arroz, peixe pescado no rio, frango de criação, ovos, farinha, queijo, manteiga da terra – algumas vezes – o preá, o marreco, enfim, alimentos que, em sua maior parte, eram de Jaguaribara ou das redondezas⁷³. Havia, em épocas anteriores, nos balcões das mercearias, rolos de papéis com um pau encima. Se o cliente pedisse um quarto de manteiga ou café, colocava-se a medida no papel e cortava o que foi pedido com o pau. Era o chamado retalho. O papel para a manteiga era mais fino. Nesse mercado, em uma das travessas, a cidade era cortada ao

⁷² A feira da cidade acontecia entre a praça e o mercado.

⁷³ Levavam-se, inicialmente, esses alimentos para vender em Fortaleza e, na volta à cidade, traziam tecidos, açúcar, macarrão. Isso se deu até o período em que os caminhões de empresas desse gênero começaram a entrar em Jaguaribara.

meio por uma estrada que vinha da BR 116 em direção ao município de Jaguaretama. Portanto, todos os que chegavam, por obrigação, tinham que passar por essa rua que era chamada de Peixoto de Moraes. Por isso, as pessoas da cidade conheciam quem entrava e quem saía e, caso houvesse um carro diferente, não tinha como não saber que alguém estranho tinha entrado ou passado por dentro da cidade. Algumas pessoas que entravam na cidade tinham o costume de ficar nas mercearias por um tempo para conversar. Na mercearia do Sr. Agnelo ou no mercado havia frequência dessas pessoas, que, nas horas de ociosidade e por não ter um trabalho muito rígido em termos de horários, ficavam nesses espaços, os quais se tornavam pontos de encontros. Além desses lugares, as calçadas também serviam para a observação dessa rua da entrada e saída da cidade. Das calçadas, via-se o que ocorria na cidade. Quando passava a novidade de um carro diferente, as conversas em torno do fato aconteciam todas ali: no mercado central, onde havia o restaurante. O novato na cidade, ao fazer sua refeição, tinha seu nome conhecido, descobria-se de onde era e demais informações. Essas logo se faziam circular pela tríade mercado – mercearias – calçadas e, depois, para toda a cidade. Se a pessoa que entrasse na cidade fosse de Jaguaribara mesmo, ela parava propositalmente na mercearia ou no mercado para conversar.

Toda nova notícia na cidade era anunciada eficientemente, por entre as ruas, por um rapaz chamado Antônio de Andelino. Ele saía contando o fato novo rua acima e rua abaixo. Antônio chamava todo mundo de madrinha e padrinho e, quando se dava atenção a ele, parava naquela casa e fazia o relato inteiro do que tinha acontecido de novo naquele momento. E sua voz era bem alta. Quando terminava a história, continuava a seguir a rua. Assim, ele conseguia anunciar a nova notícia à cidade inteira. Antônio era a internet, a televisão e o rádio da cidade. Era um especialista em notícia local. À tardinha, já se ouviam os gritos de Antônio nas ruas.

As casas eram conjugadas, uma ao lado da outra com paredes em comum. O que um vizinho falava na casa ao lado, o outro escutava. Era comum ouvirem-se uns aos outros quando nos roncamos ao dormirmos, no barulho de lavar pratos e panelas, quando chegava uma visita na casa vizinha, nas conversas. Somente os quartos eram contrários e era o único lugar da casa que os vizinhos não conseguiam ouvir o que acontecia nesses compartimentos.

A única praça da cidade era bem cuidada, os bancos eram geralmente ocupados pelas pessoas. Havia um mamoeiro que ninguém mexia nos frutos. Uma pessoa ficava responsável em cuidar e regar. O Natal, que usualmente se faz em casa, em Jaguaribara

era feito na praça. Os filhos de Jaguaribara que moravam em Fortaleza, Jaguaratama, São Paulo e outras cidades deixavam para vir no mês de dezembro. A intenção de todos era rever os conterrâneos que há muito tempo não estavam na terra. As famílias faziam a refeição de Natal nas residências durante o dia. À noite, a partir de seis horas, não tinha quem segurasse ninguém em casa. Todos corriam para a praça. Vinham muitas pessoas da zona rural. De tão animada que era, devido à multidão, vinha gente de outros municípios. A missa realizava-se à meia-noite. E depois, o forró estendia-se até o amanhecer do dia.

Essa animação acontecia mesmo depois do anúncio da destruição da cidade, apesar de que houvesse o pensamento coletivo voltado para o que iria acontecer. Uma prova disso é que houve uma divulgação de um forró que a frase do *slogan* de tal evento era: “*Visite Jaguaribara enquanto é tempo!*”.

A praça era o lugar de todo mundo. Lá aconteciam gincanas e ocorria o aniversário do município. Havia dois quiosques, onde se vendia churrasquinhos ou refrigerantes. As pessoas faziam tertulhas e havia os bailes de radiolas aos finais de semana. Havia dois colégios que competiam quem fazia a melhor tertúlia, quem lotava mais. Ai se realizavam as animadas festas da igreja, com barracas, partidos, verdes ou amarelos para a disputa da rainha. Tudo era muito organizado. Na pracinha, as pessoas conversavam, brincavam se divertiam. Tinha declamação de poesias para os namorados e o correio elegante: quando o menino estava querendo namorar com a menina, fazia um bilhetinho e o mandava por uma colega para a menina. Quando tinha festa de igreja, a comunidade toda se envolvia.

Quotidianamente, ouviam-se frequentes sons dos pássaros pela cidade. Devido à proximidade das águas, havia muitos marrecos, periquitos, papagaios, pombos, avoantes em revoada, urubus. Além disso, era presente o relincho ritmado dos jumentos e o som dos chocalhos balançando no pescoço das vacas, pois havia currais ao redor da cidade.

Era comum as pessoas se conhecerem por apelidos. Às vezes, para se chegar ao nome da pessoa, tinha que se referir à família quase toda. Para se tentar identificar alguém, dizia-se o nome do filho, do pai ou até mesmo da esposa de quem se queria identificar. Algumas famílias incorporavam o apelido ao próprio nome.

Pela manhã, de dez para onze horas, o som de uma mesma programação de rádio se fazia escutar. Nessa rádio, ouviam-se cantorias muito queridas pelas pessoas da cidade. Ao andar pelas calçadas nesse horário, podiam-se ouvir tais cantorias, pois o rádio ficava na sala da frente nas casas acima de um móvel que todos tinham, como

uma mesinha. No período que não havia muitas televisões na cidade, juntava-se muita gente para assistir numa casa só as novelas ou filmes. A casa de Sr. Róseo Bezerra era uma dessas onde se juntavam muitas pessoas, por ser um dos primeiros a comprar televisão na cidade. Todos ficavam sentados no chão. Aqueles que não cabiam na sala ficavam na janela pelo lado de fora. Isso perdurou até em média primeira metade da década de 1980.

À tardinha, alguns meninos iam vender peixe. Com o produto da pesca do dia, os meninos saíam pelas ruas com a “cambada⁷⁴” ou palha. Passavam pelas calçadas, sem anunciar em voz alta e ofereciam de porta em porta. Alguns moradores é que apontavam ou informavam: “*Olha, o peixe tá passando!*” Outras vezes, os meninos davam a volta por fora do mercado porque não tinham ponto certo para vender.

Era costume, a partir das cinco da tarde, quando dava a sombra, as calçadas das casas ficarem repletas de pessoas para esperarem o vento do Aracati⁷⁵ e também para conversarem. Juntavam-se de duas a três famílias e ali conversavam, enquanto uma pessoa bordava, outra fazia crochê, cada qual tinha uma atividade, mas do lado de fora na calçada. O vento do Aracati chegava todos os dias e passava no meio de conversas e da contação de histórias. Nesse momento, as crianças brincavam de roda na rua até o entrar da noite. Sentia-se aí ainda mais tranquilidade quando as pessoas conversavam ou contavam histórias nas calçadas. Outros faziam visitas entre os vizinhos. Era comum as pessoas se visitarem entre a tardinha e à noite.

Festas da cidade

As maiores festas aconteciam no final do ano ou na comemoração do Sete de Setembro, o aniversário da Pátria, que era muito comemorado em Jaguaribara. Existia um sentimento de patriotismo muito grande. O desfile era muito bonito e impressionante com bandas, cavalaria. À noite desse dia, acontecia uma festa dançante.

Também no final do ano, havia a festa do término de curso da oitava série.

Jaguaribara antiga era muito rica na cultura popular. Havia a “Festa do Judas”. As pessoas tinham a preocupação de juntar as coisas para queimar o Judas de uma noite

⁷⁴ Cambada era uma tira feita de palha de carnaúba, que se enfiava na cabeça do peixe, podendo-se carregar de dez a quinze peixes, o que fosse pesar.

⁷⁵ No interior do estado do Ceará, em regiões próximas ao leito do rio Jaguaribe, há um vento com características de brisa, diariamente, no fim das tardes e começo das noites quentes da época seca do ano. Esse vento é denominado pelos moradores de vento Aracati, podendo estar associado à ocorrência de Jatos de Baixo Nível. Fonte: *Influência da temperatura máxima diária na ocorrência do vento Aracati*. 62º Reunião anual da SBPC. Almeida, R.Q. [et al.]

para o outro dia. A graça de tal festa era tentar roubar o Judas. Passavam a noite “vigiando” o Judas, por conta disso. Muita gente ficava acordada, perpetuando aquela tradição. E no outro dia, queimava-se o Judas. E, antes da queima, tinha o testamento do Judas. Fazia-se em versos rimados, deixando os pertences do Judas para as pessoas, o que era motivo de risos. Todas as pessoas se envolviam.

Outro evento da cultura popular na cidade eram os “caretas” ou os “papangus” que a família Bandeira apresentava. Eles faziam as apresentações nas fazendas e demais localidades. É a história da Catirina que queria comer a língua do boi, mas o vaqueiro não queria que Catirina comesse, e a história termina quando matam o boi da fazenda e depois há a ressurreição do boi. Também havia o reisado na cidade. À noite, os meninos saíam nas casas com cantoria fazendo pedidos para o reisado. A música era assim: *“Meu senhor, dono da casa, abra a porta e acenda a luz... esta casa está bem feita por dentro e por fora não. Por dentro, o cravo de rosa; por fora, manjerição.”* Muitas estrofes eram cantadas pelas pessoas que, assim, pediam suas ofertas. Além desses momentos da cultura popular, havia também as vaquejadas tradicionais em Jaguaribara.

Aos domingos e nos dias de feiras, às segundas-feiras, havia o forró de latada⁷⁶ ou de salão que era tocado pelos sanfoneiros de lá mesmo: Carneiro, Valdemir Moió, Chico Moisés. A festa constituía uma maneira de esses sanfoneiros ganharem algum dinheiro.

Em geral, as pessoas andavam mais de bicicleta, de carroça ou a cavalo. Havia o movimento de caminhões de pessoas da própria cidade que faziam compras em comércios vizinhos à Jaguaribara para revender em outros comércios ou para o próprio consumo nas famílias.

Símbolos do coletivo

Fazia parte da vida da cidade também um bode, chamado de “bode de Melanias”. Era um animal muito bonito e famoso. Comia em abundância ração de um armazém que ficava de portas abertas e bebia a água do rio, quando tinha sede. Por isso, o bode cresceu muito e ficou muito bonito. As pessoas chegavam perto dele, era considerado um amigo. As crianças brincavam com o bode. Ele estava no meio onde havia pessoas reunidas e andava por toda a cidade. O mercado era o principal lugar onde se poderia encontrá-lo. O bode virou até ditado popular. Por exemplo, se quisesse chamar alguém de feio, diziam-no, utilizando o nome do bode: *“Feio não, o bode de Melanias”*. Se

⁷⁶ Conhecido também como “Forró pé de serra”.

alguém não cheirasse bem, diziam: “*Fedorento não, o bode Melanias.*” Se alguém não fizesse a barba, diziam: “*Barbudo não, o bode Melanias*”. Se chegasse uma pessoa bem elegante na cidade, diziam: “*elegante não, o bode de Melanias.*” Ligavam a qualidade ou a depreciação ao excesso que a imagem do bode representava aos moradores, pois tudo nele era muito, seja a altura, a riqueza ou outras características.

O sino tocava na cidade para chamar as pessoas às missas ou quando morria alguém. Tocava até o corpo chegar ao cemitério, sendo velado na Igreja. Havia toques diferentes para crianças e adultos. Se era o adulto, chamava sinal. Era mais devagar. Se era criança, chamava repique: era bem ligeiro. Quem velava não era só a família. Era a cidade toda. Comprava-se pão, fazia-se café, chá ou caldo. Era uma noite de farra, de encontros. Estavam todos ali: os mais velhos dentro da sala rezando onde estava o corpo e os mais novos do lado de fora conversando, contando piada, tomando caldo, comendo pão, tomando cachaça.

Um fato curioso na vida da cidade era a chegada do ônibus da empresa “Ouro Verde” todo final de ano trazendo a família dos Pintos. Eles vinham para a festa de Nossa Senhora da Conceição no dia oito de dezembro. Quando ia se aproximando esse dia, todos na cidade ficavam na expectativa de ver a chegada do “ônibus dos Pintos”. Quando esse ônibus chegava, circulava por toda a cidade a notícia: “Os Pintos chegaram!” Muitos corriam para ver chegar essa família, mesmo não tendo sequer algum parentesco.

Havia uma compreensão forte de enraizamento das pessoas à cidade de Jaguaribara. O povo gostava da cidade. Havia um orgulho dos jaguaribenses de morarem naquela cidade pequena. Havia um sentido de pertencimento muito forte à cidade. Todos eram praticamente uma só família. Embora tivessem nomes diferentes, havia um grau de parentesco próximo, devido aos casamentos. Todos se conheciam muito. Quando o time de futebol da cidade estava em uma época boa e havia jogos nas cidades vizinhas, muitas pessoas faziam questão de fretar carros para irem assistir ao campeonato.

Também os policiais eram muito amigos das pessoas. O tenente Teles fazia parte da vida da cidade. Ele teve a ideia de fazer a primeira quadra esportiva de Jaguaribara. Esta foi feita com doações e ajuda mútua dos rapazes que jogavam futebol. Antes do tenente Teles, não havia policiais formais na cidade. Quem fazia o papel de policial era uma das pessoas da cidade. Essa pessoa tinha que ter um bom caráter, moral e coragem, pois iria realizar a mesma tarefa de um policial formal. E todo mundo obedecia essa

pessoa. Eram chamados de delegados. Esses mantinham a ordem. Havia delegados voluntários. Somente depois é que a polícia militar formalizou seu trabalho na cidade. Havia um carro que fazia visitas surpresas na cidade. Chamavam-no de “volante”. Era feita a busca de armas, mesmo que muitas vezes só fossem apreendidas para depois serem liberadas.

Brincadeiras infantis

As crianças criavam seus brinquedos. Os carrinhos eram feitos de lata e de madeira e ao início da noite havia as brincadeiras de bandeirante, de “três para livrar”⁷⁷. Logo pela manhã, muitas crianças gostavam de pegar passarinho, principalmente canário-da-terra, valioso por ser muito cantador. Eles próprios faziam as gaiolas, prendiam os passarinhos. As arapucas eram armadas na beira do rio e tudo funcionava como uma grande brincadeira. Caçar de baladeira era outra maneira lúdica de atividade das crianças. Também brincavam de carro e criavam estradas em miniatura no meio do mato para esses pequenos objetos passarem. Faziam açudes minúsculos com sangradouros nos córregos encontrados para concentrar a água da chuva e a esta ser reservada ali. Tudo era bem real para elas. No entanto, algumas crianças ajudavam seus pais na roça ou no cuidado dos animais, sendo uma necessidade do dia a dia da casa.

À noite, abundavam tipos de brincadeiras de roda e a brincadeira de cair no poço⁷⁸. Também a brincadeira do anel⁷⁹ e a brincadeira de jogar pedras⁸⁰. Essas brincadeiras aconteciam na praça da cidade, nas calçadas em frente às casas ou no patamar da Igreja Matriz. Este era bem espaçoso com o chão feito de cimento e constituía palco para todas as brincadeiras.

Estórias de lobisomem e demais⁸¹

⁷⁷ Brincadeira na qual uma criança prende a outra e uma terceira tenta livrar aquela que foi presa.

⁷⁸ Ao se juntarem um grupo de crianças na praça da cidade, dizia-se: “Caiu no poço” e perguntavam: “Com água aonde?” “No pescoço”, respondiam. “Como se salvará?”, outro perguntava. Alguém respondia: “Com um abraço!”. “De quem?”. E alguém apontava aquele que iria dar o abraço e salvar o outro.

⁷⁹ Uma brincadeira muito conhecida que consiste em um dos participantes passar um anel por entre o grupo dos demais participantes e soltá-lo aleatoriamente. É escolhida uma pessoa do grupo para adivinhar com quem está o anel.

⁸⁰ Constitui uma brincadeira de jogar cinco pedrinhas de tamanho aproximado no chão e tirar uma delas para jogar para o alto, ao mesmo tempo em que se deve, com a mesma mão, pegar outras que ficaram no chão até ir-se acumulando sucessivamente todas as pedras na mesma mão que joga para o alto uma das pedras.

⁸¹ Estórias contadas e existência de personagens em Jaguaribara antiga, segundo relatos dos entrevistados.

Em dias de sexta-feira treze, dizia-se que havia um lobisomem andando pela cidade. Conta-se que um senhor de Jaguaribara saiu para uma festa, tendo sido convidado por seus amigos. Foi logo depois deles devido à ocupação do trabalho. Após algumas horas, o senhor foi para a tal festa. Em certo local do caminho, encontrou uma cabra que queria comê-lo. Começaram a lutar e a cabra, no meio dessa luta, transformou-se em um jumento. A luta agora era entre o senhor e o jumento. Aquele se lembrou, depois de se benzer, que estava armado. O senhor tirou a faca da bainha e tentava atingir o jumento, mas este se desviava. O senhor escorregou em uma barreira e caiu dentro do riacho. O jumento caiu por cima do senhor. Este enfiou a faca em seu chapéu para o jumento não ver e atingiu o jumento com duas facadas. O jumento, então, falou: *“Você me matou!”* O senhor deu-se conta de que quem lutava com ele não era um jumento, mas um ser humano meio animal. Esse se soltou do senhor e correu. Com um cipó, o senhor foi atrás do animal, mas não conseguiu alcançá-lo. O senhor da cidade voltou, então, com uma enorme dor na barriga e ficou andando sem rumo com essa dor, enquanto rezava nele mesmo para não mais senti-la. Ficou a pensar se iria para casa ou para a festa, depois de toda essa luta. E, apesar de saber do perigo de o animal estar no caminho, o senhor foi para a festa. Quando chegou ao forró, encontrou seus amigos meio tontos e bêbados. Logo, seus amigos perceberam que o senhor estava suado e ferido e perguntaram o que aconteceu e onde estava sua faca, uma vez que os amigos cobiçavam tal faca por ser muito bonita. O senhor disse que a faca estava com ele e seus amigos, meio bêbados, o convidaram para fazer uma troca de sua faca por uma deles. Após muita insistência, o senhor concordou, mesmo porque queria livrar-se da faca que feriu ou matou o homem/animal. Quando o senhor tirou a faca para realizar a troca, seus amigos se assustaram ao verem que a faca estava suja de sangue. Perguntaram se ele havia matado alguém, o que o senhor respondeu negativamente. Tentou explicar aos amigos a luta que tinha travado com a cabra que se virou num jumento valente e que depois falou como uma pessoa quando ele enfiou duas facadas para livrar-se do mesmo. Na manhã seguinte, o pai desse senhor mandou-o comprar louça, panelas e potes no Alagamar. No caminho, o senhor ficou com muita sede. Parou na casa de um conhecido e pediu água. Duas moças bonitas saíram e o receberam no portão. Mas, o senhor olhou de longe e percebeu que no alpendre havia o seu compadre Liberato que estava em uma rede ferido. As moças explicaram que seu pai, sendo curtidor, trabalha mais à noite e nessa noite, ele havia escorregado encima do facão, o que lhe custou dois golpes. O senhor, para constatar sua intuição, perguntou onde fora

os golpes. O que as moças responderam que havia sido um “ao pé da barriga” e outro na costela. O senhor, então, revelou que ali havia sido a sua própria faca e entendeu que aquele homem era o lobisomem. Apesar de ter descoberto, o senhor voltou à mesma casa, por ter achado as meninas bonitas e o seu Liberato não olhou mais para ele. Enrolou-se na rede e se escondeu. Quando voltou do serviço, perguntaram ao senhor como tinha sido a viagem e se ele havia novamente encontrado algum bicho que queria comê-lo, o que o senhor respondeu com desassombro que não havia entrado quem queria comê-lo, mas havia encontrado o bicho que quis comê-lo essa noite. Revelou, então, que o lobisomem era o velho Liberato. Tempos depois, este morreu. Depois que Sr. Liberato/lobisomem morreu, acabou-se o assombramento da cidade. E todos tiveram a certeza que o lobisomem era o Sr. Liberato. Ele já tinha assombrado muita gente. Uma vez desapareceu uma mocinha e o povo disse que foi ele que comeu. No entanto, é sabido que o lobisomem não come, mas somente bebe o sangue, assim como faz uma onça.

Dizia-se também que um homem já de idade, que morava sozinho e bebia muito, virava lobisomem em noite de Lua cheia. Havia o papa-fígado. Era uma espécie de um aparelho com uma luz forte que tinha uns homens dentro que vinham e tiravam o fígado das pessoas para levar para nos Estados Unidos. Quando havia uma claridade na cidade, já era o papa-fígado chegando. Algumas pessoas, já às quatro da tarde, ficavam temerosas de andar nas ruas da cidade com medo dessa máquina. Conta-se que esse aparelho ficava sobrevoando a cidade e quando avistava crianças, baixava-se e tirava o fígado das mesmas.

Havia a caipora, que era um bicho do mato que vinha pedir fumo aos homens quando eles estavam caçando. Havia vários tipos de caçadores: caçadores de pebas, de avoantes, preá, tatu, galinha d’água e marrecos. Se não desse o fumo à caipora, não o colocando no tronco da árvore, além da caipora bater nos caçadores que ali caçavam, ela não os deixava pegar nenhum bicho.

Também Lampião fez muitas coisas em Jaguaribara. Era um lugar de passagem dele quando Jaguaribara ainda era Santa Rosa. Quando ele passava na cidade, todos ficavam com medo, se escondiam e deixavam-no passar. O que ele quisesse levar, o fazia, como comida, por exemplo. Ele não roubava. Ele chegava, pedia e levava. Todos tinham medo e ninguém dizia que não dava o que pedisse. Um dia ele chegou com um grupo de seis companheiros em uma casa de uma senhora que, no momento, estava sozinha. Lampião perguntou o que tinha para almoçar e ela disse, muito temerosa, que

não havia nada para comer, pois era muito pobre. O chefe do grupo apontou para uma galinha ao longe no cercado da mulher e disse que pagaria à mulher, se ela fizesse o almoço para o bando. A mulher ainda tentou protestar dizendo que só tinha essa galinha e Lampião disse, já meio enfezado, que seria melhor ela matar, pelo menos acabava logo a criação. A mulher, então, chamou a galinha, que veio inocentemente ao seu encontro. Lampião pegou o pescoço e matou a galinha rapidamente. Aí é que a mulher se assombrou mais com ele. O líder deu uma ordem expressa ao bando: *“Olhe, ninguém é para bulir com a senhora. Deixe ela fazer o comerzinho dela em paz!”* A velhinha fez o almoço para eles e, no preparo, teve tanto medo que esqueceu de colocar o sal na comida. Quando, na hora do almoço, quando todos estavam comendo, um dos companheiros disse: *“Senhora, tá insosso demais. Não tem sal não, D. Alice?”* O que ela respondeu: *“Tem”*. Mas Lampião disse: *“Traga não, Dona, do jeito que nós estamos comendo, ele pode comer também.”* Quando terminou de almoçar, Lampião perguntou à mulher: *“A senhora tem sal?”* Ela disse: *“Tenho”*. Lampião disse: *“A senhora dá para me trazer um quilo de sal e um litro d’água?”* Ela respondeu que sim. E aquele que reclamou do sal já ficara desconfiado. Lampião fez, então, uma gororoba de sal com água, ficou aquela coisa grossa, depois mexeu mais, colocou mais água para ficar uma mistura mais fina e, por fim, chamou: *“Ei rapaz, venha cá.”* Dirigindo-se ao rapaz que havia reclamado. O rapaz, ao ser chamado pelo próprio Lampião ficou até animado e orgulhoso. Mas, quando chegou em frente a ele, Lampião lho disse: *“Está aqui para você beber!”* O rapaz disse: *“Eu vou beber o quê, meu senhor?”* Lampião disse: *“É sal pra comer e beber tudinho”*. *“Isso aí tudinho, doutor?”* – perguntou o rapaz já desesperado e continuou: *“Mas eu morro, meu doutor!”* Lampião disse: *“Não, morre não. E não diga mais nada não! É para engolir é agora mesmo.”* O rapaz colocou na boca, bebeu a gororoba, Lampião mexeu o resto na panela e disse: *“Toma o resto!”* O rapaz disse: *“Mas, meu doutor, o senhor vai me matar?”* Lampião disse: *“Isso é para um dia, se você for comer nos cantos e, se a comida estiver insossa, você coma calado do jeito que nós comemos.”* Quando o rapaz terminou de tomar a água com o sal, em dez minutos, estava com a barriga inchada e logo mais morreu, lá mesmo ficando. O grupo e o próprio Lampião deixaram-no morto do jeito que caiu, montaram em seus animais e foram embora puxando o animal que o rapaz andava. A senhora assombrou-se ainda mais, e Lampião, antes de ir, colocou a mão no bolso, encheu-a de moedas e disse:

“Tome, senhora, esse dinheiro é para a senhora.” A mulher disse: *“É isso tudo?”* Lampião respondeu: *“É sim, tome, porque a senhora foi muito legal com a gente!”* Então, a senhora disse: *“Oba! Sendo assim, eu vou comprar mais uma galinha!”*

Outros falavam de uma tocha, parecida com uma tocha olímpica, que saía da ilha do Olavo⁸², atravessava o rio e voltava. Havia também um carro misterioso que acendia as luzes à noite, ultrapassava cercas e andava pelo mato.

Frei Damião⁸³ visitou um distrito de Jaguaribara, o Poço Comprido, e lá foi roubado. Então, almadicoou o distrito. Disse que lá iria encher d’água. Desde então, no Poço Comprido, nunca mais ninguém teve sucesso. Na mudança, o distrito de Poço Comprido foi o primeiro lugar que as águas inundaram. Os mais velhos moradores de Jaguaribara contavam a história que um Frei de nome Vidal apareceu pela cidade e profetizou que Jaguaribara iria virar cama de baleia. E também contavam que esse Frei dizia que isso ia acontecer no momento em que o alimento da cidade que fosse mais barato ficasse mais caro. Ele falava do sal e do fósforo.

A notícia da destruição da cidade

Quando a notícia chegou em 1985, Jaguaribara parou. Ficou parada no tempo e não mais cresceu. Criou-se um marasmo muito grande até a construção da nova cidade. Jaguaribara regrediu. Muitas pessoas, percebendo que a cidade estava parada, saíram para São Paulo. Antes da notícia, dificilmente as pessoas saíam de Jaguaribara. Depois de 1985, os jovens com idade para casar, não o podiam fazer, pois não podia construir sua casa, uma vez que era proibido construir. O costume era que, assim que noivava, o jovem já ia procurando um local para construir sua casa. No entanto, não se podia mais construir devido à advertência do governo da não indenização de construções na cidade após a notícia da barragem.⁸⁴ Portanto, o casal ficava na casa dos pais. O problema

⁸² Consistia numa pequena ilha no meio do rio Jaguaribe que banhava a cidade.

⁸³Frei Damião foi um frade capuchinho italiano que fazia romarias pelas cidades do Nordeste desde 1931 até perto de sua morte em 1997. Nas cidades, fazia comunhões, batismos, casamentos e confissões. Era muito venerado pelo povo nordestino e era considerado por este um santo e um profeta.

⁸⁴ Segundo Cavalvante (2006, p. 20) “No levantamento efetuado pelo Governo do Estado, detectou-se que existiam 61 imóveis habitados por mais de uma família. Isso se deu em função da insegurança das pessoas em investir, por conta do possível alagamento da área e por medo de não receber a indenização devida quando ocorresse o alagamento, o que explica o tímido crescimento nas últimas décadas. As pessoas foram constituindo famílias, porém continuavam morando em casa de parentes.”

aumentava quando se tinha outro filho para casar. E todas as conversas nas calçadas ficaram direcionadas para o mesmo assunto: o da destruição da cidade devido à construção da barragem. Era uma expectativa muito grande: o de deixar o próprio lugar, com tudo já bem estabelecido como o roçado, o lugar da pesca ou a casa e pensar sobre a incerteza do novo lugar. As perguntas giravam em torno de: como seria a nova casa? Onde irei plantar? O que irei fazer lá? Todos imaginavam como seria a nova realidade. Perguntavam se haveria empresa, como seria o treinamento, preocupação maior daquelas pessoas que não sabiam ler e escrever muito bem, dentre estes, alguns agricultores ou pescadores.

Os mais velhos não acreditavam. Falavam: *“Ah, isso é conversa! Onde já se viu fazer uma cidade completa?”* Mesmo que, em suas conversas, houvesse a constatação de que Brasília tinha sido totalmente construída. Muitos idosos foram entrando em depressão e morrendo nesse período.

Festa de despedida nas ruas da cidade

Os moradores depararam-se com a questão de como eles fariam a festa de despedida da cidade. A solução foi fazer várias festas distribuídas em cada rua separadamente. Assim, cada rua fez sua festa de despedida. Algumas pessoas só passaram a acreditar que a mudança da cidade iria acontecer quando viram, nos dois dias antes da mudança, os moradores fazerem a despedida de sua rua. Quando acabava a festa de uma rua, eles vinham se encontrar com os moradores de outras ruas. Isso aconteceu na véspera da mudança. Era uma festa alegre e triste.

Cada morador levava o que podia, como galinha assada, peru, cerveja, refrigerante. Escolhiam-se as casas para fazerem as comidas. Ali mesmo na rua, juntavam-se as mesas das próprias casas. Se houvesse dez residências na rua, reuniam dez mesas, uma de cada casa e, por cima, colocava-se o prato de cada morador dessa rua, o qual chegava na hora marcada daquela festa. Alguém ficava responsável em trazer um sanfoneiro. Apesar de a festa ser daquela determinada rua, quaisquer pessoas da cidade poderiam ir. No final da festa, alguns terminavam chorando e se abraçando. Além dessas festas por etapas, aconteceu também a “Seresta de despedida de Jaguaribara”, que foi na quadra do Domingos Paes.

O dia da mudança

O momento da mudança foi uma comoção geral. Foi o dia em que ninguém acreditava, mas sabia que era realidade. As pessoas estavam saindo com todas as coisas e sabiam que não iam mais voltar e alguns não tiveram coragem de voltar para ver a demolição da cidade ou a igreja matriz ser destruída. Vieram primeiro as imagens dos santos. Houve uma procissão que tinha essas imagens na frente em um caminhão aberto e o povo da cidade atrás em vários ônibus. Quando encontraram com as pessoas do distrito de Poço Comprido⁸⁵ para buscarem a imagem do São Francisco Ferrer, foi um momento de muita tristeza e emoção. Houve um discurso de uma pessoa da igreja que dizia que todos estavam bem acompanhados, que iriam deixar os santos em Nova Jaguaribara e que só iriam voltar os jaguaribenses para Jaguaribara. Quando todos voltaram, foram para a igreja e a viram seca, sem os santos. E isso foi muito emocionante, mas muito triste.

No dia da mudança, ninguém queria ir primeiro. Só aos poucos é que começaram a vir, já que os caminhões tinham horas a cumprir. Uns diziam: *“Não, eu vou depois”*. E tudo foi muito rápido. E vários caminhões foram chegando, não era só um carro, eram vários, tudo de uma vez só.

Na cidade nova, houve um momento de solidariedade muito forte. As pessoas que chegavam na cidade planejada arrumavam suas coisas, mas ficavam ansiosas esperando os iriam chegar para ajudá-los a arrumarem suas coisas também. Quer dizer, o povo ia recepcionando uns aos outros. Quem chegava depois era apoiado pelos primeiros. E, aos poucos, a cidade nova ia tomando forma.

O início da cidade de Nova Jaguaribara

No início da cidade, algumas pessoas se perdiam. Os jovens, assim que chegavam à cidade, tinham o ímpeto de desbravá-la. Pegavam suas bicicletas, brincavam de corrida, já que viam a cidade ainda um pouco vazia, e iam se aventurar pelas ruas iguais, chegando, algumas vezes, a se perderem. As casas todas parecidas e pintadas de branco eram motivo desse fato. Em uma das noites, bem no início da cidade, uma das moradoras, acostumada a ir à igreja matriz de sandália alta, saiu de lá e ficou minutos a

⁸⁵ O distrito e Poço Comprido era o único distrito de Jaguaribara.

andar pela cidade e, já perdida, foi parar na outra parte da cidade. Cansada, tirou a sandália. Logo adiante, encontrou um conhecido e pediu que lhe mostrasse a casa do seu vizinho, pois tinha memorizado seu nome. O conhecido indicou-lhe o caminho certo e ela encontrou sua casa. As perguntas mais frequentes dos idosos que saíam de casa eram: *‘Onde é minha casa?’ ‘Onde é que eu estou?’*

Havia um senhor que, toda vez que tentava voltar para casa, se perdia. Um dia, ele colocou uma faixa bem grande em frente à sua casa: *“Casa do Sr. ... (seu nome)”*. E ele dizia para as pessoas: *‘Agora eu quero ver se eu me perco porque vejo a faixa já de longe’*. Um outro senhor organizou seu percurso quando andava na cidade. Ele só sabia ir para o trabalho dele na trajetória que tinha construído na memória. Mas, em um dia, no meio desse percurso, estava sendo encenada uma peça de teatro de rua que a escola estava organizando. O senhor, simplesmente, pelo motivo de ser seu percurso memorizado, passou no meio da encenação, pois estava voltando para casa, uma vez que estava determinado que teria que passar por tal caminho estipulado por ele. Era estranho para os moradores, no início da cidade, nos meses seguintes à mudança, verem seus amigos se perderem. Pessoas que conviviam diariamente na cidade anterior. Isso era, muitas vezes, motivo de riso e brincadeira entre os moradores. No entanto, algumas pessoas que se perdiam passavam por seus amigos nas ruas, cumprimentavam-nos, mas tinham vergonha de perguntar onde era a própria casa. E as pessoas percebiam quem estava perdido, pois o morador ia e vinha pelas ruas da cidade como se estivesse apenas caminhando e conhecendo.

Algumas pessoas somente entenderam a noção exata do que foi a mudança quando, ao chegarem à cidade nova, viram um mundo completamente diferente da cidade anterior. Os moradores chegaram e esperaram ser felizes. Existia uma frase que muito se escutava: *‘Nova Jaguaribara, Terra Prometida’*. Isso aumentava a expectativa de todos. Na mudança, tinha a tristeza, mas tinha o novo e com ele a expectativa. Falava-se muito na promessa de que o açude Castanhão seria a maior riqueza do povo. Com o açude, a capacidade de desenvolvimento da cidade seria enorme, fosse na questão turística, na piscicultura ou na indústria. Na ideia, é verdadeira a concepção que é uma ‘cidade prometida’, mas com os anos que já passaram, o povo ainda não conseguiu perceber o cumprimento das promessas.

Na chegada dos moradores à cidade planejada, houve o fervor da vinda, o deslumbramento com a cidade nova e com as ruas amplas. Quando passou esse

momento, depois de seis meses, os moradores começaram a entender que na nova realidade iria ser mais difícil. Começaram a perceber, principalmente aqueles moradores que antes moravam perto do rio na cidade anterior. Por exemplo, lá eles, sentados na calçada, diziam: *'Eu vou ali pescar!'*. E iam. E na cidade nova, sendo o rio situado a dois quilômetros da sede da cidade, se deparavam com o nada, o dia inteiro ocioso, sem ter o que fazer. Tudo igual, saíam e se perdiam e entravam nas casas alheias. As pessoas de mais idade sentiram muito.

Mas, no início, alguns ficaram envaidecidos com a cidade: tudo muito grande, amplo, bonito. Os moradores viam tudo igual, arrumadinho, tudo muito bonito, apesar de ficarem à procura dos vizinhos. Havia o deslumbramento com tudo, mas quando passou o momento inicial, alguns moradores percebiam que seus vizinhos estavam longe. A compreensão da mudança aí acontecia. Alguns moradores entenderam que teriam que começar a construir uma nova convivência com vizinhos diferentes.

Logo nos primeiros anos, houve uma informação de que o lugar onde se construiu a cidade situava-se no meio de terras onde era muito comum a presença de pistoleiros. Isso gerou um medo nas pessoas que imaginaram a cidade de Nova Jaguaribara como um lugar perigoso. Os moradores começaram a reformar suas casas e construir muros, isolando-se, de certa forma.

Nos primeiros anos da cidade, as pessoas iam, aos finais de semana, para a igreja e, na volta, ficavam na praça central. No entanto, no decorrer de alguns anos posteriores, ocorreu um aumento da violência na cidade com pequenos furtos e assassinatos. Os moradores, que já estavam desconfiados desde o início, foram se afastando ainda mais. Desde então, as pessoas não saem muito de casa e a cidade é um pouco vazia. As pessoas também não vão muito às praças, apesar de serem inúmeras.

A estrutura da cidade

A cidade de Nova Jaguaribara foi construída seguindo o estilo de Brasília com lotes e quadras. Muitas pessoas não tinham ideia do que seria uma cidade planejada. O povo comentava somente que iria ser *'uma cidade planejada igual a Brasília'*. Os moradores que participavam de reuniões tinham mais noção do que seria, mas, em geral, a maioria das pessoas não tinha uma compreensão maior. Um exemplo disso: Nova Jaguaribara, sendo uma cidade cem por cento saneada, plana, com paralelepípedo em todas as ruas, não há esgotos a céu aberto. Esse serviço seria cobrado como taxa de

esgoto aos moradores. Portanto, já vinha com o esgoto nas casas e isso dava despesa para os moradores. Algumas senhoras diziam que não iam deixar cair água no esgoto de suas casas para não pagarem. Quer dizer, elas não tinham a noção de que o esgoto nas casas não dependeria de deixar ou não cair água nele, mas já fazia parte de uma cidade planejada. Não houve um trabalho minucioso de educação e de esclarecimento para as comunidades.

A cidade nova é toda bem projetada e tudo foi bem pensado. As ruas são muito planas, há uma pista de ciclismo e todas as coisas muito organizadas: a praça de eventos, a praça em frente à escola, a que vai servir para a comemoração do dia de ‘Sete de Setembro’.

Há muitas praças ao ponto de os jovens se desconstruam com seus amigos, na hipótese de estes estarem em outra praça. Assim, muitos encontros são por acaso na cidade porque não há um só ponto de encontro, mas vários. Contudo, alguns ficaram alegres ao verem tantas praças, pois lá na cidade anterior somente havia uma praça. Algumas crianças sentiram o entusiasmo parecido com os momentos que ganhavam um brinquedo novo, porque tudo na cidade era novo. Havia a curiosidade de estudar no Liceu porque era uma escola que tinha primeiro andar, o que não existia na cidade anterior. Os adolescentes achavam uma coisa de primeiro mundo, e esse fato era uma novidade para eles e viam como uma evolução.

No início da cidade, a estrutura era realmente igual. As casas de mesmo modelo, mas com dimensões diferentes: 50m²; 75m²; 100m²; 125m² e 150m² eram realmente iguais com os muros baixos. Muitas pessoas aumentaram os muros por causa do medo e também para ter mais privacidade. Sendo essas casas soltas dentro de terrenos imensos, quando alguns moradores iam trocar de roupa no quarto, poderiam ser vistos pelos vizinhos. Com os muros mais altos, deu a impressão aos moradores de que o espaço era deles. No entanto, esse aumento de comprimento dos muros e as casas afastadas, os vizinhos, que antes na cidade anterior a qualquer momento adentravam na casa um dos outros, agora se sentiam intimidados.

Nos conjuntos habitacionais da cidade, construídos depois da entrega da cidade pelo governo do Estado, há uma semelhança com a estrutura da cidade anterior, e as casas nesses conjuntos são conjugadas, juntas, parede com parede. Lembra a cidade anterior. A todo momento, as pessoas estão nas calçadas. Os moradores que moram em casas soltas, grandes e padronizadas vêm para o conjunto habitacional chamado no início de Mutirão – mas hoje com o nome de bairro N. S. de Fátima – para relembrar a

cidade antiga. É um bairro com maior aconchego porque os vizinhos estão mais próximos e não se sentem intimidados em entrar nas casas uns dos outros, sentindo-se assim quando vão visitar alguém na parte da cidade onde as casas são separadas por muros e só se têm acesso através de campainha. Nesse conjunto habitacional, as pessoas ficam conversando com os vizinhos até oito ou nove horas de noite.

Algumas pessoas sentiram que o espaço era mais delas quando reformaram as suas casas. Tentavam dizer com as reformas: *'isso aqui é meu, eu vou fazer à minha maneira'*. Ao reformarem, os moradores tiveram suas casas como mais suas, feitas também por eles e não somente pelo governo. Alguns moradores, tiveram orgulho em mostrar para os vizinhos as reformas que fizeram. Convidavam: *'Vai lá em casa, você vai ver como eu reformei...'*. Faziam também festinha e chamavam seus amigos e vizinhos e iam mostrando: *'Aqui eu fiz do meu jeito, eu que escolhi a cor'*; *'-Aqui era uma cozinha, eu derrubei isso... e a sua?'* *'- A minha é desse mesmo jeito, mas não derrubei não, porque não posso, mas minha mulher vai arranjar um empréstimo e reforma...'*. Com as reformas das casas, a cidade nova ficou menos estranha para os moradores porque cada um modificou sua casa do jeito que queria e, quando passou a gostar da própria casa, é como se dissesse: *'Pronto, agora vou começar a gostar da cidade'*.

Alguns moradores reformaram suas casas para parecerem com algum aspecto de casas da cidade anterior. Na casa de uma moradora, um alpendre foi feito ao redor da casa original com pilares parecidos com os de uma casa em Jaguaribara. Quando o pedreiro veio reformar, a filha dessa moradora fez um desenho em um papel para ele e disse que era para fazer daquele jeito para recordar uma casa da antiga Jaguaribara que ficava perto do rio onde ficava a família.

A igreja matriz foi feita igual à anterior e só mudaram as dimensões. A outra réplica é da igreja de São Gonçalo, porque a população pediu. Talvez na tentativa de ter algum símbolo para se apegarem. Mas, para algumas pessoas, não é a mesma coisa. Mesmo sendo igual na aparência, as paredes que foram construídas não são consideradas como idênticas. Alguns moradores sentem falta do aconchego que tinha a igreja da cidade anterior. Na missa, não se encontram as mesmas pessoas e a igreja é mais vazia. Muitas pessoas vão pouco à igreja porque deixaram de ter condições de ir, pois a igreja ficou muito longe de suas casas.

Em Nova Jaguaribara é muito quente durante o dia e à noite a temperatura é mais amena. Em dia de domingo, a partir das 10 horas da manhã, estendendo-se o dia e a noite, não se encontram muitas pessoas nas avenidas principais. Cresceu o número de motos na cidade, porque tudo é muito distante.

Nas festas, há muitas pessoas que não são da cidade anterior e os moradores percebem muitas pessoas desconhecidas. As gincanas são na vila olímpica e não na praça. As comemorações da cidade nova não têm muito agitação. As pessoas se envolvem menos. Na cidade planejada moram as pessoas da cidade anterior e também pessoas de cidades vizinhas e de outros lugares. Em Nova Jaguaribara, não se bate mais o sino quando alguém morre. O velório é na capela do cemitério.

Para alguns moradores, a cidade de Nova Jaguaribara é motivo de orgulho por se sentirem privilegiados em morarem em uma cidade planejada. Achem a cidade realmente bonita. Mas, ao mesmo tempo, provoca tristeza devido à lembrança de se ter perdido a cidade anterior.

Na cidade nova, as pessoas mudaram o comportamento. Muitas se distanciaram. Perceberam-na como uma cidade do futuro e se preocuparam em sair sempre muito bem arrumadas, como se sempre houvesse muitas pessoas de fora e se a cidade vivesse em clima de festa o tempo todo. E também, as pessoas ficaram mais ensimesmadas, voltadas para si. Algumas não se cumprimentam mais quando se encontram nas ruas. Ficou parecido um costume de cidade grande. As pessoas não se veem com muita frequência pelo motivo de que elas moram em lugares mais distantes na cidade nova. As lavadeiras lavam as roupas em torneiras em suas casas.

Quando alguns se encontram e conversam em grupo, muitas vezes a conversa gira em torno das lembranças e as possíveis respostas à pergunta: *‘Como seria na Jaguaribara velha, no dia de hoje?’*. Quando os mais velhos falam aos mais jovens sobre a cidade anterior, já se ouvia a respostas destes: *‘Lá já morreu, está debaixo d’água’*. Algumas crianças já dizem: *‘Tia, a gente nem lembra, eu era bem pequenininho quando saí de lá’*.

A Potência da cidade⁸⁶

Nova Jaguaribara trouxe muitas possibilidades. Foi possível os jovens cursarem uma faculdade nas cidades perto, o que não tinha na zona rural da antiga cidade. A

⁸⁶ A partir daqui, relatos de dois jovens como finalização da narrativa de Nova Jaguaribara

piscicultura gera renda e ainda faz com que as pessoas se mostrem. Tem também os projetos de irrigação, sendo que a maior riqueza é o açude Castanhão. A cidade tem o que oferecer. Não é mais a agricultura como antes, mas agora existem outros meios como, por exemplo, a barragem. A vocação de Nova Jaguaribara é a piscicultura, apesar de ainda estar somente em pequenos grupos.

Os arquitetos realmente desenharam uma cidade do futuro, apesar de que se perdeu a característica do aconchego. Quando as pessoas chegaram, diziam que ia ser muito bom ao verem a cidade muito bonita e toda planejada. Havia alguns alegres e outros tristes. As pessoas acham a cidade bonita, mas convivem com o fato de que não possui muito o que o oferecer com relação a empregos. A piscicultura, ainda gera alguma renda, ainda faz com que as pessoas valorizem o açude, e também os projetos de irrigação possuem muitas perspectivas. A cidade de Nova Jaguaribara deu mais oportunidades para as pessoas. Pela sua proximidade com cidades com faculdades, os estudantes poderão fazer cursos de graduação.

Nessa cidade nova, alguns jovens e adultos, moradores da cidade anterior, despertaram para a estrutura da cidade, pois sentiram que quem podia fazer algo pela nova cidade seriam eles mesmos e, por isso, passaram a procurar formação. Acham que têm que fazer o máximo por Nova Jaguaribara para que a cidade seja melhor. Esses jovens não sentiam a mesma coisa na cidade anterior, pois esta não exigia muito deles, para que eles a tornassem percebidas pelos outros. Isso porque a cidade anterior não favorecia a visão de uma melhor perspectiva de vida, devido à estagnação em que a mesma entrou devido à mudança que iria acontecer. As pessoas entenderam que o que tinham que começar seria quando chegassem a Nova Jaguaribara, já que a cidade anterior não teria mais futuro, seria destruída. Os moradores esperaram uma cidade do futuro que teria empregos e um desenvolvimento grandioso. Assim, a cidade de Nova Jaguaribara criou muitas expectativas nos jovens da época e no povo em geral.

4.2. A rede de afetos passivos

A narrativa socioafetiva não somente mostrou os elementos do cotidiano da cidade anterior mais presentes na vida dos moradores, mas também apresentou os elementos que os tornavam mais próximos uns dos outros, aqueles que aumentavam as potências individuais no corpo da cidade e o que os compunham como corpo coletivo.

A narrativa socioafetiva apresenta uma só rede de vivências para dar uma visão da totalidade destas no corpo coletivo, pudemos visualizar, de forma aprofundada, a maneira como esse corpo coletivo era afetado e afetava os moradores e como se compunha afetivamente. Os afetos como já foi apresentado são *‘a expressão do relacionamento de cada homem com os outros e com o meio’*⁸⁷. Nesse sentido, o conjunto das afecções provenientes dos encontros no contexto histórico-político-cultural e geográfico da cidade anterior configurava uma sociedade que se organizava de acordo com suas instituições, as quais tinham um funcionamento específico à realidade vivenciada. Nesta sociabilidade, havia elementos que os agregavam, em meio à instabilidade dos afetos passivos e das flutuações de ânimo.

Foi essa dinâmica afetiva coletiva, constituída pelas dinâmicas afetivas individuais – as quais conferiam às diferentes singularidades uma ideia ou uma noção particular de cidade – que ‘entrou’ no ambiente planejado de Nova Jaguaribara. Podemos perceber como a memória afetiva mediava as imagens da nova cidade e como as perspectivas do futuro colidiam ou harmonizavam com eles no processo da construção de um modo diferente de vivenciar o novo espaço.

Passo agora, à análise direta dos afetos. De fato, a memória dos lugares corresponde à maneira como os afetos e as afecções foram impressas na sociedade política inserida no contexto sócio-histórico-cultural de uma vivência específica. Foram explanadas, no âmbito geral, as maneiras como esta se configurava na dinâmica afetiva urbana, perpassada pela linha histórica da cidade anterior.

Tal análise constituiu um trabalho minucioso de categorização das falas dos entrevistados, tentando perceber um conjunto de diferentes afecções que ocorriam na vivência dos moradores no cotidiano da nova cidade e da cidade anterior, buscando o comum. Os relatos apresentam temas específicos, os quais foram organizados nos seguintes itens, que são mostrados a seguir:

⁸⁷ Explicação sobre os afetos em nota de rodapé de Diogo Pires Aurélio no Tratado Político (Capítulo 1, p.5).

- | | |
|--|---|
| 1. Condições geográficas e climáticas da nova cidade. | 5. Mudança Urbana: Imagens do novo corpo coletivo |
| 2. Reconhecimento-Desconhecimento/Subsistência-Solidariedade/Consumo-Dispersão | 6. O rio |
| 3. Mudança Urbana: Ação | 7. O Medo na cidade anterior |
| 4. Mudança Urbana-Passividade | 8. Medo na cidade planejada |
| | 9. As ruas na cidade anterior |
| | 10. As praças |

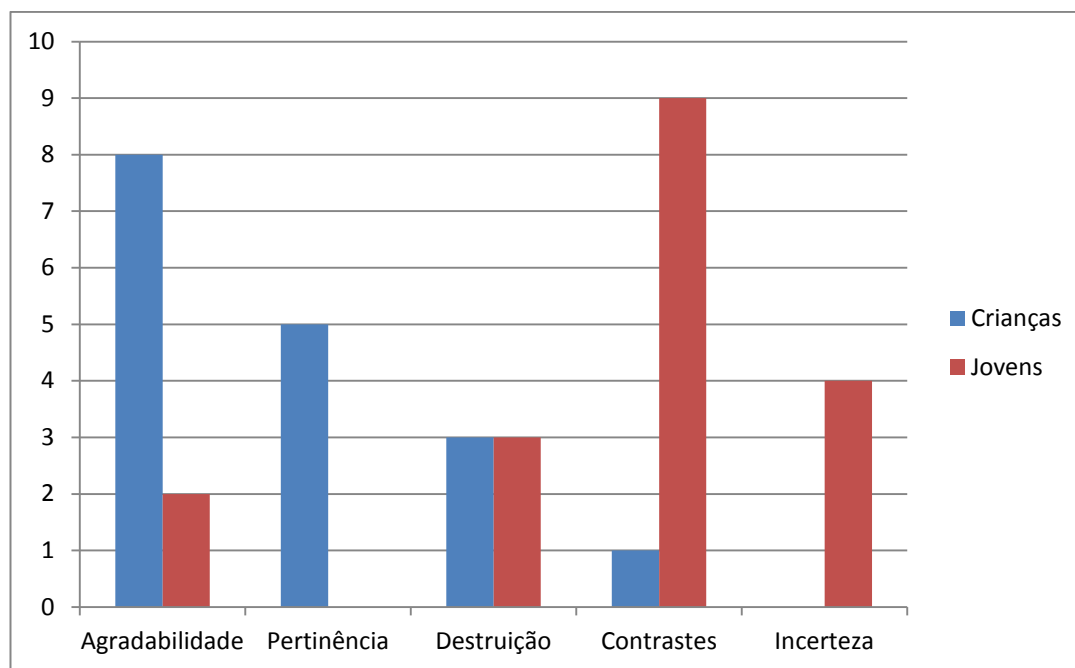
Verificamos afetos passivos na cidade, em torno dos quais giravam as principais dimensões das narrativas. Estes foram o Medo, a Esperança, o Desejo de Permanência, a Saudade e a Flutuação de ânimo (Alegria e Tristeza). Outros elementos presentes na rede de afetos passivos serviram para construirmos traduções conceituais que nos ajudaram a compreender os processos psicossociais na análise dos afetos: *A Homogeneidade Vazia, o Comum abstrato, a Resistência Útil e Corpo Igual Vazio – Corpo Semelhante Útil.*

Para enriquecer a análise dos afetos acima citados, iremos, antes de iniciá-la, continuar a investigação das imagens, as quais as narrativas sócio-afetivas nos mostraram. Essas narrativas foram feitas por adultos, que possuíam uma vivência na cidade anterior. Achamos que seria interessante analisar os afetos na cidade de Nova Jaguaribara de crianças e de jovens, pessoas que - nessa faixa etária (entre 8 a 18 anos) - não conheceram a cidade anterior ou não se lembram da mesma. O recurso à narrativa seria pouco oportuno, devido às idades. Por isso, utilizamos os Mapas Afetivos para a construção das imagens afetivas nessa faixa etária.

3.3 Construção de Imagens Afetivas de Nova Jaguaribara entre Jovens e Crianças.

As imagens afetivas de crianças e de jovens da cidade de Nova Jaguaribara foram levantadas a partir da análise do sentido e do significado dado aos desenhos pelos sujeitos com os sentimentos e as qualidades a eles relacionados. As respostas nos mapas afetivos seguiram as categorias desenho, significado, qualidade, sentimento, metáfora e sentido, de acordo com o procedimento metodológico empregado para a elaboração das imagens.

As imagens construídas pelas crianças entrevistadas foram: Agradabilidade, Pertinência, Contrastes e Destruição. As imagens construídas pelos jovens foram: Agradabilidade, Incerteza, Contrastes e Destruição. Podemos ver a quantidade destas imagens encontradas entre crianças e jovens no gráfico seguinte:



Os quadros abaixo mostram as imagens de crianças e jovens, com as respectivas qualidades e os sentimentos associados:

QUADRO 01 – Imagens afetivas de crianças de 10-12 anos da cidade de Nova Jaguaribara-CE., conforme as qualidades e os sentimentos, julho de 2013.

IMAGENS (ordem de frequência)	Qualidades atribuídas pelas crianças	Sentimentos atribuídos pelas crianças
Agradabilidade	Nova Jaguaribara é bonita e grande, maravilhosa como uma flor; Nova Jaguaribara é delicada, um bom lar, as pessoas são unidas e respeitáveis. As ruas são limpas, sem lixo. O rio não é poluído. Todos têm uma boa moradia; Nova Jaguaribara é uma cidade linda. O céu é muito bonito no pôr do Sol; Uma cidade normal em que as pessoas são bem vindas; Nova Jaguaribara é muito bela e boa de morar; Nova Jaguaribara é uma cidade muito bonita e legal; Nova Jaguaribara é muito bonita e divertida; Nova Jaguaribara é uma cidade tranquila, boa e perfeita, bela, bonita e cheia de charme.	Alegria, paixão, amor, fé, sinceridade, honestidade, humildade. felicidade. carinho.
Pertinência	Gosto de Nova Jaguaribara, é a minha cidade; Nova Jaguaribara é uma cidade legal e interessante e muito importante para a minha vida; Jaguaribara é melhor e mais bonita. É como uma flor, tem que ser tratada com muito amor;	Amor, alegria, orgulho, felicidade, esperança, paixão.

	Nova Jaguaribara é uma cidade pequena, muito boa, com simpatia e oportunidade; Uma cidade bem cuidada, sempre linda.	
Destruição	Uma cidade que está no escuro. Está sendo invadida por animais; Nova Jaguaribara às vezes é ruim; Uma cidade sem luz nas praças.	Tristeza, raiva, angústia, vergonha.
Contrastes	Precisa de mais respeito.	Amor, tristeza, paixão, felicidade.

QUADRO 02 – Imagens afetivas de crianças de 13-17 anos da cidade de Nova Jaguaribara-CE., conforme as qualidades e os sentimentos, em julho de 2013.

IMAGENS (ordem de frequência)	Qualidades atribuídas pelos jovens	Sentimentos atribuídos pelos jovens
Contrastes	Planejada, ampla, quente, mas agradável para viver; Cidade calma, mas não é segura por conta da violência, é boa para a família, mas tem drogas; É uma cidade muito bonita, mas que não tem emprego; Um diamante que ainda não foi lapidado; Desejo por desenvolvimento e dias melhores. Uma cidade planejada, mas o fator humano foi esquecido; É uma bela cidade, mas está sofrendo muito com a má organização dos representantes; No início da cidade, era bem mais alegre, hoje é como se todo o encanto e toda a magia estivesse indo embora; Cidade calma, mas não é segura por conta da violência.	amor x medo; tristeza; insegurança; Esperança; dor x tristeza; tristeza x esperança;
Incerteza	É uma cidade que ainda está se recuperando da flechada (mudança da cidade). Ainda calma, pouco conhecida, com um grande futuro pela frente; Uma cidade bonita, mas apagada, sem vida, mas no futuro pode ser uma cidade iluminada com vida e prosperidade. Uma cidade bonita, mas vazia, sem harmonia, insegura, com perspectiva de futuro muito próximo ou distante; Apesar do desespero das pessoas terem saído de suas terras, ainda há fé que Jaguaribara seja a moradia que todos sonhavam. Jaguaribara pode ter melhores empregos; É uma cidade bem planejada, com muitas árvores, mas existem situações de tristeza. É uma cidade planejada, mas que deixa desejar.	dor, esperança, tristeza, insegurança.
Destruição	Cidade vazia, poucos empregos, devagar, pobre, ruim, lenta, péssima; É uma cidade triste porque as pessoas não podem sair das suas casas para passear com a família por causa da violência; Violência, corrupção, drogas, morte.	tristeza.
Agradabilidade	Cidade boa, com família e tradição; Cidade calma com pessoas acolhedoras e simples.	amor e alegria.

A cidade de Nova Jaguaribara foi representada pelas crianças entrevistadas por duas imagens mais recorrentes: a de **agradabilidade** e a de **pertinência**. A imagem de **agradabilidade** correspondeu, nesse grupo, ao aspecto estético da cidade, ao elogio de uma cidade boa para morar, organizada, com ruas sem lixo associada aos aspectos positivos da

natureza. Além disso, esta imagem também foi associada à imagem dos moradores unidos e que se respeitam e também à hospitalidade que os mesmos possuem. Os sentimentos associados foram alegria, paixão, amor, fé, sinceridade, honestidade, humildade, felicidade e carinho.

A imagem de **pertinência** relacionou-se à exaltação da cidade e estima de ser uma cidade interessante, com maiores oportunidades, melhor que as outras e ao aspecto de ser bem cuidada. Os sentimentos associados a essa imagem foram sentimentos mais potencializadores, como amor, alegria, orgulho, felicidade.

Em seguida, as imagens de **destruição** e de **contrastes** foram as que apareceram entre as crianças. A imagem de destruição relacionou-se a uma cidade que não tem luz nas praças, sendo, por isso, ruim. Esta imagem correspondeu somente a esse aspecto na percepção desse grupo. Os sentimentos associados foram tristeza, raiva, angústia e vergonha. A imagem de **contrastes**, de acordo com Bomfim (2010), refere-se às imagens que provocam ambigüidades de sentimentos. Esta foi a menos frequente nas crianças entrevistadas e se relacionaram à ambigüidade entre a cidade ser bonita e o desrespeito das pessoas. Já nas imagens dos jovens, a imagem de contrastes aparece no contraponto da cidade planejada e bonita em meio à má organização política.

Nos jovens entrevistados, as principais imagens afetivas, por ordem de frequência, foram as de **contrastes**, **incerteza**, **destruição** e **agradabilidade**. Na sequência das imagens, aparece a da **incerteza**, que foi percebida neste estudo como uma imagem decorrente da anterior, na qual os jovens se referem à expectativa do desenvolvimento. A imagem da **incerteza** associou-se à possibilidade de um futuro melhor que poderá vir ou não. Advém do crédito de que os jovens dão à cidade, principalmente pelo fato de ser planejada e de ter sido criada devido à transferência da população. Os sentimentos associados foram dor, esperança, tristeza e insegurança.

A imagem de **destruição** veio logo em seguida e referiu-se ao vazio sentido na cidade, com poucas pessoas nas ruas, fato que foi relacionado à violência. O sentimento associado foi de tristeza. A imagem de **agradabilidade** aparece como a última imagem construída entre os jovens. Relaciona-se, principalmente, ao bom relacionamento dos moradores e à hospitalidade que os mesmos possuem.

NOVA JAGUARIBARA AGRADÁVEL

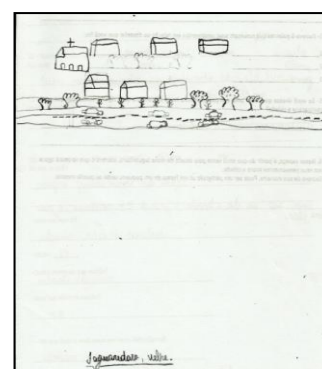
QUADRO 02 – Imagens de Nova Jaguaribara agradável, conforme respostas de crianças e de jovens, em julho de 2013.

CRIANÇAS	JOVENS
UMA MULHER CASA DE BONECAS CORAÇÃO VERMELHO BORBOLETA COLORIDA UM VASO VERMELHO JARDIM BELO ESTRELA CHUVA	UM MODELO TUDO O QUE HÁ DE BOM NO MUNDO

Segundo a ordem de importância e de frequência, as crianças entrevistadas nesta pesquisa consideraram a agradabilidade como o primeiro fator mais significativo, sendo que os jovens a consideraram como o último. Esta categoria, nesse estudo, correspondeu, principalmente, à apreciação e à estima que a cidade de Nova Jaguaribara provoca nas crianças e também ao bem-estar que proporciona causada pela organização de uma cidade planejada. Já nos jovens, a cidade agradável relacionou-se mais à questão da sociabilidade.

Segundo Bomfim (2010), na imagem de agradabilidade há a referência às qualidades de beleza, de natureza agradável da cidade, que expressam sentimentos de prazer em desfrutar o tempo livre. As imagens de agradabilidade das crianças e dos jovens que demonstraram aspectos associados a um lugar que gera potência e familiaridade podem ser encontradas nos mapas abaixo:

Entrevistado: 1
 Idade: 10
 Gênero: M



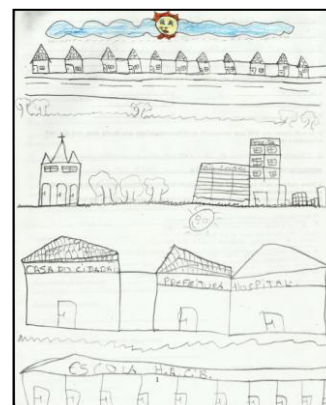
Estrutura	Cognitivo
Significado	Nova Jaguaribara é bonita e grande.
Qualidade	Maravilhosa como uma flor.
Sentimento	Alegria, paixão, amor.
Metáfora	Uma mulher
Sentido	<i>Nova Jaguaribara mulher é aquela em que as qualidades de uma cidade bonita, grande e</i>

	maravilhosa expressam uma agradabilidade que é sentida com sentimentos de amor, alegria e a paixão.
--	---

Entrevistado: 2

Idade: 11

Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	É delicada, um bom lar, as pessoas são unidas e respeitáveis. As ruas são limpas, sem lixo. O rio não é poluído. Todos têm uma boa moradia.
Qualidade	Um lar.
Sentimento	Alegria, fé, amor, sinceridade, honestidade, humildade.
Metáfora	Uma casa de bonecas
Sentido	<i>Nova Jaguaribara casa de bonecas</i> é aquela em que as qualidades de uma cidade em que todos têm boa moradia, com ruas limpas e sem lixo e com pessoas unidas e respeitáveis, leva ao sentido de um lar, gerando a imagem de agradabilidade, o que gera sentimentos de alegria, fé, amor, sinceridade, honestidade, humildade.

Entrevistado: 2

Idade: 16

Gênero: F

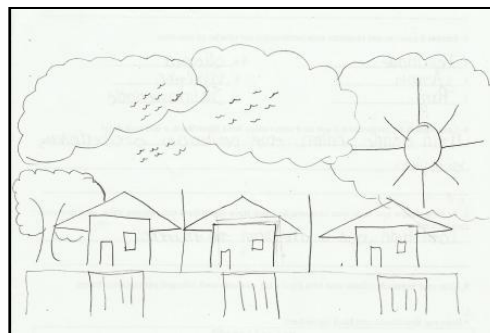


Estrutura	Cognitivo
Significado	Calma, tranquila
Qualidade	Cidade boa, com família e tradição
Sentimento	amor
Metáfora	Um modelo – porque todos que chegam e se admiram
Sentido	<i>Nova Jaguaribara modelo</i> é a cidade onde todos que chegam se admiram, sendo que a imagem de agradabilidade se expressa em ser uma cidade boa, com família e tradição, gerando sentimento de amor.

Na metáfora *Nova Jaguaribara mulher*, a referência à estrutura da cidade leva o respondente a associar à boa estética percebida com a sensação de bem-estar, o que se associa

no segundo mapa à metáfora *Nova Jaguaribara casa de bonecas* que também se relaciona à familiaridade sentida entre os moradores. A metáfora *Nova Jaguaribara modelo* no jovem entrevistado reforça que a agradabilidade sentida não é tanto devido à estrutura da cidade, mas devido à qualidade das relações entre os moradores. Na metáfora seguinte dos jovens, *Nova Jaguaribara tudo o que há de bom no mundo*, também é feita essa relação:

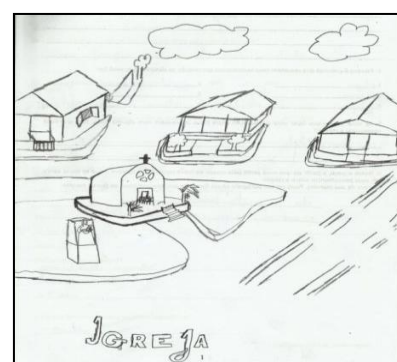
Entrevistado: 9
Idade: 14
Gênero: F



Estrutura	Cognitivo
Significado	É uma cidade muito tranquila.
Qualidade	Cidade calma com pessoas acolhedoras e simples
Sentimento	Insegurança
Metáfora	Com tudo o que há de bom no mundo
Sentido	<i>Nova Jaguaribara tudo o que há de bom</i> expressa a agradabilidade por ser uma cidade muito tranquila com pessoas acolhedoras e simples, o que leva a sentimentos como o amor e a alegria.

As outras imagens de agradabilidade das crianças associaram também esse aspecto da estrutura da cidade aos sentimentos de estima e de potência. Na metáfora *Nova Jaguaribara estrela* encontramos um aspecto interessante colocada pela criança entrevistada: a imagem de uma cidade igual e única:

Entrevistado:
14
Idade: 10
Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	Nova Jaguaribara é muito bonita e divertida.
Qualidade	Inovadora, única, calma e igual.
Sentimento	Alegria e felicidade
Metáfora	Uma estrela
Sentido	<i>Nova Jaguaribara estrela</i> é aquela em que a agradabilidade é expressa em suas qualidades de ser uma cidade bonita, inovadora, única, calma e igual, levando a sentimentos de alegria e de felicidade.

Interessante notar que o aspecto das estruturas iguais não provoca na criança entrevistada a mesma desorientação que provoca nos adultos, relação muito percebida na narrativa sócio-afetiva urbana quando são relatadas pelos moradores as situações de se perderem na cidade nova. Neste caso do mapa, no lugar da desorientação, está a estima e a admiração.

A cidade planejada para as crianças, nessa imagem da agradabilidade, expressa uma maior segurança das mesmas em morarem em um local diferente em suas percepções e que, por isso, é considerada como um ambiente não ameaçador. Já os entre os jovens entrevistados, as poucas ocorrências da imagem da agradabilidade não vieram associada ao aspecto infraestrutural, mas ao da sociabilidade. O vínculo dos mesmos com os moradores foi mais importante do que a estrutura da cidade. Este é o fator positivo, no que diz respeito ao envolvimento dos jovens com a cidade e com o processo de construção de uma identidade de lugar, que segundo Tajfel (1981, p.292) constitui-se associada à identidade social: “*é aquela parte do auto-conceito de um indivíduo que se deriva do conhecimento de sua pertença a um grupo ou grupos sociais, juntamente com o significado valorativo e emocional associado a esta pertença*”. O indivíduo, dessa forma, ao se sentir pertencente a um grupo passa a se considerar parte de um conjunto de elementos que encontra nesse vínculo social.

No entanto, os sentimentos associados a essa imagem expressaram a importância dada à cidade como *urbes* e não como *civitas*, sendo que a valorização dada se vinculou mais à organização estrutural da cidade. A imagem de **pertinência** revelada ao espaço urbano de Nova Jaguaribara é uma imagem também muito encontrada entre as crianças, mas não encontrada entre os jovens. Podemos ver as imagens de pertinência das crianças no próximo item.

NOVA JAGUARIBARA PERTINÊNCIA

QUADRO 03 – Imagens de Nova Jaguaribara pertinência, conforme respostas das crianças, em julho de 2013.

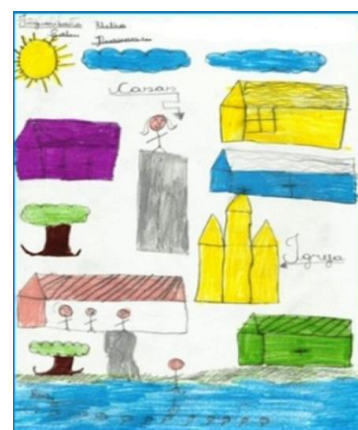
CRIANÇAS
CASTELO
UM LUGAR ESPECIAL
CORAÇÃO
UMA BORBOLETA COLORIDA
LINDA ORQUÍDEA

A imagem de pertinência dizem respeito, segundo Bomfim (2010) àquelas imagens que se vinculam à identidade com o lugar, associada a palavras ou a sentimentos de pertencimento

a ele. As metáforas acima fazem referência a estas imagens entre as crianças entrevistadas. Por vezes, os mapas afetivos eram parecidos com as imagens de agradabilidade. No entanto, a imagem de pertencimento foi melhor clarificada pelas palavras escritas das crianças, de acordo com um quesito que a pesquisadora acrescentou no instrumento: “Nesse espaço, a partir do que você sente pela cidade de Nova Jaguaribara, escreva um pequeno texto ou poesia”.

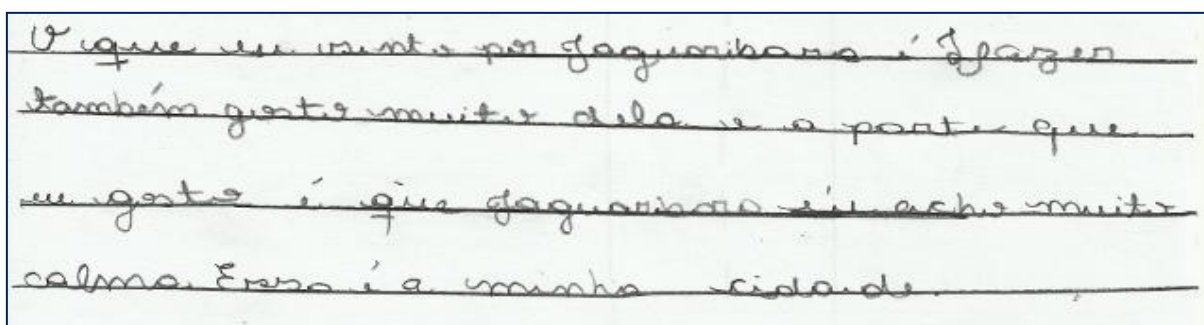
Isso pôde ser percebido na imagem *Nova Jaguaribara Castelo*. A imagem de pertencimento foi reforçada com as palavras da criança entrevistada:

Entrevistado: 3
Idade: 11
Gênero: F



Estrutura	Cognitivo
Significado	Gosto de Nova Jaguaribara, é a minha cidade.
Qualidade	Lazer.
Sentimento	Amor, alegria, orgulho.
Metáfora	Um castelo.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara castelo</i> é aquela cuja pertencimento está associado ao sentido de lazer que provoca por meio do gosto pela cidade, que se vincula a sentimentos de amor, alegria, orgulho.

Segue seu pequeno trecho escrito:



“ O que eu sinto por Jaguaribar é lazer. Também gosto muito dela e a parte que eu gosto é que Jaguaribara, eu acho muito calma. Essa é a minha cidade.”[sic]

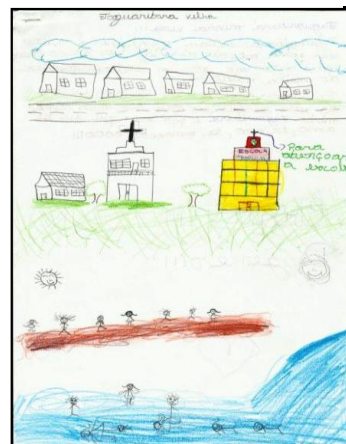
Na imagem *Nova Jaguaribara linda orquídea*, a imagem de pertinência também foi confirmada pela poesia escrita pela criança entrevistada:

Entrevistado:

17

Idade: 11

Gênero: F



Estrutura	Cognitivo
Significado	Uma cidade bem cuidada, sempre linda.
Qualidade	Cidade zelada.
Sentimento	Amor, felicidade, paixão.
Metáfora	Uma linda orquídea.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara orquídea</i> é aquela em que o pertencimento remete às qualidades de uma cidade bem cuidada e sempre linda, levando a sentimentos de amor, felicidade e paixão.

Jaguáribara minha terra minha vida.
Jaguáribara meu sertão nordestino.
A melhor cidade que existe é a minha
Jaguáribara..
Jaguáribara meu amor.

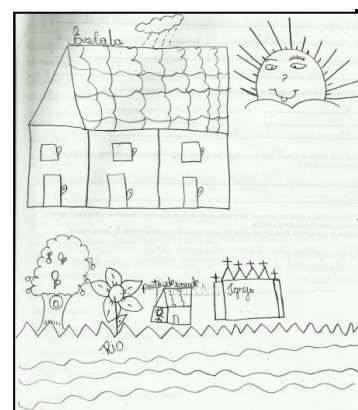
“Jaguaribara, minha terra, minha vida/Jaguaribara, meu sertão nordestino/
A melhor cidade que existe é a minha Jaguaribara.../Jaguaribara, meu amor.”

Na imagem *Nova Jaguaribara um lugar especial* a cidade e a vida são equiparadas em importância e em estima. Essa importância leva ao desejo do cuidado e também ao respeito para com a cidade, como podemos ver na imagem *Nova Jaguaribara borboleta colorida*:

Entrevistado: 5

Idade: 10

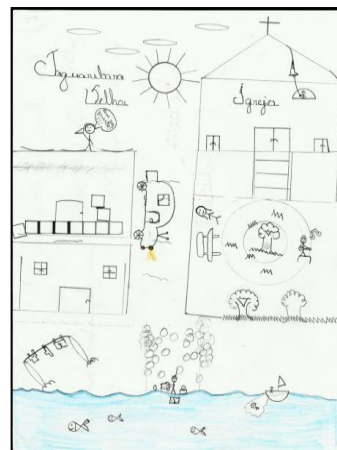
Gênero: F



Estrutura	Cognitivo
Significado	É uma cidade legal e interessante e muito importante para a minha vida.

Qualidade	A nossa Jaguaribara é um lugar especial para viver.
Sentimento	Felicidade, amor, alegria, esperança.
Metáfora	Um lugar especial.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara lugar especial</i> é aquela que expressa um pertencimento vinculado à importância que a cidade têm para a própria vida, o que leva a sentimentos de felicidade, amor, alegria, esperança.

Entrevistado: 9
Idade: 10
Gênero: F



Estrutura	Cognitivo
Significado	Jaguaribara é melhor e mais bonita.
Qualidade	É como uma flor, tem que ser tratada com muito amor.
Sentimento	Amor, alegria, felicidade, orgulho.
Metáfora	Uma borboleta colorida.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara borboleta colorida</i> é aquela em que o pertencimento expressa-se por suas qualidades, uma vez que é uma cidade melhor e mais bonita, também como uma flor e, por isso, deve ser tratada com muito amor, expressando sentimentos de amor, alegria, felicidade, orgulho.

NOVA JAGUARIBARA DESTRUICÃO

QUADRO 04 – Imagens de Nova Jaguaribara destruição, conforme respostas de crianças e de jovens, em julho de 2013.

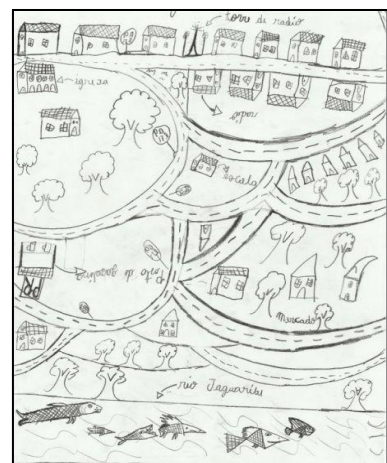
CRIANÇAS	JOVENS
FAZENDA CORAÇÃO RAIO	CIDADE DESERTA E VAZIA FAVELA MAMADEIRA

De acordo com a compreensão de Bomfim (2010), a imagem de destruição, juntamente com a imagem de insegurança e a de contrastes, faz parte das da estima negativa à cidade. Segundo autora, essa imagem expressa-se por sentimentos e palavras despotencializadoras referentes, frequentemente, à estrutura física do espaço urbano. As imagens de destruição

apareceram, nos grupos pesquisados, vinculados a causas diferentes entre as crianças e os jovens entrevistados.

Nova Jaguaribara fazenda e *Nova Jaguaribara raio* relacionaram-se à desorganização urbana e à deficiência de iluminação das praças:

Entrevistado:
10
Idade: 10
Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	Uma cidade que está no escuro.
Qualidade	Está sendo invadida por animais.
Sentimento	Tristeza, raiva, angústia, vergonha.
Metáfora	Uma fazenda.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara fazenda</i> é aquela em que a imagem de destruição é expressada por uma cidade que está no escuro e invadida por animais, levando a sentimentos de tristeza, raiva, angústia, vergonha.

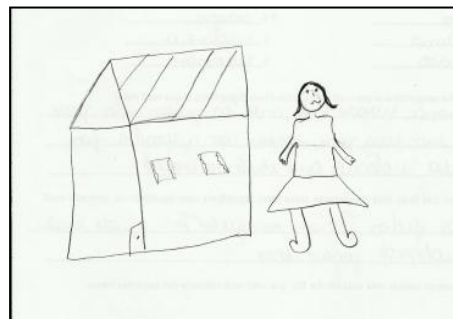
Entrevistado:
16
Idade: 10
Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	Uma cidade sem luz nas praças.
Qualidade	Sem luz.
Sentimento	Raiva, tristeza.
Metáfora	Um raio.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara raio</i> é aquela em que a destruição é expressada em uma cidade sem luz nas praças, levando a sentimentos de raiva e de tristeza.

A imagem *Nova Jaguaribara favela* do jovem entrevistado também associa a falta de iluminação na cidade na imagem de destruição:

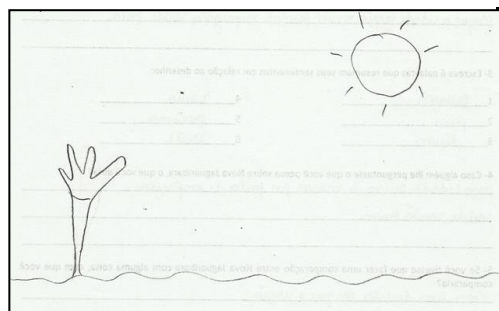
Entrevistado: 4
Idade: 18
Gênero: F



Estrutura	Metafórico.
Significado	As pessoas não estão felizes vivendo em uma cidade escura.
Qualidade	É uma cidade triste porque as pessoas não podem sair das suas casas para passear com a família por causa da violência.
Sentimento	Tristeza.
Metáfora	Favela.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara favela</i> é aquela em que a imagem da destruição está expressa em uma cidade onde as pessoas não estão felizes e que não podem sair das suas casas para passear com a família por causa da violência, gerando um sentimento de tristeza.

As duas imagens dos jovens entrevistados: *Nova Jaguaribara deserta e vazia* e *Nova Jaguaribara mamadeira* associam-se a fatores que não estavam na estrutura física somente, mas vinculados à falta de empregos e à violência na cidade. A expressão ‘cidade vazia’ é aqui ligada à imagem da morosidade que Nova Jaguaribara permanece frente a esse realidade:

Entrevistado: 1
Idade: 17
Gênero: M

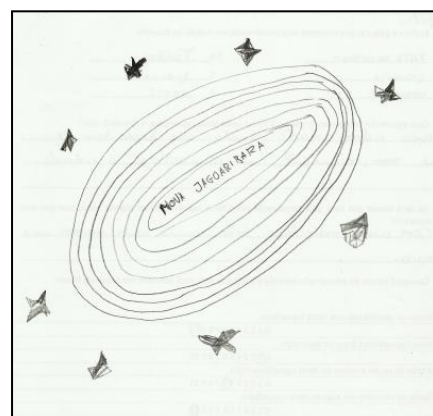


Estrutura	Metafórico
Significado	Cidade vazia, poucos empregos.
Qualidade	Devagar, pobre, ruim, lenta, péssima.
Sentimento	Tristeza.
Metáfora	Cidade deserta e vazia.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara cidade vazia e deserta</i> é aquela em que a imagem de destruição se expressa por ser uma cidade ruim, lenta, devagar, o que leva a sentimentos de tristeza.

Nova Jaguaribara mamadeira aparece com uma crítica à situação de desorganização das instituições políticas da cidade e a indiferença que aumenta a sua morosidade, levando à imagem da corrupção. O desenho que traduz para esse entrevistado essa situação foi o ‘buraco

negro’, cuja sentido representou o fatalismo e a inoperância das instituições para resolverem os problemas da cidade:

Entrevistado: 4
Idade: 18
Gênero: F



Estrutura	Metafórico
Significado	Um buraco negro porque todos estão vendo o que está acontecendo, mas nada está sendo feito.
Qualidade	Violência, corrupção, drogas, morte.
Sentimento	Tristeza.
Metáfora	Mamadeira, todo mundo quer mamar um pouco.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara mamadeira</i> é aquela em que a destruição é expressa na imagem de um buraco negro, em que nada é feito, apesar de todos verem o que acontece. É uma cidade com violência, corrupção, drogas e morte, gerando sentimento de tristeza.

Os jovens entrevistados associaram, portanto, a imagem de destruição à insegurança quanto ao desenvolvimento da cidade e, portanto, fizeram relação à expectativa da inserção no mercado de trabalho. Frente à instabilidade dos empregos na cidade, os jovens entrevistados desvalorizaram a imagem da cidade, impulsionados pelo medo ou pela insegurança. Isso é também encontrado na próxima imagem: a imagem de contrastes.

NOVA JAGUARIBARA CONTRASTES

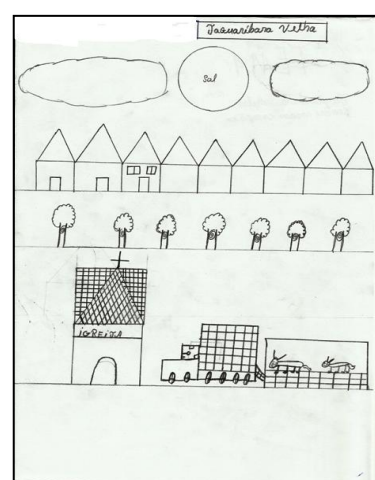
QUADRO 05 – Imagens de Nova Jaguaribara contrastes, conforme respostas de crianças e de jovens, em julho de 2013.

CRIANÇAS
 ROSA

JOVENS
 VÍRGULA
 COMIDA
 CIDADE ANTIGA
 CORRUPÇÃO
 UMA ÁRVORE QUE FOI REPLANTADA
 UMA FOLHA JOGADA AO VENTO
 MAÇA BONITA POR FORA, MAS PODE ESTAR
 DOENTE POR DENTRO
 CABELO FEIO

A imagem de **contrastes**, nos jovens entrevistados, foi associada ao paradoxo da cidade ser calma, mas violenta; ser planejada, mas quente e, mesmo assim, agradável. Também associou-se a uma cidade bonita, mas que, frente à não adequada representação política, não oferece empregos, o que gera uma expectativa ao desenvolvimento. Os sentimentos relacionados foram amor x medo; tristeza, insegurança x esperança; dor x tristeza; tristeza x esperança. Nas crianças, apenas uma imagem foi identificada como a de contrastes. Nesta imagem, os sentimentos associados são de amor x tristeza, paixão x felicidade. A metáfora *Nova Jaguaribara rosa* revela sentimentos potencializadores, mas que se contrapõe com uma cidade que necessita ser respeitada, indicando a imagem de contraste:

Entrevistado: 8
Idade: 10
Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	Uma cidade que precisa respeitar as pessoas e o trânsito.
Qualidade	Precisa de mais respeito.
Sentimento	Amor, tristeza, paixão, felicidade.
Metáfora	Rosa
Sentido	<i>Nova Jaguaribara rosa</i> é uma cidade em que precisa-se mais respeitar as pessoas, revelando seus contrastes por meio dos sentimentos de amor, tristeza, paixão e felicidade.

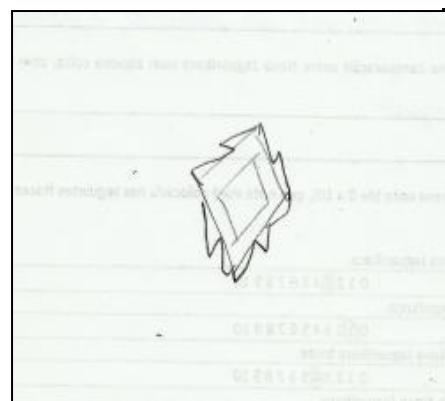
As imagens dos jovens entrevistados relacionaram-se à imagem de destruição ao também abordar a questão da falta de empregos e da violência na cidade. A metáfora *Nova Jaguaribara cabelo feio* contrapõe a imagem de uma cidade bonita e planejada e um bem-estar a ela associado com o problema da falta de condições que a cidade oferece. Da mesma forma, assim expressa a metáfora *Nova Jaguaribara corrupção* e *Nova Jaguaribara árvore que foi replantada*: aquela relaciona o problema político; esta opõe o planejamento da cidade com a menor importância dada ao ser humano e que, por isso, a cidade precisa de cuidados. No entanto, as três imagens assemelharam-se no que se referiu à possibilidade de a cidade vir a resolver essas questões. A imagem de contrastes não deixou os jovens na tristeza, mas movimentou-se entre esta e a alegria, o que fazia os entrevistados acreditarem em mudanças:

Entrevistado: 6
 Idade: 18
 Gênero: M



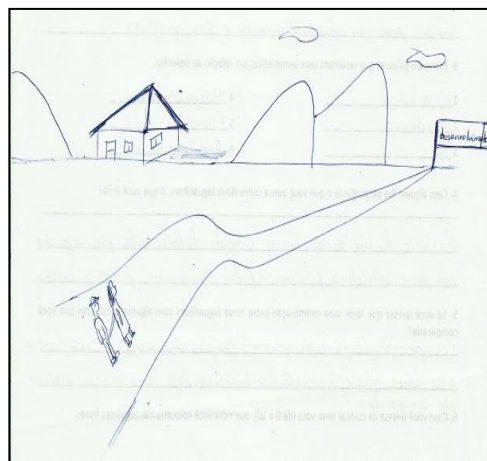
Estrutura	Cognitivo
Significado	É uma cidade muito triste, não tem movimento tem falta de empregos.
Qualidade	Bonita, organizada, planejada, limpa, mas ruim pois não tem renda para os jovens
Sentimento	Tristeza.
Metáfora	Um cabelo feio porque pode ficar bonito, então, Jaguaribara pode melhorar daqui para a frente.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara cabelo feio</i> é aquela em que seus contrastes se expressam por uma cidade bonita, organizada, planejada, limpa, mas ruim pois não tem renda, podendo melhorar daqui para a frente, gerando um sentimento de tristeza.

Entrevistado:
 10
 Idade: 17
 Gênero: F



Estrutura	Metafórico
Significado	Um diamante que ainda não foi lapidado.
Qualidade	Aconchegante e insegura.
Sentimento	insegurança
Metáfora	Corrupção
Sentido	<i>Nova Jaguaribara corrupção</i> é aquela em que os contrastes expressam-se em uma cidade que é como um diamante que ainda não foi lapidado com as qualidades de ser aconchegante, mas insegura, causando sentimento de insegurança.

Entrevistado:
12
Idade: 16
Gênero: F

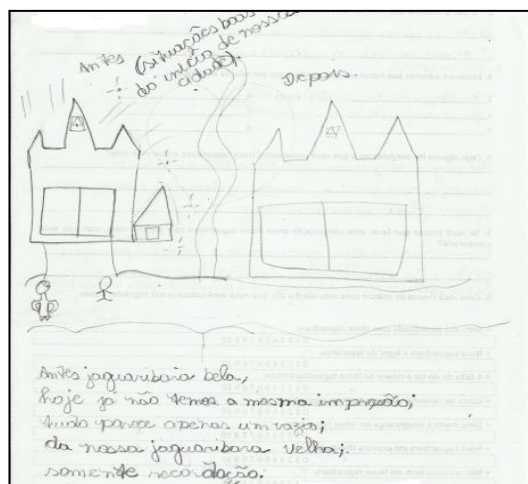


Estrutura	Metafórico
Significado	Desejo por desenvolvimento e dias melhores.
Qualidade	Uma cidade planejada, mas o fator humano foi esquecido.
Sentimento	Esperança
Metáfora	Uma árvore que foi replantada, mas que precisa de cuidados.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara árvore que foi replantada</i> é aquela em que a imagem de contrastes expressa uma cidade que tem desejo por desenvolvimento e dias melhores e que, apesar de ter sido planejada, o fator humano foi esquecido, precisando de cuidados, levando ao sentimento de esperança.

A imagem de contrastes, segundo Bomfim (2010, p. 210), expressa *‘duas faces da globalização: de um lado, a expressão das sociedades informacionais e de tecnologia de ponta; de outro, a exclusão configurada na segregação socioespacial e na polarização social.’* Isso nos faz pensar na contraposição dessas imagens: a estrutura de uma cidade planejada vinculou a imagem do *‘ser humano que foi esquecido’*. A racionalidade técnica e o processo de remoção (*‘árvore que foi replantada’*) produziram sofrimento ético-político que não foi amenizado por uma cidade que não ofereceu ainda uma segurança financeira para os moradores. A imagem de contrastes se intensifica nesse caso (foi a imagem mais frequente no grupo pesquisado), colocando a cidade planejada e o processo de remoção como pilares dessa imagem e reforçando o lugar da exclusão/inclusão social dos jovens.

A imagem de contrastes, neste caso, associou-se à insegurança quanto à continuidade do encantamento e da emoção que a cidade provocou no início da sua inauguração. É o que demonstra *Nova Jaguaribara maçã*:

Entrevistado:
15
Idade: 16
Gênero: F

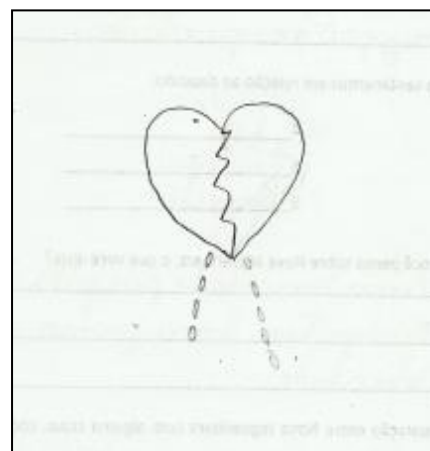


Estrutura	Metafórico
Significado	No início da cidade, era bem mais alegre, hoje é como se todo o encanto e toda a magia estivesse indo embora.
Qualidade	Tudo vem mudando para cá e, com essas mudanças, há consequências graves.
Sentimento	Tristeza, esperança
Metáfora	Com uma maçã bonita por fora, mas pode estar doente por dentro.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara maçã</i> é aquela que, bonita por fora e doente por dentro, expressa seus contrastes quando se compara a cidade que era bem mais alegre no início, mas hoje todo o encanto e magia parece estar indo embora, o que gera tristeza e esperança.

****No desenho:** “Antes, Jaguaribara bela/ Hoje, já não temos a mesma impressão/Tudo parece apenas um vazio/de nossa Jaguaribara velha, somente recordação.”

A metáfora *Nova Jaguaribara folha jogada ao vento* expressa o contraste entre a beleza da cidade e a má organização política para o enfrentamento de questões essenciais. Aqui, os jovens se posicionam frente à cidade como *civitas*, percebendo o paradoxo de uma urbe organizada estruturalmente e a não correspondência da organização política dos cidadãos e do poder político. É uma cidade que *'está sofrendo muito'*, uma vez que esse contraponto a coloca em uma situação de desamparo e desproteção: *'jogada ao vento'*.

Entrevistado:
14
Idade: 17
Gênero: F



Estrutura	Metafórico
Significado	É uma bela cidade, mas está sofrendo muito com a má organização dos representantes.
Qualidade	É uma boa cidade, mas não tem pessoas cuidando dela.
Sentimento	Dor, tristeza
Metáfora	Uma folha jogada ao vento.

Sentido	<i>Nova Jaguaribara folha jogada ao vento</i> é aquela em que os contrastes se expressam na realidade da má organização dos seus representantes e isso está a fazendo sofrer, apesar de ser uma bela cidade, o que gera dor e tristeza.
----------------	---

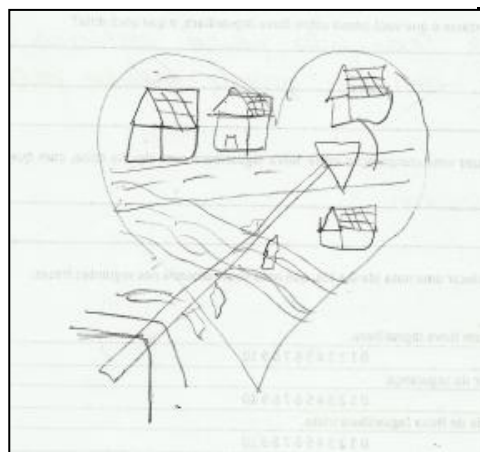
NOVA JAGUARIBARA INCERTEZA

QUADRO 06 – Imagens de Nova Jaguaribara Incerteza, conforme respostas dos jovens, em julho de 2013.

JOVENS
CAIXA DE SURPRESA UMA MAQUETE DÚVIDA INCÓGNITA

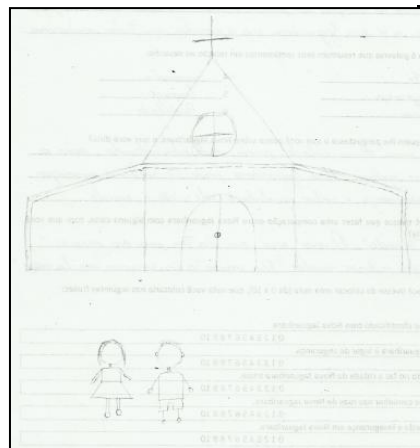
A imagem da incerteza constitui uma compreensão deste estudo como uma imagem advinda da expectativa com o futuro. Somente foi encontrada entre os jovens e não entre as crianças. Na imagem de contrastes, já percebemos essa característica, o qual se contrapunha à estrutura organizada da cidade. *Nova Jaguaribara caixa de surpresa* e *Nova Jaguaribara dúvida* são duas imagens que associam a aposta na compensação de um futuro melhor com o processo de remoção que causou sofrimento na população. Pode-se perceber que o sofrimento da transferência ainda gera afetos passivos e intervêm na maneira de se relacionar com a cidade planejada. Desta se espera ou é reivindicado o melhor. No entanto, ainda há a desconfiança e a dúvida, o que gera dor e esperança:

Entrevistado:
11
Idade: 16
Gênero: M



Estrutura	Metafórico
Significado	É uma cidade que ainda está se recuperando da flechada (mudança da cidade)
Qualidade	Cidade ainda calma, pouco conhecida, com um grande futuro pela frente.
Sentimento	Dor e esperança
Metáfora	Caixa de surpresa
Sentido	<i>Nova Jaguaribara caixa de surpresa</i> é aquela em que a imagem da incerteza traduz uma cidade que ainda é pouco conhecida, com um grande futuro pela frente e gera sentimentos de dor e esperança.

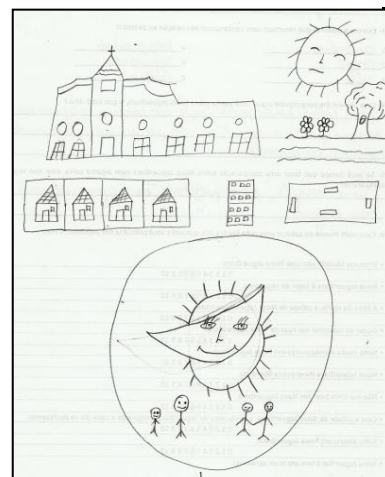
Entrevistado:
11
Idade: 16
Gênero: M



Estrutura	Metafórico
Significado	Apesar do desespero das pessoas terem saído de suas terras, ainda há fé que Jaguaribara seja a moradia que todos sonhavam.
Qualidade	Jaguaribara pode ter melhores empregos.
Sentimento	Esperança
Metáfora	Dúvida
Sentido	<i>Nova Jaguaribara dúvida</i> é aquela que a imagem de incerteza surge quando se acredita que Jaguaribara pode vir a ter melhores empregos e que ainda há fé que a cidade seja a moradia que todos sonhavam, gerando sentimento de esperança.

As outras imagens de incerteza confirmaram a dúvida do poderá vir a acontecer no futuro. Relacionaram o contraste de uma estrutura planejada, bonita, mas *'apagada, sem vida'* e *'bonita, mas vazia, sem harmonia'* e *'cidade planejada, mas que deixa desejar'*. Outro elemento de incerteza foi a referência à falta de identidade com a estrutura da cidade e a desconfiança de que a mesma ofereça melhores condições de vida. As metáforas abaixo: *Nova Jaguaribara maquete* e *Nova Jaguaribara incógnita* expressaram imagens de incerteza na indicação de uma cidade que estruturalmente não parece causar potência nos jovens entrevistados:

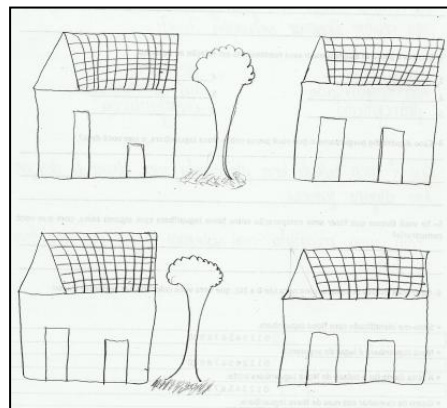
Entrevistado:
13
Idade: 17
Gênero: F



Estrutura	Metafórico
Significado	Uma cidade bonita, mas apagada, sem vida, mas no futuro pode ser uma cidade iluminada

	com vida e prosperidade.
Qualidade	Uma cidade bonita, mas vazia, sem harmonia, insegura, com perspectiva de futuro muito próximo ou distante.
Sentimento	Tristeza.
Metáfora	Uma maquete, bem projetada, mas o progresso ainda pode chegar.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara maquete</i> é aquela em que a imagem de incerteza é expressa pela constatação de uma cidade bonita, bem projetada, apesar de vazia, sem harmonia e insegura, possui uma perspectiva de futuro muito próximo ou distante, gerando sentimento de tristeza.

Entrevistado:
17
Idade: 17
Gênero: M



Estrutura	Cognitivo
Significado	É uma cidade bem planejada, com muitas árvores, mas existem situações de tristeza
Qualidade	É uma cidade planejada, mas que deixa desejar.
Sentimento	Insegurança
Metáfora	Incôgnita – não sabemos o que vai acontecer no futuro.
Sentido	<i>Nova Jaguaribara incôgnita</i> expressa a imagem de incerteza por não se saber o que vai acontecer no futuro. É uma cidade planejada, mas que deixa a desejar, o que gera insegurança.

Análise dos Afetos:

4.4. O Medo

“Do que temos medo? (...) Onírico e mítico, ser dos confins inalcançável pela geometria, o espaço é mistério absoluto. Além de cada paisagem, somente outra paisagem; além de cada horizonte, apenas outro horizonte. Rasteado de sinais, dá medo.” (Chauí, M., 2011, pág.133.)

‘Era uma espécie de um aparelho – isso que contavam para a gente – com uns homens dentro que vinham e tiravam o fígado da gente para levar para os Estados Unidos. Quando dava cinco horas da tarde, não tinha quem fizesse eu sair de casa para ir para Jaguaribara com medo do papa-fígado.’ (D. Maria Colina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Nas epígrafes acima, temos dois modos de contar sobre o medo como um afeto passivo fortemente vinculado ao que pode vir a acontecer e à incerteza. O medo é uma paixão e, portanto, não associado de maneira alguma à ação do corpo e da mente, sendo além disso, um afeto instável. Diante da dúvida da ocorrência ou não do perigo ou da ameaça, insurge com força ou, de outro modo, estagna e resigna a ação, tornando-se responsável, respectivamente, pelos fundamentalismos religiosos-políticos ou pela mudez do servo diante do tirano.

Espinosa, na Definição Geral dos Afetos na *Ética*, Parte III, define o medo como sendo ‘uma tristeza inconstante originada da ideia de uma coisa futura ou passada de cuja ocorrência até certo ponto duvidamos.’ (Def. 13). O medo é, para o autor citado, um afeto de tristeza. A tristeza, por sua vez, é explicada em outra passagem da mesma parte como sendo ‘a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor’. (Def.3). Isso quer dizer que a tristeza se relaciona com a diminuição da potência de agir do corpo, sendo a passagem desse estado para um estado de menor potência. O medo, como uma tristeza inconstante, é gerado diante da situação de incerteza do que poderá vir a diminuir a potência do corpo, mediante contingências do passado e do futuro. O medo acontece frente ao que não está presente. Vincula-se a uma temporalidade fora da vivência atual do homem, ou seja, ausente, com o possível aparecimento de coisas ameaçadoras. Dessa maneira, o medo pode vir a se ligar à construção de imaginários coletivos, fomentadores de fantasias e de criações tanto mais amplas quanto maior a intensidade desse afeto.

Os imaginários aí expressam o estado do corpo individual ou coletivo expressando como o mesmo é afetado pelas coisas exteriores e como as afeta. Constitui a maneira como a mente e o corpo compreendem confusa e parcialmente a realidade e os eventos externos. O

medo liga-se à formação dessas imagens confusas e parciais, que levam, exatamente por essas propriedades, ao estado de passividade do corpo e da mente. Imagens que colocam a explicação do que ocorre aos indivíduos no âmbito do externo a eles, como também deixam perceber como esse corpo se afeta e afeta os outros corpos e como a mente constrói as ideias das afecções.

Na epígrafe acima, temos o relato de um dos imaginários que circulavam na cidade anterior à Nova Jaguaribara. Os imaginários apoiavam-se na comunidade, eram uma forma de integração mútua no contexto cultural, uma linguagem natural dos mitos regionais e uma manifestação do pertencimento ao lugar e às características da sociabilidade que o lugar produzia. Era um medo produzido por seres da imaginação. Podemos ver isso também nos seguintes trechos:

‘O Aderbau virava lobisomem em noite de lua cheia e todo mundo tinha medo de sair na rua. O Aderbau fazia muito medo à gente. Ele era rapaz, morava sozinho, bebia muito e o pessoal dizia que ele virava lobisomem.’

D. Maria Colina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.

‘O lampião passava muitas vezes em Jaguaribara - nesse tempo ainda como Santa Rosa - todo mundo ficava com medo, escondido, deixava de sair de casa porque o que lampião quisesse levar, ele levava, comida, o que fosse, porque o lampião não roubava, né, ele só fazia pedir, chegava e levava porque todo mundo tinha medo, ninguém ia lá dizer que não!’

Sr. Zé do Manu, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2013.

Também esses imaginários misturavam-se com as atividades de lazer e de trabalhos locais. Como são mostrados nos trechos abaixo:

‘No poço do caboclo [no rio], as pessoas diziam que quando se colocava a tarrafa, o velho que tinha morrido lá, jogava de volta a tarrafa [sic]. Ainda mais, ele aparecia com uma lamparina acesa na cabeça. Era o ‘poço do caboclo’. Foi um caboclo que morreu lá pescando. As pessoas tinham um maior medo e ninguém pescava à noite lá.’

(Sr. Edberto Carneiro, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

‘Os caçadores contavam muito a história da caipora que, pra saciar a vontade de fumar dela, só era dá o fumo para caipora. Ela ia embora com o fumo e deixava os caçadores caçarem, mas, quem não desse o fumo, apanhava da caipora.’

(D. Maria Colina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Na narrativa sócioafetiva-urbana de Jaguaribara, pudemos perceber a criação de uma narrativa na qual as imagens construídas nos indicavam uma cidade ideal, harmônica e

valorizada. Também vimos nas poesias dos moradores que essa imagem foi mais intensivamente expressa, mediante a ameaça do fim da cidade. Nos mapas afetivos, as imagens afetivas da **incerteza** e de **contrastes** também reproduziram a diferenciação entre o que era bom relacionado à antiga cidade e o que era vazio e sem harmonia relacionado à nova cidade. (Podemos ver na análise do entrevistado 15 na imagem de contrastes. Esse respondente utilizou a metáfora *Nova Jaguaribara maça* e também escreveu em seu desenho: “*Antes, Jaguaribara bela/ Hoje, já não temos a mesma impressão/Tudo parece apenas um vazio/de nossa Jaguaribara velha, somente recordação.*”). Na imagem de incerteza, a análise do entrevistado 11 nos fala de uma cidade planejada: *apagada, sem vida* e também *bonita, mas vazia, sem harmonia*.

Essa imagem da cidade antiga reforçava a construção de imagens que se relacionavam a um determinado tipo de medo: o medo comunitário e local que insurgia coletivamente contra os entes imaginários. O modo de sociabilidade da cidade anterior, de uma cidade pequena, onde todos se conheciam permitia que o medo, ao mesmo tempo em que lhe é próprio manter e aumentar a passividade do corpo da cidade, reforçasse a intimidade e a identidade comunitária pelo reconhecimento da cultura e da linguagem local. Constituíam um medo construído coletivamente e ligado mais à vivência da terra e da compreensão local dos costumes.

O desconhecido e a contingência faziam parte do contexto sociocultural como uma força externa vinda do que não se podia prever no imaginário e uma ameaça que exigia maneiras de defesa, como tudo o que origina as imagens que fomentam o medo. No entanto, o desconhecido e a contingência não deslocavam os jaguaribenses da terra, a ameaça não lhes subtraía a identidade enquanto cidade e comunidade, mas os levavam ao comum acordo das crenças nos lobisomens, caiporas, papa-fígados e reforçavam o sentido comunitário. Apesar disso, o medo, como tristeza, e, portanto, ligado ao afeto passivo que diminui a potência do corpo, também assim o fazia no corpo coletivo, ao tornar esse corpo suscetível a um poder externo e imaginário.

A compensação do tipo de medo que existia nesse fio histórico dos afetos na cidade anterior de Jaguaribara era o valor da intimidade proveniente do reconhecimento comunitário. Não resultava no isolamento das pessoas, mas na agregação ainda maior da comunidade para lutar contra a contingência, a qual possuía a possibilidade da amplitude do imaginário, o que tirava o peso de uma ameaça verdadeira.

O anúncio da mudança da cidade velha para a cidade planejada inaugurava uma nova forma de vivenciar esse afeto passivo na cidade: o medo de sair da terra. A obra iria romper a ligação dos jaguaribenses com a terra, tirando-os do local de moradia e deflagrando um processo de desagregação do comum.

O medo comunitário e local contra os entes imaginários, transformava-se no medo individual e coletivo de um corpo que iria se desfazer. Um medo que se concretizou a partir do anúncio da construção do açude Castanhão. Nas poesias dos moradores na época da resistência, vimos a continuação de um imaginário fantástico no qual o Castanhão era percebido como um produto do poder maligno, no qual os políticos eram os executores: *“políticos e constituintes (...) semente do joio plantada por satanás (...) carcarás sanguinolentos, diabo dentro e Deus por fora (...) com todo aquele aparato, de Dalila com Sansão, defendendo o Castanhão e os pobres que paguem o pato.”* (poesia anônima, lida em uma das manifestações da resistência).

A ameaça já havia sido cogitada desde 1915 e, no decorrer da história de Jaguaribara, foi traduzida através de lendas ligadas ao imaginário religioso da cidade de Jaguaribara. Esse imaginário ligava-se à figura de um Frei e suas palavras passavam de geração a geração, conforme os relatos seguintes:

‘Era um Frei como Frei Damião, como Padre Cícero. Era um padre de missões. Ele profetizou que Jaguaribara ia ser cama de baleia. Eu explico: a baleia é um peixe grande e para o peixe grande ter uma cama precisa muita água (...). E essa história foi passando de pai para filho: Frei Vidal profetizou que Jaguaribara ia ser uma cama de baleia. Então, veja bem: O povo antigo dizia: ‘Não tem como! Jaguaribara em uma seca dessa, como é que isso aqui vai virar cama de baleia?’ E agora, nós vemos mesmo: Jaguaribara está abaixo das águas, não sei quantos metros.’
(Isac, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2013.)

‘Minha avó falava que Frei Vidal dizia que quando chegasse o tempo que a coisa mais barata que a gente fosse comprar ficasse mais cara, a gente ia estranhar e Jaguaribara ia virar cama de baleia. Eu fui fazer a conta na minha cabeça, o mais barato que a gente comprava era o sal e o fósforo. Hoje o maço de fósforo está 1.75. A Jaguaribara virou cama da baleia e o sal você compra por 1 real. Lá, você comprava por 0,20 centavos. Lá, era barato e aqui, depois que nós chegamos aqui, aumentou tudo.’
(Rosa Gago, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

O anúncio da destruição da cidade anterior foi acompanhado pela incerteza de que a construção do açude se efetivaria realmente. A resistência dos moradores fazia-se entre o medo e a esperança de que a obra não acontecesse. No período de mais dez anos, de 1985 até

à mudança em 2001, os moradores não construíram ou reformaram na cidade pelo medo de não serem indenizados. Havia o medo e a incerteza de que a barragem iria ser construída. A imagem do maligno que iria destruir a cidade ideal - imagem reforçada pelo sofrimento ético-político e muito encontrada nas poesias - era produto do medo que deixavam ainda mais os moradores de Jaguaribara no meio do jogo político da imposição de um poder institucional.

Segundo o relato abaixo, o Castanhão era visto, nessa época, pelos moradores como um fantasma que rondava a cidade e a paralisava:

(...) Lá nós não teríamos a chance que a gente tá tendo aqui, por conta já do fantasma da barragem, então muitas pessoas deixaram de investir, de construir, não teve progresso. O fantasma da barragem era uma coisa que a gente imaginava que existia na época, que a gente pensava, que hoje é concreto, mas na época, era uma coisa que os mais velhos falavam, mas a gente não via nada de concreto acontecer. A gente tinha medo, muito medo e era uma coisa que ficava pairando. Um morador dizia: 'Vou construir uma casa.' Outro dizia: 'E se a barragem vier, você vai perder a casa.' Então, era um fantasma, [o Castanhão] era um nome que assombrava as pessoas, a gente não via nada de concreto, mas que existia a assombração. Que sempre foi vista como uma forma negativa por nós. Ninguém ficava feliz quando se dizia: 'vão construir o Castanhão e a gente vai embora daqui'. Ninguém queria, então, era o sinônimo de fantasma, por causar medo, espanto.'
(Lívia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Retomando o conceito espinosano do medo como uma tristeza instável ligada à incerteza do que poderá vir a acontecer ou não, no caso de Jaguaribara, a incerteza que aumentava o medo sentido depois do anúncio da construção da barragem girava em torno de duas coisas principais: da incerteza da obra ser construída ou não - o que levava os moradores à dúvida de que valeria a pena fazer quaisquer reformas em suas próprias casas, causando uma passividade da cidade frente a um futuro incerto - e da incerteza da continuidade dos laços e das raízes do povo que iria para um lugar diferente.

O medo, pois, na linha histórica desse afeto, está ligado profundamente ao processo de desagregação do comum e, ao mesmo tempo, ligado ao enfraquecimento da cidade enquanto corpo político capaz de decidir sobre caminhos alternativos à mudança. O período da resistência não representou a união política do povo ao ponto da constituição do sujeito político com a união das potências individuais. Decerto, correspondeu a isso no início, logo depois do anúncio da cidade, quando os moradores agiram por meio de ações conjuntas de enfrentamento contra o governo. Mas, a percepção de que a decisão governamental não iria ser impedida, arrefeceu o sentido da união de forças contra a destruição da cidade, passando os moradores a lutarem por outra causa, seja pela reivindicação das indenizações individuais, seja pela construção da cidade nova, sendo que essa reivindicação não tinha o efeito da união de forças iniciais. Vejamos dois relatos nesse sentido:

‘A gente fazia assim em Jaguaribara: a gente juntava aquela turma, fretava-se o ônibus e ia pra Fortaleza. Isso começou na gestão de Gonzaga Mota. Nós fomos muitas vezes no gabinete dele. A gente começou a lutar para não construir a barragem, mas aí quando a gente viu que não tinha jeito, nós mudamos o ritmo da luta para a cobrança de direitos.’

(D. Rosa, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

“Primeiramente, quando a gente soube que ia se mudar e o governo ia fazer essa barragem, a gente começou uma luta para tentar evitar de fazer a barragem. Um bocado de gente reunida, o sindicato, a igreja. Quando a gente percebeu que não tinha jeito de empatar ela [sic], então nós fomos trabalhar para os nossos direitos: quem tinha uma casa, recebesse uma casa, quem não tivesse casa, fosse assentado num assentamento, todos tivessem o direito de uma vida digna de trabalhar e criar seus filhos.”

(Sr. Tachinha, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

É no sentido da perda da possibilidade do poder decisório do povo e do desvio do caminho da luta contra o governo, que falamos do enfraquecimento do corpo político enquanto união das potências individuais para o fortalecimento do corpo coletivo. A compreensão desse fato é importante para entendermos o terceiro tipo de medo, seguindo essa análise. O primeiro medo de que falamos foi o medo com um caráter mais comunitário, regional, pertencente à terra. Era o medo de personagens imaginários frente às contingências de uma vivência local semi-rural. O segundo tipo de medo era com relação à barragem do Castanhão e a incerteza da efetivação dessa barragem, o que paralisou a cidade frente à dúvida de que os moradores iriam se mudar ou não. A mudança para a cidade planejada inaugurou um terceiro tipo de medo. O medo de uma vivência urbana com características diferentes da cidade anterior. A contingência era a estrutura da cidade planejada e a futura configuração de uma sociedade urbana que traria elementos diferentes no modo de vida dos moradores. A disposição das casas da cidade nova favorecia o maior afastamento dos moradores e a menor intimidade entre eles. Também a presença de pessoas desconhecidas pelos moradores da cidade anterior que vieram morar na cidade planejada contribuiu para o enfraquecimento da sensação comum do laço familiar. Vejamos alguns relatos que retratam essa nova realidade:

‘Como era uma cidade pequena, um numero reduzido de habitantes, todo mundo conhecia todo mundo, todo mundo se dava bem com todo mundo, e o laço era como se fosse, na verdade, uma grande família, e hoje não existe mais esse laço tão forte assim, nessa nova cidade, os laços meio que se romperam, se distanciaram (...).’

(Mariani, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

‘Lá era como se fosse um laço de amizade muito grande, com as casas emendadas, da sua casa mesmo, aquelas pessoas mais velhas tinham o hábito de pedir as coisas: ‘Fulano, eu tô precisando disso, me empresta isso’... Aqui não, já era diferente, eles já se sentiam intimidados. Logo aqui quando chegou, os muros eram ainda baixinhos, uns viam atrás do que precisavam; outros não porque se intimidavam.’

(Nádia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

'(...) Pessoas com outros costumes e se misturaram com o nosso povo. Ninguém é barrista, mas aconteceu isso mesmo. Aí, isso virou de ponta à cabeça nossa história todinha. Chega uma pessoa aqui em Nova Jaguaribara e você não sabe quem é. Na outra cidade você sabia quem era. Todo mundo dizia uns para os outros.'

(Isac, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

A dispersão dos moradores ocasionada pelos vários lugares de encontros (16 praças) e a invisibilidade do comum no espaço público reforçou a incerteza e a dúvida suscitada pela cidade planejada nos primeiros anos da vivência. A dispersão foi geradora do medo e incitadora da instabilidade passional.

Como uma realidade presente na maioria das cidades brasileiras, a violência urbana foi um dos eventos que mais cresceu no cotidiano da nova cidade de Nova Jaguaribara. Uma violência que também existia na cidade anterior, mas que não fazia parte das preocupações dos moradores. Conforme dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará, Nova Jaguaribara ocupa o sétimo lugar⁸⁸ em índice de ocorrência de casos de furtos e uso de drogas, com índices expressivos dessas ocorrências a partir do ano de 2009. Com esses dados, constatamos que há um superdimensionamento dessa sensação de insegurança e da imagem da violência na cidade, devido à dispersão do núcleo comum da cidade anterior e da desmobilização dos moradores para o enfrentamento coletivo de situações de conflito. Ao analisar o medo social, Baierl (2004, p. 46) esclarece que o medo é: *'produzido de maneira singular-coletiva em contextos sociais e individuais historicamente situados.'* e *'constrói-se na realidade histórico-social, tecendo nova cultura e novos padrões éticos no âmbito do privado e na esfera onde se gesta a vida cotidiana.'* O medo superdimensionado em Nova Jaguaribara relaciona-se a uma sociedade enfraquecida politicamente porque aprisionada na passividade e na servidão.

O medo gerado no superdimensionamento vincula-se ao novo contexto urbano e a maneira como os moradores se relacionam entre si e com a cidade e também como se organizam politicamente. Na fala de alguns entrevistados, é presente a relação entre o maior isolamento das pessoas em suas casas e a mudança dos costumes tendo como causa a violência na cidade:

'(...) Também pelos acontecimentos, pelos meus filhos, porque, quando eles tiverem 25, da minha idade, não sei como é que vai estar aqui. Que o nível de violência aqui já tá [sic] muito alto. Eu fico pensando daqui 10 anos, como é que vai estar? Dá preocupação, dá medo porque a gente tem que pensar no futuro, né.'

⁸⁸ Segundo dados do relatório de 2014 da Assessoria de Análise Estatística e Criminal.

(Aurineide, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

'Na cidade velha, eu tinha ideia de uma cidade tranquila, a ideia daqui é que a gente não pode nem sair fora [sic], é aquela coisa amedrontada, que todo mundo teme de ficar numa calçada, teme em sair para uma praça, porque muita gente aqui deixou de sair para as praças. Hoje você vê pouca gente de noite nas praças porque quando chega uma dada hora já estão indo para suas casas com medo até de uma bala perdida.'

(Nádia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Uma das realidades de Nova Jaguaribara, no decorrer dos 13 anos de cidade, foi a desmobilização dos grupos e da organização política. Em relatos de entrevistados, a Associação dos Moradores se desorganizou nesse período e a Casa da Memória, que no início da cidade era cuidada coletivamente, hoje é praticamente abandonada e mantida por poucas pessoas. Os temas dos grupos de teatro não mais se relacionam com os assuntos da cidade, mas outras temáticas diferentes acerca da mesma. Essa desarticulação dos moradores distancia-os da experiência de construção interna de uma rede de afetos mais potentes que os fortaleçam enquanto *civitas*, ou seja, enquanto sociedade política organizada. Nessa situação, a violência se superdimensiona, de fato, constitui uma força externa tanto maior, quanto mais isolados ficam os cidadãos.

Isso se relaciona com o terceiro e último tipo de medo percebido no estudo que foi o do ser humano desconhecido, que supostamente vem de fora e é instavelmente visível na cidade. Não mais um medo de algo pertencente à terra – com elementos imaginários – nem um medo relacionado à expulsão da terra – ocasionada pela obra do açude Castanhão – ou um medo à nova estrutura urbana ou ao novo modo de sociabilidade. O medo agora supõe a imagem da presença de pistoleiros e traficantes que rondam Nova Jaguaribara e esperam a ocasião para a violência ou para drogarem os menores de idade. Homens que são de fora, estranhos ao núcleo comum das pessoas do corpo coletivo anterior. Os fatos violentos que acontecem na cidade nova, a presença de drogas, os furtos ou homicídios, comuns na região do Médio Jaguaribe - onde Nova Jaguaribara está situada - ganham uma maior importância, pelo fato de que na cidade anterior não havia esse caráter e frequência de eventos. Objetivamente, também existia violência, mas era compensada pela sensação de proteção que a cidade anterior oferecia através da convivência mais próxima e quase familiar dos moradores, como podemos ver no seguinte relato:

“A violência em Jaguaribara era muito pouca, era quase zero, os casos que tinham eram de brigas por terras, bebedeira em festas, brigas de cachaça. Você via assassinatos uma vez, duas vezes por ano. Você dormia com as portas abertas, quem chegava lá era bem acolhido, entrava de casa a dentro. Aqui, em Nova Jaguaribara, quando matam, é de dois, três. Quando passa um tempo sem acontecer nada, a gente estranha e diz: ‘viche, tá pra

acontecer alguma coisa grande!(...). O delegado morava na cidade e tinha vínculo com os moradores, todos respeitavam e tinha aquela ordem.”
(Isac, morador da cidade de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2014.)

A mudança proporcionou aos cidadãos a vivência em uma nova cidade que passou a ter uma outra configuração em termos de dados da violência. Também o fato de os moradores terem vivenciado um passado com outra realidade contribuiu para o superdimensionamento do medo, o que faz com que agora essa violência em um modo de vida urbano tome uma dimensão muito maior. A desagregação do comum e a desmobilização política são importantes motivos para que isso aconteça, uma vez que os moradores não mais vivenciam o medo da violência com o suporte comunitário que tinham, a sensação da familiaridade, a qual produzia a sensação de proteção mútua e de motivação para resolver internamente os assuntos da cidade.

No entanto, como o medo, no sistema espinosano, acompanha a esperança e sem esta tornar-se-ia desespero⁸⁹, não há medo sem esperança e esperança sem medo, pois, segundo Espinosa:

Segue-se, dessas definições, que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. Com efeito, supõe-se que quem está apegado à Esperança e tem dúvida sobre a realização de uma coisa, imagina algo que exclui a existência da coisa futura e, portanto, dessa maneira, entristece-se. Como consequência, enquanto está apegado à esperança, tem medo de que a coisa não se realize. Quem, contrariamente, tem medo, isto é, quem tem dúvida sobre a realização de uma coisa que odeia, também imagina algo que exclui a existência dessa coisa e, portanto, alegre-se. E, como consequência, dessa maneira, tem esperança de que essa coisa não se realize.
(*Ética*, 3, Def. 13, Explicação)

O medo é inseparável da esperança. São dois afetos que formam um sistema afetivo. O medo é enfraquecimento, mas ele não vem desacompanhado do fortalecimento que é o esforço do conatus coletivo de reconstruir. Seguindo esse '*sistema medo-esperança*', de acordo com a compreensão de Chauí (2011, p. 157), podemos detectar a esperança na cidade de Nova Jaguaribara, por meio de modos de enfrentamento do medo, como, por exemplo, as manifestações e protestos que começam a aparecer na realidade da cidade nova. Durante a experiência etnográfica ocorreu uma dessas manifestações contra a frequência de furtos na cidade. Algumas pessoas se reuniram e organizaram a população, a qual mobilizou-se parcialmente. Podemos ver algumas fotografias desse dia:

⁸⁹ O desespero consiste, segundo Espinosa, na Def.15 na Definição Geral dos Afetos na parte 3 da *Ética*: “uma tristeza surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida.”



Foto 18: Manifestação dos moradores da cidade contra a violência.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Sendo assim, no próximo item, vamos falar do afeto da esperança porque detectamos que esse afeto se expressa nos modos de reconstrução do comum na cidade nova e consequente fortalecimento do corpo coletivo, que é empreendido, seja através dessas mobilizações pontuais, seja através de outros meios de reagregação do comum na vivência da cidade planejada nos treze anos (em 2014) de existência.

4.5 A Esperança

A Esperança é uma alegria instável, surgida da imagem de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos dúvida.
 (Espinosa, E III, 18, Escólio 2)

(...) as pessoas chegaram e esperaram ser felizes. Existe até uma frase que a gente escutava: 'Nova Jaguaribara: Terra prometida'. Nós esperamos uma cidade do futuro, que teria empregos e um desenvolvimento grandioso. Isso foi dito para gente, foi uma promessa. Tanto que a nossa maior riqueza é o açude Castanhão, a água.
 (Parcélcio, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2013)

No escólio da Proposição 50 da Parte III da *Ética*, Espinosa nos fala que *'somos constituídos de tal maneira a acreditarmos facilmente nas coisas que esperamos e,*

difícilmente, nas que tememos, e a estimá-las, respectivamente, acima ou abaixo do justo.’ Refere-se ao esforço do corpo e da mente para irem ao encontro do que nos causa alegria e, assim, do que aumenta a potência da nossa mente a agir. Além dessa tendência natural, estimamos acima da justa, ou seja, colocamos no que acreditamos ser a causa de alegria e levantamos o máximo de expectativas no que assim consideramos. As promessas feitas possuem esse poder de reunir expectativas de algo melhor que a de vir e que será causa de alegria. De certa forma, as promessas possuem o poder de despertar a esperança, diante da imagem de uma coisa futura.

De acordo com a Proposição 18 dessa mesma Parte, Espinosa nos diz: *‘O homem é afetado pela imagem de uma coisa passada ou de uma coisa futura do mesmo afeto de alegria ou de tristeza de que é afetado pela imagem de uma coisa presente.’* O afeto de alegria ou de tristeza irá permanecer diante da imagem de alguma coisa que irá afetar o corpo ou foi por esse afetado. Diante dos fatos passados e dos futuros, a imagem põe a existência – de acordo com o escólio 1 da mesma Proposição – sendo afetado por tal imagem, o que faz permanecer o afeto ligado a esta. Espinosa cita o Corolário da Proposição 17 da Parte 2 da *Ética*: *‘A mente poderá considerar como presentes, ainda que não existam nem estejam presentes, aqueles corpos exteriores pelos quais o corpo humano foi uma vez afetado,’* Ao sobreporem-se as coisas que se imagina como passado ou como futuro, ocorre aí a incerteza de que ocorrerá a realização dessas imaginações. Espinosa denomina de ‘flutuação da imaginação’, a imaginação de coisas em relação ao tempo, que também nós o imaginamos, pelo motivo de que imaginamos ‘os corpos em movimento’:

‘E haverá, igualmente, uma flutuação da imaginação, no caso da imaginação de coisas que, agora em relação com um tempo passado ou com um tempo presente, consideramos dessa mesma maneira. Como consequência, imaginaremos as coisas, tanto as relacionadas ao tempo presente, quanto as relacionadas ao tempo passado ou ao futuro, como contingentes.’ (E II, 44)

Os afetos resultantes dessas imagens instáveis originam a esperança – como também outros afetos como o medo, a segurança, o desespero, o gáudio e a decepção. Na epígrafe acima, temos a definição desse afeto por Espinosa no segundo Escólio da Proposição 18 da Parte 3 da *Ética*. Posteriormente, o autor endossa o mesmo conceito desse afeto na Def. 12 da mesma parte.

Da dúvida, da incerteza e da contingência participam tanto a esperança e o medo, como dito anteriormente, inseparáveis. Seguindo as definições 14 e 15 da Definição dos Afetos da

Parte 3 da *Ética*, se já não resta a dúvida ao se vivenciar esses afetos, surge o desespero do medo e a segurança da esperança:

‘A segurança é uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida.’ (E 3, *Def.* 14)

‘O desespero é uma tristeza surgida da ideia de uma coisa futura ou passada da qual foi afastada toda causa de dúvida.’ (E 3, *Def.* 15)

A variação do medo e da esperança faz parte da vivência da contingência a que os corpos são submetidos. Nessa instabilidade da dinâmica afetiva, a esperança, no sistema espinosano, sendo uma alegria instável, potencializa o corpo, mesmo que momentaneamente, e não o deixa indefinidamente cair no abaixamento de ânimo que a tristeza produz. Assim, mesmo que de forma instável, a esperança instaura forças e fortalece o *conatus*.

Falamos há pouco da concentração de expectativas que as promessas produzem, exatamente porque mantêm forte a imagem do que potencializa e do que expande o corpo individual ou coletivo. Lemos na epígrafe uma das promessas feitas à população de Jaguaribara diante da perspectiva de futuro e da visualização do novo lugar para as pessoas. Outras promessas envolvendo o processo de mudança para a nova cidade foram relatadas:

‘Desde pequenininha, desde meus três anos de idade, eu me lembro da notícia da mudança (porque a notícia veio em 1985) e eu fui crescendo ouvindo isso. (...) Quando tinha nove ou dez anos, me lembro de um panfleto que eles fizeram. Desenharam a cidade perfeita, com aeroporto, coisa que a gente nunca tinha visto na vida. Era um sonho: com rodoviária, as casinhas bem bonitinhas, os prédios bem bonitinhos, as ruas largas, perfeito, perfeito! Eu me lembro como se fosse hoje: que eu deitava assim na porta de saída lá de casa, colocava o panfleto na minha frente e ficava imaginando e sonhando: ‘Ai, como é que vai ser minha casa? Ah, vai ser bom, vai ter aeroporto.’ Eu era deslumbrada com a ideia do aeroporto!’

(Onorina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

‘Eu esperava que essa cidade ia ser muito boa. Porque diziam que ia ter plantio, o pobre ia plantar tomate, plantar uma horta, pobre aqui ia melhorar de vida...’

(D. Zefinha, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

As supostas realidades da futura cidade feitas pelo governo do Estado suscitava a esperança da população e funcionava como uma estratégia política para o convencimento das pessoas à mudança. Nessa estratégia estava em jogo a elevação da expectativa dos moradores com relação ao que seria o futuro incerto. As promessas, inclusive com o uso de expressões bíblicas, fizeram parte da construção imaginativa proposta. Essa ‘estima acima da justa’ relacionava-se, sobretudo, ao que a cidade iria oferecer em termos de empregos e de moradia,

já que os moradores estavam, desde do anúncio da destruição e da construção do açude, judicialmente impedidos de construir. A esperança no novo era natural e necessária às pessoas.

Essa situação foi propícia para o fomento de promessas e o crédito dos moradores, em meio à dúvida do futuro. De certa maneira, suscitar a esperança nesse momento fazia parte do processo de fortalecimento político da cidade. No entanto, a forma como as promessas foram feitas e a esperança construída como estratégia política levou os moradores a uma passividade tal que construíram a imagem de uma cidade nova que já continha as possibilidades de renda para lidar com o modo de vida urbano. Em muitas entrevistas, as pessoas frequentemente falavam a respeito da falta de uma indústria na cidade nova, da falta de fábricas. A entrada em uma cidade planejada, fê-los imaginar que a estrutura mais moderna e planejada iria lhes fazer corresponder também às suas necessidades de trabalho e de renda, imagem essa que foi construída pelo governo como estratégia de convencimento. Podemos ler alguns relatos nesse sentido:

‘Para vim para uma cidade-modelo do Ceará, que ia ser uma fonte de emprego e renda para toda uma população, que você ia ter faculdade, você não ia precisar se deslocar para nenhum lugar e o que a gente vê hoje é completamente o contrário.’

(Ana Maria, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

‘Se o progresso viesse como eles prometeram de verdade aí sim a gente podia ter um futuro melhor.’

(Edberto, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

‘ - Podemos até não ter fé, mas sonhamos com uma cidade desenvolvida, com todo mundo trabalhando, tendo sua renda sem ter que estar passando dificuldade.’

‘ - Eu acho assim, que este seja o anseio geral, até porque foi o que foi prometido.’

‘ - Elevaram a expectativa da gente ao máximo e não cumpriram ao que se propuseram.’

(Trecho do diálogo de um grupo de moradores entre 24 a 30 anos, entrevistados em 2013.)

A espera pelos empregos e pela correspondência dessa expectativa na nova realidade, levou os moradores, desde o início da cidade (e ainda leva atualmente), a deslocarem o afeto da esperança à cidade nova (que não trouxe as fábricas e as indústrias até então) para alguém que iria chegar e resolver a situação da falta de empregos, seja um governante ou uma empresa ou fábrica:

‘A gente tem que ter fé em Deus que vai dá certo, que vai entrar alguém que vai fazer isso.’

(Glaucane Vieira, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

'Sentimento que eu queria que trouxesse fábrica, que trouxesse emprego.'

(Francisca Antônia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2012)

'É uma cidade planejada, muito bonita, mas não tem uma indústria para as pessoas trabalharem. Eu acho que os furtos são por causa disso. Com a indústria, a mulher trabalha, o homem trabalha e tudo melhora, mas sem trabalho, a cada dia, vai complicando mais a situação de cada um.'

(Nileide, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

No entanto, seguindo a mesma perspectiva de análise que empreendemos no afeto do medo, na linha histórica da análise do afeto da esperança, detectamos que uma terceira qualidade do afeto da esperança é vivenciado na cidade de Nova Jaguaribara. Em um primeiro momento, a esperança foi construída sob uma lógica política passional que gerava servidão e obediência, constituindo uma estratégia política de convencimento do governo com o objetivo da mudança para a cidade planejada. A tendência natural de que os homens possuem de irem ao encontro de imagens que aumentam sua potência de agir foi um plano propício para os moradores acreditarem nas promessas do governo e, portanto, vivenciarem a esperança na cidade anterior, apesar da resistência que fizeram por dez anos. Uma vez na cidade planejada, com o passar dos anos, a percepção dos moradores de que esta não trouxe prontas as condições de trabalho anteriormente prometidas, aliado com o custo de vida que a cidade exigia dos seus moradores em comparação à cidade anterior, fez (e ainda faz) os moradores esperarem e depositarem a esperança nos sucessivos governos municipais e estaduais que se alternam ou em supostas fábricas, indústrias e empresas que iriam ser trazidas para a cidade nova.

Nos mapas afetivos analisados, os jovens apresentaram a imagem da incerteza e de contrastes se associam, de certa forma, a esse terceiro tipo de esperança. Na imagem de contrastes, os jovens expressaram na imagem afetiva de contrastes a constatação do paradoxo entre uma cidade bem estruturada e bonita e a falta de possibilidades de empregos, como também a não correspondente organização comunitária e política. No entanto, apontavam nesta imagem possíveis soluções e não se deixavam totalmente envolver por essa contradição. Na imagem de incerteza, os jovens também mostraram tal contraste, no entanto, acompanhado da incerteza de que o futuro poderá ser melhor ou não. Apesar disso, acreditam mais fortemente no desenvolvimento que virá, através de algo externo, como uma indústria, que oferecerá empregos: *'ainda há fé que Jaguaribara seja a moradia que todos sonhavam.'*⁹⁰

⁹⁰ Mapa Afetivo do entrevistado 11.

Esses dois tipos de vivência do afeto passivo da esperança não foram propícios ao fortalecimento do corpo coletivo, de forma que possibilitasse a reconstrução deste a partir da reagregação de elementos imanentes a esse corpo. No entanto, percebemos no estudo, de forma simultânea, uma outra vivência da esperança na cidade planejada. Detectamos que há uma reconstrução, mesmo que lenta, do comum na cidade, em meio à dispersão e ao enfraquecimento dos laços entre os moradores, favorecendo uma maneira própria de os moradores fortalecerem o *conatus* coletivo. Isso dá-se, entre outros elementos, por meio das reformas das suas casas e das pontuais mobilizações como visto acima. No caso das reformas, alguns moradores construíram banquinhos de alvenaria nas calçadas, semelhantes aos que existiam na cidade anterior, nos quais os moradores se encontravam para conversar. Podemos vê-los nas fotos abaixo, tiradas na etapa da pesquisa etnográfica desta Tese:



Foto 19: Banquinhos feitos pelos moradores e colocados nas calçadas de suas casas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As reformas das casas constituem outro elemento de reelaboração e reconstrução do corpo da cidade a partir da capacidade de cada morador de criar sua própria marca em meio aos formatos iniciais das casas entregues pelo governo⁹¹:

⁹¹ Esse assunto será melhor discutido no sub-item 2.2f do item 2.2 dessa parte.



Foto:20 Casa com o formato original em Nova Jaguaribara, ainda não reformada.

Fonte: Arquivo pessoal da autora. (em 2013)



Foto 21: Casas reformadas pelos moradores em Nova Jaguaribara.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2013)

A construção desses banquinhos e as inúmeras reformas das casas, conforme visto nas fotos acima, poderão traduzir uma maneira de resistência à passividade, propiciando o fortalecimento do corpo coletivo. Resistência ao processo de desagregação do comum, mediante o fato da descontinuidade abrupta dos costumes e referências históricas comuns da cidade anterior. Resistência silenciosa frente à lógica passional de servidão a que os corpos individuais foram e são submetidos. Nesse caso, o esquecimento dos elementos do comum no corpo coletivo anterior representa conformismo e submissão, tristeza e diminuição de potência de existir do corpo coletivo da cidade de Nova Jaguaribara. O esquecimento levaria os moradores à desvinculação da história e à percepção de um presente ainda mais dessemelhante. Gagnebin (2009, p. 103) explica:

Devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado. No texto de Adorno, que é judeu e sobrevivente, a exigência de não-esquecimento (...) é uma exigência de análise esclarecedora que deveria produzir (...) instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente.

Nesse sentido, a construção dos banquinhos nas calçadas não constitui uma volta ao passado ou uma nostalgia, mas uma força desse corpo coletivo que está agindo ao tentar associar sua história, esclarecer melhor o presente e encadear elementos agregadores do comum – os quais eram pertencentes à história de suas vivências e à memória de suas afecções – com a vivência atual da cidade planejada que, apesar de ainda desagregadora, leva os moradores a procurarem encontrar, em Nova Jaguaribara, um sentido de continuidade, não proveniente de fora, mas do próprio corpo coletivo, de sua dinâmica afetiva e memoriosa. Além da construção dos banquinhos nas calçadas, detectamos um outro exemplo - também ligada à cidade enquanto urbe - de continuidade com os elementos do passado com a vivência do presente na cidade, a partir da maneira como feita a reforma de uma casa. Observemos o seguinte relato de uma moradora feito na visita à sua casa na etapa da inserção etnográfica desta pesquisa:

'Veja aqui a reforma nesse alpendre: esses pilares aqui eram como os pilares de uma casa em Jaguaribara. Quando o pedreiro veio, a minha filha fez um desenho em um papel para ele e disse que era para fazer daquele jeito para recordar uma casa da antiga Jaguaribara que ficava perto do rio onde a gente ficava. Foi uma maneira da gente gravar aquilo, né, para não acabar.'

(Evanilda, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

No caso dessa entrevistada, a reforma de sua casa constituiu um processo de reconhecimento da cidade planejada e uma maneira de torná-la semelhante e menos distante:

'A cidade nova não é como a antiga cidade, mas eu acho que é porque a gente nasceu lá, tinha toda a nossa trajetória de vida lá e quando a gente chegou aqui, achava muito estranho. Como hoje, de fato, a cidade ainda é estranha. Mas não é tanto quanto quando a gente chegou aqui. Ela ficou um pouco menos estranha porque cada um modificou sua casa do jeito que queria e, quando passou a gostar da própria casa, é como se dissesse: 'Pronto, agora vou começar a gostar da cidade'.

(Evanilda, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

A rememoração dos costumes e a repetição das estruturas nas reformas das casas constituem uma maneira de reorganização das afecções e também uma forma de recriar a nova realidade como lugar de potência, vivenciando a cidade planejada como possibilidade para a continuidade e perseverança do corpo coletivo. Também esses dois elementos fazem

parte do que compreendemos como maneiras de resistências do corpo coletivo e de fortalecimento deste. Essa ideia vai ao encontro do pensamento de Bove (2011, p. 11), que usa o termo ‘estratégia do *conatus*’, o qual, segundo o autor, é:

(...) antes de tudo, em primeiro lugar, do ponto de vista desta dinâmica da resistência ativa do *conatus* a um esmagamento total pelas forças exteriores mais poderosas, que a afirmação da existência se diz estratégia. A ideia de estratégia envolve, com efeito, a da ação causal total e, para cada *conatus* – pode-se dizer, a cada instante da existência –, o jogo risco essencial de vida ou morte do modo existente. Potência singular de afirmação e de resistência, o *conatus* espinosista é uma prática estratégica de decisão de problemas e de sua resolução.

No presente estudo, consideramos que a ideia de resistência como foi mostrada vai ao encontro do pensamento de Bove, no que diz respeito à ideia de que o *conatus* coletivo vai encontrando maneiras de se afirmar e de resistir às forças externas que ameaçam a sua destruição. Somente o que colocamos em pauta e do que discordamos é o uso do termo estratégia, que assinala, de certa forma – mesmo o autor dizer que não – uma impressão de uma finalidade, de uma direção para um fim e de uma ordem para isso que foi pensada para esse fim. O *conatus* percorre caminhos que aumentam a preservação do ser e não percorre caminhos que diminuem a possibilidade dessa preservação. Não consideramos que planeje uma ordem para isso: somente o corpo e a mente vão ao encontro do que continuam e expandem a potência e não vão ao encontro do que diminui essa potência. A palavra estratégia inclui a concepção de um plano, de algo anteriormente pensado para se executar posteriormente. No entanto, essa discussão não se deve alongar agora, pois aqui não caberia. Coadunamos com a ideia de que há uma resistência do *conatus* do corpo coletivo e não uma estratégia.

A resistência do corpo coletivo da cidade de Nova Jaguaribara é a reconstrução do corpo coletivo a partir do esforço de continuidade da história e dos costumes com a cidade anterior. Consideramos que dessa maneira o afeto da esperança é vivenciado, já que constitui uma perspectiva de reconstrução coletiva da cidade e considerá-la, enfim, pertencentes aos moradores, substituindo, aos poucos, a sensação de que é somente uma obra do governo para a segurança de que a cidade é deles e que continua uma história.

Por fim, vimos que passividade e servidão, resistência e ação coexistem no processo de reelaboração das vivências atuais na cidade de Nova Jaguaribara. A mudança e a nova estrutura da cidade proporcionaram e proporcionam uma flutuação da imaginação, como referido anteriormente, e, com isso, detectamos uma flutuação de ânimo dos moradores frente

à estrutura planejada da cidade. Sobre essa vivência simultânea dos afetos de alegria e de tristeza dos moradores é que irá se ocupar o próximo subitem desta secção.

4.6 – A Flutuação de Ânimo

O estado da mente que provém de dois afetos contrários é chamado de flutuação de ânimo e está para o afeto assim como a dúvida está para a imaginação.

(Espinosa, EIII, 17, escólio)

Tem horas que eu acho que é raiva, eu não consigo identificar o que eu sinto por essa cidade. Porque, ao mesmo tempo em que eu gosto, tem esses instantes de raiva: o ódio e o amor são esses sentimentos muito próximos. Eu amo e odeio ao mesmo tempo essa nova cidade.’

(Ana Maria, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

Na epígrafe acima, temos uma definição de Espinosa do que seja a flutuação de ânimo e logo abaixo um relato da vivência de dois afetos contrários que se tornam presentes na relação da moradora com a cidade de Nova Jaguaribara. Detectamos essa flutuação de ânimo também no relato de outros entrevistados e, após analisarmos o afeto do medo e da esperança, iremos discutir neste item como se dá essa vivência simultânea da alegria e da tristeza ou do amor e do ódio na cidade planejada e que compreensão podemos ter acerca dessa simultaneidade dos afetos, bem como os elementos geradores e continuadores dessa realidade.

Em princípio, é necessário compreendermos a flutuação de ânimo. Conforme a epígrafe, vemos sua definição no escólio da Proposição 17 da parte 3 da *Ética*. No entanto, temos uma construção desse conceito desde a Proposição 14 dessa parte e Demonstração:

Proposição 14 - Se a mente foi, uma vez, simultaneamente afetada de dois afetos, sempre que, mais tarde, for afetada de um deles, será também afetada do outro. esta acontece quando somos afetados por dois afetos contrários ao mesmo tempo.

Demonstração – Se o corpo humano foi simultaneamente afetado, uma vez, por dois corpos, sempre que, mais tarde, a mente imaginar um deles, em seguida se recordará também do outro (pela prop. 18 da P. 2). Ora, as imaginações da mente são mais indicadoras dos afetos de nosso corpo do que da natureza dos corpos exteriores (pelo corol. 2 da prop. 16 da P.2). Logo, se o corpo foi, uma vez, simultaneamente afetado de dois afetos, e, portanto, também a mente (veja-se a def.3), sempre que, mais tarde, esta última for afetada de um deles, será também afetada do outro. C.Q.D.

Uma das bases para a explicação da simultaneidade dos afetos contrários advém, de forma fundamental, do processo de permanência do afeto, enquanto o corpo imagina a afecção enquanto esta esteja presente, mesmo quando ausente. (E 2, P18). No escólio dessa Proposição 18, temos o que Espinosa definiu como memória:

Compreendemos, assim, claramente, o que é a memória. Não é, com efeito, senão uma certa concatenação de ideias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que se faz, na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano.

Na memória, os afetos correspondem às afecções dos corpos externos (e à ideia dessas afecções) que ainda afetam o corpo, mesmo que estas não estejam mais presentes. A simultaneidade dos afetos dá-se por essa linha de entendimento de que, se no corpo há a permanência das afecções de corpos externos, a mente imaginará a ideia dessas afecções, os afetos. Se a mente for afetada ao mesmo tempo por dois afetos, pelo processo da memória, sempre que se lembrar de um dos afetos, recordará também o outro. Na proposição 16 da Parte 3 da *Ética*, Espinosa nos aproxima da conceituação da flutuação de ânimo quando afirma, seguindo o entendimento da Proposição 14 da Parte 3, que os afetos seguem a ordem de concatenação das afecções do corpo e as ideias dessas afecções. Segue a Proposição e sua Demonstração:

Proposição: Simplesmente por imaginarmos que uma coisa tem algo de semelhante com um objeto que habitualmente afeta a mente de alegria ou de tristeza, ainda que aquilo pelo qual a coisa se assemelha ao objeto não seja a causa eficiente desses afetos, amaremos, ainda assim, aquela coisa ou a odiaremos.

Demonstração: Consideramos, antes, no objeto em questão (por hipótese), com um afeto de alegria ou de tristeza, aquilo que a coisa tem de semelhante com o objeto. E, portanto, (pela prop. 14, quando a mente for afetada pela imagem disso que eles têm de semelhante, imediatamente será afetada de um ou outro daqueles afetos. Consequentemente, a coisa na qual percebemos esse algo de semelhante, será (pela prop.15), por acidente, causa de alegria ou de tristeza. Logo (pelo corol. prec.), mesmo que aquilo pelo qual a coisa se assemelha ao objeto não seja a causa eficiente desses afetos, amaremos, ainda assim, aquela coisa ou a odiaremos.

Os afetos de amor ou ódio também se estenderão a objetos que tenham semelhança com o que a mente costuma ser afetada de Alegria ou de Tristeza. A Proposição 14, como a proposição 16 remetem ao processo de rememoração pela repetição da afecções dos corpos externos no corpo (a formação do costume) e formação das ideias dessas afecções na mente. A proposição 17 seguinte da mesma Parte nos faz chegar à possibilidade da simultaneidade de

afetos contrários, quando, já anteriormente endossada a questão da semelhança dos afetos, quando algo nos afeta de Tristeza, assemelhar-se com algo que, pelo costume, nos afeta também de Alegria, temos aí o amor e o ódio simultâneos:

Se imaginamos uma coisa, que costuma nos afetar com um afeto de Tristeza, ter algo de semelhante a outra, que costuma nos afetar com um igualmente intenso afeto de Alegria, nós a odiaremos e a amaremos simultaneamente.

A intensidade dos afetos de alegria e de tristeza faz parte na dinâmica dessa simultaneidade dos afetos, quando mais a mente é afetada de afeto de alegria, mais é afetada de tristeza pela semelhança das afecções de um e de outra. Podemos ver essa correlação de intensidade dos afetos contrários na Demonstração da Proposição 17:

Com efeito, essa coisa (por hipótese) é, por si mesma, causa de tristeza, e (pelo esc. da prop. 13), à medida que a imaginamos com esse afeto, nós a odiaremos. Por outro lado, à medida que imaginamos que ela tem algo de semelhante com outra que habitualmente nos afeta com um afeto de alegria igualmente grande, nós a amaremos com uma intensidade de alegria igualmente grande (pela prop. prec.). Portanto, nós a odiaremos e, ao mesmo tempo, a amaremos. C. Q. D.

No Escólio após essa Demonstração é que Espinosa chega à definição do que seja a flutuação de ânimo, que é esse estado da mente no qual os afetos contrários são simultâneos, sendo tão relacionados com a dinâmica afetiva, quanto a relação que a dúvida mantém com a imaginação. A flutuação de ânimo e a flutuação da imaginação relacionam-se pela invariabilidade de imagens que a dúvida fomenta na imaginação e pela contingência, diante da qual o *conatus* vai para mais ou para menos a potência de agir do corpo e da mente. Está relacionada com o Medo e a Esperança e com a instabilidade da dinâmica afetiva da Tristeza e da Alegria, ambos provenientes da dúvida e da incerteza.

No relato apresentado na epígrafe, podemos visualizar a simultaneidade dos afetos de amor e ódio: *‘o ódio e o amor são esses sentimentos muito próximos. Eu amo e odeio ao mesmo tempo essa nova cidade.’* Ao seguir do relato da mesma entrevistada, é muito presente a correlação que faz desses afetos com o ato de recordar a cidade anterior. Podemos ler a seguir a continuidade de sua fala:

‘Mesmo sabendo que ela [Nova Jaguaribara] não tem culpa, mesmo sabendo que nós moradores não temos culpa dessa mudança, mesmo com tudo isso. É uma coisa que eu não consigo me controlar em certos momentos. Por exemplo, um dia que a gente relembra mesmo, apesar de nunca esquecer a outra Jaguaribara, ao ponto de ver fotografias, de lembrar de histórias, aí

vem o pensamento: 'Mas, meu Deus, como é que pode tudo isso? Eu estou aqui, eu podendo estar lá! Mas eu não posso estar lá!'
(Ana Maria, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

A intensidade da recordação da cidade anterior mantém a intensidade de seu afeto e sua imagem, mesmo esta não estando presente⁹². O processo de rememoração para os moradores é-lhes importante, como vimos quando analisamos o afeto da esperança, como um maneira de resistir e de reconstruir o corpo coletivo a partir da continuidade e não da ruptura. Constitui uma maneira de os moradores se apropriarem da cidade planejada a partir da memória da cidade anterior, não a anulando no passado de forma irremediável. O presente ainda não consegue ser uma força tal que aumente a potência de agir e que fortaleça corpo político que as lembranças da cidade anterior não ocupem tanto o presente dos moradores. A rememoração tanto é uma maneira de fortalecer esse corpo com imagens que o potencializem, quanto uma maneira de reconstruir o corpo coletivo da cidade planejada, pela reagregação e reorganização do comum na cidade nova.

No entanto, as lembranças na cidade nova, enquanto produtora de imagens e afetos que aumentam a potência de agir dos corpos individuais e coletivo, levam os moradores a outra imagem que é a da cidade planejada, responsável por e motivo pelo qual eles possuem a lembrança de uma realidade que aumentava sua potência de ação. Estar na cidade planejada é motivo para lembrar a realidade anterior e, portanto, motivo para odiá-la, mas, ao mesmo tempo, apesar da incerteza que a cidade planejada ainda gera devido às adversidades que os moradores encontram, essa cidade do presente é motivo de amor e de alegria, por ser uma cidade planejada. Podemos ver os seguintes relatos:

'Não consigo gostar, mas também não consigo odiar, mas suporte. Eu acho que é porque até as lembranças da outra não se apagam. Se tivesse apagado[sic], talvez eu até tivesse aprendido a gostar. Às vezes, não dá nem para explicar direito o que eu sinto. São sentimentos variados.'
(Edberto, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

'Sinto horas alegrias, horas tristezas. Alegria por ser uma cidade bonita, triste por causa do desemprego.'
(Antônio Alexandre, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

No primeiro relato: *"Não consigo gostar, mas não consigo odiar, mas suporte (...)"*, temos a negação do gostar e do odiar, uma ambivalência inversa de afetos pautados na

⁹² Pela Proposição 17 da Parte 2 da *Ética*: "Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo."

resistência da lembrança, pois quando se suporta, não se cede, não sucumbe, resiste. O morador não gosta da cidade planejada, mas não a odeia. O não gostar é motivado pela imagem do passado que permanece em sua vivência na cidade planejada. A possibilidade do ‘aprender a gostar’ demonstra que o peso das lembranças do passado podem ter menos força se a cidade planejada conseguir fortalecer esse corpo e gerar potência de modo que o passado da cidade anterior deixe de ser ponto de ancoragem (ficar no passado como refúgio de uma realidade que não se suporta) para se tornar ponto de passagem e continuidade.

O segundo relato associa os afetos ambivalentes não às imagens do presente e do passado, mas à incerteza que a própria cidade de Nova Jaguaribara gera em termos de possibilidades de trabalho, em meio à imagem de uma cidade esteticamente agradável, que gera uma ilusão do fortalecimento da potência e uma elevação da expectativa diante da realidade instável com relação aos meios de se manter na cidade.

Na análise dos Mapas Afetivos, encontramos essa ambivalência dos afetos passivos na imagem de contrastes. Nos jovens, a incidência dessa imagem foi muito maior que nas crianças e os mesmos relacionaram essa ambivalência à alegria associada à estrutura planejada e bonita da cidade e a tristeza das poucas perspectivas de empregos que Nova Jaguaribara oferece. Nesse caso, a oposição dos afetos passivos dos jovens na cidade deveu-se à relação do tempo presente da mesma com o futuro e não com o passado.

Analisando sob outro aspecto, as réplicas dos templos principais da igreja: a matriz, com referência maior, pois aí está a padroeira da cidade e a igreja de São Gonçalo, o outro padroeiro da cidade, mantém permanente e intensa a imagem da cidade anterior. Dessa forma, também é geradora de afetos ambivalentes, pois acentua a imagem do passado, que é reforçada por uma estrutura planejada que não remete de imediato à história e à segurança do passado. O seguinte relato diz respeito a essa ambivalência:

‘Quando eu tô dentro da Igreja assistindo uma missa, para mim,[sic] eu tô na de lá, quando eu saio, aí [sic] me decepiono que tô aqui. Mas na hora da missa, o meu pensamento é que tô lá na cidade velha.’

(Edberto, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

A estrutura igual das igrejas foi um pedido da população, que segundo a entrevistada a seguir, no intuito de manter na cidade nova alguma segurança com relação ao signos da cidade anterior que construíam a identidade da população:

‘A igreja matriz é uma réplica da antiga. Só mudando suas dimensões. Foi construída como réplica. Tem ela e a de São Gonçalo, justamente porque a população pediu. Eu creio que na esperança de ter algum símbolo que eles pudessem se apegar. Mas mesmo ela sendo construída uma réplica, não é a mesma coisa.’

(Onorina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

Esse contraste das estruturas pode ser gerador de afetos ambivalentes: uma réplica, que gera lembranças e imagens do que aumentava a potência de agir (afeto de alegria), em meio a um espaço ordenado advindo de um planejamento da cidade no qual se impôs uma outra imagem, não sendo essa construída pelos moradores, advinda de uma história e cultura que a vivência em um lugar constrói, (que não gera uma segurança construída a partir de referenciais próprios dos moradores; e o que não gera segurança, gera incerteza e dúvida – em torno do qual pode ser gerado tanto o medo, quanto a esperança, ou seja, a tristeza ou alegria instável). Quando o morador entrevistado relata que, quando sai da réplica da igreja e se decepciona⁹³, pois visualiza novamente a imagem da cidade, já que esperava a continuidade de sua imagem da cidade anterior, podemos aí detectar essa ambivalência de afetos: como se dois corpos externos afetassem ao mesmo tempo (gerando a imagem passada da cidade anterior e a imagem presente da estrutura planejada), os quais são acompanhados pelos afetos tanto de alegria quanto de tristeza (advindo da decepção).

No entanto, não necessariamente essa imagem do presente será sempre associada ao trágico ou à tristeza. A estrutura planejada da cidade, a princípio, foi uma violência e um choque aos moradores. Porém, não pertence a ela esse caráter de vilã. Não que a imagem de tristeza estará sempre associada à cidade nova e da alegria sempre à cidade anterior. Decerto, a alegria sempre se associa à imagem da cidade antiga. Em Nova Jaguaribara, devido ao processo de mudança e às profundas diferenças com a estrutura da cidade anterior, além das adversidades que possui – pois os moradores ainda não conseguem encontrar meios mais seguros para a obtenção de uma renda tal que corresponda ao aumento de custo de vida que a cidade planejada trouxe a eles – há uma ambivalência de afetos, mas essa é tanto mais intensa quanto maior for a incapacidade da cidade planejada de construir uma maneira mais eficiente de fortalecimento da relação dos moradores com o presente e conseqüente aumento do *conatus* coletivo.

Isso não deixa de ser uma relação entre as imagens do passado e do presente que envolvem estima e frustração. No sub-item a seguir, iremos discutir, sobre a Saudade, palavra usada na tradução brasileira para o termo latino *desiderium* usado por Espinosa para designar o desejo frustrado, que envolve, na sua etimologia, as imagens do passado e do presente.

⁹³ Na Definição Geral dos Afetos, na Parte 3 da *Ética*, Espinosa define a decepção como: “uma tristeza acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado.” (Def. 17).

4.7 – A Saudade

‘Essa tristeza, à medida que diz respeito à ausência daquilo que amamos, chama-se saudade [*desiderium*].’
(Espinosa, E III, P 36, Escólio)

‘Sinto falta (...) é como se fosse um pedaço de nossa história que ficou para traz. Assim, é uma saudade, é a falta dos costumes, aquela proximidade que a gente tinha uns com os outros (...).’
(Simara, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

‘No sonho, eu vejo a minha casa com nenhum móvel dentro e aí me pergunto: ‘*o que está acontecendo?*’ Quando eu abro os olhos, digo: ‘*Valha, meu Deus!*’. Quando eu acordo, eu sinto uma saudade e fico triste.’
(D. Zefinha, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

Inicialmente, em uma análise preliminar desse afeto, iremos discutir a questão do aparecimento da palavra saudade na tradução brasileira, pois, Espinosa, em seu texto latino, não propriamente utilizou a palavra saudade, mas escreveu *desiderium* na parte III da *Ética*⁹⁴. Tomaz Tadeu, um dos tradutores brasileiros dessa obra, colocou a palavra saudade para traduzir o latim *desiderium*. No português de Portugal, apesar de a Língua Portuguesa poder servir-se da palavra saudade, exclusiva ao idioma, os tradutores portugueses preferiram a expressão desejo frustrado para a palavra latina. A tradução francesa utilizou as palavras «regret» ou «souhait frustré» e a tradução espanhola usou «frustración» para referirem à *desiderium*.

A questão inicial que vamos discutir, pois, é se o uso da palavra saudade na tradução brasileira abrange o significado do latim *desiderium*. Além disso, analisaremos a relação do sentido desse termo do latim e a definição 32 que Espinosa faz do que seja *desiderium* na parte 3 da *Ética* e na proposição 36 e 39 da mesma parte.

No Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa, de Artur Bivar (1952), o termo saudade designa: ‘*pesar pela ausência de alguém que nos é querido// Lembrança triste e suave de pessoas ou coisas ausentes ou extintas [...]*’. A significação dada pelo filólogo, no que designa de ‘triste e suave’ da lembrança, associa a tristeza à suavidade do lembrar-se de quem é querido e está ausente. A palavra ‘suave’ traz em si uma noção de que a saudade constitui uma lembrança branda e terna, talvez um momento de sossego que a memória ofereça - ao tentar tornar presente em imagem o que se deseja - uma lembrança que alivie a

⁹⁴ O latim *desiderium* é encontrado na terceira parte da *Ética*. Nessa parte, o termo latino está nos escólios das proposições 36 e 39, como também na definição 32 dos afetos e na explicação dessa definição.

aridez do rompimento ab-rupto uma vez realizado com a pessoa ou o lugar amado. Um sossego provisório do desassossego da ausência de quem se ama.

No Grande Dicionário da Língua Portuguesa, coordenado por José Pedro Machado (1981), tem-se saudade como: ‘*Vocábulo considerado sem equivalente noutras línguas e que exprime multiplicidade de sentimentos, sobretudo a melancolia causada pela lembrança do bem do qual se está privado [...]*’. Já aqui, o autor atenta para a exclusividade do termo na língua portuguesa e cita a ‘multiplicidade de sentimentos’ que a saudade manifesta. Uma diversidade de sentimentos que não somente a melancolia, mas essa, sobretudo, torna-se presente.

Noutra parte do significado da palavra saudade nesse mesmo dicionário, José Pedro Machado também a define como: ‘*[...] Nostalgia, tristeza profunda causada pela ausência da família, da pátria; [...] desgosto profundo, avivado perenemente e produzido pela recordação de alguém que nos morreu [...]*’. Nessa parte da significação, o autor pontua o caráter mais rígido que a saudade pode proporcionar: um estado de tristeza e desgosto profundo, mas não só isso, também o fato de que esse estado tem um motor que continuamente é retroalimentado pela memória, enquanto esta trazer de volta a lembrança do que se ama. Aqui se tem uma compreensão da saudade que pode chegar a paralisar a pessoa na vivência de um passado de nostalgia e de um presente sem sentido.

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa⁹⁵, José Pedro Machado (1977) pontua que a palavra saudade aparece nessa exata grafia somente no séc. XV. Vem do latim *solitate-*, ‘isolamento, solidão’ através das formas *soidade, suidade*. É a primeira vinculação percebida aqui que se relaciona com o aspecto da solidão ou do isolamento. Pela origem do latim *solitate-*, a saudade traz consigo o efeito da solidão, do desacompanhamento ou do desamparo, ou seja, da separação. O gozo vivenciado no passado separa-se da realidade física do presente e deixa desacompanhado quem se sentiu feliz nas circunstâncias aonde a memória busca o ausente.

Ausência, melancolia, desgosto profundo, solidão, desamparo, melancolia, nostalgia, tristeza são termos que estão em torno do campo semântico da palavra saudade. Indicam, sobretudo, efeitos da perda do aconchego de coisas ou pessoas queridas, da descontinuidade do prazer sentido em um dado período ou lugar ou do rompimento (definitivo – no caso da morte; ou momentâneo) da convivência prazerosa com algo ou alguém que conseguiu fazer-se inesquecível.

⁹⁵ O subtítulo do dicionário citado complementa: “Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados”

Mas, algo interessante acontece com a saudade. Ela funciona como uma categoria sintetizadora desses efeitos. É a palavra ‘grávida’ na qual os efeitos citados acima se geram com maior ou menor intensidade. A saudade se origina não da tristeza ou da melancolia, mas da alegria, do amor construído, do prazer com as coisas amadas no decorrer de um período e da satisfação extrema de uma vivência anterior. A ‘gravidez’ da saudade, pois, envolve a prole de dois irmãos gêmeos, mas diferentes – um desses possui a força do efeito da saudade: a tristeza, - o outro; o motor responsável pela intensidade com que a tristeza aparece: a alegria.

De fato, a tristeza da saudade só existe porque a alegria foi sentida. Não sentimos saudade de coisas que nos entristeceram ou que nos fizeram mal. A saudade é uma tristeza da perda de algo que foi bom e que gostaríamos que estivesse novamente conosco. Assim, pois, a saudade não é somente uma tristeza. Ela é uma tristeza como vivência atual do afeto e tem por amor ou alegria⁹⁶ uma de suas propriedades, posto que sentimos tristeza pela perda do amor sentido que não está por perto e não tristeza pela perda de algo odioso. Por ironia, podemos dizer que alegria ou o amor funcionam como causa da permanência da saudade.

O latim *desiderium* significa, segundo António Gomes Ferreira (1983)⁹⁷: ‘*Saudade, desejo (de alguma coisa que se teve e não se tem agora) // Sentir a falta de, sentir a ausência de, deplorar a perda de, perder [...]*’. Vincula-se, pois, a desejo de algo que não está no momento, memória e desejo, juntos simbioticamente retroalimentando-se, desejo e lembrança em uma afinidade esponsal, unidos na mesma intensidade.

Segundo Marilena Chauí (2011), a palavra desejo tem «bela origem» e situa o latim *desiderium* em sua explicação sobre a origem do termo desejo:

‘ [...] deriva-se do verbo *desidero*, que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado no plural, *sidera*) [...]. De *sidera*, vêm *considerare* – examinar com cuidado, respeito e veneração – e *desiderare* – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros). Pertencente ao campo das significações da teologia astral ou astrologia, *desiderium* insere-se na trama dos intermediários entre Deus e o mundo dos entes materiais [...]. Pelo corpo astral, nosso destino está inscrito e escrito nas estrelas, e *considerare* é consultar o alto para nele encontrar o sentido e o guia seguro de nossas vidas. *Desiderare*, ao contrário, é estar despojado dessa referência [...]. Cessando de olhar para os astros, *desiderium* é a decisão de tomar nosso destino em nossas próprias mãos e, neste caso, o desejo chama-se vontade consciente [...]. Deixando de ver os astros, *desiderium* significa privação do saber sobre o destino, prisão na roda da fortuna incerta. O desejo chama-se, então, vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento, aquilo que os gregos chamavam *hormé*.⁹⁸’

⁹⁶ E,III, 6 def.

⁹⁷ *Dicionário de Latim /Português*. Porto Editora.

⁹⁸ Desejo, Paixão e ação na Ética de Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15-16.

Desiderium liga-se a desejo, mas ao desejo pelo que não está presente, relaciona-se, assim, a uma questão espacial ou temporal. De *sidera*, *considerare* para *desiderare* e *desiderium* temos uma perda de segurança, uma expectativa da ação para suprir uma carência, um salto de uma relação imóvel para um terreno movediço, onde se pode ou não recuperar o que foi perdido momentaneamente. No conjunto semântico da palavra desejo⁹⁹, encontram-se as palavras aspirar, esperança, suspirar, ansiar, haurir, tender. Palavras que denotam movimento para alcançar algo, para estabilizar o instável que gera desconforto, desassossego e inquietude. Mas temos também uma ação do próprio desejo que busca uma satisfação de estar com o querido ausente através das lembranças.

Desiderium e a palavra portuguesa saudade diferem somente neste ponto. A significação portuguesa da saudade leva-nos a uma percepção de um estado passivo do amante no qual a tristeza prevalece por causa da ausência do que se ama e a significação de *desiderium* remete-se também à tristeza pela mesma causa, mas há uma ação nessa tristeza empreendida pelo desejo.

A tradução para o termo latino *desiderium* encontra-se na Parte III da *Ética*: nos escólios das Proposições 36 e 39, na Definição 32 e na Explicação dessa Definição. Respectivamente a seguir¹⁰⁰:

‘Essa tristeza, à medida que diz respeito à ausência daquilo que amamos, chama-se saudade [*desiderium*].’

‘Por bem compreendo todo gênero de alegria e tudo o que a ela conduz e, especialmente, aquilo que aplaca uma saudade [*desiderium*], qualquer que ela seja. Por mal, em troca, compreendo todo gênero de tristeza e, especialmente, aquilo que agrava uma saudade [*desiderium*].’

‘Saudade [*desiderium*] é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida.’

‘Como já muitas vezes dissemos, quando nos recordamos de uma coisa, estamos dispostos, por essa razão, a considerá-la com o mesmo afeto com que a consideraríamos se ela estivesse ali presente. Entretanto, esta disposição – ou este esforço – é, em geral, coibida, quando estamos acordados, pelas imagens das coisas que excluem a existência daquela coisa que recordamos. Quando, portanto, nos recordamos de uma coisa que nos afetou com um certo tipo de alegria, nos esforçamos, por essa razão, por considerá-la com o mesmo afeto de alegria com que a consideraríamos se ela estivesse presente, esforço que é imediatamente coibido pela recordação das coisas que excluem a existência da primeira. É por isso que a saudade [*desiderium*] é, na verdade, uma tristeza que se opõe à alegria proveniente da

⁹⁹ Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa, de Artur Bivar (1952)

¹⁰⁰ Utilizo, para essas citações, a tradução brasileira de Tomaz Tadeu. Edição Bilingue Latim-Português. Editora autêntica. São Paulo: 2010.

ausência da coisa que odiamos, tema sobre o qual se pode consultar o esc. da prop. 47. Como, entretanto, o nome saudade [*desiderium*] parece dizer respeito ao desejo, relaciono este afeto aos afetos de desejo (...)'.

Na *Def.* 3 dos afetos da Parte III da *Ética*, Espinosa define a tristeza como ‘a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor’. Na Explicação dessa *Def.*, o autor complementa: ‘tristeza é o ato de passar para uma perfeição menor, isto é, pelo qual a potência de agir do homem é diminuída ou refreada’. A tradução de saudade para o termo latino *desiderium*, nos escólios das Proposições 36 e 39 e na Explicação dessa *Def.* 32, acima citados, é vinculado diretamente ao afeto de tristeza como sendo propriamente a nomeação da tristeza sentida a partir da ausência do que amamos¹⁰¹. Aqui, percebe-se o termo latino *desiderium* mais próximo da significação portuguesa do que seja saudade.

Conforme comentei anteriormente, a língua portuguesa denota ao termo saudade um estado passivo o qual constitui um estado de dor e sofrimento, melancolia e solidão que o indivíduo sente por algo amado que não está presente. E *desiderium*, conforme vimos, possui um conteúdo mais ativo porque também é ação, desejo – em meio à tristeza - sentido pela ausência do que é amado, mas é um desejo que aspira, suspira, anseia, haure, tende para o desenlace do desassossego sentido.

Na *Def.* 32, de fato, encontra-se uma aproximação ao significado do latim de *desiderium* como ato de desejar, suspirar, aspirar, como dito há pouco. Nesse caso, a tradução brasileira para saudade aproxima-se menos e não empreende o teor do movimento do desejo (empreendido pela ausência) que anseia e age para a recuperação do que se ama. O mais correto seria a tradução portuguesa de Portugal encontrada para esse texto que traduz *desiderium* como ‘desejo frustrado’.

O desejo para Espinosa é a:

‘própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma dada afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira [...] Compreendo aqui, portanto, pelo nome de desejo todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir.’¹⁰²

O desejo abrange a força da própria vida e de sua continuidade. É *conatus* como ação e preservação da própria existência. Tudo o que impeça ou dificulte a continuidade dessa ação para o aumento da potência de agir é sofrido como um abaixamento da força que leva à

¹⁰¹ Essa ausência do que uma vez nos afetou em direção a uma maior potência (o amor - *Def.* 2 e 6) tem o efeito de refrear a nossa potência de agir no presente.

¹⁰² *E, III, 1 def.* e Explicação.

permanência do existir. O desejo frustrado, na tradução portuguesa de Portugal para a palavra latina *desiderium*, aproxima-se dessa noção de algo que não favoreceu a expansão do desejo ou da ação para a potência do existir.

A adequação da tradução latina de *desiderium* para saudade (português do Brasil) e desejo frustrado (português de Portugal)¹⁰³ faz-se, de acordo com essa reflexão, entre o acordo e o desacordo. A palavra saudade não possui somente uma conotação triste, mas também um componente de alegria por causa do amor lembrado. Nunca se diz: ‘tenho uma saudade ruim’, mas ‘tenho uma lembrança ruim’. Por isso, a tradução brasileira não é absolutamente correta para a palavra latina *desiderium*, que apenas possui aproximações de sentido a essa palavra. A expressão «desejo frustrado» da tradução portuguesa e ‘souhait frustré’ da tradução francesa parecem ser mais adequadas e mais próximas do que seja *desiderium* na sua etimologia. Pois exatamente é um desejo sentido na ausência, um desejo arrefecido por causa da ausência, mas um desejo que suspira, haure e age no sentido de possuir de novo o que se ama, já que não está presente.

A outra tradução francesa pesquisada traduz *desiderium* por ‘regret’, cuja significado é ‘lamento’. Essa expressão também se torna menos adequada para o alcance que significa *desiderium* como desejo. A palavra francesa possui um teor de passividade e recai no que foi percebido aqui acerca da palavra saudade. Na tradução espanhola pesquisada para essa discussão, a tradução de *desiderium* é feita pela palavra ‘frustración’. A palavra espanhola remete a noção do impedimento do que se quis fazer. Aqui, há a aproximação com a tradução portuguesa de Portugal. É, como essa tradução, mais adequado do que a tradução de *desiderium* por saudade. No entanto, a palavra ‘frustración’ sozinha não empreende movimento que o desejo encerra e que *desiderium* leva a pensar.

A tradução do termo latino *desiderium* pela palavra saudade na tradução brasileira possui uma abrangência parcial e não manifesta de todo o significado de *desiderium* pelo motivo de que a saudade como significado na língua portuguesa possui um sentido para além de tristeza. É uma tristeza com componentes de alegria por causa do amor recordado e querido novamente no presente. A palavra *desiderium* refere-se mais precisamente ao desejo por causa da ausência, o querer voltar, o suspirar por isso.

Espinosa usa esse sentido quando coloca *desiderium* na Parte III da *Ética*. Além de ser um desejo em meio à tristeza (de ser a própria tristeza), advinda da perda ou da ausência da coisa amada, o autor tenta acentuar o sentido do desejo como ação para dirimir as

¹⁰³ *Ética*, (introdução e notas de Joaquim de Carvalho. Filosofia. Relógio D’água Editores, 1992.

consequências da ausência do amor. A palavra *desiderium* expressa movimento para apeterer a coisa querida em meio à tristeza de não tê-la no presente. Constitui, enfim, tentativa e ação para sair da tristeza e recuperar o ânimo.

Na epígrafe que abriu esse item, temos duas falas de entrevistadas que citam a palavra saudade ora expressando a ideia da falta (ausência) do que era bom e agradável e causava alegria, ora expressando a ideia de um desejo frustrado diante da imagem no sonho da ‘sua casa’ que se desvanece ao acordar. A saudade sentida faz referência à ausência de uma dinâmica afetiva na qual o corpo coletivo anterior se dispunha com relações mais próximas e de maior intimidade - contraposto com a percepção da dispersão e da mudança na maneira de as pessoas se relacionarem na nova cidade. Podemos ler nos relatos seguintes essa relação:

‘Em toda as ruas da cidade a gente fez uma despedida em que os moradores se reuniram e cada um ia mostrando o seu talento. Então, tinha concurso de piada, quem sabia cantar, cantava, quem sabia recitar, recitava. Os moradores iam se descobrindo naquela noite. Isso de acontecer na última noite, cada rua que ia se mudar, tinha isso na véspera, então a gente já vinha para cá ainda mais com aquela saudade de Jaguaribara porque vai lembrando desses momentos.’

(Lívia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2012.)

‘Sinto saudade porque eu acho que era melhor, eu sei que a casa lá era de taipa, mas eu acho que era melhor, mesmo eu lá não tendo casa, mesmo eu morando no que era dos outros, eu achava lá melhor do que aqui. Não eu sei se era o costume ou se era a convivência do pessoal. Hoje a gente não mora junto com o mesmo povo que a gente morava antes, deve ter sido também essa mudança porque todo mundo se espalhou.’

(Anelídia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

Vimos que no significado do termo latino *desiderium*, a perda, o desejo e a lembrança são associações que se fazem para sua compreensão. Podemos ver nos relatos acima que o desejo a um passado refere-se ao desejo dos encontros e da continuidade dos costumes na vivência na cidade planejada, os quais percebem como ausentes ou pouco presentes. Alguns sonhos descritos colocam como principal imagem afetiva o andar nas ruas e o encontro com as pessoas na cidade anterior:

‘Eu sonho andando no mercado, andando na praça, sonho lavando roupa. Do jeito que nós éramos conhecidos, vem na minha imagem de noite. Aí, eu me acordo tão alegre, tão satisfeita, quando abre os olhos: nada. O rio é a primeira coisa que vem no meu sonho, o mercado (eu arroteio [sic] o mercado todo), a minha rua, sonho andando. Do jeito que era.’

(D. Zefinha, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

‘Sonho andando nas ruas. Eu vejo rua por rua, conversando com as pessoas nas ruas.’ (Edberto – morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

'Sim, já sonhei muitas vezes estando lá. Já sonhei muitas vezes, principalmente, andando pelas ruas, conversando com os amigos. Já sonhei muitas vezes tomando banho de rio.'

(Levi, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.)

Vê-se que o andar nas ruas constitui uma imagem forte, a qual intensifica a força do imaginário da cidade antiga. A imagem da cidade planejada contribui para esse imaginário a partir da disposição das ruas mais longas e distantes e do número maior de praças na cidade nova, o que gera uma percepção de dispersão e de uma cidade vazia:

'Aqui tem mais de dez praças. A praça que geralmente faz festa é essa praça em frente ao mercado. Mas, tem pessoas nessa praça, tem pessoas na outra praça do mercado, tem pessoas que ficam na outra rua, então não é uma coisa aconchegante. Não é um local só que as pessoas possam se reunir. São vários lugares. Deixa a cidade meio apagada, meio morta. Muitas pessoas, que não são daqui, que andam pela cidade, já colocaram o apelido da cidade como cidade-fantasma.'

(Onorina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

'Você já passou aqui em um domingo? O dia todo? Pois passe! A partir das 10 horas da manhã, se estendendo o dia e a noite, você não vai encontrar ninguém nas avenidas principais (...). Não tem ninguém nas ruas!'

(Emanuelli, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

A carência da realidade de andar na cidade como se fazia na cidade anterior mantém a força do desejo de tornar presente o passado na mesma intensidade. Os sonhos relatados fazem momentaneamente permanecer esse desejo. Constituem-se de imagens do corpo coletivo que permanecem na cidade planejada e resistem ao estranhamento que ainda a mesma causa. Permanecer nessas imagens do passado é enfraquecer o corpo coletivo do presente e cair na passividade e na servidão. A saudade [*desiderium*] como uma *'tristeza à medida que diz respeito à ausência daquilo que amamos'* (E 3, P 36, Escólio), não fortalece a relação das pessoas na cidade nova se os moradores da cidade planejada não participarem da construção de um novo corpo e permanecerem no desejo do passado. Se assim for, a força da imagem da cidade anterior irá sobrepor-se à construção imaginativa que a cidade planejada possui também. No entanto, o *desiderium* pode vir ser motivo de fortalecimento da relação das pessoas com a cidade nova, pois o desejo de se ter o que já se teve e o que foi bom, é indício para as pessoas terem consciência do seu desejo e do seu afeto. O desejo frustrado, nesse sentido possui uma força para a potência. O desejo frustrado da intimidade e do reconhecimento que a cidade anterior proporcionava - e isso era motivo de aumento de potência do *conatus* coletivo - indica para os moradores que, apesar de uma cidade diferente, com uma estrutura maior, com a dispersão que causa, eles possuem uma identidade anterior que os unia e que os agregava como semelhantes. As características da cidade planejada diferem do estado em que se dispunha os afetos na cidade antiga, no entanto, essa diferença

podem ser dirimidas e enfraquecidas pela ação que o desejo imprime de torna presente o que se tinha. Não é a estrutura em si que enfraquece o corpo coletivo, mas é a maneira como a dinâmica afetiva se reorganiza nesse novo corpo. O desejo frustrado possui, pois, uma força para a reelaboração de um presente que imprima novas qualidades ao que se viveu no passado, encontrando aí novas maneiras de fortalecer o *conatus* e a potência de agir do corpo coletivo. Não fazer isso, é permanecer na passividade e na servidão. A reagregação do comum constitui uma força para esse fortalecimento. Uma das entrevistadas estipulou uma hipótese de como isso aconteceria:

‘(...) as praças, acho que precisariam de uma revitalização. De cada final de semana ter um evento para uma praça daquela para atrair as pessoas próximas àquela pracinha, mas ter um objetivo, não só ir por ir, até porque as pessoas não vão. Uma atividade física, um trabalho voluntário para levar a população até aquele local.’

(Simara, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Por outro lado, com relação ao afeto da saudade, um outro aspecto foi percebido entre os moradores: que a saudade foi mencionada entre os adultos, os quais vivenciaram a cidade anterior, mas também por crianças que nunca estiveram nela. Podemos perceber nos desenhos feitos pelas crianças de 8 a 12 anos¹⁰⁴, que há uma ênfase nas imagens do passado da cidade de Jaguaribara de uma maneira mais livre e com cores mais vivas. Podemos ver um exemplo em um trecho de uma poesia de uma criança entrevistada:

‘Jaguaribara, minha vida!!! Jaguaribara, estou sentindo muito a sua falta, apesar de não ter te conhecido, mesmo assim, estou sentindo muita saudade. Eu tenho orgulho de dizer que eu sou do meu sertão, eu sou do meu sertão. Minha Jaguaribara, é por isso que eu te amo, te amo, te amoooooooooooo!!!’
(criança entrevistada em 2013 em Nova Jaguaribara. Esta poesia constitui um item do mapa fetivo aplicado.)

Associado a essas imagens, podemos perceber também no diálogo de um grupo de crianças entrevistadas que, a partir das imagens construídas por seus pais ou por outros na cidade, dizem sentir saudade, como também sentir o mesmo que sentem seus pais:

*‘- Meu pai conta que era muito legal e podia dormir de portas abertas.
- Minha mãe já me contou que tinha um homem lá que enfrentou o lobisomem...
- Minha mãe disse que lá era muito tranquilo...
- Existia ouro no rio...
- Minha professora de história me mostrou fotos do rio, era bem pertinho das casas.
- A cidade velha era boa, tranquila, eu sinto saudade de lá.
- Eu sonhei que eu, minha mãe e meu pai íamos morar lá e a gente ia tomar banho de rio.
- Era bom se a gente ainda morasse lá.’*

¹⁰⁴ Desenhos feitos a partir da aplicação dos Mapas Afetivos.

- *Meu pai fica triste quando fala de lá e eu também fico.*
(Grupo de crianças entre 8 a 12 anos, moradoras de Nova Jaguaribara, entrevistadas em 2012.)

Também, de acordo com o relato dos adultos, essa realidade é presente entre os jovens a respeito dessa suposta saudade:

'Sentir saudade de Jaguaribara sem nunca ter vivido lá? Sentir saudade do lugar que nunca conheceu? – Ah, mamãe fala tanto... Ah, era muito bom lá' E vai passando de um para o outro, sabe.'
(Juliana, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

A saudade, nesses casos, é uma imitação afetiva dos filhos aos afetos dos pais ou adultos próximos, a qual faz permanecer uma imagem do passado, mas de maneira tal que enfraqueça o potência de ação na cidade planejada, já que dicotomiza a relação dos moradores com a mesma: o bom como sendo o passado e somente o trágico como sendo a imagem do presente. Espinosa explica a imitação afetiva na Proposição 27 da Parte 3 da *Ética*: *'Por imaginarmos que uma coisa semelhante a nós e que não nos provocou nenhum afeto é afetada de algum afeto, seremos, em razão dessa imaginação, afetados de um afeto semelhante.'*

Sendo assim, a imitação afetiva que supõe uma saudade por algo que nunca se vivenciou realmente (nos caso dos jovens e das crianças que nunca estiveram na cidade anterior, visto não terem ainda nascido) é prejudicial ao *conatus* coletivo enquanto dicotomizar, como foi dito, o passado e presente com imagens de potência e e de alegria daquele e de passividade deste. Espinosa considera – no Escólio da Proposição 39, já citado nesse item – que:

'Por bem compreendo todo gênero de alegria e tudo o que a ela conduz e, especialmente, aquilo que aplaca uma saudade [desiderium], qualquer que ela seja. Por mal, em troca, compreendo todo gênero de tristeza e, especialmente, aquilo que agrava uma saudade [desiderium].'

O que pode ser um mal, na imitação afetiva da saudade, é agravá-la no sentido de gerar a continuidade de imagens que dicotomizem a realidade para as crianças e os jovens, os quais serão os cidadãos que construirão o corpo coletivo da nova cidade. No entanto, o que pode aplacar (diminuir) a saudade e, portanto, ser um bem e aumento de potência de agir no corpo coletivo da cidade de Nova Jaguaribara é usar a memória da cidade anterior como um motivo de reencontro das pessoas, um desejo de viver na cidade planejada, sem negá-la, mas agregando-a com a história dos jaguaribenses. Reencontro dos moradores para também

discutirem conjuntamente a própria cidade e serem ativos na participação das decisões políticas para as melhorias das condições materiais e o maior desenvolvimento urbano.

E essa ação para o fortalecimento – que é bem e alegria, a partir do conhecimento, e da reflexão coletiva construída pela participação política na cidade, é desejo e aumento da potência de agir do corpo coletivo. É desejo consciente e ativo, diante do qual o conformismo e a adaptação, provenientes da passividade, perdem força. No item seguinte dessa seção, pois, discutiremos sobre o afeto do desejo, considerando que liberdade e ação, passividade e servidão fazem parte da maneira como o corpo coletivo ou os corpos individuais se dispõem na dinâmica dos afetos a que estão submetidos. Na presente análise dos afetos na cidade planejada, iremos explicar o que chamamos de desejo de permanência.

4.8 – O Desejo de Permanência

‘Quanto mais cada um busca o que lhe é útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude; e, inversamente, à medida que cada um se descuida do que lhe é útil, isto é, à medida que cada um se descuida de conservar o seu ser, é impotente.’

(Espinosa, *Ética* IV,20)

‘Os jovens, hoje, estão sendo felizes da maneira deles. Não é porque eles não tem aquela praça, não tem o rio de lá [Jaguaribara] que não são felizes: eles são felizes da maneira deles, aqui [Nova Jaguaribara].’

(Juliana, moradora da cidade de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

No trecho acima, Espinosa nos fala que a busca do que conserva o ser é a busca do útil e, por consequência, quem assim a faz é capaz de virtude e potência. Na epígrafe seguinte a de Espinosa, uma moradora nos relata como os jovens, a partir da experiência com a cidade planejada e da construção da dinâmica de afetos nesta, fortalecem-se no presente e não o fazem necessariamente somente pelas imagens do passado, mas procuram na cidade planejada uma maneira de reatualizar os costumes e de viver com o novo, aprendendo com o mesmo como podem aumentar a potência de agir, a alegria.

Vemos aí a maneira como os jovens vivenciam a cidade planejada, conforme as vivências que os mesmos vão tendo nos novos encontros com outras afecções na nova cidade. A busca pelo útil assim se realiza a partir do presente. Podemos ver no relato abaixo, um trecho do diálogo dos jovens que foram entrevistados em grupo:

-A gente tem uma vantagem que é a barragem.

- falta a gente estudar o que ela tem a oferecer para gente. Como profissionalmente financeiramente no desenvolvimento econômico. Eu acho que é isso que tá faltando. A gente entender o recurso daqui, que são outros agora. Eu vejo assim: foi colocado um povo, dentro de uma cidade onde não se tinha ferramentas para atuar é como se você tivesse colocado um médico numa sala de aula de cursinho.

(Diálogo do grupo de jovens entre 18 e 23 anos, entrevistados em 2013.)

Os jovens discutem como podem vivenciar o contexto urbano a partir da reflexão das suas relações com o novo corpo da cidade. O desejo, de acordo com Espinosa, na primeira Definição dos Afetos na Parte 3 da *Ética* é: *‘a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada, em virtude de uma afecção qualquer de si própria, a agir de alguma maneira.’* É a força pela qual os homens são determinados a fazer algo, mediante o estado variável das afecções. Quando falamos de desejo de permanência estamos nos referindo ao esforço que gera aumento do *conatus* individual, a partir de uma realização adequada do desejo, que leve o indivíduo a atuar na cidade, de forma que sua ação o torne menos passivo no ambiente urbano.

O termo permanência aqui considerado refere-se ao esforço de encontrar no presente e não no passado o aumento da potência de agir do corpo coletivo e a capacidade de preservação do ser. Permanência no sentido de que, embora o morador da cidade planejada vivencie um presente que ora se apresenta com elementos diferentes do passado e mais adversos do que este, age positivamente com um modo de viver que fortaleça o *conatus* coletivo e individual, a partir de uma capacidade criativa de lidar com novas e diferentes afecções surgidas na vivência atual na nova experiência urbana. Podemos ver nos relatos abaixo como a reflexão sobre a vivência na cidade planejada e sua apropriação conduz para a ação dos indivíduos como agentes transformadores da realidade:

‘Nessa cidade nova, eu me depertei porque nós somos a cidade. Nós temos que fazer o máximo para que esta cidade seja vitrine no melhor sentido.’
(Parcélcio, morador de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

Se eu viesse a desacreditar que aqui possa melhorar, eu estaria desacreditando de mim mesma. Porque eu acho que quem pode mudar esse momento por qual Nova Jaguaribara passa somos nós jovens que estamos terminando uma Faculdade, que estamos estudando que tivemos alguma estrutura melhor. Se a gente não vier a fazer nada, a cidade vai continuar desse jeito. Mas se a gente conseguir se movimentar, conseguir dá um novo âmbito para cá, a gente consegue resolver.’
(Ana Maria, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

O desejo de permanência é o esforço de ir ao encontro do que aumenta a potência do corpo a partir de imagens do presente, da busca do que na cidade planejada, com os recursos

que existem, poderá aumentar e conservar a potência do corpo, sem contudo, negar a história e as conexões com a cidade anterior.

Constitui o desejo que atualiza o agir e procura o que é útil diante de uma realidade urbana que se apresenta diferente do que se viveu anteriormente. É o contraposto ao desejo frustrado e resposta a esse: se o presente aparece sem a continuidade do que aumentava a potência, como pode ser, então, atualizada a capacidade de conservar o ser, a partir do que a cidade planejada oferece?

O desejo de permanência pode ser expresso quando os moradores em geral, e não somente os jovens, discutem a cidade, participam politicamente das mudanças e constroem o corpo político, tornando-se ativos e presentes no esforço para o fortalecimento do corpo coletivo. Um exemplo pode ser a busca da compreensão do que representa a barragem do Castanhão para a cidade de Nova Jaguaribara e a discussão de políticas públicas municipais e estaduais que incluam na educação dos jovens e dos adultos cursos que os profissionalizem para as atividades econômicas da piscicultura ou do turismo.

Formulações conceituais

4.9 - A Homogeneidade vazia

‘Tinha um senhor que toda vez que ia para casa, se perdia. Um dia, ele colocou uma faixa bem grande em frente a casa dele: ‘Casa do Sr. (seu nome)’. E dizia para as pessoas: ‘agora eu quero vê se eu me perco, porque eu vejo a faixa de longe’. As casas todas iguais, não dava para diferenciar’.

(Juliana, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.)

O relato acima diz respeito à experiência de um morador no início da sua vivência na cidade planejada de Nova Jaguaribara. A população entrou em contato com uma cidade pronta com casas iguais, somente diferenciando no tamanho e em alguns detalhes de cores das portas. De acordo com Montenegro (2006), houve:

<i>Edificações de Uso Residencial – 1.030 Unidades</i>	<i>815 imóveis foram permutados como a seguir discriminados:</i>
<i>Três modelos de Projeto Arquitetônico para cada tamanho de imóvel.</i>	<i>Edificações de 50 m² em lotes de 360 m² 455 Edificações de 75 m² em lotes de 360 m² 193 Edificações de 100 m² em lotes de 540 m² 90 Edificações de 150 m² em lotes de 720 m² 77</i>

Eram casas com modelos semelhantes¹⁰⁵, somente diferenciando nas dimensões de 50m²; 75m²; 100m²; 125m² e 150m² distribuídas numa área de 261,9 hectares. Essas casas foram distribuídas a partir da área central e das praças, no total de 16, entre as escolas anteriormente citadas e as edificações comerciais, como mercearias e demais serviços.

O contato com essas estruturas muito semelhantes, resultou em um estranhamento diante do ‘igual’ da construção das casas, que seguiam o padrão do planejamento da cidade planejada. Podemos acompanhar o relato da entrevistada:

‘A preocupação que houve foi fazer tudo igual na questão da moradia, de todo mundo ter uma casa de alvenaria, uma pia de inox em casa e outra enorme pia para lavar roupa. Tudo aqui é realmente igual. Se você tivesse chegado aqui há uns seis anos atrás, você ia se perder, porque as casas de mesmo modelo (com 50m²; 75m²; 100m²; 125m² e 150m²) eram realmente iguais. Hoje, é que já estão diferentes porque os moradores foram mudando. Existiam esses três projetos de acordo com o tamanho da casa das pessoas lá na velha Jaguaribara. Porque as casas em Jaguaribara eram imensas. Tinha casa em Jaguaribara que era de uma rua a outra.’

(Emanuelli, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

Havia um misto de surpresa, susto e aventura por parte dos mais jovens e de estranhamento por parte dos adultos e dos idosos. As pessoas criavam formas de encontrarem a própria casa quando saíam para visitar os vizinhos. Chegaram a desenhar setas nos postes da cidade, marcar com cores as portas das casas ou mesmo, muito curiosamente, amarrar barbantes de suas casas até o local que iriam. Essas vivências misturavam-se com a busca de novos referenciais identitários que as pessoas tentavam criar na nova cidade. Logo nos primeiros anos, houve uma sucessão de quebras dos globos de vidro que envolviam as luzes dos postes nas praças. Em três anos, a cidade já sentia uma mudança em suas praças com a quebras de bancos ou detalhes da arquitetura inicial, apesar de recuperações feitas pelas gestões municipais iniciais. Isso poderá demonstrar resistência ou formas de lidar com o novo espaço urbano que aparecia como algo estranho.

É importante perceber que essa sensação de estranhamento foi proveniente da perda do lugar comum que os jaguaribenses tinham que, pela pequena dimensão da cidade anterior, os lugares de encontros, sendo próximos, e as casas, sendo conjugadas, (uma só parede para duas casas) facilitavam a proximidade das pessoas. Nesses lugares, elas se juntavam, se conheciam, ouviam-se quotidianamente, tinham assuntos em comum e as pessoas acabavam por serem mais mobilizadas aos encontros na cidade. Todos esses elementos se revertiam em momentos de alegria.

¹⁰⁵ Como foi explicado no item 1 da Primeira Parte deste trabalho.

A estrutura nova da cidade planejada - com as casas semelhantes ou iguais – era contrária ao comum construído pelas vivências quotidianas na cidade anterior. Não fazia parte da rede de sentido com a qual os moradores imprimiam seu modo de viver na sociabilidade da cidade anterior. A nova cidade, padronizada, não era o lugar que habitaram, é, portanto, constituía-se, no início, um lugar inóspito e vazio. Os moradores de Jaguaribara tinham um comum que os congregavam e passaram na nova cidade a ter um igual que os dispersaram. Por isso, as estruturas iguais das casas proporcionaram aos moradores - no início da vivência na cidade nova - um vazio de sentido.

Chamamos de *homogeneidade vazia*, esse estado do corpo coletivo da cidade, bairro ou conjunto habitacional diante de estruturas padronizadas, iguais ou semelhantes, nas quais há a dispersão de elementos que eram comuns entre os indivíduos, de forma que gera um vazio de sentido na vivência histórica e intersubjetiva dos indivíduos.

O homogêneo propicia, em um primeiro momento, o não reconhecimento individual e coletivo, pois não marca a diferença ou não enaltece o singular. As estruturas iguais de um plano habitacional não dizem respeito à história dos sujeitos e não conseguem gerar, a princípio, associações de afecções anteriores com as presentes, não possuem o poder de marcar alteridade. Podemos ler nos relatos seguintes, como os moradores vivenciaram esse ‘igual’:

‘Era um igual que a pessoa não se identificava. Eu era igual a você, por exemplo. o que diferencia é a diferença. Não existe beleza: existe diferença. No começo da cidade, não tinha essa diferença.’

Giovane, morador de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.

‘Quando a gente chegou aqui, a gente era tudo perdido [sic]. Lá na cidade velha, você sentia o laço entre as pessoas e quando chegamos aqui era todo mundo atrás de saber [sic] onde eram as casas das pessoas(...) A gente se sentia assim perdido, solto no canto sem saber onde era.’

Nádia, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2013.

O universo padronizado das estruturas coloca um modelo de fora, o que *pode* levar a um enfraquecimento do poder individual e coletivo, devido à perda de referências identitárias e à desagregação do comum. Mas, também pela presença dessas estruturas iguais, que insurgem como uma força externa desconhecida. O que é próximo, íntimo e conhecido tem menos poder sobre os indivíduos, uma vez que os mesmos já sabem lidar com o espaço semelhante, no qual há uma maior segurança. As estruturas padronizadas não comunicam a semelhança, mas a imposição de um só formato, advindo de uma racionalidade técnica que, como um poder vindo de fora, introduz uma norma para o novo espaço urbano planejado.

No entanto, a resistência ao igual e a criação do diferente, proporciona aos indivíduos o aumento da potência individual, pois fortalece o poder de agir. Isso acontece quando um universo padronizado vai se tornando um espaço habitável a partir da ação dos cidadãos, seja através da reforma das suas casas ou também da capacidade da cidade de proporcionar encontros entre os moradores. Esse esforço de não obedecer ao igual constitui o esforço pela liberdade, pela busca do comum, pela vivência da democracia e - também se pode inferir - aumento do *conatus* coletivo. Constitui uma força contrária à tristeza, à servidão e à passividade. Faz parte dos afetos de alegria que estão no sentido da variação do aumento da potência.

Na cidade de Nova Jaguaribara, consideramos que a homogeneidade vazia compreende as casas iguais em série (mesmo com os modelos diferentes em dimensão) e o padrão de racionalidade e planejamento que dividiu a cidade em quadras. Somado a esses elementos, discutimos, a seguir, dois conceitos - que advém da homogeneidade vazia - que é o *comum abstrato* e a *resistência útil*, os quais se referem à vivência do comum e à maneira de reagregá-lo no decorrer da vivência na cidade planejada.

4. 10 - O Comum abstrato

‘Uma coisa singular qualquer, cuja natureza é inteiramente diferente da nossa, não pode estimular, nem refrear a nossa potência de agir e, absolutamente, nenhuma coisa pode ser, para nós, boa ou má, a não ser que tenha algo em comum conosco.’

(Epinosa, Ética, Parte IV, Prop.29)

‘A Igreja Matriz é uma réplica da antiga. Só mudaram suas dimensões. Foi construída como réplica. Tem ela e a de São Gonçalo, justamente porque a população pediu. Eu creio que na esperança de ter algum símbolo que eles pudessem se apegar. Mas mesmo ela sendo construída como réplica, não é a mesma coisa. Você entra nela, não é como você estivesse entrando na velha igreja (...). Porque assim: igual ela é por fora. Eu não considero que ela seja igual. Porque o altar não é mais o mesmo. A gente podia subir nele.’

(Onorina, moradora de Nova Jaguaribara, entrevistada em 2011.)

A epígrafe acima constitui o relato de uma moradora sobre a réplica da ‘igreja matriz’ de Santa Rosa de Lima, madroeira da cidade anterior, sendo, por isso, um símbolo muito valorado na cidade pelos moradores. Há um desejo fazer permanecer o que habitualmente agregava as pessoas e as reunia. O pedido dos moradores da construção da réplica do templo católico na cidade planejada constituiu uma expressão desse desejo. Supunham que a imitação da estrutura faria permanecer o mesmo afeto correspondente. Contudo, a entrevistada diz que, ‘apesar de igual, não é o mesmo’. Temos aí aspectos importantes para a análise da dinâmica

afetiva e a relação com as novas estruturas em uma cidade ou a reforma urbana. Se o igual não é mesmo, então, esse ‘mesmo’, a que a entrevistada se refere, diz respeito a um conjunto de elementos que diferenciavam e imprimiam identidade e sentido ao corpo da cidade anterior.

A estrutura igual ao templo católico anterior não traz consigo a dinâmica dos afetos que se construía em torno desse monumento simbólico¹⁰⁶. A entrevistada imagina sua relação com essa estrutura de acordo com a imagem que foi afetada pela vivência comunitária anterior, a qual era íntima e segura: o altar poderia ser mais facilmente entendido como seu (podia-se subir). No entanto, o altar da igreja/réplica na nova cidade é imaginado de outra maneira e com certo estranhamento. O altar igual do templo construído na cidade planejada não é acompanhado pela história das pessoas na vivência comunitária e pela dinâmica afetiva construída na relação com a estrutura. Os momentos de festas e de encontros imprimiam uma imagem desse templo católico que se estendia muito além da simples materialidade da estrutura. Essa vivência e a igreja constituíam um conjunto no qual as pessoas construía uma dinâmica afetiva que os agregavam em um comum no lugar específico da cidade anterior, onde os indivíduos eram afetados por outras afecções ao mesmo tempo e afetavam também o conjunto.

A réplica da igreja na cidade planejada não traz totalmente consigo o que foi coletivamente construído no lugar específico da cidade anterior. Os símbolos somente se tornam valorados e reconhecidos comunitariamente quando o coletivo, no decorrer do viver cotidiano, imprime neles a marca simbólica de um pertencimento a uma rede de afetos comuns. No cotidiano, os indivíduos, que são união de corpos e partes do todo, se encontram com outros indivíduos, ou seja, com outros corpos e, no plano da intersubjetividade, os afetos se organizam e se reorganizam diante da realidade sempre em movimento, numa temporalidade e contexto sócio-histórico-cultural-geográfico específicos.

De acordo com a epígrafe acima, segundo Espinosa, uma coisa é boa ou má ou tem o poder de refrear ou aumentar a potência de agir se tiver uma semelhança com nossa natureza ou algo em comum conosco. O comum é o que está de acordo, o que pertence a um mesmo plano e semelhança. A maneira como nos relacionamos com o que nos é semelhante é o que vai definir o aumento e a diminição da potência de agir, o bom e o mal. Ou seja, o comum é o que nos agrega e nos permite afetar e ser afetado. A vida social e a política advém desse plano de semelhança, no qual se realizam os encontros entre os cidadãos na sociabilidade do

¹⁰⁶ A relação com os monumentos da cidade é comentada pela autora na Apresentação da Tese, quando comenta sobre a cidade de Paris.

contexto específico de cada realidade. O contexto social-comunitário reúne elementos comuns de reconhecimento recíproco dos cidadãos em uma cidade ou em um bairro. Seja o reconhecimento dos indivíduos, como comuns a um mesmo ambiente, com linguagens e hábitos semelhantes ou o reconhecimento com os elementos constitutivos dos lugares de moradia.

O que é comum às pessoas e o que as reúne, o que as agrega ou não e o poder de afetar e ser afetado advém do que os indivíduos concebem como sendo pertencentes a um mesmo conjunto de elementos reconhecidamente semelhantes também no plano da história e do cotidiano. No caso de Jaguaribara, o que era comum aos moradores e o que historicamente estavam em um plano de semelhança, e, por isso, com poder de serem afetados e de afetarem, eram os elementos da sociabilidade em torno das estruturas na cidade anterior. Elementos construídos nas relações concretas do cotidiano ao longo dos anos na antiga cidade.

Em Nova Jaguaribara, além das réplicas dos dois templos católicos, feitas a pedido da população, os moradores transpuseram uma pedra do rio - um símbolo de suas vivências na cidade anterior – chamada de ‘pedra do sino’¹⁰⁷. O objetivo seria o de continuar a ouvir o tilintar da pedra do sino. Segundo os entrevistados, no início da cidade planejada, os jaguaribenses até aproximavam-se e tocavam na ‘pedra do sino’ com algo para que ela fizesse seu som característico como fazia no rio. No entanto, nenhum som mais foi ouvido e a tal pedra ficou no meio da cidade, no vazio, sem relação com o contexto da nova estrutura urbana¹⁰⁸. Podemos ver abaixo nas fotos, a ‘pedra do sino’ em Jaguaribara e em Nova Jaguaribara:



Foto 22: (à esquerda): ‘Pedra do sino’ em Jaguaribara. Ida de uma família ao rio.

Fonte: Arquivo pessoal de Isac - morador de Nova Jaguaribara.

Foto 23: (à direita): A mesma pedra transposta para a Nova Jaguaribara pelos moradores. (Arq. Autora)

¹⁰⁷ Que segundo Isac, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011: “[a pedra do sino] *você batia e ela tinia como ferro*”

¹⁰⁸ A pedra citada encontra-se no centro da cidade, em frente à “Casa do Cidadão” e ao lado da Prefeitura.

O que dava sentido à cada casa em Jaguaribara ou aos templos religiosos ou praças ou até mesmo a ‘pedra do sino’ do rio - o qual passava dentro da cidade antiga e que era grande motivo de encontros, além de trabalho - com as lavadeiras e os pescadores - era o contexto, o conjunto de afecções da cidade, o que acontecia a cada dia, os encontros inusitados – conversas de esquina a esquina - momentos fortuitos e únicos que acontecem sempre em algum lugar nas cidades e que tornam únicas as experiências urbanas. De fato, todo o contexto físico e geográfico, no qual essa pedra estava, favorecia o som parecido com um sino. Somente funcionava ali, assim como a Jaguaribara antiga dispunha-se a vivenciar o que era próprio à dinâmica específica da realidade física, geográfica, social e econômica.

O comum construído historicamente, assim, configura-se no corpo coletivo urbano que funciona de determinada maneira e com um particular cotidiano. Constitui-se de detalhes que só diz respeito ao modo específico de viver na cidade. Esse comum faz parte de uma rede de vivência temporal, histórica e intersubjetiva que permite uma apropriação humana do urbano e que faz dele um lugar de sentido.

As réplicas dos templos católicos e a transposição da ‘pedra do sino’ pelos moradores são exemplos de um comum no corpo da cidade que não foi construído pelos encontros e pela historicidade, mas foi colocado de fora, alheio ao que se poderia vivenciar na nova cidade. É um comum forjado e não tecido nas relações concretas que eles haviam construídos ao longo dos anos na antiga cidade. Dizemos tratar-se de um *comum abstrato*. Comum porque eram elementos agregadores em que as pessoas se encontravam-se e sentiam-se bem, um lugar em torno do qual sentiam alegria e pertencentes ao contexto específico na cidade anterior e abstrato porque esses elementos agregadores das pessoas foi transposto de um contexto onde gerava encontros (a cidade anterior) para um lugar diferente da realidade que gerava esse comum (a cidade planejada), um lugar fora de quaisquer semelhanças onde a réplica ou a pedra gerava o comum. Um comum inserido na realidade da nova cidade, um elemento do comum, reconhecido, que gera afeto de alegria em um entorno desconhecido e vazio de sentido¹⁰⁹. Um comum que veio de fora e foi posto em uma nova realidade de uma estrutura

¹⁰⁹ Para a compreensão, em termos mais didáticos, faço uma correlação com um caso hipotético em que um brasileiro vai morar na China e faz sua casa igual à sua do Brasil. Na China, o que está em torno da sua casa igual (o bairro chinês) é abstrato, fora de quaisquer semelhanças das ruas do seu bairro no Brasil. Há um comum no abstrato, algo semelhante em algo dessemelhante e fora do que é comum. A casa igual a do Brasil, construída pelo brasileiro, na qual teve suas experiências afetivas, tem o poder de afetar o mesmo e também ele o afeta, pois percebe algo comum com ele, mas o que está fora da sua casa igual - o bairro na China – está fora deste plano de afetações, pois é dessemelhante. Esse comum no abstrato, no que está fora, no plano que não dá continuidade à semelhança, seria o comum abstrato, sendo esse comum contendo elementos de concretude, advindos da experiência afetiva do cidadão.

planejada, numa homogeneidade vazia, onde a construção da vida em comum e da dinâmica afetiva faz-se diferente do lugar anterior¹¹⁰.

Postulamos na 2ª Tese associada¹¹¹ que: “A maneira como a dinâmica afetiva se reconfigura no decorrer da vivência com os espaços que foram transformados na cidade é que vai conferir a esses espaços uma estrutura dinâmica socioafetiva própria”. Desse modo, não é a estrutura igual, no caso das réplicas na cidade planejada, que dará continuidade ao comum. Este não se dá com o igual das estruturas da cidade anterior na nova cidade, mas sim de acordo com a configuração da dinâmica afetiva dos cidadãos em torno dessas estruturas. É essa dinâmica que irá possibilitar que o corpo político da cidade mobilize-se para os reencontro das as pessoas nesses novos espaços e, assim, as mesmas discutam, critiquem, conversem sobre o novo (mesmo sendo esse igual à imagem do passado), tornando-as capazes de realizarem novas atividades, construam uma nova organização afetiva e, daí, identifique o que é comum no novo espaço.

Como dizemos no nosso argumento inicial, na relação com as reformas urbanas, há um deslocamento da racionalidade que fundamenta essas reformas pela dinâmica afetiva que, então, as modificam no novo espaço transformado. Sendo assim, é pela experiência com os novos elementos da cidade, pela construção de uma rede de afetos no cotidiano que o comum na cidade planejada vai sendo continuado.

No entanto, o esforço de rememorar a alegria¹¹², por meio da permanência na cidade planejada dos símbolos e do que gerava maior potência na cidade anterior, pode ter o efeito da tristeza quando os moradores, ao ficarem no passado, não se sentirem mobilizados de construir o novo. No que se refere à alegria que pode ser causa de tristeza, diz Ferreira de Paula (2009, pág. 48):

‘(...) Podemos chamar de alegria ‘má’ aquela que, ainda que indiretamente, *pode* ser causa de tristeza; e de alegria ‘boa’ aquela que nunca pode ser indiretamente causa de tristeza. Uma é *alegria passiva*, da qual nós somos causa apenas parcial e, portanto, inadequada; a outra *alegria ativa*, da qual nós somos causa total ou interna.’

¹¹⁰ No entanto, quando dizemos que as réplicas dos templos católicos e a transferência da ‘pedra do sino’ do rio para a nova cidade feita pelos moradores, temos que fazer uma distinção: as primeiras, apesar de terem sido feitas a pedido dos moradores, foi realizada pelos arquitetos dentro da lógica da racionalidade técnica; a segunda, foi uma ação dos moradores e, não sendo a pedra uma réplica artificial, este elemento do comum da nova cidade possui um valor diferente daquelas réplicas, sendo realmente preservado algo concreto que veio da cidade anterior. Porém, de acordo com o texto acima, constatamos que a ‘pedra do sino’, depois de constatada pelos moradores da nova cidade a ausência do mesmo som que apresentava no rio, não foi valorizada como antes, ficando meio sem sentido na cidade planejada, a qual apresentava um contexto sócio-geográfico diferente, fora ou deslocado do contexto onde a ‘pedra do sino’ constituía um elemento de agregação e de encontros.

¹¹¹ Escrita no final da Introdução desta Tese.

¹¹² Esforço pelo qual há aumento de potência.

De acordo com essa reflexão, o rememorar da cidade anterior, sendo uma alegria e um aumento de potência dos moradores, já que lembram de suas experiências afetivas alegres, *pode* vir a ser causa de tristeza e uma alegria passiva quando o querer permanecer no passado torna-se mais intenso do que a ação dos moradores de produzirem uma dinâmica afetiva própria da nova cidade, a partir da sociabilidade, na vivência do espaço urbano da cidade planejada, em torno dos símbolos iguais da cidade anterior. Essa ação adviria da alegria ativa. A alegria passiva está associada à resistência passiva: resistência por resistir em não esquecer o que aumentava a potência, mas passiva porque não reconstrói e leva os indivíduos a vivenciarem um passado e não se tornarem ativos no presente da nova cidade, produzindo afetos tristes.

Contraposto a esses afetos, a recriação da vida em comum em torno das réplicas construídas na cidade planejada, constitui uma reação à tristeza e uma maneira de preservar as potências individuais e a potência coletiva. Isso seria uma *resistência útil*¹¹³, na qual o passado agrega-se ao presente e constrói uma ação para a superação e construção de novas conexões e afetos de maior potência. O passado não é negado, mas ao mesmo tempo o é e precisa sê-lo para que o cidadão não transforme o passado em uma força que o arraste e o aprisione ao conformismo e à servidão.

Na resistência útil, o lembrar passa a ser um elemento da continuidade da história do indivíduo na cidade e o esquecer não é sinônimo de resignação, mas sinônimo da expansão da potência individual, que busca novas maneiras de viver e vai ao encontro de novos caminhos para perseverar na existência e fortalecer o *conatus*. Pode-se compreender que o comum abstrato somente poderá aumentar a potência de agir do corpo coletivo se associado à essa resistência útil, em meio à concretude das relações reais impostas pela nova realidade.

4.11 – O Corpo Igual Vazio – Corpo Semelhante Útil.

A homogeneidade vazia, que é o estado do corpo coletivo da cidade ou do lugar diante das estruturas iguais de um ambiente padronizado. Constitui um estado transitório, uma vez que, sendo um estado de enfraquecimento do corpo coletivo, há um esforço de resistência para o fortalecimento desse corpo, por meio do que chamamos de resistência útil, que é o esforço para o aumento da potência de agir do corpo coletivo da cidade. Na introdução da Tese dissemos que: “Há um corpo histórico-afetivo da cidade que se expressa no movimento

¹¹³ Na compreensão espinosana, útil é o que aumenta a potência e a preservação do ser (Espinosa, E4, P20)

dinâmico do cotidiano urbano. Esse movimento manifesta-se no modo como os afetos dos indivíduos se expressam na vivência com a cidade.” Associado a isso, relembramos a 3ª tese associada do final da Introdução: “Nas reformas urbanas, os afetos constituem a base que irá construir a relação do cidadão com o novo espaço urbano. A obra em si mesma na cidade ou a reforma em si mesma não é um fim acabado ou um projeto finalizado. A obra ou a reforma urbana continuam a ser produzidas pela dinâmica afetiva dos cidadãos no decorrer da história da cidade.”

Os dois trechos lembrados aqui nesse item introduzem a ideia do movimento que há no que chamamos de *Corpo Igual Vazio – Corpo Semelhante Útil*. Segundo a terceira tese, a dinâmica afetiva dos indivíduos, sendo transitória, mediante uma realidade em movimento, vai modificando, ampliando e agindo nos espaços das cidades ou no que foi reformado no espaço público. Esse movimento vai ao encontro da composição do corpo coletivo com afetos potentes e para o aumento do *conatus* coletivo. Esse movimento para a composição não significa sempre a preservação e a intocabilidade das estruturas que foram reformadas na cidade. O que foi reformado no espaço público, pode vir a ser modificado no sentido da diferenciação da obra original, mediante a dinâmica afetiva dos corpos individuais e do corpo coletivo. De acordo como os afetos se compõe com o novo é que a modificação neste se realizada. Assim, uma praça reformada em um bairro ou em uma comunidade será modificada pelas pessoas do entorno de acordo como os afetos coletivos e individuais se compuseram com a mesma. Há permanentemente a busca pelo comum e pelo semelhante com o corpo coletivo e com os corpos individuais na cidade, sendo essa busca pelo que compõe com o corpo, o que fortalece o *conatus* coletivo e o aumento da potência deste como composição.

Se pensarmos o ambiente urbano padronizado como um corpo, chamamos de *Corpo Igual Vazio* (CIV) ao conjunto de elementos do espaço homogêneo e igual (da homogeneidade vazia) que leva ao vazio de sentido e que gera um enfraquecimento da potência de agir do corpo coletivo. Ou seja, o CIV constitui um corpo que não se compõe com os cidadãos de forma tão fácil, que já em si, a princípio, não favorece o comum ou a composição porque não se vincula com a história e a vivência afetiva dos indivíduos na cidade.

Por outro lado, o valor dado ao lugar como corpo que compõe com o seu dar-se-á na medida em que as pessoas resistirem ao igual e passarem a criar o diferente, demarcando para cada uma a singularidade e o poder que lhes é próprio, parecido com o que acontece em uma vivência democrática. Só assim, o comum poderá ser estabelecido novamente na cidade.

Dessa forma, as construções padronizadas farão sentido e terão semelhança e utilidade. E essa ação dos indivíduos na realidade urbana padronizada favorece a construção de outro corpo, mas sempre em transição contínua com o *Corpo Igual Vazio*. Esse outro corpo denomino de *Corpo Semelhante Útil* (CSU), ou seja, um corpo em processo da busca dessa semelhança, da potência e da reconstrução do comum. O CSU é a reconstrução da cidade para o aumento da potência, resistindo à homogeneidade vazia.

Esse esforço de não obedecer ao igual e construir o *Corpo Semelhante Útil* (CSU) constitui o esforço dos cidadãos para a busca do comum e do que é útil. Este constitui a busca pelo bem, o desejo para o aumento da potência de agir, da alegria. Constitui uma ação e uma força contrária à tristeza, à servidão e à passividade. O *Corpo Igual Vazio* (CIV), homogêneo, não tem a capacidade de expressar a diferença e de expressar a ação coletiva na diversidade, requisito para os indivíduos expressarem a potência de realizar o que lhes diz respeito e o que não lhes diz respeito. O vazio sentido refere-se ao fato de que o homogêneo padronizado não consegue dizer sobre o cidadão e sobre sua história. O *Corpo Semelhante Útil* é construído à medida que as pessoas resistem ao vazio homogêneo e reconstróem o comum. A semelhança faz-se no sentido do que, a partir da vivência dos encontros, a continuidade ou recriação da história dos sujeitos se realize. A composição com o corpo da cidade far-se-á pelo processo de reconhecimento do corpo coletivo do que é semelhante em suas histórias.

O *Corpo Semelhante Útil* (CSU) diz respeito ao poder de recriação das pessoas em suas casas, ou seja, do poder de agir das pessoas na homogeneidade, o que implica um aumento da potência individual. A busca pela diferença no *Corpo Igual Vazio* da cidade padronizada e a consequente construção do *Corpo Semelhante Útil* é a afirmação do *conatus*, uma vez que a essência individual, na consciência de seu esforço, no desejo, deseja o que lhe é útil.

Para Espinosa, algo é útil não porque simplesmente esteja a utilidade inerente ao objeto, mas útil é aquilo que o *conatus* associa como sendo algo que irá levar à essência individual a uma maior potência. Segundo o autor, na Proposição 20 da Parte 4 da *Ética*:

‘Quanto mais cada um busca o que lhe é útil, isto é, quanto mais se esforça por conservar o seu ser, e é capaz disso, tanto mais é dotado de virtude; e, inversamente, à medida que cada um se descuida do que lhe é útil, isto é, à medida que se descuida de conservar o seu ser, é impotente.’

O *Corpo Semelhante Útil* diz respeito à vivência histórica e afetiva das pessoas transcorrida no contexto sócio-urbano e é isso que torna o lugar um semelhante. Quando as pessoas passam a se diferenciar na sensação do vazio, elas manifestam sua potência de agir e

passam de um estado de menor perfeição a um estado de maior perfeição, pois agem no sentido da criação, da identidade e da força que a sua própria marca imprime na diferença no homogêneo.

Na definição 6 da parte II da *Ética*, Espinosa define que realidade e perfeição significam a mesma coisa. A palavra perfeição não é compreendida por ele como sendo algo que é definido por algum elemento externo. Pertence à essência singular e ao *conatus* e se relaciona com a gradação da força que aumenta a sua realidade de existir ou diminui a sua realidade de existir. Assim, a maior perfeição está no sentido da maior potência individual e do aumento do *conatus* e a menor perfeição está no sentido da menor potência individual e da diminuição do *conatus*.

Uma cidade planejada ou um universo padronizado de estruturas em uma cidade já empreendem no projeto urbanístico uma lógica de utilidade do espaço público ou privado. Porém, para o útil tornar-se semelhante e pertencer ao corpo comum com os moradores exigirá um processo de reconstrução coletiva do conjunto de afecções vivenciadas e dos afetos construídos no outro lugar¹¹⁴.

O lugar é um dos elementos da vida coletiva que vai se construindo no cotidiano e possui sentidos diferenciados para as pessoas, pois ele é vivenciado mediante diferentes experiências afetivas individuais e coletivas. Espinosa afirma na E II, prop. 16, corolário 2: “(...) *as ideias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores(...)*”. Assim, como cada singularidade vai organizando as afecções e os afetos vivenciados no lugar é que este passa a ter um sentido próprio. No caso de uma vivência coletiva e afetiva do lugar, à medida que o afeto comum é construído no cotidiano da cidade ou mesmo de uma comunidade, o lugar é percebido como semelhante e próximo, passando a conter um sentido comum com muito mais força para os moradores. Assim, não é o lugar propriamente que possui algo de bom, belo ou próximo, mas é o que se vivenciou afetivamente nele que define a perspectiva afetiva e de sentido que se faz do mesmo.

Vezes há em que saímos dos lugares e esses não nos saem da memória tão rapidamente. A maneira como os lugares ficam na memória corresponde à maneira como os afetos e as afecções foram experienciadas no contexto histórico e cultural da vivência coletiva específica. O sentido do lugar pertence a uma temporalidade específica, demarcada por um conjunto histórico e um conjunto de afetações de tal contexto numa disposição dos corpos que acaba

¹¹⁴ No caso desse estudo, na cidade anterior de Jaguaribara.

por vincular o sentido do lugar a um lugar de sentido. O poder do lugar está em parte no corpo que é afetado e que pode afetar o mesmo. A obra reformada no espaço público não é finalizada, pois continua sendo modificada pelas afecções e pelos afetos, a partir dos encontros e das vivências que as pessoas vão tendo em torno do novo espaço, no qual vão imprimindo um sentido de semelhança, de utilidade, de composição ou não composição.

Não são as reformas ou as mudanças urbanas em si mesmas que geram potência ou não geram potência no corpo coletivo da cidade. O que gera potência ou não potência é definido pela maneira como as estruturas de uma reforma urbana favorecem ou não a continuidade do comum construído historicamente pelo corpo coletivo.

Dar continuidade ao comum não é propriamente “trazer de volta” ou “imitar” alguma estrutura física no novo espaço reformado, mas sim possibilitar que o corpo político da cidade mobilize-se para reencontrar novamente as pessoas nesses novos espaços e, assim, as mesmas discutam, critiquem, conversem sobre o novo (mesmo sendo esse diferente de imagens do passado) tornando-as capazes de realizarem novas atividades, construam uma nova organização de afecções e afetos e descubram, no decorrer da história, um *Corpo Semelhante Útil no Corpo Igual Vazio* e criem a sua dinâmica afetiva no novo espaço da cidade. Podemos dizer que a construção do *Corpo Semelhante Útil* na cidade planejada é uma expressão do desejo de permanência.

Por último, é importante acentuar que o *Corpo Igual Vazio - Corpo Semelhante Útil* estão imbricados no movimento histórico e social, não havendo dicotomia. Nas mudanças urbanas, a dinâmica contínua dos afetos dos cidadãos efetua - nos encontros - esse movimento do que seja dessemelhança para o que seja útil, no esforço do que aumenta a potência de agir do corpo coletivo urbano. Com isso, as estruturas da cidade continuamente modificam-se, mediante a história e a natureza dos homens.

Considerações finais

Nesta Tese, propusemos analisar os afetos na cidade de Nova Jaguaribara, tendo em vista a remoção urbana da população para a construção da barragem do açude Castanhão. Não seria o estudo de um modelo de planejamento de cidade, mas dos processos psicossociais envolvidos em um processo de mudanças urbanas advindo de ingerência político-empresarial.

As mudanças urbanas espontâneas ou por intervenções fazem parte do desenvolvimento das cidades e inserem-se no movimento histórico de cada época. As reformas nos espaços urbanos seguem modelos que correspondem a valores engendrados nos modos de produção dos diferentes contextos político-econômicos. Porém, as transformações urbanas são perpassadas pelas singularidades que compõem esse corpo de modo a serem por elas influenciadas. Nas cidades, há modos de sociabilidade que constroem os elementos identitários e agregam ao urbano os signos, os símbolos e as linguagens próprias do corpo coletivo, que têm como subtexto os afetos. Muitas vezes, as instituições políticas impõem mudanças no contexto urbano que quebram essa configuração simbólica ou que não agregam aos novos espaços a continuidade do processo identitário e das redes afetivas da população.

A remoção da cidade de Nova Jaguaribara constitui um desses processos, que no Brasil, acontece de forma mais frequente diante da modernização desenvolvimentista mais intensa do país nas últimas décadas, que vem exigindo construções de barragens, portos, mudanças urbana pela indústria do turismo. Isso, por sua vez provoca a remoção de cidades inteiras. O Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) é um avanço no sentido da diminuição de danos ao meio ambiente à fauna e à flora, bem como sua ampliação para alcançar a análise dos impactos sociais. Com relação a este último aspecto, a Psicologia Social pode colaborar se voltando a esta temática com mais adequação. No entanto, ainda é com morosidade que os psicólogos sociais se ocupam com a esta temática referente a processos de remoção ou de transferência de pessoas de um lugar a outro, processo esse que se enquadra a cidade de Nova Jaguaribara. Não se trata de saber lidar com questões apenas subjetivas, mas com questões que perpassam o processo político envolvido. Este deve fazer parte do compromisso do psicólogo social na perspectiva crítica. O trabalho de pesquisa ou de intervenção é político - voltado para a ação - e não constitui apenas uma reflexão teórica, mas um momento necessário da sua militância para melhor contribuir de uma forma mais libertadora. A opção por Espinosa para os estudos dos afetos, foi motivada pela possibilidade de estudar os afetos na cidade sob a perspectiva da política. Pois, como fala o filósofo, a política está no

campo passional, sendo a análise dos afetos uma chave de compreensão para o processo político.

Na presente pesquisa, temos a demonstração de dois modos de sociabilidade. Na narrativa socioafetiva urbana, os narradores-entrevistados nos colocaram diante de duas maneiras de relacionamento com a cidade de Jaguaribara. Eles narraram de forma diferente a experiência de viverem em uma e em outra cidade ao mesmo tempo. Na narração sobre a cidade velha, os moradores foram mais minuciosos e íntimos nos relatos. Na narração sobre a cidade nova, que vinha sempre depois de terem falado bastante sobre a cidade anterior, os narradores-entrevistados não assinalaram tanta intimidade e descreveram a cidade planejada mais objetivamente, sem muita emoção.

A imposição de uma causa externa foi responsável pelo fim de uma experiência da cidade mais íntima, que se desfez para ceder lugar a um modo de vida mais urbano com uma estrutura planejada e ordenada. Lembramos de uma fala de um morador muito pertinente à reflexão sobre o que significou para ele essa mudança: “*A cidade de Jaguaribara não foi planejada, mas tinha um traçado perfeito.*”¹¹⁵ Esta imagem do traçado perfeito corresponde tanto à idealização da cidade anterior - que percebemos nas poesias analisadas no tempo da resistência dos moradores ao governo - quanto à referência à vinculação desse morador aos signos ou linguagens da cidade anterior, os quais davam mais sentido à sua experiência urbana.

Aqui temos, pois, duas experiências marcadas pela imposição de um projeto político-econômico de caráter nacional e regional. A resistência dos moradores por dez anos contra o açude Castanhão representou a força coletiva de uma cidade que se movia em meio aos seus sonhos, à capacidade de reagir, de criar, uma sociedade que internamente produzia a própria cidade e o transcendente à mesma era as figuras fantásticas de lobisomens, ‘papa-figados’, ‘caiporas’ e outros personagens da fantasia coletiva. O processo de remoção foi a nova qualidade de força externa que os moradores tiveram que lidar. A remoção tirou a emoção, ou seja, a intensidade do movimento dessa cidade. Podemos dizer que foi um trauma, o qual teve como plano de fundo o drama político-religioso.

Desde o início desse processo, a política e a religião foram elementos que se entrelaçaram e que utilizaram estratégias recíprocas para o convencimento da população, mediante a disposição de um rico imaginário coletivo religioso acima descrito. As promessas do governo – ‘Nova Jaguaribara como a terra prometida’, frase-símbolo da procissão do povo

¹¹⁵ Isac Silva, morador de Nova Jaguaribara, entrevistado em 2011.

para a remoção das imagens dos santos padroeiros para a cidade nova – misturavam-se com o místico e com a idealização da nova realidade. O caráter religioso do povo e o quase culto da figura histórica de Tristão Gonçalves, o herói nacional que morreu nas terras da cidade anterior, foram elementos que se mesclavam, ora com o crédito das promessas do governo, ora com a representação simbólica do povo como guerreiro que resiste e luta como o líder libertário. A resistência ao governo aconteceu nesse campo das paixões, do medo e da superstição. A figura religiosa de uma freira nesse processo foi uma baliza tanto para o governo, que teve o seu limite institucional-religioso – quanto para o processo mais crítico que a resistência poderia ter tido.

Concordamos com a proposta de análise¹¹⁶ da Prof. Marilena Chauí para esta Tese, que considera como chave interpretativa espinosana a passagem ‘da cidade imanente para a cidade transcendente’. Para essa autora, a cidade imanente seria ‘*a cidade feita pelos sujeitos sociais*’ e a cidade transcendente a ‘*cidade imposta pelo poder governamental*’. Tal passagem é realizada quando o poder político governamental consegue mudar a atitude política dos jaguaribenses ao conseguir finalmente impor o seu projeto. A resistência dos moradores era a expressão de uma cidade que agia (afetos ativos). O convencimento da população – com as estratégias políticas e, finalmente, com a constatação da realização da obra do Castanhão – gerou afetos passivos e mudou a qualidade da resistência dos moradores, que a partir daí passaram a denominar esse processo de luta, mas referindo-se à luta pelos direitos individuais. Usamos a palavra convencimento no sentido da aceitação de um fato e não no sentido da obediência. Esta, na compreensão espinosana é ‘*a vontade constante de executar aquilo que, pelo decreto comum da cidade, deve ser feito.*’ (TP, V, 4). A transferência da população à cidade planejada não foi o resultado de um processo democrático de participação política e de uma decisão conjunta do governo com a população, mas uma expressão do poder político-econômico do governo do Estado do Ceará nos anos de 1980/90, principalmente a partir da época do ‘governo das mudanças’.

Essa passagem da cidade imanente para a cidade transcendente foi a marca para a mudança passional, devido à modificação do relacionamento político entre o povo de jaguaribara e o governo. Este agora estava na frente do processo e a população entrava em uma rede de afetos passivos que a levou à flutuação de ânimo entre a alegria e a tristeza ou o medo e a esperança. Percebemos isso nos afetos investigados e nas mudanças que os afetos passivos tiveram desde a cidade anterior ao início da cidade e também nos últimos anos. Daí,

¹¹⁶ Proposta apresentada na banca de defesa da Tese.

por exemplo, tivemos a análise dos vários tipos de medos e dos diversos motivos para a esperança.

As imagens dos mapas afetivos nos mostraram que os jovens da cidade planejada também possuem essa flutuação de ânimo, mas por afecções diferentes entre a alegria de viver em uma cidade planejada que consideram bonita e se depararem com uma realidade precária da falta de empregos ou da violência. Constatamos que essa flutuação dá-se em relação ao tempo presente e ao futuro, não fazendo referência ao processo de remoção ou ao passado. Isso pode nos indicar que a cidade de Nova Jaguaribara também tem em potencial uma sociedade imanente, ou seja, a potência da cidade está mais intensamente naqueles que não passaram pelo trauma da remoção (no caso dos jovens, estes sentem indiretamente devido aos relatos dos seus pais ou adultos jovens) do que naqueles que convivem na cidade planejada depois da experiência da transferência forçada. Podemos associar o que chamamos de *Desejo de Permanência* à construção dessa sociedade que age e que constroem internamente o próprio sentido comunitário da experiência política e da busca pelo útil nessa cidade planejada.

Constatamos também que o que chamamos de *Homogeneidade Vazia, Comum Abstrato* são maneiras de explicar uma cidade que vem de fora e que é ainda vivenciada como urbe e não como *civitas*. Nossa explicação sobre o *Corpo Igual Vazio/Corpo Semelhante Útil* faz referência ao processo de recriação de um comum e da semelhança que os levem à cooperação mútua e a uma nova intimidade na experiência com a cidade planejada. Esse movimento já foi iniciado na cidade pelas ações dos moradores através das reformas das casas e das construções de banquinhos nas calçadas. Mais lentamente ocorre o ressurgimento da participação política dos moradores nos assuntos da cidade em meio à desmobilização, que continua presente e também associada à dispersão que a cidade provoca nas redes de sociabilidade da população.

Podemos constatar que o processo político da remoção da população tem ainda um forte efeito no processo da experiência do novo modo de sociabilidade em Nova Jaguaribara. Os afetos passivos de medo, esperança, tristeza e saudade são perpassados por esse processo da transferência. A reconstrução interna das redes sociais e afetivas é que vai conferir o poder de refazer a cidade e torná-la semelhante e útil aos moradores.

O ser humano é parte da natureza e submetidos aos afetos e, portanto, sujeito a estes. A compreensão dos afetos, portanto, é essencial para se compreender e planejar as mudanças urbanas, bem como compreender como estas estão ligadas à ação política de seus moradores.

A organização da cidade fortalece o corpo político quando aumenta a potência de agir do corpo coletivo urbano.

Finalizamos, ressaltando que as mudanças urbanas - sendo expressões das reorganizações do corpo coletivo - são intensamente relacionadas com as dinâmicas afetivas, marcadas pela instabilidade dos afetos, mediante a vivência ético-político-afetiva dos indivíduos na cidade. Portanto, as análises de planejamentos urbanos, para evitar o sofrimento de populações alvo de remoção, devem responder aos impactos afetivos, considerando o processo político envolvido.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Vanessa Ribeiro Campos. *Modelo multicritério de decisão para localização de Nova Jaguaribara com vip analysis*. Pesquisa Operacional, v.26, n.1, p.91-107, Janeiro a Abril de 2006. Universidade Federal de Pernambuco.

BAIERL, L. F. *Medo Social. Da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo: Cortêz, 2004.

BETTENCOURT, S. (IN) *Seguranças no Espaço Urbano. Perspectivas Culturais*. Famalicão: Húmus, 2012.

BENJAMIM, W A *Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____ *Obras Escolhidas*, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ *Obras Escolhidas*, v. II, Rua de mão única, trad. de R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____ *Imagens do Pensamento*. Edição e Tradução de João Barrento Assírio e Alvin. Lisboa: 2009.

BARATA-MOURA, J. *Materialismo e Subjetividade*. Estudos em torno de Marx. Editora: Avante. Lisboa: 1997

BIVAR, Artur (1952) *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. I Parte, Volume II. Porto: Edições Ouro, p. 1026.

BOMFIM Z. A. C. *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOSI, E. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Tempo vivo da memória – ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2004.

BRAZ, M.M. A. *Velhos Trabalhos, novos dias: Mudanças no modo de vida de lavadeiras, pescadores e agricultores em Nova Jaguaribara-CE*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará: 2011.

_____. Milena Marcintha Alves. *Nova Jaguaribara: Representações sobre o Modo de Vida Urbano*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – 2001.

CALVINO, I. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: CARDOSO, S. et. al. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. Companhia das letras, São Paulo, 2000.

_____. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

_____. *Espinosa: poder e liberdade*. In: *Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx* Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo: 2006.

_____. *Desejo, Paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras. São Paulo: 2011.

CAVALCANTE, A. S. M. *Nova Jaguaribara - de uma ação mitigadora a uma cidade Planejada*. Mestrado em Políticas Públicas. Universidade Estadual do Ceará: 2006.

CHOAY, F. *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ESPINOSA, B. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

_____. *Tratado Teológico Político*. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

_____. *Ética*. Edição Bilingue Latim-Português. Tradução de Tomaz Tadeu. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____, B. *Ética*. Edición preparada por Vidal Pena. Editora Nacional

_____. *Ética*. (introdução e notas de Joaquim de Carvalho. Filosofia. Relógio D'água Editores, 1992.

_____. *Éthique*. Traduction Nouvelle de Raoul Lantzenberg. Paris. Ernest Flammarion, Éditeur.

_____. *Ética*. Texto latino com note di giovanni Gentile. Seconda Edizione riveduta da Tommaso Fiore. Bari Gius Laterza e Fige. Tipografi-Editori- Librari, 1933.

_____, *Ethica. Concordances, Index, Listes de fréquences, tables comparatives*. Gueret, Miguel, Robinet, André, Tombeur, Paul. Publications du CETEDOC. Université Catholique de Louvain. Louvain-la-Neuve: 1977.

_____. *Éthique*. ed. Paris, Vrin, 1983, p. 313.

FERREIRA, António Gomes (1993) *Dicionário de Latim /Português*. Porto Editora.

FERREIRA DE PAULA, M. *Alegria e Felicidade – A experiência do processo liberador em Espinosa*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), 2009.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *Uma meditação de vida – em diálogo com Espinosa*. Ed. Esfera do caos. 2013.

_____ Maria Luísa Ribeiro. *Uma Suprema Alegria: escritos sobre Espinosa*. Coimbra, Quarteto Editora, 2003.

_____ Maria Luísa Ribeiro. *A Dinâmica da Razão na Filosofia de Espinosa*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

FREITAG, B. *Teorias da Cidade*. Campina: Papyrus, 2008.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar escrever esquecer*, São Paulo: Editora 34, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. relatório da Assessoria de Análise Estatística e Criminal – Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará. 2014.

HARVEY, D. *Os limites do capital* (Título original: *The Limits to Capital*. Chicago [1980]. [Verso, 2007]) Tradução Magda Lopes, São Paulo: Boitempo, 2013.

JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente. Afetos, ações paixões em Espinosa*. São Paulo: Autêntica, 2004.

LANE, Sílvia. CODO, Wanderley (Org.) *Psicologia Social - O homem em movimento*. Editora brasiliense. 8ª Edição. São Paulo: 1989.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

MACHADO, José Pedro (1977) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, V. 5, 3. Edição.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*. Editora Boi Tempo, São Paulo: 2004.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176-185.

_____, José Pedro (coord.) (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do livro Editores, p. 13-14.

MOREIRA, Cristiê Gomes. *Resistindo as águas da Barragem Castanhão: Jaguaribara - (1985-2001)*. Anais do Encontro Nacional de História Oral. Testemunho História e Política. Universidade Federal de Pernambuco: 2010.

NASCIMENTO, M. A. G. *A construção do lugar na cidade planejada: um olhar sobre Nova Jaguaribara*. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 39-46, jan./jun. 2005.

_____, M. A. G. *Entre o espaço projetado e o espaço vivido: indicadores de um arranjo espacial na geografia da Nova Jaguaribara*. Revista da casa da Geografia de Sobral v. 6/7, n.1. 2004/2005.

NOGUEIRA, H. G.P. *Fachadas, botequins e ratos: um olhar pós-moderno sobre a Cidade*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 178-187, ago. 2007

PEROTE, Licia Tereza Rodrigues. *Jaguaribara: a cidade submersa. História de uma cidade planejada no sertão do Ceará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PUC/ Campinas: 2006.

SAWAIA, B.B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora In: S. T. M. Lane, & B. B. Sawaia (Orgs), *Novas veredas da Psicologia Social* (pp.157-168). Brasiliense, São Paulo: 1994.

_____. O calor do lugar, segregação urbana e identidade. In: *São Paulo em Perspectiva: Questões Urbanas, os sentidos das Mudanças*. São Paulo, v. 9, n. 2, abr. – jun., p. 20-24, 1995.

_____ *A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito.* Psicologia & Sociedade; 10 (2): 117-136; jul./dez.1998

_____ Espinosa: o precursor da ética e da educação ambiental com base nas paixões humanas. In: Moura Carvalho, I. et al. *Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.* Brasília: Edições MEC/UNESCO: Brasília, 2006. (Coleção Educação para Todos).

_____ *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social.* Revista Psicologia & Sociedade; 21 (3): 364-372, 2009.

_____ Qual o poder da cidade? In: BOMFIM Z. A. C. *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo.* Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SILVEIRA, E. M. *Água e Poder no Sertão: os discursos que construíram a cidade de Nova Jaguaribara no Ceará (1985-1996).* Revista Historiar, ano I, n. I da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 2009.

_____, E. M. *Naufrágio de uma cidade: história da resistência da população da cidade de Jaguaribara à sua submersão pela construção da barragem Castanhão.* Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho: Franca – SP: 2000.

SOARES, J.C.; SANTANA, G.V. *Hipercidades, consumo e habitação: da necessidade de habitar ao desejo de morar.* Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 271-281, ago. 2007

SOUSA, M. L. *Mudar a cidade. Uma Introdução crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TAJFEL, H. *Grupos humanos y categorías sociales.* Barcelona: Herder, 1981.

TASSARA, E. T. O. *Urbanidade e periurbanidade(s). Reflexões sobre dimensões psicossociais das dinâmicas históricas.* Série Documenta (UFRJ), 2007.

TASSARA, E. T. O. BONIFACINO, H. O. A. ; RABINOVICH, E. P. ; MASSOLA, G. M. ; RIBEIRO, S. M. P. . Identidades urbanas, tecnologías de la información y demandas territoriales. In: Eda Terezinha de Oliveira Tassara; Francisco Javier Guevara Martínéz. (Org.). Problemáticas socio-ambientales en territorios latinoamericanos. 1ed.Puebla: , 2013.

VICHETTI,S.M.P.(org.) *Psicologia Social e Imaginário. Leituras introdutórias*. Editora Zagodoni, São Paulo: 2012.

VIGOTSKI, L. S. (2001b). Pensamento e palavra. In L. S. Vigotski. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).

WEIL, Simone. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Org. por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Apêndice I



Mapa4: Bacia Hidrográfica do rio Jaguaribe com as micro-regiões ao longo do Estado do Ceará. A seta indica onde se localizava a cidade de Jaguaribara e também nas mediações encontra-se hoje Nova Jaguaribara.

Fonte: portal.cogerh.com.br

Apêndice II

A Rede de Afetos Passivos

Trechos das falas dos entrevistados organizados em temas recorrentes:

1. Condições geográficas e climáticas da nova cidade

- ❖ *Aqui chove de noite e no outro dia tá tudo seco. Na cidade velha chovia passava oito dias o chão molhado, porque era areia. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Aqui a gente só toma banho se for de chuveiro e lá tinha o rio bem pertinho. Se faltava água na torneira, a gente lavava prato, tomava banho, tudo lá. E aqui, não. Se faltar água, não tem água na casa. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Na cidade véia[sic] não tinha essa quintura aqui não. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Eu lavei roupas muitos anos no rio e só vivia lá. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Aqui tem mais Sol e à noite é mais frio. É diferente o clima, aqui é mais alto.*
- ❖ *Você já passou aqui em um domingo? O dia todo? Pois passe! A partir das 10 horas da manhã, se estendendo o dia e a noite, você não vai encontrar ninguém nas avenidas principais (...) Não tem ninguém nas ruas! A nossa cidade é uma cidade projetada para setenta mil pessoas com apenas seis a sete mil morando na cidade. As motos aumentaram muito aqui, porque tudo é muito distante. Aqui não conseguimos ir de um lugar para outro a pé, por conta que a cidade é quente e pela distância mesmo. (Emanuelli)*
- ❖ *A droga entrou com muita força aqui. E nós acabamos sendo uma cidade centro que liga para todas as outras. Ficou em uma área geográfica central. Aqui, para cá é Jaguaribe, para lá é Limoeiro do Norte, Tabuleiro, Russas, São João do Jaguaribe, Potiretama, Alto-Santo. Para lá é Morada Nova. Para cá é Jaguaratama, Solonópole, Milhã, então nós somos o centro. (Emanuelli)*

2. Reconhecimento-Desconhecimento/Subsistência-Solidariedade/Consumo-Dispersão.

- ❖ *Todo mundo era amigo, hoje o povo passa faz que nem conhece a gente. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Lá em Jaguaribara era como se fosse assim como uma família gigante que você conhecia todo mundo. Por mais que tivesse alguém que você não conhecesse, mas você já sabe que aquela pessoa é da família de fulano, que é ligado a alguém e aqui não. (Simara)*
- ❖ *Lá nós não comprava [sic] peixe, meu marido pescava e trazia o peixe, criava porco, tirava um pedaço para nós comer, para dá os filhos e os vizinho. E aqui só como o peixe se tiver o dinheiro para comprar. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Jaguaribara era pequenininha, podia dizer assim, uma família tudo unida, aqui não, ficou mais espaçosa, os vizinhos da gente, a gente não sabe nem qual rua ficou, a gente sabe porque fica procurando, né! E lá não, era tudo em grupo, tudo pertinho, o rio perto, tudo era mais fácil para nós. Aqui tudo é mais difícil porque lá nós podia pegar um peixe, nós tínhamos como pegar, aqui não, a gente tem que comprar o peixe. (Maria de Fátima Silva)*
- ❖ *Como era uma cidade pequena, um numero reduzido de habitantes, todo mundo conhecia todo mundo, todo mundo se dava bem com todo mundo, e o laço era como se fosse, na verdade, uma grande família, e hoje não existe mais esse laço tão forte*

assim, nessa nova cidade, os laços meio que se romperam, se distanciaram (...). (Mariani)

- ❖ *Eles chegaram com o dinheiro da indenização, começaram a querer lidar com um ambiente urbano novo e tinha que gastar o dinheiro para isso, (e tinham o dinheiro da indenização). Compraram motos, gastaram com combustíveis, no começo os postos de combustíveis tinham uma fila enorme, dinheiro que acabou ligeiro, em um ano, mais ou menos. (Giovane)*
- ❖ *As relações lá eram bem mais aquecidas. Se morria uma pessoa, todo mundo velava, todo mundo passava a noite no velório. Aqui já não existe mais isso. Quando fulano tivesse morrido, passava-se a noite lá, cantava-se, rezava-se, passava-se a noite no velório. E aqui não. Aqui morre de manhã e enterra de tarde, que corre o risco de à noite não ter ninguém para velar, só a família. Não existe mais aquele sentimento. Quem velava antes não era só a família. Era a cidade todinha. Comprava-se pão, fazia-se café, fazia-se chá, fazia-se caldo. Era uma noite de farra, de encontros. Estavam todos ali: os mais velhos dentro da sala rezando onde estava o corpo e os mais novos eles estavam ali por fora conversando, contando piada, comendo pão. Foi assim do meu avô. Lembro o pessoal da geração dele todo dentro da sala fazendo o velório e os mais novos na calçada comendo pão, tomando cachaça, tomando caldo e todo mundo participava, todos eram presentes. (Reginalda)*
- ❖ *Aqui, a gente perdeu o direito de brincar. Talvez a cidade deixou as pessoas mais orgulhosas. (Giovane)*
- ❖ *Eles dizem assim: a gente não pediu para tá aqui. O que você via lá: uma pessoa morando numa casinha de barro, a água, você ia pegar no rio, com as ancoretas, o peixe do rio, a batata plantava, o feijão plantava, a luz à base de lamparina. Quando chegou aqui, tiveram que pagar água, luz, a distância do rio. (Juliana)*
- ❖ *Dizem para mim: ‘Olha, fulano era meu amigo de calçada, hoje passa por mim e faz que não me conhece’. (Juliana)*
- ❖ *Lá era como se fosse um laço de amizade muito grande, com as casas emendadas, da sua casa mesmo, aquelas pessoas mais velhas tinham o hábito de pedir as coisas: ‘Fulano, eu tô precisando disso, me empresta isso’... Aqui não, já era diferente, eles já se sentiam intimidados. Logo aqui quando chegou, os muros eram baixinhos, uns viam atrás do que precisavam; outros não porque se intimidavam. (Nádia)*
- ❖ *Aqui [em Nova Jaguaribara] é muito próximo à cidade de Alto Santo, de Morada Nova e de Jaguaretama, então veio muita gente dessas localidades morar e, por isso, a gente não se sentia dono daqui, não se sentia filhos dessa terra. Com o passar do tempo, que a gente trabalha, vivencia, tem que desenvolver a vida, a gente foi criando esse sentimento de pertencer. (Parcélio)*
- ❖ *O rio bem pertinho, a gente quando tava (sic) suado, só dá uma volta no rio, tomava um banho no rio, com roupa e tudo, chegava em casa e trocava. E aqui, quando tá com calor, eu vou ali no banheiro e me molho. (Ana Maria da Silva)*
- ❖ *Virou assim como se fosse uma cidade grande porque lá na cidade todo mundo conhecia todo mundo, mas aqui não. (Antônio Alexandre)*
- ❖ *Eu me lembro de muita coisa porque lá era um lugar muito bom para pobre, às vezes não tinha a mistura e ia pra o rio pescar o peixe. A gente comia e também trocava por farinha e aqui tudo é comprado. (...) A cidade de Jaguaribara era um meio de vida para a gente. (Rosa Gago)*
- ❖ *(...) Aí falavam assim: Aqui é uma cidade formada de quadras, né, e setores, falavam assim, quadra fulana, quadra cicrana, ninguém aqui no início falavam em rua. Não sabia nem como era o nome das ruas. (D. Vicença)*

- ❖ *Aqui a gente não tem o carinho que tinha lá porque lá as pessoas que a gente convivia não era a daqui. Na escola, tem muitos professores de fora. Não são mais as pessoas da nossa cidade velha. A gente vai perdendo o amor daquelas pessoas que a gente teve convivência. (D. Zefinha)*
- ❖ *A gente era realmente muito brincalhão. Por todo mundo ser conhecido de todo mundo, tinha essa liberdade de chegar, mexer com um, mexer com outro. Hoje, eu costumo dizer: “Meu Deus do céu, não tem mais nem como brincar porque a gente não conhece mais o povo daqui.” (Emanuelli)*
- ❖ *No mutirão, eu acho as pessoas mais felizes, eu acho que é por causa do modo das nossas casas que aconchegam mais. Não tem como você ficar triste porque eu sou sua vizinha, eu entro na tua casa toda hora, a gente conversa, tem como desabafar, mas já pensou essas casas grandes aí de muros altos, até a gente se intimida de ir lá, tocar a campainha, se não sabe nem se a pessoa vai receber. (Fátima – Mutirão)*
- ❖ *Depois que o tempo passou, as pessoas passaram a imprimir suas características no seu lugar, começaram a construir muros, começaram a destruir a casa que receberam e reformar de seu modo. (Onorina)*
- ❖ *Lá, a gente cozinhava em um fogãozinho à lenha para economizar o gás e este era para um leite, para o mingau do menino, para uma comidinha mais simples. E aqui, não. Aqui não existe fogão à lenha. Não existe a realidade de você criar galinha no fundo do seu quintal. Nós recebemos os muros de nossas casas com oitenta centímetros de altura. Como você não pode criar galinha em uma casa com um muro de oitenta centímetros? Aqui não tem um fogão à lenha para economizar o seu fogão. Não se pode engordar os porcos em uma pocilga (como acontecia lá perto do rio na cidade velha). Aqui não tem condição de certas atividades acontecerem em uma cidade planejada. O padrão de vida aqui aumentou muito e a renda não acompanhou isso. (Reginalda)*
- ❖ *Ao meu redor tinha umas dez casas de taipa de pessoas mais pobres. A minha casa era melhorzinha. Eles faziam a feira deles por semana, quando era no final da semana, era dois, três todo dia lá em casa, um tomando o café emprestado, outro açúcar, outro tomando um quilo de arroz emprestado, porque o que tinham já tinha se acabado. Quando a mulher emprestava, era um pessoal tão pobre, que eu dizia à minha esposa que quando eles viessem pagar, ela não recebesse não. Mas aquilo eu me sentia tão satisfeito, em viver no meio daquelas pessoas. Eles me chamavam de patrão, quando eles queriam alguma coisa na prefeitura, eles me pediam para ir e arranjar as coisas para eles. E eu ia e sempre arranjava. (Francisco Saldanha – Seu Tachinha)*
- ❖ *Pessoas com outros costumes e se misturaram com o nosso povo. Ninguém é barrista, mas aconteceu isso mesmo. Aí, isso virou de ponta à cabeça nossa história todinha. Chega uma pessoa aqui em Nova Jaguaribara e você não sabe quem é. Na outra cidade você sabia quem era. Todo mundo dizia uns para os outros. (Isac)*

3. Mudança Urbana: Ação

- ❖ *Foi bom porque gerou mais emprego, a outra não tinha emprego, só por isso. (Elisabeth)*
- ❖ *Então, eu acho que se não tivesse isso acontecido (a mudança para a cidade nova), a gente não teria essas condições melhores que nossas famílias tem aqui hoje de privilégios por ser uma cidade planejada, então, a força de trabalho que as pessoas têm continuam. E mais, tem o incentivo de precisarmos ser melhores que quando a gente morava lá porque tem que fazer valer a pena ter vindo para cá. (Lívia)*

- ❖ *Então, a mudança para cá, foi fora a positividade que teve para mim, foi uma abertura de novos caminhos, porque, querendo ou não, houve muitas melhoras também. (Mariani)*
- ❖ *Para mim, Nova Jaguaribara trouxe muitas possibilidades. Pude cursar uma faculdade das cidades aqui perto (...). (Juliana)*
- ❖ *Nessa cidade nova, eu me depertei porque nós somos a cidade. Nós temos que fazer o máximo para que esta cidade seja vitrine no melhor sentido. Como se vc vivesse na cidade, mas a cidade não exigia que você percebesse muito ela... (Parcélcio)*
- ❖ *As pessoas que não conseguiram se adaptar, vivem de algum benefício, mas eu não vejo que não existam oportunidades. Temos a piscicultura, os projetos e irrigação. (Simara)*
- ❖ *Quem já tinha sua vida estabilizada, tudo bem, para quem não tinha uma casa, mudou muita coisa. (Simara)*
- ❖ *Os mais jovens na época já tinham várias possibilidades. Foram abertas várias lojas, tudo isso gera emprego. Então, para os jovens tinham mais oportunidades. (Simara)*
- ❖ *Aqui tem muitas praças e eu vejo que pelo menos aquela praça da matriz era para ser o ponto de encontro de todo mundo, as pessoas eram para ter a mesma rotina que se tinha na cidade velha, de ir à igreja aos sábados e depois ficar na praça para bater papo para rever os amigos. A nossa cidade tinha que ter uma atrativo para não ter uma atividade econômica, mas para trazer os filhos de Jaguaribara para Jaguaribara. (Simara)*
- ❖ *Essa cidade, às vezes eu falo dela, mas às vezes, eu relevo porque muitas coisas para mim e minha família foi boa porque lá ninguém tinha o transporte, aqui meu menino trabalha, nós tiremos [sic] uma moto, meu menino ganhou uma casa. Lá nós não ligávamos de compra alguma coisa. Aqui eu tenho duas televisões, lá era estante tubular. Agora já tenho esse rack, pra gente comprar as coisas, ela foi boa. Só falta mais aqui é trabalho. (D. Zefinha)*
- ❖ *Essa cidade dá um certo orgulho porque nós somos privilegiados porque vivemos numa cidade planejada, mas no mesmo instante dá tristeza porque eu lembro da velha que eu perdi tudo, uma vida inteira que deixou para trás. A cidade realmente é bonita, bem arquitetada. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *De fato, o governo fez uma cidade bonita (...). De certa forma, foi um salto muito grande. Aquela cidadezinha nunca ia chegar a uma proporção dessa. Por mais que o Governo do Estado quisesse reformar a cidade velha, não ia ter como chegar a ser o que é essa. (Emanuelli)*
- ❖ *Lá não tinha emprego de jeito nenhum, aqui tem pouco, e deu mais oportunidades. (Glauane Vieira)*
- ❖ *Se eu viesse a desacreditar que aqui possa melhorar, eu estaria desacreditando de mim mesmo. Porque eu acho que quem pode mudar esse momento por qual Nova Jaguaribara passa somos nós jovens que estamos terminando uma Faculdade, que estamos estudando que tivemos alguma estrutura melhor. Se a gente não vier a fazer nada, a cidade vai continuar desse jeito. Mas se a gente conseguir se movimentar, conseguir dá um novo âmbito para cá, a gente consegui resolver. (Ana Maria)*
- ❖ *Eu não posso negar que essa Nova Jaguaribara me trouxe coisas boas. A questão do meu trabalho, de estudar e não querer parar os estudos. Eu acho que a cidade não tem culpa. A cidade em si não tem culpa de uma mudança para a outra. Eu não posso pegar o meu sentimento que, às vezes, é de raiva, de ter pedido a velha Jaguaribara e jogar aqui porque a cidade material não vai ter culpa disso, que a gente veio. (Ana Maria)*

- ❖ *Eu não planejo terminar uma faculdade e viver minha vida toda aqui. Eu penso em sair, fazer um mestrado, um doutorado. Em sair para me especializar e voltar para contribuir da melhor forma possível na Nova Jaguaribara. Eu não me vejo longe daqui a não ser para uma experiência profissional ou uma experiência de estudo. Eu vejo minha vida em Nova Jaguaribara. Por mais que hoje não tenha uma perspectiva muito boa. (Ana Maria)*
- ❖ *No coração da gente ela [a cidade velha] não vai sair e esquecer. Gostava muito dela, mas também gosto muito daqui, aqui tem tudo, vai depender só de quem cuida dos interesses. (D. Vicença)*

4. Mudança Urbana-Passividade

- ❖ *Aqui é matança dos velhos e o novo os outro mata... mode droga, né. Os véi se atrofiaram porque vieram pra cá. E os novo porque deve droga, os outro mata. Na cidade véia, eu trabalhava fazendo queijo nas casas, trabalhava em casa, trabalhava lavando roupa, fazia tudo, só sossegava na hora da dormida. E aqui eu parei de todo, não faço nada... (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Que pena que a cidade estava perdida no tempo, estava parada, depois da notícia da barragem, a cidade parou e não cresceu. (Antônio Alexandre)*
- ❖ *Quando cheguei aqui, paralisou tudo. E já cheguei doente. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Você passar um horror de ano do tempo e sair e perder tudo. A mudança... toda mudança murcha, né! Você planta um pé de planta, ele pode pegar, mas primeiro ele murcha. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *O sentimento que tenho por essa nova Nova Jaguaribara é porque falta emprego para nós, as coisas são muito difíceis, é muito violento, não tem movimento nenhum, não tem fábrica nenhuma para ninguém trabalhar (...). (Maria de Fátima Silva)*
- ❖ *A cidade é grande e não tem movimento nenhum. Não tem emprego, é tudo calado e as pessoas enfurnadas em suas casinhas. (Maria de Fátima Silva)*
- ❖ *Lá eles tinham uma vida mais ou menos arrumada, eles já sabiam onde podiam encontrar um dia de serviço em alguma fazenda, quando chegaram aqui, sem conhecer nada, sem saber quem eram os nossos vizinhos, ficaram meio apáticos. (Simara)*
- ❖ *A proibição de novas construções foi feita pelo governo mesmo: “Não pode mais fazer casa, quem fizer uma casa perde.” Isso por conta do cadastro para quem tinha casa lá ter aqui também além de evitar a especulação, como, por exemplo, alguém que de fora chegasse à Jaguaribara velha e começasse a construir para ganhar uma casa na nova cidade. (Isac)*
- ❖ *A cidade era muito pequena, não era desenvolvida, mas ela parou no tempo desde de quando foi anunciada a construção da barragem. Ela não cresceu mais. As pessoas não investiram mais na cidade e foram embora porque a cidade de uma forma ou de outra ia acabar. A cidade não cresceu mais, ela parou no tempo. Mas, mesmo assim, era muito boa. (Raniel)*

5. Mudança Urbana: Imagens do novo corpo coletivo

- ❖ *Essa cidade quando todo mundo chegou aqui, como ela era nova, deu no psicológico que todo mundo era rico. No início, com as indenizações, as pessoas tinham dinheiro, mas no decorrer, tem a cidade e não tem emprego, as pessoas passaram a gastar o que tinham, mas acabou o dinheiro e continuam sem emprego(...) (Giovane)*
- ❖ *Fico escutando as histórias de lá [da cidade velha] e começo a imaginar. Porque você sabe que tudo o que se imagina existe, né!?. (Giovane)*

6. O rio

- ❖ *O rio é no terreiro de casa. Lá dava vazante, lá dava peixe pra todo pobre pra quem quisesse pescar, pra quem quisesse plantar vazante, quando não ia pro rio, tinha o velame que era do governo, perto também era uma riqueza medonha. E aqui fizeram essa barragem, nem tem riqueza, nem tem vazante, nem tem nada, só a água. (D. Maria de Jesus)*
- ❖ *Lá tinha uma praça e tinha um rio. O rio, eu costumo dizer, que era onde tudo começava e aonde tudo terminava. O rio tinha vários lugares bem atrativos. Tinha o simão, a pelada, o rio tinha algumas pedras que se davam determinados nomes. Tinha a celinha, o poço de Eduardo Fogo, tinha a pinguela, tinha a pedra do sino, que as pessoas iam só para bater e fazer o som do sino. Todo mundo ia para o rio para combinar como seria a noite, como seria a festa e ao final de toda a festa geralmente as pessoas combinavam de ir para o rio, terminavam a festa no rio. (Parcélío)*
- ❖ *A gente quando tá em grupo, a gente sempre conversa sobre isso. Como seria na Jaguaribara velha, no dia de hoje? Como era que a gente estaria lá, porque lá tinha um rio que todo sábado e domingo, levava tarrafa, ia pescar, tinha umas plantas grandes, ficava todo mundo debaixo, e cozinhava o peixe lá. Por isso que eu digo que aquele laço era muito forte lá porque era uma coisa acochegante. (Nádia)*
- ❖ *Aqui a cidade é boa, mas lá era melhor. Porque o rio era perto. Eu ia para o rio quase todo dia, aqui o rio é longe. (Elisabeth)*

7. O Medo na cidade anterior:

- ❖ *'Fantasma da barragem'? (Era) Uma coisa que a gente imagina que exista na época, que a gente pensava, que hoje é concreto, mas na época, era uma coisa que os mais velhos falavam, a gente não via nada de concreto acontecer. Tinha medo, muito medo e era uma coisa que ficava pairando. Vou construir uma casa, alguém dizia... Outro dizia: E se a barragem vier, você vai perder a casa. Então, era um fantasma, era um nome que assombrava as pessoas, a gente não via nada de concreto, mas que existia a assombração. Que sempre foi vista como uma forma negativa por nós. Ninguém ficava feliz quando se dizia: vão construir o Castanhão, a gente vai embora daqui... ninguém queria, então, era o sinônimo de fantasma era por isso, por causar medo, espanto. (Lívia)*
- ❖ *O povo não acreditava que vinha não. O meu pai dizia: os seus filhos vão morrer e você não vê. (Giovane)*
- ❖ *Eu acho assim que a coisa mais forte para nós foi o dia da mudança. Quando chegou a hora, foi muito desespero, muita gente se desesperou. Muita gente não acreditava que aquilo fosse acontecer. Eu participava de tantas reuniões, de tantas coisas, e para mim aquilo era um sonho, aquilo não ia acontecer. A gente achava que não ia chegar o dia da mudança. Porque quando é uma coisa que a gente quer muito, a gente espera ansiosa. Quando é uma coisa que a gente não gosta, a gente tenta esquecer, mudar, coloca outra conversa no meio para despistar aquilo, não é? (D. Rosa)*
- ❖ *No poço do caboclo [no rio], as pessoas diziam que quando se colocava a tarrafa, o velho que tinha morrido lá, jogava de volta a tarrafa, ainda mais ele aparecia com uma lamparina acesa na cabeça. Era o poço do caboclo. Foi um caboclo que morreu lá pescando. As pessoas tinham um maior medo e ninguém pescava à noite lá. (Edberto – em 2011)*

8. Medo na cidade planejada

- ❖ *muita droga, se matando uns aos outros, a gente fica assustada, porque a gente não faz isso não, antes de ontem houve um tiroteio aí que eu tive até medo, mas lá não, lá não existia isso não na cidade velha. (Maria de Fátima Silva)*

- ❖ *Eles muraram as casas. Os muros eram baixos e começou a haver problemas com drogas e eles começaram a ficar com medo. (Matusalém)*
- ❖ *Esse sentimento acho que o povo ficou mais duro, com medo de se apegar pela perda que eles tiveram. Se apegar à cidade, se apegar às pessoas. Acho que eles não sentem como deles. (Juliana)*
- ❖ *É difícil vê alguém na rua. Fica todo mundo (sic) dentro de casa. As pessoas comentavam que era uma cidade grande, tipo uma capital, e, por isso, perigosa, e você não podia sair só, sentar na calçada. Eu e minha vizinha ainda colocamos nossas cadeiras na calçada, mas a gente não vê ninguém e a reforma da nossa casa deu mais segurança. (Evanilda)*
- ❖ *(...) Eu acho porque eles viram uma cidade totalmente diferente, eles tinham até medo de sair de casa porque eles tinham uma visão aqui - logo quando vieram para cá - diziam que era uma cidade que só tinha pistoleiro: 'nós vamos agora para um lugar onde só tem pistoleiro (porque aqui antes era um matagal só). Aí, eles ficaram com esse medo. (Nádia)*
- ❖ *Na cidade velha, eu tinha ideia de uma cidade tranquila, a ideia daqui é que a gente não pode nem sair fora, é aquela coisa amedrontada, que todo mundo teme de ficar numa calçada, teme em sair para uma praça, porque muita gente aqui muita gente deixou de sair para as praças, hoje você vê pouca gente de noite nas praças porque quando chega uma dada hora já estão indo para suas casas com medo até de uma bala perdida. (Nádia)*
- ❖ *Essa cidade não tem segurança. A gente não sai mais por causa do medo. Isso começou de intranquilidade mesmo de dois a três anos para cá. Isso eu sei é cumprimento bíblico também, aí ninguém pode dá jeito não, só Deus. (Nileide)*
- ❖ *E também tinha o medo de que aqui era muito perigoso, era muito central, no meio de terra de pistoleiros aí todo mundo começou a reformar, construir muros e se isolano, de certa forma. (Simara)*
- ❖ *Hoje o nosso maior medo é as drogas. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *Eu tenho muito medo dessa nova cidade se deslanchar por outro caminho totalmente inverso do que a gente foi acostumado na velha Jaguaribara. (Onorina)*
- ❖ *Olha, o sentimento que causa em mim é um receio. Eu gosto muito daqui, mas eu tenho certo receio daqui. Eu não posso dizer que é tristeza porque eu estou aqui com todas as pessoas que iria estar se eu estivesse na velha Jaguaribara. Talvez, eu esperaria mais oportunidades na cidade nova e não tê-las é para mim uma frustração. Ter passado por tudo isso e acabar em nada! Porque a gente tá aqui vivendo como se nada tivesse acontecido, como se ninguém tivesse saído de sua terra mesmo e ter vindo para uma terra que não é sua. (Ana Maria)*

9. As ruas na cidade anterior

- ❖ *Em toda as ruas da cidade a gente fez uma despedida em que os moradores se reuniram e cada um ia mostrando o seu talento. Então, tinha concurso de piada, tinha sabia cantar, cantava, quem sabia recitar, recitava, os moradores iam se descobrindo naquela noite. Isso de acontecer na última noite, cada rua que ia se mudar, tinha isso na véspera, então a gente já vinha para cá ainda mais com aquela saudade de Jaguaribara porque vai lembrando desses momentos. (Lívia)*
- ❖ *(...) antes de a gente se mudar, a gente fez uma despedida em cada rua e foi a coisa mais linda. Todo tipo de comer nós fizemos. (D. Zefinha)*
- ❖ *Nós fizemos aquele jantar na despedida nos últimos dias de Julho (no primeiro de agosto já começou a mudança) cada rua fez seu jantar de despedida. Então, preparava-se música, preparavam-se poemas, poesias, faziam-se manifestações das*

*peessoas em que elas falavam o quanto era difícil se desapegarem daquela terra.
(Reginalda)*

10. As praças

- ❖ *No último final de semana nós fizemos uma grande festa na praça, em que cada um participava, os moradores das cidades vizinhas foram participar também da despedida, então, foi um “bota-fora”. (Lívia)*
- ❖ *Tinha declamação de poesias para os namorados nas praças, tinha o correio elegante: quando o menino estava querendo namorar com a menina, você fazia um bilhetinho e mandava por uma colega dela. E a comunidade toda se envolvia. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *Existiam dois entretenimentos na cidade velha. Era a praça e o patamar da Igreja. Quando a gente não se encontrava na praça, com certeza estávamos no patamar da Igreja (...). Outra grande diversão nossa era o rio. (Emanuelli)*
- ❖ *Não. Lá, o pessoal ia para a praça de sandalhinha de dedo. Sem nenhum problema. As pessoas eram mais simples, mais felizes. (Reginalda)*
- ❖ *Lá só tinha uma praça, então, tudo mundo ia para aquela praça, iam e vinham, hoje não existe isso, hoje vc vem para cá, o outro vem para acolá, perdeu o vínculo, você encontra com pessoas que faz um ano que não via. (Giovane)*
- ❖ *Aqui tem várias praças, mas não tem o significado que a outra tinha. Lá nós só tínhamos uma, onde existiam a concentração das pessoas. Aqui são várias praças e dispersa as pessoas. (Parcélcio)*

11. As calçadas

- ❖ *Lá, a calçada era uma só para o quarteirão inteiro. Então, ali as pessoas colocavam suas cadeiras, construía aqueles bancos de madeira para sentarem nas calçadas. Os vizinhos vinham e conversavam e ficavam até altas horas da madrugada conversando. (Emanuelli)*
- ❖ *Pelo fato de Jaguaribara ser menor, era onde todo mundo se encontrava mais. Antes, a Igreja era um ponto de encontro também. Depois da missa todos saíam e sentavam no patamar da igreja, conversávamos e entre dez ou onze horas da noite e depois íamos para casa. (Ana Maria)*

12. Saída do lugar de origem

- ❖ *Senti porque a gente sai de uma cidade que nasceu e se criou. (Francisca Antônia)*
- ❖ *Eu tenho mais sentimento pela cidade velha do que pela cidade nova porque nós nascemos e nos criamos lá(...). (Maria de Fátima Silva)*
- ❖ *Mas, com o passar do tempo, a gente vai vendo que nossas raízes, nossa construção como pessoa, como ser humano ela está diretamente ligada ao local que a gente nasceu, ao local que a gente se criou. (Mariani)*
- ❖ *Quando eu falo da velha, a emoção é maior, a tristeza é maior, afinal de contas, a gente perdeu as raízes, perdeu toda a história, e é uma coisa que a gente não recupera mais. (Poeta Edberto)*
- ❖ *Nossas raízes estavam lá, foram trazidas para cá e agora que nós estamos tentando reconstruir a nossa história. (Antônio Alexandre)*
- ❖ *A gente já se adaptou com os prédios, com as casas, mas não é a mesma coisa de você nascer, de você crescer em um lugar, você imprimir os seus símbolos lá, você imprimir suas características. (Onorina)*
- ❖ *Eu acho que a pergunta que mais vem na minha mente naquela época é o que realmente a gente é. Porque a gente ter uma cultura, ter uma vida toda ali, e de uma hora para outra vim uma máquina e fazer isso na parede da nossa casa!. E tudo ficou ali: nossas coisas, nossa vida ficou ali. Então, o que eu tinha de valor? Qual o valor que aquilo tinha para gente? Porque eu acho assim: quando eles fazem tudo isso, a*

mudança de uma cidade para outra, eles não vão chegar na população e perguntar: Vocês querem ir? Eles simplesmente dizem: vai ser melhor para vocês, prometem mundos e fundos, mas não é questão de prometer mundos e fundos que vai me fazer esquecer de tudo lá. (Ana Maria)

13. Esperança

- ❖ *Sentimento que eu queria que trouxesse fábrica, que trouxesse emprego. (Francisca Antônia)*
- ❖ *Até hoje uma cidade dessa não tem uma indústria! Não tem emprego para ninguém. É como aquelas comunas soviéticas: jogaram lá e pronto. Só a gente que tá aqui dentro que sabe. O povo sofre tanto que escondem o sofrimento. (Giovane)*
- ❖ *Estamos lutando, a esperança é a última que mata. (Giovane)*
- ❖ *Aqui, há uma felicidade retraída, esperando né, há esperança que você possa dizer um dia que a felicidade exista. Você já percebeu felicidade em alguém? Não tem. A cidade é morta. Cidade sem alma, você não percebe não? (Giovane)*
- ❖ *É uma cidade planejada, muito bonita, mas não tem uma indústria para as pessoas trabalharem. Eu acho que os furtos são por causa disso. Com a indústria, a mulher trabalha, o homem trabalha e tudo melhora, mas sem trabalho, a cada dia, vai complicando mais a situação de cada um. (Nileide)*
- ❖ *(...) Até porque a gente não tinha essa perspectiva de vida, devido a essa mudança da cidade que se dizia que ninguém poderia fazer nada porque iria ser transferida. As pessoas absorveram isso para a vida e quando ao chegar aqui, as pessoas criam novas perspectivas de vida. E expectativas. (Parcélio)*
- ❖ *(...) as pessoas chegaram e esperaram ser felizes. Existe até uma frase que a gente escutava: 'Nova Jaguaribara: Terra prometida'. A gente vinha com algumas expectativas e até hoje isso não aconteceu. Nós esperamos uma cidade do futuro, que teria emprego e um desenvolvimento grandioso. Isso foi dito para gente, foi uma promessa. Tanto que a nossa maior riqueza é o açude Castanhão, a água. (Parcélio)*
- ❖ *Quando eu cheguei, eu não tive essa quebra tão grande, eu não tive esse apego tão grande, como as pessoas mais velhas tiveram, claro que foi sofrido, foi dolorido, mas eu acreditava muito que aqui era o lugar, até porque lá tava parado, não tinha perspectiva de crescer, então, era apostar aqui na nova cidade. Era melhor localizada, tinha mais acesso e, com isso, teria mais empregos. (...) (Simara)*
- ❖ *Não sei [o que sinto]. Só esperança, fé e tem que se acostumar porque vão fazer já dez anos e a gente espera que venham bons tempos. O sentimento é neutro. (Aurineide)*
- ❖ *Eles prometiam que com 10 anos o progresso estava acima de tudo e esse progresso a gente ainda continua esperando, se não fosse essa piscicultura, as outras coisas são muito devagar. (D. Vicença)*
- ❖ *Eu esperava que essa cidade ia ser muito boa. Porque diziam que ia ter plantio, o pobre ia plantar tomate, plantar uma horta, pobre aqui ia melhorar de vida... quando o pobre vai pegar um peixe para vender, o Ibama empata. Não pode pegar as Curimatãs (...) (D. Zefinha)*
- ❖ *Se o progresso viesse como eles prometeram de verdade aí sim a gente podia ter um futuro melhor. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *Um lugar que não existe mais e se apagou em questão de dias. Nem imaginava como ia ser. Todo mundo dizia que ia ser muito bom, logo a cidade muito bonita no começo, toda planejada. O pessoal tudo feliz que tava vindo para cá porque lá só com uma praça, um lugar só pra sair, uns muito felizes, outros muitos tristes. (Glauane Vieira)*
- ❖ *A gente tem que ter fé em Deus que vai dá certo, que vai entrar alguém que vai fazer isso. (Glauane Vieira)*

- ❖ *Quando tinha nove ou dez anos, me lembro de um panfleto que eles fizeram. Desenharam a cidade perfeita, com aeroporto, coisa que a gente nunca tinha visto na vida. Era um sonho: com rodoviária, as casinhas bem bonitinhas, os prédios bem bonitinhos, as ruas largas, perfeito, perfeito. Eu me lembro como se fosse hoje: que eu deitava assim na porta de saída lá de casa, colocava o panfleto na minha frente e ficava imaginando e sonhando: “Ai, como é que vai ser minha casa? Ah, vai ser bom, vai ter aeroporto.” Eu era deslumbrada com a ideia do aeroporto! Era muito legal o marketing que eles fizeram da cidade nova. E hoje a gente vê que não saíram tão como eles mostraram não. Para mim, foi bem marcante a questão do panfleto. (Onorina)*
- ❖ *Já faz dez anos, a cidade tinha tudo para crescer, tinha tudo para dá para mais tarde colher frutos e aí ninguém vê isso, ninguém vê investimento das autoridades nessa cidade. A cidade tinha uma capacidade bastante grande de crescer tanto pelo turismo, quanto pela sua estrutura, mas, é isso que a gente não vê aqui. (Raniel)*
- ❖ *Em dez anos que a gente não percebe evolução em Nova Jaguaribara. Entra gestor, sai gestor e a gente não percebe evolução. (Raniel)*
- ❖ *A gente veio para cá com uma esperança tão grande de renovação, de mudança, e, assim, hoje o que eu vejo é Jaguaribara parada no tempo. Eu esperava mais progresso aqui. Quem está aqui não tem uma perspectiva muito boa de melhorias (...) Se você tira uma cidade toda, você coloca uma população toda a mercê de jogar suas raízes fora, jogar toda uma vida que você teve há uns trinta, quarenta anos de lado, porque eu acho que a gente foi deixado de lado. Para vim para uma cidade-modelo do Ceará, que ia ser uma fonte de emprego e renda para toda uma população, que você ia ter faculdade, você não ia precisar se deslocar para nenhum lugar e o que a gente vê hoje é completamente o contrário. (Ana Maria)*

14. Homogeneidade – Igual vazio

- ❖ *Depois que a gente se mudou e tentou ser adaptar nas casas, quase todas iguais. Um ia visitar a casa do outro para vê como é que tinha ficado (...). (Lívia)*
- ❖ *Muita gente sofreu. Não pensaram no ser humano, só no concreto, sabe. Só no concreto e eles acham que isso aqui dá vida ao povo. (Giovane)*
- ❖ *O povo não tem identidade com a cidade. Ela não existe. É como um animal de estimação que você prendeu e manda só deixar a ração lá, né. Aqui é terra de ninguém: tudo mundo quebra, depreda. Quebra porque não tem amor, não é o chão deles. Como se tivesse uma revolta. (Giovane)*
- ❖ *A pessoa não acredita que é dela. [Nova Jaguaribara]. Não zela como se fosse uma coisa sua. Ela acha que ainda é o governo que deu e é do governo, como aquele berço que veio emprestado da vizinha. Aquele cheiro não é meu e fica querendo quebrar a grande inconscientemente. Eu percebo isso. As praças entregues, já não tem mais nada. Isso no primeiro ano, já não tinha mais nada: ‘eu não quero essa porra, não pedi para vim para cá’. (Giovane)*
- ❖ *Era como estilo Brasília. Lote e quadra. Porque aqui as pessoas se perdiam. Você via as pessoas se perdendo na rua, você começava a rir. Pessoas que conviviam com você. Passavam e tinham vergonha de perguntar aonde era a própria casa. (Giovane)*
- ❖ *Era um igual que a pessoa não se identificava. Eu era igual a você, por exemplo. O que diferencia as pessoas é a diferença. Não existe beleza: existe a diferença. No começo da cidade não tinha. (Giovane)*
- ❖ *Tinha um senhor que toda vez que ia para casa, se perdia. Um dia, ele colocou uma faixa bem grande em frente a casa dele: “CASA DO Sr. (seu nome)”. E dizia para as pessoas: ‘agora eu quero vê se eu me perco, agora eu vejo a faixa de longe’. As casas todas iguais, não dava para diferenciar. (Juliana)*

- ❖ *Quando a gente chegou aqui, a gente era tudo perdido (sic). Lá na cidade velha, você sentia o laço entre as pessoas e quando chegamos aqui era todo mundo atrás de saber onde eram as casas das pessoas (...) A gente se sentia assim perdido, solto no canto sem saber onde era. (Nádia)*
- ❖ *Tem um senhor aqui que ele organizou o percurso dele. Ele só sabia ir para o trabalho dele naquele percurso. E, em um dia, no meio desse percurso, estava sendo encenada uma peça de teatro de rua que a escola estava organizando. O senhor, simplesmente, pelo motivo de ser seu percurso memorizado, passou no meio da encenação, pois estava voltando para casa. Porque ele estava organizado que, para ele ir para casa, ele teria que passar ali. (Parcélío)*
- ❖ *Teve aquele fervor da vinda, aquele deslumbramento com a rua, com a cidade, com ruas amplas, aí, depois, quando passou, começaram a cair na real, que aqui ia ser mais difícil, seis meses ou antes. Começaram a perceber, principalmente aqueles que moravam perto do rio. Por exemplo, lá eles, sentados na calçada, diziam: 'Eu vou ali pescar'. E iam. E aqui se deparavam com nada, o dia inteiro ocioso, sem ter o que fazer. Tudo igual, saíam e se perdiam e entravam nas casas alheias, por isso, as pessoas de mais idade sentiram muito. (Simara)*
- ❖ *De início, fiquei envaidecida com a cidade, um pouco deslumbrada como muita gente. Tudo muito grande, amplo, bonito. Você via tudo igual, arrumadinho, tudo bonitinho, mas que a gente ainda estava à procura dos vizinhos. A gente estava delumbrado com tudo, mas quando passava aquilo, você percebia que seu vizinho estava longe como os meus. Aí, tipo 'caiu a ficha'. E outros vizinhos e começar a conviver com todo mundo de novo. (Simara)*
- ❖ *É igual [A Igreja matriz], mas não é a mesma coisa para mim. Mesmo sendo igual na aparência, mas as paredes que foram construídas para mim não é a mesma coisa. Não tem mais aquele aconchego que tinha a igreja de lá. Você vai para uma missa hoje não é a mesma coisa de você ir lá. A gente não sente aquele calor humano. Era diferente lá. (Aurineide)*
- ❖ *Muitas vezes já me perdi andando pela cidade quando cheguei aqui me perdi muito. Ora aqui quem não se perdia? As casas tudo parecidas, iguais. (D. Lolo)*
- ❖ *Tinha muito medo quando cheguei porque muitas pessoas se perderam aqui dentro. Aqui, para não me perder, eu fiz a igreja como um marco. (D. Vicença)*
- ❖ *A preocupação que houve foi fazer tudo igual na questão da moradia, de todo mundo ter uma casa de alvenaria, uma pia de inox em casa e outra enorme pia para lavar roupa. Tudo aqui é realmente igual. Se você tivesse chegado aqui há uns seis anos atrás, você ia se perder, porque as casas de mesmo modelo (com 50m²; 75m²; 100m²; 125m² e 150m²) eram realmente iguais. Hoje, é que já estão diferentes porque os moradores foram mudando. (Emanuelli)*
- ❖ *Quando eu tô dentro da Igreja assistindo uma missa para mim eu tô na igreja de lá, quando eu saio aí me decepciono que tô aqui. Mas na hora da missa, o meu pensamento é que tô lá na cidade velha. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *A igreja é a mesma. Só a cidade que é diferente. Lá as casas eram conjuntas e essas são separadas. (Maria Colina)*
- ❖ *A Igreja Matriz é uma réplica da antiga. Só mudando suas dimensões. Foi construída como réplica. Tem ela e a de São Gonçalo, justamente porque a população pediu. Eu creio que na esperança de ter algum símbolo que eles pudessem se apegar. Mas mesmo ela sendo construída uma réplica, não é a mesma coisa. (Onorina).*
- ❖ *Mas mesmo ela sendo construída uma réplica, não é a mesma coisa. Você entra nela, não é como você estivesse entrando na velha igreja (...). Porque assim: igual ela é*

por fora. Por dentro, ela é semelhante. Eu não considero que ela seja igual. Porque o altar não é mais o mesmo. A gente podia subir nele.

15. Comum abstrato

- ❖ *A periferia continuou a ser periferia. Houve uma coisa que eu percebi: as pessoas que moravam lá no alto da balança, era como se fosse uma comunidade, uma favela, o alto da balança veio todo para o centro. Eu acho que foi um erro que eles tentaram incluir junto com os outros. Mas esse pessoal se sentiu em um canto estranho, sabe. Os outros que estão em frente a eles, é o pessoal que morava no centro da cidade. Aí, o que aconteceu: porque é diferente, não adianta dizer que são iguais, não é? As condições financeiras eram muito diferentes. Aí começaram a vender e morar para as Lajes. A maioria dos moradores das lajes, são moradores da velha cidade. Não se adaptaram ao centro talvez. A intenção dos arquitetos fosse até boa, mas aí se sentiram como um grande empurrando eles. Você já percebeu um fogão à lenha feito fora. Para eles é normal, mas para o ambiente aonde ele tá lá, não é. O que me chamou a atenção: um fogão que está fora, porque lá era fora mesmo, era as trempe. Então, jogaram as pessoas do Alto da balança com os costumes de lá. O próprio pessoal do centro acha que o povo é sujo, bêbado. O povo do Alto da Balança começou a vender suas casas e sair dali porque estranharam uma coisa tão organizada. (Giovane)*
- ❖ *Os arquitetos tentaram incluir . O que era periferia ficou centro, a roda pequena dentro da grande. A pobreza veio mais para o centro. Que era uma forma de tentar incluir. Só que não houve trabalho psicológico. (Giovane)*
- ❖ *Aqui você é meu mesmo vizinho, mas a gente não tem a mesma relação, tem a questão dos muros. A primeira coisa que as pessoas fizeram aqui foram os muros. (Juliana)*
- ❖ *A cidade foi projetada eu não sei nem para quem, porque você vê uma ciclovia e não vê uma bicicleta na rua. Uma cidade toda sinalizada e lá você só tinha a rua da frente e a rua de detrás. (Juliana)*

16. Reconstrução do comum na nova cidade

- ❖ *As pessoas reformaram suas casas também para tentarem dizer: isso aqui é meu, eu vou fazer à minha maneira. Agora, só é aquilo que é dele. Se vier pra praça não é. Lá fora pode quebrar, só aqui é meu. Aqui eu fiz do meu jeito, é da minha cor - eles tem orgulho em mostrar. No início, eles diziam: vai lá em casa, você vai ver como eu reformei... Eles faziam uma festinha: '-Aqui é uma cozinha, eu derrubei isso... e a sua?' '- A minha é desse mesmo jeito, mas não derrubei não, porque não posso, mas minha mulher arranja um empréstimo e reforma...'. (Giovane)*
- ❖ *Veja aqui essa reforma nesse alpendre. Esses pilares aqui eram como os pilares de uma casa em Jaguaribara. Quando o pedreiro veio, a minha filha fez um desenho em um papel para ele e disse que era para fazer daquele jeito para recordar uma casa da antiga Jaguaribara que ficava perto do rio onde a gente ficava. Foi uma maneira da gente gravar aquilo, né, para não acabar . (Evanilda)*
- ❖ *A cidade nova não é como a antiga cidade, mas eu acho que é porque a gente nasceu lá, tinha toda a nossa trajetória de vida lá e quando a gente chegou aqui, achava muito estranho. Como hoje, de fato, a cidade ainda é estranha. Mas não é tanto quanto quando a gente chegou aqui. Ela ficou um pouco menos estranha porque cada um modificou sua casa do jeito que queria e, quando passou a gostar da própria casa, é como se dissesse: 'Pronto, agora vou começar a gostar da cidade'. (Evanilda)*
- ❖ *Mas aos poucos a gente foi se encontrando, hoje não, todo mundo já sabe onde é que todo mundo mora, a gente sente mais aquela sensação de tá em casa. Logo no início não, a gente ficava perdido porque a gente não sabia onde era a casa de todo mundo. (Nádia)*

- ❖ *Nós não estamos assim tão engraçados não. Nós estamos em processo de reconstrução mesmo. É uma nova história, tudo novo, tudo muito novo. Sabe, a gente tomou um susto desde momento em que os nossos mortos foram desenterrados e os restos mortais vieram para cá em uma gaveta. (Emanuelli)*
- ❖ *As pessoas daqui veem essa cidade como a cidade do futuro, como se você tivesse de sair sempre muito bem arrumado, como se aqui tivesse muita gente de fora, como se você vivesse em clima de festa o tempo todo. Você percebeu isso? Que as pessoas aqui só vivem se arrumando? Se arrumam muito. As pessoas veem que tem gente de fora o tempo todo e que tem sempre que ficar ali sempre a postos, como você fosse encontrar e conhecer uma pessoa muito bacana e para isso tem que ficar arrumado o tempo todo. (Reginalda)*

17. Descontinuidade-Continuidade dos costumes

- ❖ *Minha avó foi uma pessoa que não se acostumou. Ela morava em um local imenso e tinha jardim, lugar para criar galinha, tinha um pomar e aqui ela não teve e essa rotina que mudou bruscamente, foi o que aconteceu de muitos idosos não se acostumar. (Lívia)*
- ❖ *E muito foi perdido nessa mudança de lá para cá. A questão de velhos costumes que forma deixados de lado, a questão também dos laços que existiam entre os moradores da antiga cidade e que hoje os laços não são tão fortes assim que se tem nessa. (Mariani)*
- ❖ *Eles não ficam mais nas calçadas como ficavam lá. Ou eles ficam dentro das casas ou vão para uma pizzaria. No dia de domingo é capaz de você andar a cidade todinha e não vê nem uma pessoa. (Matusalém)*
- ❖ *Lá não tinha casa com área na frente antes do muro. Os vizinhos, no lugar de ficarem nas calçadas, ficam nessa área de dentro conversando. Lá ou você ficava conversando com as pessoas nas calçadas, aí você tinha de sair de dentro da casa para ficar na calçada. Aqui como os muros são altos e tem área de dentro, eles saem e ficam na área da própria casa. (Matusalém)*
- ❖ *Um dia, um senhor estendeu o feijão para secar na praça. Uma pessoa que estava ao meu lado, criticou. Eu disse: -Dr., isso é costume, isso veio da cidade velha, não pode mandar tirar, porque ele acha que a praça é dele, isso é bom porque cria o vínculo. Essa pessoa me disse: -Mas a cidade é nova! Então, eu lhe respondi: - Não, Dr., mas o povo é velho, os costumes tem que preservar senão cadê a história desse povo? (Giovane)*
- ❖ *Os valores, os símbolos, os sentimentos tudo tem que ser revisto. Dizem: a gente trouxe Santa Rosa, a gente trouxe São Gonçalo, mas esse sentimento não é do jovem de hoje. Será que o jovem de hoje vai seguir esses costumes? Então, a gente vai depender muito da juventude que a gente tem hoje. Preservar valores, preservar história, eu acho que isso vai ser difícil. (Juliana)*
- ❖ *Vai demorar muito para Nova Jaguaribara construir a sua história, porque a gente ficou um pouco sem referência. Lá eu tinha o alto da balança, eu tinha a praça, havia valores para cada local. (Juliana)*
- ❖ *(...) uma saudade, é a falta dos costumes, aquela proximidade que a gente tinha uns com os outros, os costumes mesmo que mudou muito, que a gente não tem mais, o hábito de sentar em calçada, isso perdeu-se com o tempo. Digamos, as coisas às vezes acontece e você nem toma conhecimento. É todo mundo mais na sua, cada um por si, todo mundo já tem assim uma rotina: vai para o seu trabalho, volta, fica em casa, não tem mais aquele aconchego. (Simara)*

- ❖ *Lembro do banho no rio. Qualquer hora eu tava no rio e aqui só vai se tiver transporte. Quando não tinha água, a gente ia até lavar os pratos no rio. Era boa a folia. A gente vivia no céu e não sabia. (Antônia Alves)*
 - ❖ *O rio da barragem não tem mais nenhum sentido para mim aqui. É o mesmo rio, mas lá tinham as pedras com os nomes que a gente ficava pulando, brincando, aqui só aquele canal da água, só passando, não tem graça nenhuma. (Antônio Alexandre)*
 - ❖ *A cultura mudou, aquela história de sentar na calçada, dá uma voltinha, mudou, não tem mais isso. Cada um nas suas casas, bate as portas. A violência aumentou, tudo aumentou aqui. (Aurineide)*
 - ❖ *É raro eu ir ao rio hoje. É uma das coisas que mais eu sinto falta porque lá eu morava numa rua, atrás já era o rio. Aqui não, além de não ser tão bom como era lá, a água não era boa como era lá. (Aurineide)*
 - ❖ *Batia o sino quando morria alguém. Já aqui não bate mais. Se era o adulto, chamava sinal. Era mais devagar. Se era criança, era ripique: era bem ligeiro. E se completasse o ano era sinal. Você dizia: ou morreu gente ou é alguma pessoa que morreu. Era só um toque. Mas um atrás do outro. Dá um toque, para. Dá outro, para. A criança quando completasse um ano não batia o sino não, só o adulto. O velho era igual ao adulto. Isso foi até a vinda para cá. (D. Lolo)*
 - ❖ *As pessoas mudaram o comportameto. Eu passo pelas pessoas hoje nas calçadas é como se não me conhecesse. Mudaram o costume, ficou aquele costume de cidade grande. Lá não, todo dia você via as pessoas se cumprimentavam, à noite, as pessoas se reuniam (...). (Edberto – em 2011)*
 - ❖ *Seu Zé Filimirno trabalhou a vida toda com solda de cadeira de balanço, pintura, bicicleta na velha cidade. Até hoje na nova cidade, Seu Zé Filimirno todos os dias abre a portinha do comércio dele e fica lá sem fazer nada. E muito esporadicamente aqui na cidade nova uma bicicleta vai quebrar porque aqui as pessoas passaram a andar mais de moto, por tudo ser mais longe. Às vezes, eu passo em frente e pergunto: “Que o senhor está fazendo?” Ele diz: “Estou esperando uma bicicleta quebrar!” (Emanuelli)*
 - ❖ *Na cidade antiga as pessoas se tratavam com apelidos. Era comum. Tinham uns que eram deboche, mas outros não. Tem até nome de família que incorpora o apelido. Na nova cidade, eu percebo muito pouco. Mas quem já veio não tem como mudar não. (Isac)*
 - ❖ *Até o nome Jaguaribara acabou. Era uma cidade tão alegre, tão cheia de tanta gente, o povo tinha uns costumes de coisas boas, todo mundo se reunia. Hoje, o povo é tudo disperso, o povo passa e não falam mais. (Francisca Suziane – Suzinha)*
 - ❖ *Para mim, o processo de mudança não foi só um processo de mudança de uma cidade para outra, foi uma questão de vida mesmo. Os hábitos mudaram. Pelo fato de ser tão criança, eu jamais imaginava que isso viesse chegar a acontecer. (Ana Maria)*
- 18. Reorganização da dinâmica dos afetos na cidade nova**
- ❖ *Depois de uns dois anos que a gente vai dando mais nossa cara nas casas, é que a gente começou a se sentir da cidade, não de Jaguaribara, mas de uma cidade que a gente se mudou. (Lívia)*
 - ❖ *Não houve um trabalho social, um trabalho psicológico. Somente trouxeram e jogaram aqui e não treinaram. (Giovane)*
 - ❖ *Não houve esse trabalho de posse: isso aí é seu: construímos para vocês. (Giovane)*
 - ❖ *A população não foi preparada para isso. Eles não acreditaram que iam sair de lá. Eles lutaram, eles vieram Nova Jaguaribara como uma coisa ruim. Lá na cidade velha já era para terem feito um trabalho. (Juliana)*

- ❖ *A gente foi reformando de acordo com a maneira que a gente achava melhor a gente se adaptar. Da maneira que a gente começou a mudar a casa, a gente começou a se adaptar e a achar a cidade menos estranha. (Evanilda)*
- ❖ *(...) faltou muita conscientização porque logo quando nós chegamos aqui, se tivesse tido a conscientização de preservação da cidade, hoje a cidade era outra (sic). Mas, como não existiu essa conversa, esse diálogo, aí o negócio deles [dos cidadãos] foi destruir e acabar. (Nádia)*
- ❖ *Aqui tem mais de dez praças. A praça que geralmente faz festa é essa praça em frente ao mercado. Mas, tem pessoas nessa praça, tem pessoas na outra praça do mercado, tem pessoas que ficam na outra rua, então não é uma coisa aconchegante. Não é um local só que as pessoas possam se reunir. São vários lugares. Deixa a cidade meio apagada, meio morta. Muitas pessoas, que não são daqui, que andam pela cidade, já colocaram o apelido da cidade como cidade-fantasma. (Onorina)*

19. A Saudade

- ❖ *Os jovens hoje estão sendo felizes da maneira deles. Não é porque eles não tem aquela praça, não tem o rio de lá, eles são felizes da maneira deles, aqui. O pai fica implantado, aí...então, essa comparação imposta por causa que os pais estão elaborando o próprio luto, interfere na vivência da cidade para os jovens. (Juliana)*
- ❖ *Sentir saudade de Jaguaribara sem nunca ter vivido lá? Sentir saudade do lugar que nunca conheceu? – Ah, mamãe fala tanto... (Juliana)*
- ❖ *Porque que esse povo sente saudade se nunca nem pisou lá? Então, é a questão de querer que você sofra: ‘Ah, era muito bom lá’ E vai passando de um para o outro, sabe. (Juliana)*
- ❖ *Sinto saudade porque eu acho que era melhor, eu sei que a casa lá era de taipa, mas eu acho que era melhor, mesmo eu lá não tendo casa, mesmo eu morando no que era dos outros, eu achava lá melhor do que aqui. Não eu sei se era o costume ou se era a convivência do pessoal hoje a gente não mora junto com o mesmo povo que a gente morava antes, deve ter sido também essa mudança porque todo mundo se espalhou. (Anelídia)*

20. Sonhos

- ❖ *Eu nunca sonhei aqui na cidade nova. Se eu sonhar hoje fazendo essa entrevista com você, eu vou sonhar que a gente estava na praça da cidade antiga, não aqui. Sonho com o rio e as casas. Sempre tem água. Água do rio ou água da rua quando se estivesse alagada, tem época que eu sonho que da alegria, que eu vou tomar banho, que eu vou lá brincar com os amigos ... (Lívia)*
- ❖ *Nunca sonhei aqui, só sonho lá. Logo assim, para gente, foi muito difícil... Eu só sonho assim: a gente viajando para lá, a gente voltando. Já sonhei com toda a bagagem da casa, chegando lá, tirando as coisas como se aquilo ali tivesse sido só um sonho, que a água não tinha coberto e a gente tava tudo lá esperando pela gente. Não sei se era o amor que a gente tinha... (Nádia)*
- ❖ *Tem sonhos que aparece a cidade diferente apesar de eu saber que estou lá. Parece uma coisa que a gente conhecia. Sonhava com as casas, as ruas, vendo as pessoas conhecidas, mas em muitos lugares da cidade desconhecidos. A gente conhecia tudo ali porque a cidade era pequena, mas tem horas que no sonho dá um embaraço. É como se as pessoas são as mesmas e as ruas são diferentes. E eu fico no sonho estranhando aquelas ruas diferente porque em todo canto que a gente estava, sabia onde estava. (D. Vicença)*
- ❖ *Eu sonho andando no mercado, andando na praça, sonho lavando roupa. Do jeito que nós éramos conhecidos, vem na minha imagem de noite. Aí, eu me acordo tão alegre, tão satisfeita, quando abre os olhos, nada. Com a cidade nova nunca sonhei. A paixão*

é tão grande por minha cidadezinha que eu não sonho aqui. O rio é a primeira coisa que vem no meu sonho, o mercado, eu arroteio o mercado todo, a minha rua, sonho andando. Do jeito que era. Na minha casa eu ando vão por vão, eu entro, eu saio, só que não vejo nada, é tudo limpo, só vejo a estrutura da casa com nada dentro. No sonho, só sou eu andando. No sonho, quando eu vejo a minha casa com nenhum móvel dentro, eu me pergunto: “o que está acontecendo?” Quando eu abro os olhos, eu digo: ‘valha, meu deus’. Quando eu acordo, eu sinto uma saudade e fico triste. (D. Zefinha)

- ❖ *Sonho andando nas ruas. Eu vejo rua por rua, conversando com as pessoas nas ruas. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *Sonho muito, parece que estou vendo e que estou lá no meu cantinho. Sonho nós de noite conversando. Sonho do jeito que era. As ruas eu andando nas calçadas com minhas amigas. (Maria Colina)*
- ❖ *[Sonho] Caminhando nas ruas. Todo o sonho que sonho é eu andando nas ruas, olhando. Tinha um campo aberto em frente à escola onde ensinava e eu ando muito ali lá na frente. Não sei por que a minha referência ainda é maior é ali. E o Velame aonde eu nasci, que era uma localidadezinha lá. Então, todos os nossos sonhos a gente se reporta lá ainda. Eu andando nas ruas, como se estivesse matando as saudades, como se o meu espírito estivesse por lá ainda. (Reginalda)*
- ❖ *A cidade velha? Toda noite eu vou lá! Toda noite eu ando lá onde morei, sonhando né! Quase toda noite eu tô lá onde eu trabalhava... só porque eu me lembro de lá direto. Eu não me esqueço e de lá. Eu sonho na terra onde eu plantava, nos currais, sonho andando. No meu sonho não tem água porque eu vejo tudo bem direitinho. Sonho tudo como era sem água. Sonho com a oiticica cheia de fruta. Quando acordo, fico naquela lembrança e quando acordo não vejo nada de lá. (Sem nome)*

21. Promessas/Fortuna

- ❖ *O governador dizia assim: vocês vão ficar numa cidade que tem muita água, tem muita fartura, mas para nós que ficamos dentro da cidade, nós não temos fartura não. O peixe é para quem tem as gaiolas lá, quem tem capacidade, mas nós não temos.*
- ❖ *E a minha maior tristeza é vê que a nova, que nos ofereceram, não foi cumprido com o que disseram, com o progresso, a gente não tá vendo nada disso: um progresso, um futuro melhor. (Poeta Edberto)*
- ❖ *Fizeram o distrito industrial na maquete, não cumpriram com o que colocaram. (Giovane)*

22. Compensação pela ideia do heroísmo/sacrifício

- ❖ *As pessoas criavam seu gado, criava suas ovelhas, a gente vendia algodão, oiticica e tudo isso acabou com essa barragem que veio, para levar água para Fortaleza e para o Pecém que foi um grande feito no Estado do Ceará e hoje tem muita água, graças ao Castanhão. Porque se houver uma grande seca, Fortaleza poderia ficar sem água e com o Castanhão jamais isso vai acontecer, mas para isso nós tivemos de desfazer nossa cidade e nossas coisas.*

23. Mudanças nas formas de trabalho na cidade nova

- ❖ *Bolsa-família, prefeitura, aposentadoria e o comércio são as formas de ganhar dinheiro do povo. O dinheiro da barragem não fica em Jaguaribara. Falta emprego (...) Lá eu dava um dia de serviço a um, um dia de serviço a outro, aqui não tem. (Juliana)*
- ❖ *Os agricultores mudaram o hábito de trabalho. Hoje não se pesca, hoje cria-se em gaiolas. Foi uma mudança o hábito as pessoas de trabalho e de relacionamento. (Parcélcio)*

- ❖ *A gente vivia da pecuária e da agricultura. Quem nasce e se cria numa atividade, é muito difícil. Eu acho que foi por isso que aqui muitas coisas não prosperaram porque o pessoal mudou de atividade, o pessoal não tinha costume de fazer outras coisas. Era criar e plantar (...) Todo inverno eles plantavam e tiravam a alimentação. Aí quando mudou para cá, não tem. É só a cidade. Não tem terra. (D. Rosa)*
- ❖ *aqui a gente para ir no rio para lavar roupa a gente tem que pedi auxílio para pagar a passagem do mototaxi. Logo que a gente chegou aqui a gente ia lavar roupa no rio. Mas era uma roupa vexada, com hora para a moto ir buscar. Depois, nós lavamos a roupa em casa. Hoje eu lavo na pia. (Rosa Gago)*
- ❖ *Aqui a cidade é boa, padronizada, bonita, mas o custo de vida aqui é bem mais difícil, é bem mais caro. Por exemplo, aqui a gente paga água e esgoto e a gente não tinha isso antes. Isso também faz parte para manter uma cidade dessa. A gente veio para uma cidade com outro padrão de vida. (Fátima – Mutirão)*
- ❖ *As lavadeiras que lavavam as roupas lá no rio de jaguaribara, hoje lava as roupas com água tratada. Com água da cagece. Sai pra elas muito caro. Elas não tem como ir daqui pro rio a pé. Tenha que pagar uma moto ou um carro. Porque como era como jaguaribara, que elas saíam dentro de casa e já estavam dentro do rio. Os pescadores da cidade antiga vão agora para a represa do açude para pescar com anzol e sustentar suas famílias ou trabalham nas gaiolas de peixes do açude. Antes, eles pescavam de tarrafa no rio. Uns se tornaram cambistas, com jogos, outro dando um dia de serviço quando aparece um dia de serviço, e outros ficam perambulando na rua sem ter o que fazer, passando na maior precisão do mundo. (Francisco Saldanha – Seu Tachinha)*

24. Poder Religioso-Político

- ❖ *Teve uma romaria para cá sem a cidade está construída. Só estava construída a delegacia e o grupo escolar e a igreja pela metade. Chegamos e fizemos celebração em cima da carroceria e o padre veio com a gente. E quando viemos deixar os padroeiros também, foi muito bonito, foi muito choro na saída dos padroeiros. As pessoas choravam muito. Principalmente aquelas pessoas mais idosas. Teve 44 ônibus para vir deixar a Santa, tinha carro de bombeiros, tinha tudo. Foi muito penoso, muito saudoso.*
- ❖ *Vieram primeiro o santo que nós, né. Ave maria, era um chororô medonho, quando chegaram na entrada do poço comprido, tinha outra turma com o São Francisco Ferrer, isso foi uma tristeza maior do mundo, viu. Houve um discurso de uma pessoa da igreja que todos estavam bem acompanhados que iam colocar os santos nos carros, a gente ia deixar lá e iam voltar só os Jaguaribenses, aí quando todo mundo voltou para Jaguaribara e a gente foi para a igreja e vimos a igreja seca sem os santos, isso foi uma tristeza medonha, foi a maior tristeza. (Rosa Gago)*
- ❖ *E esse nosso colonizador expulsou os indígenas daqui da região, tentando estabelecer fazendas de gado, dando o nome de Fazenda Santa Rosa, daí o primeiro nome da cidade de Jaguaribara de Fazenda Santa Rosa, antes da cidade se emancipar em 1957. Mais na frente a gente compara esse episódio com a questão do Castanhão quando o governo também tentando – não colonizar, mas descolonizar a cidade em prol do crescimento econômico que a questão da Barragem do Castanhão e do desenvolvimento do Estado. O governo traz para cá o projeto da barragem e com isso expulsa novamente o povo da terra. E eu faço uma comparação com relação a isso. Mais uma vez o povo está sendo expulso e dessa vez não por um colonizador, mas pelo próprio Governo do Estado, que tem um projeto muito mais audacioso para se efetivar aqui na região. (Reginalda)*

25. Superstições

- ❖ *Ela dizia que Frei Vidal dizia que quando chegasse o tempo que a coisa mais barata, que a gente fosse comprar ficasse mais caro, a gente ia estranhar, Jaguaribara ia virar cama de baleia. Eu fui fazer a conta na minha cabeça, o mais barato que a gente comprava era o sal e o fósforo. Hoje o maço de fósforo está 1.75. A Jaguaribara virou a cama da baleia e o sal você compra por 1 real. Lá você comprava por 0,20 centavos. Lá era barato e aqui, depois que nós chegamos aqui, aumentou tudo. (Rosa Gago)*
- ❖ *Era um Frei como Frei Damião, como Padre Cícero. Era um padre de missões. Ele profetizou que Jaguaribara ia ser cama de baleia. Eu explico: a baleia é um peixe grande e para o peixe grande ter uma cama precisa muita água (...).E essa história foi passando de pai para filho: Frei Vidal profetizou que Jaguaribara ia ser uma cama de baleia. Então, veja bem: O povo antigo dizia: Não tem como! Jaguaribara em uma seca dessa, como é que isso aqui vai virar cama de baleia? E agora, nós vemos mesmo: Jaguaribara está abaixo das águas, não sei quantos metros. (Isac)*

26. Flutuação de ânimo

- ❖ *Não consigo gostar, mas também não consigo odiar, mas suporto. Eu acho que é porque até as lembranças da outra não se apagam. Se tivesse apagado, talvez eu até tivesse aprendido a gostar. Às vezes, não dá nem para explicar direito o que eu sinto. São sentimentos variados. (Edberto – em 2011)*
- ❖ *Tem horas que eu acho que é raiva, eu não consigo identificar o que eu sinto por essa cidade. Porque, ao mesmo tempo em que eu gosto, tem esses instantes de raiva: o ódio e o amor são esses sentimentos*
- ❖ *Sinto horas alegrias, horas tristezas. Alegria por ser uma cidade bonita, triste por causa do desemprego. (Antônio Alexandre)*

Apêndice III

Termo de Compromisso do comitê de ética e parecer de aprovação da pesquisa

Apêndice IV

Questionário do Mapa Afetivo (para os Jovens)

1 – No espaço abaixo, como você poderia desenhar Nova Jaguaribara de acordo com sua forma de sentir ou representar a cidade?

2 – O que o desenho que você fez quis dizer sobre Nova Jaguaribara?

3- Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho:

1 _____ 4 _____

2 _____ 5 _____

3 _____ 6 _____

4- Caso alguém lhe perguntasse o que você pensa sobre Nova Jaguaribara, o que você diria?

5- Se você tivesse que fazer uma comparação entre Nova Jaguaribara com alguma coisa, com que você compararia?

6. Caso você tivesse de colocar uma nota (de 0 a 10), que nota você colocaria nas seguintes frases:

• Sinto-me identificado com Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Nova Jaguaribara é lugar de segurança.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• A falta do rio faz a cidade de Nova Jaguaribara triste.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Gosto de caminhar nas ruas de Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Sinto medo e insegurança em Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Nova Jaguaribara me provoca liberdade.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Não me sinto bem em Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Com a cidade de Nova Jaguaribara, a lembrança de Jaguaribara antiga está a cada dia se desfazendo.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Sinto alegria em Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Nova Jaguaribara tem um lazer agradável.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Nova Jaguaribara é um lugar de convivência e amizade.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Minha vida ficou mais triste depois que mudei para Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• Não sinto falta do rio em Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• O açude Castanhão é meu inimigo.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

• As pessoas ficaram mais isoladas em Nova Jaguaribara.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

7 – Descreva um caminho que você mais gosta de andar em Nova Jaguaribara e outro que você menos gosta. (você pode escrever o que lhe chama a atenção durante o trajeto)

O caminho

Caminho que mais gosta

Caminho que menos gosta

08 – Qual o lugar que você mais gosta em Nova Jaguaribara? Por quê?

09 – Qual o lugar que você menos gosta em Nova Jaguaribara? Por quê?

10 – Você pretende morar em outra cidade? _____ Sim _____ Não

11 – O que o (a) faz permanecer em Nova Jaguaribara?

12 – Algo o (a) entristece em Nova Jaguaribara? Se sim, o quê?

13 – Algo o (a) alegra em Nova Jaguaribara? Se sim, o quê?

14 - Você participou de algum grupo? _____ Sim _____ Não
Se sim, poderia indicar que grupo foi?

15 - Você participa hoje de algum grupo? _____ Sim _____ Não
Se sim, poderia indicar que grupo é?

16 - Você tem participado de alguma ação social, reivindicativa ou solidária?
_____ Sim _____ Não

Se sim, você poderia indicar que tipo de ação se trata?

Dados sócio-econômicos:

1- Qual o seu nível de escolaridade:

sem estudos

ensino médio incompleto

ensino fundamental incompleto

ensino médio completo

ensino fundamental completo

curso universitário

2 - Gênero: feminino masculino

3 - Idade: _____

4 - Você trabalha? Sim Não.

4.1-Caso sim, em quê?

5 - Em que bairro você mora em Nova Jaguaribara?

Obrigada por sua colaboração.

Apêndice V

Questionário do Mapa Afetivo (para as crianças)

1 – No espaço abaixo, desenhe a cidade de Nova Jaguaribara, de acordo com sua forma de sentir a cidade.

2 – O que você quis dizer sobre Nova Jaguaribara com o seu desenho?

3- Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho que você fez:

1 _____

4 _____

2 _____

5 _____

3 _____

6 _____

5- Se você tivesse que fazer uma comparação entre Nova Jaguaribara com alguma coisa, com que você compararia a cidade?

6. Nesse espaço, a partir do que você sente pela cidade de Nova Jaguaribara, escreva um pequeno texto ou poesia.

07 – Qual o lugar que você mais gosta em Nova Jaguaribara? Por quê?

08 – Qual o lugar que você menos gosta em Nova Jaguaribara? Por quê?

09 – Você pretende morar em outra cidade? _____ Sim _____ Não
Por quê?

10 – Alguma coisa lhe entristece em Nova Jaguaribara? _____ Sim _____ Não
Se sim, o quê?

11 – Algo lhe alegria em Nova Jaguaribara? _____ Sim _____ Não
Se sim, o quê?

1- Qual seu nome?

2- Idade: _____

3- Qual o nome de sua escola?

4- Qual sua série na escola?

5 – Em que bairro você mora em Nova Jaguaribara?